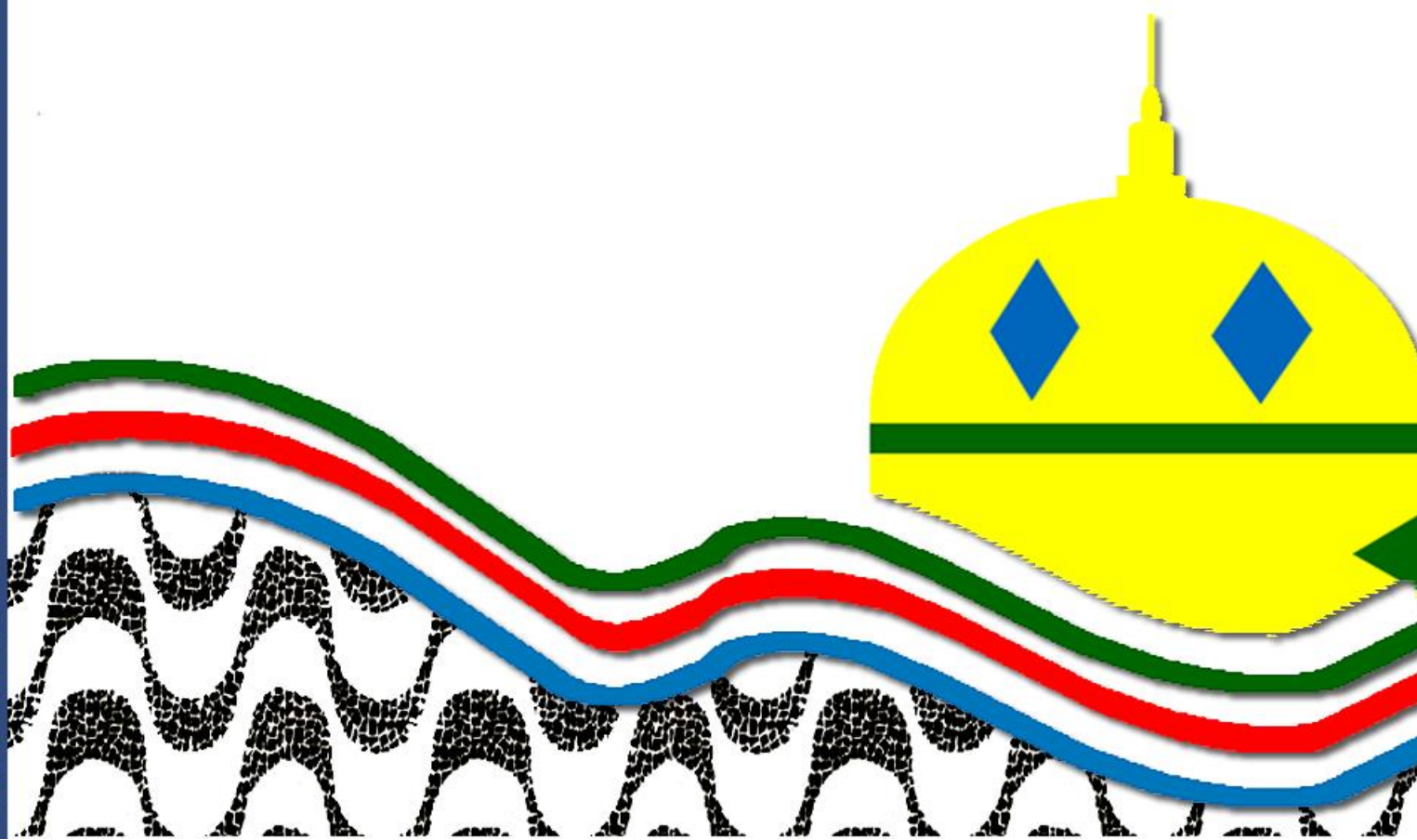


XXV CONGRESSO INTERNACIONAL

abraplip

Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa

LIVRO DE RESUMOS



FICHA TÉCNICA

Diretoria da Abraplip:

Presidente: Otávio Rios
Vice-presidente: Patricia Cardoso
Secretário executivo: Veronica Prudente
Secretário Adjunto: Monica Fagundes
Tesoureiro Executivo: Renata Rolon
Tesoureiro Adjunto: Catia Wankler
Assessor de comunicação: Isaac Ramos

Conselho deliberativo e fiscal:

Ida Maria Alves – UFF/CNPq; Burghard Baltrusch – Universida de Vigo ES; Francisco Ferreira de Lima – UEFS; Francisco Noa – Universidade Eduardo Mondlane MZ; Inocência Mata – U. de Macau/U. de Lisboa; Isabel Pires de Lima – Universidade do Porto PT; Luci Ruas – UFRJ; Márcia Manir Miguel Feitosa – UFMA; Márcio Coelho Muniz – UFBA/CNPq; Maria Elvira Brito Campos – UFPI; Mário César Lugarinho – USP/CNPq; Mark Sabine – The University of Nottingham UK; Pedro Pereira – The Ohio State University EUA; Renata Soares Junqueira – UNESP Araraquara/CNPq; Roberto Vecchi – Università degli Studi di Bologna IT; Sérgio Nazar David – UERJ/CNPq; Simone Pereira Schmidt – UFSC/CNPq; Silvio Renato Jorge – UFF/CNPq; Vitor Pena Viçoso – Universidade de Lisboa PT.

Comissão Organizadora do evento:

Prof. Dr. Otávio Rios (UEA, Presidente)
Profa. Dra. Veronica Prudente (UEA, Secretário Executivo)
Profa. Dra. Catia Monteiro Wankler (UFRR, Tesoureiro Adjunto)
Prof. Dr. Carlos Renato Rosário de Jesus (UEA)
Profa. MsC. Fátima Souza (UEA)
Prof. Dr. Isaac Newton de Almeida Ramos (UNEMAT)
Prof. Dr. Jorge Valentim (UFSCar)
Prof. Dr. Rafael Santana (UFRJ)
Profa. Dra. Renata B. B. Rolon (UEA)
Aline Beatriz Braga (UEA)

Revisão de Língua Portuguesa: Leandro Babilônia

Projeto gráfico e diagramação: Yama Talita Passos Monteiro

Rios, Otávio – Prudente, Veronica – Wankler, Catia Monteiro – Silveira, Cristiane da. (organizadores)

Livro de Resumos do XXV Congresso Internacional da Abraplip: cartografias literárias em língua portuguesa: experiências estéticas no contexto global / Otávio Rios, Veronica Prudente, Catia Monteiro Wankler e Cristiane da Silveira (orgs.) Manaus, 2015.

ISBN: 978-85-7883-356-3

1. Literatura Portuguesa

REALIZAÇÃO

CÁTEDRA

AMAZONENSE DE ESTUDOS LITERÁRIOS

APOIO



FOMENTO



XXV Congresso Internacional da ABRAPLIP
Cartografias literárias em língua portuguesa:
experiências estéticas e culturais no contexto global

PROGRAMAÇÃO COMPLETA

08/11/2015 – Domingo – Auditório do Tribunal de Contas do Estado (TCE) - Av. Efigênio Sales, 1155 (Aleixo, após o cruzamento com a Av. Paraíba)

16:00 - 17:30- Mesa Solene de Abertura

18:00- Mesa de Homenagens

Prof. Dr. Benjamin Abdala Jr. (USP/CNPq)

Prof^a. Dr^a. Cleonice Berardinelli (UFRJ)

Profa. Dr^a. Elza Miné (USP)

Prof. Dr. Francisco Ferreira de Lima (UEFS)

Prof. Dr. Jorge Fernandes da Silveira (UFRJ/CNPq)

Prof. Dr. José Rodrigues de Paiva (UFPE)

Prof^a. Dr^a. Laura Cavalcante Padilha (UFF/CNPq)

Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia Dal Farra (UFS/CNPq)

COORDENAÇÃO: Prof. Dr. Silvio Renato Jorge (UFF/CNPq)

18:30- **Conferência de Abertura** “Utopias e Aporias da lusofonia – reflexões em busca de um novo paradigma”, Prof^a. Dr^a. Isabel Pires de Lima (Universidade do Porto; ex-Ministra da Cultura de Portugal)

MEDIAÇÃO: Prof. Dr. Otávio Rios (UEA)

19:30 - Apresentação: Madrigal Amazonas: “Cantando poetas Ibero-americanos” REGÊNCIA E DIREÇÃO ARTÍSTICA : Prof. MsC. Adroaldo Cauduro (UEA)

09/11/2015 – Segunda-feira – ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA (EST), Av. Darcy Vargas, 1200

08:00– Credenciamento

08:00- Sessões de Comunicações Orais 1

09:30- Café regional de boas-vindas

10:00 – Lançamento do livro “Entre Dois fins de Século: estudos de literatura portuguesa”, Veronica Prudente, Cátia Wankler e Otávio Rios (Orgs.). MEDIAÇÃO: Rafael Santana (UFRJ)

10:30-**Mesa Plenária 1**–“*Intersecções entre Literatura, Antropologia e História: formação de um campo literário*”

“Literatura de Viagens – Literatura, Antropologia e História: cânone, colecionismo e cicatrizes”

Prof^a. Dr^a. Camila do Valle (UFRRJ-MAST-UEMA)

“Presença Portuguesa na Amazônia: *Muraida*, de Henrique João Wilkens”

Prof^a. Dr^a. Veronica Prudente (UEA)

“Gonçalves de Magalhães: entre descrições pormenorizadas e as categorias étnicas acionadas para classificar os chamados ‘rebeldes’”

Prof^a. Dr^a. Cynthia Carvalho Martins (UEMA)

MEDIAÇÃO: Prof^a. Dr^a. Gleidys Maia (UEA)

12:00- Intervalo para o almoço

14:00- **Mesa Plenária 2** – *Memória(s) e imaginário(s) nas narrativas contemporâneas* “Sobre exílios e prisões: a memória do fascismo salazarista”

Prof. Dr. Silvio Renato Jorge (UFF/CNPq)

“Isabel da Nóbrega: 50 anos do Prêmio Camilo Castelo Branco pela obra *Viver com os outros*”

Prof^a. Dr^a. Maria Elvira Brito Campos (UFPI)

“Retorno aos retornos”, Prof^a. Dr^a. Simone Schmidt (UFSC/CNPq):

MEDIAÇÃO: Prof. Dr. André Corrêa de Sá (UFSCar)

16:00- Intervalo

16:15- **Mesa Plenária 3**–*Contemporaneidades nas Literaturas de Língua Portuguesa*

“*Nesse bar de Manaus não estarei onde me aguardas: sobre uma visitação do Brasil por Ant nio Franco Alexandre*”

Prof.^a. Dr.^a. Joana Matos Frias (Univ. do Porto - Portugal)

“Representação do corpo feminino na literatura galega contemporânea”

Prof.^a. Dr.^a. Teresa Bermúdez (Universidade de Vigo - Espanha)

“Questões contemporâneas na poesia de Luís Quintais”

Prof.^a. Dr.^a. Ida Alves (UFF/CNPq/CAPES)

MEDIAÇÃO: Prof. Dr. Vinícius Carvalho Pereira (UFMT)

18:15- Intervalo

18:30–Conversa com escritores: Almeida Faria (Portugal) e Possid nio Cachapa (Portugal)

MEDIAÇÃO: Prof. Dr. Jorge Valentim (UFSCar)

19:30– Lançamento de livros (Ficção e Ensaios)

20:00– Leitura de poesia do Clube da Madrugada e show (voz e violão) do compositor e violonista Antonio Pereira (Amazonas)

COORDENAÇÃO CULTURAL: Profa. MsC. Fátima Souza (UEA)

10/11/2015 – Terça-feira – ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA (EST), Av. Darcy Vargas, 1200

08:00- Credenciamento

08:00- Sessões de Comunicações Orais 2

09:30 - Intervalo

10:00 - Trocando experiências: Prêmio CAPES de Teses, com Prof.^a. Dr.^a. Luci Ruas (UFRJ) e Prof. Dr. Rodrigo Borba (UFRJ). MEDIAÇÃO: Profa. Dra. Lúcia Puga (UEA)

10:30 – **Mesa Plenária 4**– *No Jubileu de Ouro (1966-2016) celebramos a nossa memória* “De Fidelino de Figueiredo e João Emerenciano   ABRAPLIP: os estudos de Literatura Portuguesa no Brasil”

Prof. Dr. José Rodrigues de Paiva (UFPE)

“Os Congressos da ABRAPLIP: o testemunho de uma memória em construção”

Prof. Dr. Luís Fernando Prado Telles (UNIFESP)

MEDIAÇÃO: Prof. Dr. Francisco Ferreira de Lima (UEFS)

10:30- Exposição de Banners (inclui avaliação) COORDENAÇÃO: Profs. Drs. Jorge Valentim (UFSCar) e Carlos Renato R. de Jesus (UEA)

12:00- Intervalo para o almoço

14:00- **Mesa Plenária 5** - *Relações literárias Portugal-Brasil  frica*

“Para além de um macro-sistema: uma literatura-mundo em português?”

Prof.^a. Dr.^a. Inocência Mata (Univ. de Macau - China / Universidade de Lisboa – Portugal)

“Além do Performance Principle: A presença de Marcuse em *Memorial do Convento*”

Prof. Dr. Mark Sabine (University of Nottingham - Inglaterra)

“Apoteose do feminino ou as faces da Rainha Jinga: gênero e nação em Angola”

Prof. Dr. Mário Lugarinho (USP/CNPq)

MEDIAÇÃO: Prof. MsC. Emanuelle Santos (University of Warwick-Inglaterra)

16:15- Intervalo

16:30- Mesa da Academia Cabo-verdiana de Letras na ABRAPLIP:

Prof.^a. Dr.^a. Simone Caputo Gomes (USP/ Academia Caboverdiana de Letras);

Escritor Danny Spínola (Academia Caboverdiana de Letras)

MEDIAÇÃO: Prof.^a. Dr.^a. Renata Beatriz Rolon (UEA)

17:30 – Coral da Universidade REGÊNCIA: Prof. MsC. Fabiano Cardoso (UEA)

18:30– <<Sessão Ruy Belo>> (Lançamento do livro *Literatura Explicativa: ensaios sobre Ruy Belo*, organização de Manaíra Athayde, e exib  o do documentário *Ruy Belo, era uma vez*, de Fernando

Centeio e Nuno Costa Santos) COORDENAÇÃO: Prof. MsC. Manaíra Athayde (Universidade de Coimbra-Portugal), Prof. Dr. Jorge Valentim (UFSCar) e Profª. Drª. Ida Alves (UFF/CNPq/CAPES)

11/11/2015 - Quarta-feira - ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA (EST), Av. Darcy Vargas, 1200

08:00- Sessões de Comunicações Orais 3

08:00- Grupo de Trabalho ABRAPLIP + AIL

COORDENAÇÃO: Prof. Dr. Otávio Rios (UEA/ABRAPLIP), Profª. Drª. Patrícia Cardoso (UFPR/ABRAPLIP) e Prof. Dr. Vincenzo Russo (Universidade de Milão-Itália/AIL)

09:30 - Intervalo

09:45- Conversa com escritoras: Margarida Paredes (Portugal) e Tatiana Pequeno (Brasil)

MEDIAÇÃO: Profa. Dra. Inocência Mata (U. de Macau - China / U. de Lisboa - Portugal)

10:45- Sessões de Comunicações Orais 4

12:15- Intervalo para o almoço

14:00- **Mesa Plenária 6 - Teoria, Crítica e Interpretação em Literaturas de Língua Portuguesa**

"Escritos de Véspera - os primeiros romances de Vergílio Ferreira"

Profª. Drª. Luci Ruas (UFRJ)

"Entre praguentos e discretos: crítica e recepção crítica na dramaturgia quinhentista portuguesa", Prof. Dr. Márcio Muniz (UFBA/CNPq)

"Quando o centro é periferia: Paris e a edição de romances em português"

Prof. Dr. Paulo Motta (USP/CNPq)

"A viagem como experiência de escrita e de leitura: Viagem ao tecto do mundo, Passaporte e Périplo", Profª. Drª. Maria Teresa Nascimento (Universidade da Madeira - Portugal)

MEDIAÇÃO: Prof. Dr. Silvio Holanda (UFPA)

16:00- Intervalo

16:15- **Assembleia Ordinária da ABRALIP** (com eleição da nova diretoria e conselho)

MESA DIRETORA: Prof. Drs. Otávio Rios (UEA), Veronica Prudente (UEA) e Cátia Monteiro Wankler (UFRR)

17:30- Apresentação: Trio de Violões da UEA, com os Profs. Luciano Souto, Márcio Carvalho e

Nelson Cayahado 18:30 às 22:00 - Minicursos A (ver Anexo único e conferir endereço - Av. Djalma Batista, 2470 ENS)

20:00- Jantar por adesão (Restaurante O LENHADOR - 60 vagas: inscrições jantar@abraplip.org.br)

12/11/2015 - quinta-feira - ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA (EST), Av. Darcy Vargas, 1200

08:00- Sessões de Comunicações Orais 5

09:30 - Intervalo

09:45- **Mesa Plenária 7- Sociedade, cultura e política nas Literaturas de Língua portuguesa**

"Aluísio Azevedo, um trapeiro: entre Eça de Queirós e Machado de Assis"

Profª. Drª. Monica Figueiredo (UFRJ/CNPq)

"Lisbon, Lisboa: cartografias urbanas em A vida em Lisboa, de Julio César Machado"

Profª. Drª. Luciana Marino do Nascimento (UFAC/UFRJ/CNPq)

"A subversão do espaço em Mário de Carvalho"

Profª. Drª. Márcia Manir Miguel Feitosa (UFMA)

"Paisagem e fantasmagoria em A noite a madrugada de Fernando Namora"

Prof. Dr. Francisco Ferreira de Lima (UEFS)

MEDIAÇÃO: Profa. Dr. Antonio Augusto Nery (UFPR)

12:00- Intervalo para o almoço

14:00- **Mesa Plenária 8- Travessias estéticas: literaturas em diálogo com outras formas de arte**

"O Velho do Restelo, tributo à arte" Profª. Drª. Renata Soares Junqueira (UNESP/CNPq)

"De músicas, suites e violoncelos: Guilhermina, de Mário Cláudio"

Prof. Dr. Jorge Valentim (UFSCar)

"Poesia e música em alguns ensaios de Fidelino de Figueiredo"

Prof. Dr. Flávio A. F. Reis (UESB)

“O duplo, a dança e a queda em dois inícios de século”

Prof. Dr. Rafael Santana (UFRJ)

MEDIAÇÃO: Profa. Dra. Patrícia da Silva Cardoso (UFPR)

16:30- Mesa de encerramento ABRAPLIP.

PRESIDÊNCIA: Prof. Dr. Otávio Rios (UEA/ ABRAPLIP)

(Inclui divulgação da Carta de Manaus e premiação de banners)

17:00- Apresentação: Tubones Coral da UEA

REGÊNCIA: Prof. MsC. Fábio Carmo (UEA)

17:30- Porto de Honra e Encerramento Oficial do XXV Congresso Internacional da ABRAPLIP

20:00- Programação Cultural no Casarão de Ideias

DIREÇÃO ARTÍSTICA: Prof. MsC João Fernandes (UEA)

13/11/2015 – sexta-feira - ESCOLA SUPERIOR DE TECNOLOGIA (EST), Av Djalma Batista, 1200

08:30 às 12:00 – Minicursos B (Ver Anexo único e conferir endereço - Av. Djalma Batista, 2470 ENS)

Observação: Inscrição de minicursos viaminicursos@abraplip.org.br

SESSÕES SIMULTÂNEAS DE COMUNICAÇÕES

INSTRUÇÕES GERAIS PARA AS MESAS DE COMUNICAÇÃO/COORDENADAS:

1. Cada comunicador disporá de 15 a 20 minutos para expor o seu trabalho;
2. No caso de não ter enviado o trabalho completo para publicação nos Anais do XXV Congresso Internacional da ABRAPLIP, favor fazê-lo até o final o dia de sua comunicação, procurando a coordenação do evento;
3. Em caso de haver débito de pagamento, favor procurar a coordenação do evento antes de sua apresentação;
4. Caso haja alguma incompatibilidade de horário para sua fala, favor entrar em contato imediatamente com a Secretaria da ABRAPLIP.

Mesas Plenárias e Comunicações Orais

	Página
FIGURAÇÃO DAS MARGENS EM MAINA MENDES DE MARIA VELHO DA COSTA Adília Martins de Carvalho	16
UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA: IDENTIDADE, ENTRE-LUGAR E INDECIDÍVEL Adriana Albano	16
O JANTAR DO BISPO – PERCURSO DO MARAVILHOSO Adriana Maciel Antonaccio	17
LIÇÕES DE AFETO E PAISAGEM NA POESIA DE JORGE DE SENA Alessandro Barnabé Ferreira Santos	17
SÃO PROIBIDAS AS FLORES ARTIFICIAIS: NOTAS SOBRE O QUE MORRE E O QUE VIVE EM FILIPA MELO Alessandra Leila Borges Gomes	18
A (DES) CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE NA FICÇÃO AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA Alex Santana França	18
PRESENÇA DE CONTOS PORTUGUESES NA BELÉM OITOCENTISTA Almir Pantoja Rodrigues; Germana Maria Araújo Sales	19
A MEMÓRIA DO CALDEIRÃO DO BEATO JOSÉ LOURENÇO RESSIGNIFICADA PELA LITERATURA DE CORDEL Ana Cláudia Veras Santos	19
ASSIM SE FAZ UMA ESCRITORA - MARIA AMÁLIA ESTREIA NOS SALÕES LITERÁRIOS DE ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO: CORRESPONDÊNCIA ENTRE A.F. DE CASTILHO E MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO Ana Cristina Comandulli	20
O PÓS-COLONIALISMO EM BOA TARDE ÀS COISAS AQUI EM BAIXO: HISTÓRIA, MEMÓRIA E FICÇÃO NA NARRATIVA DE LOBO ANTUNES Ana Maria Vieira Silva	20
CONTOS DE FADA MODERNOS Ana Selma Martins de Oliveira	21
A ADAPTAÇÃO DE DOIS IRMÃOS, DE MILTON HATOUM, NOS QUADRINHOS DE FÁBIO MOON E GABRIEL BÁ Anay Cardoso Miranda	21
ENTRE MITOS E RITOS, A RECRIAÇÃO DA TRADIÇÃO NO ROMANCE “A CONFISSÃO DA LEOA”, DE MIA COUTO Anderson de Souza Frasão	22
E SE O MEU NOME FOR VALESCA? FUNK CARIOCA EM O MEU NOME É LEGIÃO, DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES. André Corrêa de Sá	22
A IRONIA É MAS NÃO PARECE: JOÃO MELO ESPELHANDO MACHADO DE ASSIS André Salviano	23
AS CIDADES E OS SEUS MISTÉRIOS – FORMAS IMPORTADAS, AJUSTES LOCAIS Andreia Alves Monteiro de Castro	23
TERRA CAÍDA: A REPRESENTAÇÃO DO SER FEMININO SUBJULGADO ÀS CONDIÇÕES IMPOSTAS PELO CICLO DA BORRACHA NA AMAZÔNIA Andreia da Silva M. Rufatto; Joanna da Silva	23

	Página
RECRIAÇÕES DE BRANCA DIAS: MEMÓRIA SOCIAL NA CONSTRUÇÃO LITERÁRIA Angelo Adriano Faria de Assis	24
O ARQUÉTIPO DO HÉROI EM <i>PERTO DO CORAÇÃO SELVAGEM</i> Antonielle Menezes Souza	25
“O RÉU TADEU”, DE EÇA DE QUEIRÓS Antonio Augusto Nery	25
O NASCIMENTO DA HETERONÍMIA: PESSOA, ORPHEU, RESPONDIBILIDADE E AUTOCONSCIÊNCIA POÉTICA Augusto Rodrigues Silva Junior; Ana Clara Magalhães de Medeiros	26
LITERATURAS DE VIAGENS – LITERATURA, ANTROPOLOGIA E HISTÓRIA: CÂNONE, COLECIONISMO E CICATRIZES Camila do Valle	26
LUIZA NETO JORGE E ALGUMAS QUESTÕES DA SOCIEDADE PORTUGUESA DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX Carolina Alves Ferreira de Abreu; Rira do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira	27
REPRESENTAÇÕES MEMORIALÍSTICAS E LITERÁRIAS EM <i>A VIAGEM DO ELEFANTE</i>, DE JOSÉ SARAMAGO (2008) Cíntia de Vito Zollner	27
MEMÓRIA E ESFACELAMENTO EM LOBO ANTUNES E MENDES FERRÍN Cláudia Amorim	28
O CRÍTICO POETA E A POESIA CRÍTICA DE NUNO JÚDICE Cláudia Coelho	28
<i>MISTÉRIOS DE LISBOA E COISAS ESPANTOSAS: ROMANCES CAMILIANOS NA BELÉM OITOCENTISTA</i> Cláudia Gizelle Teles Paiva	29
A “INQUIETANTE ESTRANHEZA” DO BAILE EM OS CANIBAI Cláudia Helena Daher	29
O ANO MIL: ANTÔNIO CONSELHEIRO Cláudia de Socorro Simas Ramos; Cássia Maria Bezerra do Nascimento	30
(DES)CONSTRUINDO IMAGENS EM <i>À MARGEM DA HISTÓRIA: A NATUREZA COMO ELEMENTO EXPLICATIVO DA DOMINAÇÃO SÓCIO-POLÍTICA SOBRE O AMAZONAS</i> Cristiane da Silveira; Yomarley Lopes Holanda	30
EÇA DE QUEIRÓS REVISITADO NO <i>JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS</i>, DE LISBOA Cristiane Navarrete Tolomei	31
GONÇALVES DE MAGALHÃES: ENTRE AS DESCRIÇÕES PORMENORIZADAS E AS CATEGORIAS ÉTNICAS ACIONADAS PARA CLASSIFICAR OS CHAMADOS “REBELDES” Cynthia Carvalho Martins	31
QUESTÕES ACERCA DO “IRREALISMO CULTURAL” NA LITERATURA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA Daniel Vecchio	31
VISÕES DO INFERNO OU A CENA DEFORMADA: UMA LEITURA DO EXPRESSIONISMO NO TEATRO DE RAUL BRANDÃO Danielle de Aurélio Martinez	32
A NARRATIVA POÉTICA E O ROMANCE MODERNO EM “MEMÓRIA DE ELEFANTE”, DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES Daniella Sigoli Pereira	33

	Página
O SOM DO SUL: A MÚSICA NA POESIA DE EDIMILSON DE ALMEIDAPEREIRA Daviane Moreira e Silva	33
RELAÇÕES INTERTEXTUAIS ENTRE O CONTO A ABÓBADA, DE ALEXANDRE HERCULANO E MENSAGEM, DE FERNANDO PESSOA Débora de Lima Santos	34
A LITERATURA INFANTO-JUVENIL AMAZONENSE NA SALA DE AULA: UM ESTUDO DE CASO COM ALUNOS DE LETRAS DO CURSO REGULAR E DO PARFOR Delma Pacheco Sicsú	34
EM SOLO EUROPEU, NO SÉCULO XVI, DOIS ESTRANGEIROS: O PAQUIDERME E SEU TRATADOR INDIANO EM A VIAGEM DO ELEFANTE (2008), DE JOSÉ SARAMAGO Denise Rocha; Cíntia Zollner	35
O ÚLTIMO REI DE GAZA E SEUS REFLEXOS EM UALALAPI, DE UNGULANI BA KA KHOSA (1987) Denise Rocha	35
ACERVOS DIGITAIS DE PRÁTICAS TEATRAIS NO AMAZONAS Dilce Pio Nascimento	35
EURICO, O PRESBÍTERO: TEXTO HISTÓRICO OU LITERÁRIO? Diogo Sarraff Soares	36
ORPHEU E O OLHAR DE CLIO Dionísio Vila Maior	36
RELATOS DE VIAGENS DE PORTUGUESES EM GOA DO PÓS-GUERRA A 1961 Duarte Drummond Braga	36
DUAS MULHERES ENTRE O PROFANO E O SAGRADO NO ESPAÇO DA LUSOFONIA: A LITERATURA BARROCA EM SÓROR MARIANA ALCOFORADO E ROSA MARIA EGIPCIÁCA Edna Carlos de Almeida Holanda; Marcela Magalhães de Paula	37
NO CORPO DO OUTRO: REFLEXÕES SOBRE A VARANDA DO FRANJIPANI Edson Salviano Nery Pereira	38
CAIXEIROS LITERATOS - OS PERIÓDICOS DOS PORTUGUESES NO RIO DE JANEIRO NO SÉC. XIX Eduardo da Cruz	38
A PROBLEMATIZAÇÃO DOS REGIMES TOTALITÁRIOS EM O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS, DE JOSÉ SARAMAGO Eduardo Soczek Mendes	39
ÁLBUM DE FAMÍLIA: O ESPAÇO PRIVADO SOB OS PRISMAS DE FIALHO DE ALMEIDA E MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO Elisabeth Fernandes Martini	39
MODERNISMO E PERFORMATIVIDADE Emerson Inácio	39
MEMÓRIA, TESTEMUNHO E TRAUMA EM TONY TCHEKA Érica Cristina Bispo	40
ESPAÇO E IMAGINAÇÃO: ELEMENTOS DA NATUREZA E IMAGENS MATERNAS NA LITERATURA DE BOAVENTURA CARDOSO E DE MIA COUTO Everton Fernando Micheletti	40
PELO CANUDO DAS DESGRAÇAS: O INDÔMITO SÉCULO XX NAS NARRATIVAS DE MIA COUTO E DE GUIMARÃES ROSA Everton Luis Teixeira	41
RETÓRICA HOMICIDA E ASSASSINATO-NARRATIVA – APROXIMAÇÕES ENTRE MARIO DE SÁ-CARNEIRO, JOSÉ CARDOSO PIRES E RUBEM FONSECA Fábio de Carvalho Messa	41

	Página
OS “MALES ALMA”. UMA LEITURA DO POEMA “MORTAL DOENÇA” DE SOROR MARIA DO CÉU Fabio Mario da Silva; Moizeis Sobreia	42
ÁLVARO DO CARVALHAL, O MARGINAL: “OS CANIBAIAS” Filipe Reblin	42
POESIA E MÚSICA EM ALGUNS ENSAIOS DE FIDELINO DE FIGUEIREDO Flávio A. F. Reis	42
PAISAGEM E FANTASMAGORIA EM A NOITE E A MADRUGADA DE FERNANDO NAMORA Francisco Ferreira de Lima	43
DESASSOSSEGO ÉPICO Gabriel Dória Rachwal	43
LEITURA A CAMINHO DA IMAGINAÇÃO: DAS NARRATIVAS ORAIS À PRODUÇÃO DE TEXTOS Gederson do Carmo Souza; Francisco Bezerra dos Santos	44
A ALEGORIA NO CANCIONEIRO GERAL GARCIA DE RESENDE, 1516 Geraldo Augusto Fernandes	44
O IMPÉRIO EM RUÍNAS: SOBRE NOCTURNO EM MACAU, DE MARIA ONDINA BRAGA, O VIÉS FEMININO Gerson Luiz Roani	45
ACERVOS DIGITAIS NO BAIXO AMAZONAS: UMA PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA IDENTITÁRIA DOS POVOS DA AMAZÔNIA E SUAS RAÍZES Gleidys Meyre da Silva Maia	45
SAUDAÇÃO A HERBERTO HELDER POR OCASIÃO DE SUA MORTE: MAGIA POÉTICA DE OS PASSOS EM VOLTA Hellen Cristina Picanço Simas; Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira	46
SEMPRE VERDE BANDEIRA: A PROBLEMÁTICA DA DECADÊNCIA EM CESÁRIO VERDE E EM MANUEL BANDEIRA Hugo Lenes Menezes	46
QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS NA POESIA DE LUIS QUINTAIS Ida Alves	47
A NARRATIVA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM MIA COUTO: UMA LEITURA DE VENENOS DE DEUS, REMÉDIOS DO DIABO Ilane Ferreira Cavalcante	47
MEMÓRIA E HISTÓRIA: UM AMÁLGAMA EM MIA COUTO Ilson Martins	47
A CONSTANTE FLORINDA, UMA HEROÍNA PROBLEMÁTICA Ingrid Karina Morales Pinilla; Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira	48
PARA ALÉM DE UM MACRO-SISTEMA: UMA LITERATURA-MUNDO EM PORTUGUÊS? Inocência Mata	48
OS POETAS CRÍTICOS E A CRÍTICA DA POESIA SOBRE WLADEMIR DIAS-PINO E SILVA FREIRE Isaac Ramos	49
PRISMA ESPACIAL EM JOSÉ EDUARDO AGUALUSA: ILUMINAÇÕES E DISPERSÕES Isabela Helena Rodrigues Coelho; Marta Aparecida Garcia Gonçalves	49
UTOPIAS E APORIAS DA LUSOFONIA: REFLEXÕES EM BUSCA DE UM NOVO PARADIGMA Isabel Pires de Lima	50

	Página
IMAGENS DA ÁGUA EM POESIA DE SOPHIA ANDRESEN Isadora Santos Fonseca; Rita do P. S. Barbosa de Oliveira	50
ÀS MARGENS DO RIO, À MARGEM DA INFÂNCIA: PERSONAGENS INFANTIS EM DALCÍDIO JURANDIR E JOSÉ VERÍSSIMO Ivone dos Santos Veloso	51
A FORÇA DAS ORALIDADES EM NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA Jacqueline Laranja Leal Marcelino	51
YAKA: ENTRE A FICÇÃO E A HISTÓRIA Jeferson Rodrigues dos Santos; Jeane de Cassia Nascimento Santos	52
NESSE BAR DE MANAUS NÃO ESTAREI ONDE ME AGUARDAS: SOBRE UMA VISITAÇÃO DO BRASIL POR ANTÔNIO FRANCO ALEXANDRE Joana Matos Frias	52
A ALEGORIA DO “MURO” NA POESIA DE ÁLVARO DE CAMPOS E A ESCRITA REVOVADA DA TRADIÇÃO Joana Souto Guimarães Araujo	52
SEBASTIÃO ALBA: MÚSICA OBLÍQUA João Batista Fernandes Filho	53
DE MÚSICAS, SUITES E VIOLONCELOS: GUILHERMINA, DE MÁRIO CLÁUDIO Jorge Vicente Valentim	53
AS RELAÇÕES ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: UMA PERSPECTIVA DO TESTEMUNHO, DO TRAUMA E DA MELANCOLIA NOS ROMANCES DE ANTÔNIO LOBO ANTUNES José Luís Giovanoni Fornos	54
ALBERTO, ORPHEU, ÁLVARO: PONTES José Luiz Foureaux de Souza Júnior	54
PROLETÁRIOS E SUBALTERNOS: RELAÇÕES ENTRE FAMINTOSE O ROMANCE DE 30 José Marcelino Ferreira Júnior; Marta Aparecida Garcia Gonçalves	55
GULA E LITERATURA: A GASTRONOMIA NA LEITURA DE AS CIDADES E AS SERRAS José Roberto de Andrade	55
DE FIDELINO DE FIGUEIREDO E JORDÃO EMERENCIANO À ABRAPLIP: OS ESTUDOS DE LITERATURA PORTUGUESA NO BRASIL José Rodrigues de Paiva	55
ANTERO DE QUENTAL, EÇA DE QUEIRÓS E O ORIENTALISMO EUROPEU OITOCENTISTA José Carvalho Vanzelli	56
A BELEZA DA NARRATIVIDADE EVIDENCIADA EM JOÃO TORDO E VALTER HUGO MÃE Juliana Florentino Hampel	56
REDUÇÃO DO VERSO EM CARLOS DE OLIVEIRA E JOAQUIM MANUEL MAGALHÃES Juliana Jordão Canella Valentim	57
O PREFÁCIO CAMILIANO EM “O QUE FAZEM MULHERES” Katrym Aline Bordinhão dos Santos	57
ESTÉTICA E EXISTÊNCIA EM SÁ-CARNEIRO: UMA INTERPRETAÇÃO DA NARRATIVA A CONFISSÃO DE LÚCIO À LUZ DE SÖREN KIERKEGAARD Leonardo Silva Sousa	58
“O LADO FATAL”, DE LYA LUFT, E A ESCRITA DE SI Lilian Oliveira Cavalcante Santos	58

	Página
O CONTEMPORÂNEO E O VAZIO: CONSIDERAÇÕES EM TORNO DE <i>UMA VIAGEM À ÍNDIA</i> Luca Fazzini	59
ESCRITOS DE “VÉSPERA” – OS PRIMEIROS ROMANCES DE VERGÍLIO FERREIRA Luci Ruas	59
LISBON, LISBOA: CARTOGRAFIAS URBANAS EM A VIDA EM LISBOA, DE JULIO CESÁR MACHADO Luciana Nascimento	60
REBELO DA SILVA, ENTRE HERCULANO E GARRETT: RELEITURAS DO ROMANCE HISTÓRICO OITOCENTISTA Luciene Marie Pavanelo	60
OS CONGRESSOS DA ABRAPLIP: O TESTEMUNHO DE UMA MEMÓRIA EM CONSTRUÇÃO Luís Fernando Prado Telles	61
MANUEL LOPES E O SENTIMENTO DE APEGO AO LUGAR: UMA LEITURA DA ESPACIALIDADE EM OS <i>FLAGELADOS DO VENTO LESTE</i> Luis Oliveira Freitas	61
DE QUEM É ESSA HISTÓRIA, JÁ ENTÃO? – APONTAMENTOS INICIAIS PARA PENSAR O OCIDENTE A PARTIR DA AMAZÔNIA Macário Lopes de Carvalho Júnior	62
O OLHAR DE RUY BELO SOBRE CHICO BUARQUE, OSCAR NIEMEYER E GLAUBER ROCHA Manáira Aires Athayde	62
CONTIGÊNCIAS DE UM MUNDO IMAGINÁRIO: ROCHA PITA - O DEVIR E A HISTÓRIA DA AMÉRICA PORTUGUESA Manoel Barreto Júnior	62
A TOPOFILIA E A TEORIA DA PERCEPÇÃO EM MIA COUTO E ÉLSON FARIAS: (METÁFORAS DE) REPRESENTAÇÕES DO LUGAR, DO ESPAÇO E DA IDENTIDADE DE MOÇAMBIQUE E AMAZONAS Manoel Domingos C. Oliveira	63
A REVITALIZAÇÃO DA EPOPEIA E A AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE DE TIMOR LOROSAE: D’OS <i>LUSÍADAS</i>, DE LUÍS DE CAMÕES, A <i>MAUBERÍADAS</i>, DE XANANA GUSMÃO Manuel Ferro	64
SOCIEDADE, CULTURA, POLÍTICA E DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NA LITERATURA ANGOLANA: O CASO DO “MESTRE TAMODA”, DE UANHENGA XITU Marcela Magalhães de Paula; Cássio Florêncio Rubio	64
ESTÓRIAS ABENSONHADAS E FANTÁSTICAS DE MIA COUTO Marcelo Brito da Silva	65
A SUBVERSÃO DO ESPAÇO EM MÁRIO DE CARVALHO Márcia Manir Miguel Feitosa	65
JOGOS DISCURSIVOS E O CONTRATO FIDUCIÁRIO COMO INSTRUMENTOS DE IRONIA NAS MEMÓRIAS DE TEODORICO RAPOSO Marcio Jean Fialho de Sousa	66
ENTRE <i>PRAGUENTOS</i> E <i>DISCRETOS</i>: CRÍTICA E RECEPÇÃO CRÍTICA NA DRAMATURGIA QUINHENTISTA PORTUGUESA Márcio Ricardo Coelho Muniz	66
TEXTO E TENSÃO EM CONTOS DE ANTÓNIO BRACINHA VIEIRA. Marcos Rogério Heck Dorneles	67
O QUE MEUS OLHOS NÃO VIRAM, O QUE VIVEU MINHA MENTE: MEMÓRIA E BIOGRAFIA EM JOSÉ RODRIGUES DE PAIVA Maria Aparecida Ribeiro	67

	Página
CHICO DA SILVA E SOPHIA ANDRESEN NOS CAMINHOS DA POESIA Maria Auxiliadora Ferreira da Costa	67
AS TOADAS DO BOI-BUMBÁ DE PARINTINS Maria Celeste de Souza Cardoso	68
RESISTÊNCIA E LIBERDADE EM MIA COUTO: <i>TERRA SONÂMBULA</i> E <i>A CONFISSÃO DA LEOA</i> Maria Cristina Chaves de Carvalho	68
COMPORTAMENTO SOCIOLINGÜÍSTICO DOS E DAS ESTUDANTES DAS ESCOLAS ISIDORO GONÇALVES DE SOUZA E EDUARDO SÁ, NOS 3º, 4º E 5º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM TEFÉ-AMAZONAS (BR) Maria de Fátima Castro Amorim de Moraes	69
A PRIMEIRA CRÍTICA DE BENEDITO NUNES SOBRE FERNANDO PESSOA Maria de Fátima do Nascimento	69
RESSONÂNCIAS DO <i>ORDO PROPHETARUM</i> EM AUTOS NATALINOS DE GIL VICENTE Maria do Amparo Tavares Maleval	70
ISABEL DA NÓBREGA: 50 ANOS DO PRÊMIO CAMILO CASTELO BRANCO PELA OBRA <i>VIVER COM OS OUTROS</i> Maria Elvira Brito Campos	70
OS EPITEXTOS DE FERNANDO PESSOA À <i>MENSAGEM</i> Maria Gabriella Flores Severo Fonseca	71
PERMANÊNCIA PORTUGUESA EM JORNAIS PARAENSES DO SÉCULO XIX Maria Lucilena Gonzaga Costa Tavares; Germana Maria Araújo Sales	71
LITERATURA AFRODESCENDENTE E ENSINO: UMA PROPOSTA DE LEITURA A PARTIR DOS POEMAS <i>NOSSA VOZ E NEGRA</i> DE NOÊMIA DE SOUSA Maria Suely de Oliveira Lopes	72
A LETRA ESCARLATE ESTIGMA E O ORGULHO. REPRESENTAÇÃO DO CORPO FEMININO NA LITERATURA GALEGA CONTEMPORÂNEA Maria Teresa Bermúdez Montes	72
A VIAGEM COMO EXPERIÊNCIA DE ESCRITA E DE LEITURA: <i>VIAGEM AO TECTO DO MUNDO, PASSAPORTE E PÉRIPOLO</i> Maria Teresa Nascimento	73
"NO OLHAR QUE INUNDA TODO O CORPO": ARTE E EROTISMO NO ROMANCE <i>EM NOME DA TERRA</i> Mariana Marques de Oliveira	73
APOTEOSE DO FEMININO AS FACES DA RAINHA JINGA: GÊNERO E NAÇÃO EM ANGOLA Mário César Lugarinho	74
O UNIVERSO COMPOSICIONAL DE LUÍS QUINTAIS Marta A. G. Gonçalves	74
A PROSOPOGRAFIA NA OBRA DE MANUEL DE FARIA E SOUSA Mauricio Massahiro Nishihata	75
PÓS-COLONIALISMO, LITERATURA E SUBJETIVIDADE FEMININA: <i>NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA</i> Meyre Silva	75
ALEGORIAS DO PODER E DA SUBVERSÃO NA LITERATURA DE TRADIÇÃO REVOLUCIONÁRIA Michele Dull Sampaio Beraldo Matter	76
OS ROMANCES QUE CARLOTA JOAQUINA TINHA EM SUA BIBLIOTECA Moizeis Sobreira de Sousa	76
DESAFIOS NAS PRODUÇÕES LITERÁRIAS EM TEMPOS DE INCLUSÃO Monica Dias de Araújo; Clara Praia dos Santos; Danielle Oliveira Munis	76
ALUÍSIO AZEVEDO, UM TRAPAEIRO: ENTRE EÇA DE QUEIRÓS E MACHADO DE ASSIS Monica Figueiredo	77

	Página
ADAPTAÇÃO DA LENDA DO BOTO COR-DE-ROSA PARA LITERATURA SURDA: COMPREENDENDO E TRILHANDO NOVOS CAMINHOS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS Nara Neiva A. C. de Sousa; Suelem Maquiné Rodrigues; Taísa Aparecida Carvalho Sales	77
HERBERTO HELDER E FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO: DOIS LEITORES DA TRADIÇÃO POR UM LUGAR EM COMUM Natasha Felizi	78
HISTÓRIA DO CERCO DE LISBOA: UMA PROPOSTA DE LEITURA SOB O VIÉS DA METAFICÇÃO Natércia Moraes Garrido	78
ENTRE O IMAGINÁRIO E O REAL: REPRESENTAÇÕES E SIMBOLOGIA NA POÉTICA ORAL DO SAMBA DE RODA DAS MARGENS DO VELHO CHICO Nerivaldo Alves Araújo	79
MEMÓRIA E CIDADE: RELAÇÕES EM CESÁRIO VERDE Pablo Rodrigo da Silva Martins; Silvana Maria Pantoja dos Santos	79
ALGUNS ASPECTOS DA POESIA DE RUY BELO Paola Poma	80
PESSOA, RACIOCINADOR Patrícia da Silva Cardoso	80
A FAMÍLIA DO DIABO NA TRADIÇÃO FOLCLÓRICA PORTUGUESA Paulo César Ribeiro Filho	81
QUANDO O CENTRO É PERIFERIA: PARIS E A EDIÇÃO DE ROMANCES EM PORTUGUÊS Paulo Motta Oliveira	81
PÓS- REVOLUÇÃO DOS CRAVOS E A LITERATURA FEMININA NOS PALOP Pedro Manoel Monteiro	82
DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA EM RUI SIMÕES E VALTER HUGO MÃE Penélope E. A. Salles	82
TOPOI LÍRICOS EM FORMAS DO NADA DE PAULO HENRIQUES BRITTO Rafael Campos Quevedo	83
O DUPLO, A DANÇA E A QUEDA EM DOIS INÍCIOS DE SÉCULO Rafael Santana	83
A BIOGRAFIA FICCIONALIZADA CAMÕES E JOSÉ ÍNDIO (1824), DE FERDINAND DENIS: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE Rafael Souza Barbosa	83
CANTOS DE TERRA A TERRA, AVES DE ESPAÇO & TEMPO: UMA LEITURA DA REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO NOS VERSOS DE CORSINO FORTES Raquel Aparecida Dal Cortivo	84
CARTAS, DEDICATÓRIAS, ANTOLOGIAS E ENSAIOS: JOSÉ OSÓRIO DE OLIVEIRA E A LITERATURA BRASILEIRA Raquel S. Madanêlo Souza	84
RETRATO DE UMA LUANDA INVISÍVEL EM OS TRANSPARENTES, DE ONDJAKI Renata Flavia da Silva	85
O VELHO DO RESTELO, TRIBUTO À ARTE Renata Soares Junqueira	85
ANA HATHERLY – CONCRETISMO ALÉM-MAR Renata Moreira	86
A REINVENÇÃO NOS POEMAS DE ARNALDO ANTUNES, CORSINO FORTES, ANA HATHERLY E LUIZA NETO JORGE Rita Barbosa de Oliveira	86
SILÊNCIOS DE UM PASSADO RECENTE: “CADERNO DE MEMÓRIAS COLONIAIS” E “TABU” Roberta Guimarães Franco	87
O JOGO DA NARRATIVA EM “O SENHOR BRETON E A ENTREVISTA” Robson J. Custódio	87

	Página
GUERREIROS INDÍGENAS: RESISTÊNCIA E DISCURSO COLONIAL EM A SELVA, DE FERREIRA DE CASTRO Rodrigo Anderson Machado Cavalcante; Joanna da Silva	87
UM CÃO QUE SONHA, DE AGUSTINA BESSA-LUÍS: MEMÓRIA, HISTÓRIA E ENIGMA Rodrigo Valverde Denubila	88
FRADIQUE MENDES: EÇA DE QUEIRÓS E A ESCRITA Rosana Apolonia Harmuch	89
O PRIMO BASÍLIO DA PÁGINA À TELA Rosiane Silva de Souza	89
A POESIA DE MANOEL DE BARROS E O DIÁLOGO COM OUTRAS ARTES Rosidelma Fraga	90
LITERATURAS QUE REMETEM AO ENSINO MEDIADO PELA TEORIA E PRÁTICA DE LEITURA Rosineide Rodrigues Monteiro; Rita de Cássia Eutrópio Mendonça Bezerra	90
OUTROS SAIS NA BEIRA MAR DE FILINTO ELÍSIO: UM LABIRÍNTICO MOSAICO DE FICÇÃO POÉTICA Rute Maria Chaves Pires	91
A CIRCULAÇÃO EM JORNAL DE TEXTOS QUE COMPUSERAM A CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES Sara Vasconcelos Ferreira; Germana Maria Araújo Sales	91
NARRATIVAS NA PERSPECTIVA DE: ANÚNCIO, DENÚNCIA E RENÚNCIA Sebastião de Souza Lima	92
OS ARQUÉTIPOS FEMININOS DE LILITH E EVA EM MARGARIDA LA ROCQUE Sideny Pereira de Paula; Lileana Mourão Franco de Sá	92
TEMPO DE RECOLHER A VIDA: ESPAÇOS DE MEMÓRIA EM PAISAGEM COM MULHER E MAR AO FUNDO DE TEOLINDA GERSÃO Silvana Maria Pantoja dos Santos	93
OPRESSÃO: TRABALHISTA, ESPACIAL E IDEOLÓGICA EM NINGUÉM MATOU SUHURA Silvaneide da Silva Costa	93
A TENSÃO ENTRE LITERATURA E ARTES VISUAIS NA OBRA Ó DE NUNO RAMOS Silvia Ferreira Lima	94
GUIMARÃES ROSA E A CRÍTICA PORTUGUESA: DE AGUIAR E SILVA A ÓSCAR LOPES Sílvio Augusto de Oliveira Holanda	94
SOBRE EXÍLIOS E PRISÕES: A MEMÓRIA DO FASCISMO SALAZARISTA Silvio Renato Jorge	95
FREI LUÍS DE SOUSA: UMA LEITURA DO SEBASTIANISMO Simone Nacaguma	95
RETORNO AOS RETORNOS Simone Pereira Schmidt	96
FREI LUCAS DE SANTA CATARINA E A IMPRENSA PERIÓDICA JOCOSA EM PORTUGAL Socorro de Fátima Pacífico Barbosa	96
“NA ESCOLA, TODOS OS MIÚDOS ME GRITAVAM AQUELE ‘MARICAS!’ QUE TANTO ME FAZIA DOER...”: MEMÓRIAS DA INFÂNCIA E QUESTÕES DE GÊNERO EM A CONFISSÃO, DE BERNARDO SANTARENO Solange S. Santana; Márcio R. C. Muniz	97

	Página
CORDEL: ESCRITURAS HÍBRIDAS, DE PORTUGAL AO NORDESTE BRASILEIRO Stela Maria Viana Lima Brito	97
RENÉ MAGRITTE E MANOEL DE BARROS: INTERSECÇÕES ENTRE PINTURA E POESIA Suzel Domini dos Santos	98
EU CONTO, TU CONTAS, ELE CONTA... ESTÓRIAS DA NATUREZA DA CRIAÇÃO E RECEPÇÃO LITERÁRIA EM “VINTE HORAS DE LITEIRA” DE CAMILO CASTELO BRANCO Talitha Sautchuk	98
LLANSOL AINDA E DEPOIS Tatiana Pequeno	99
OS ESPECTROS FOTOGRÁFICOS EM O ARQUIPELAGO DA INSONIA Tatiana Prevedello	100
COEXISTIR PARA EXISTIR: O DISCURSO CONTESTADOR DA CONDIÇÃO FEMININA NO ROMANCE VIVER COM OS OUTROS DE ISABEL DA NÓBREGA Thaise Silva Ferro Gomes Alves	100
UMA UNIDADE INDISSOLÚVEL DA ARTE E DA CIÊNCIA: ENTRE AS LINHAS DO DESENHO E DA LETRA EM RETRATO DE RAPAZ, DE MÁRIO CLÁUDIO Thiago F. R. Almeida	101
OS MARGINAIS DE EVEL ROCHA Uryelton de Sousa Ferreir	101
RELATO DE EXPERIÊNCIA: LEITURA DE POEMAS NO ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA Valéria Moisin de Araújo; Rita Barbosa de Oliveira; Hideraldo Lima da Costa	102
ITINERÁRIOS DE BLOOM: ESTUDO DE UMA VIAGEM À ÍNDIA ATRAVÉS DA POÉTICA DO MOVIMENTO Valquíria Luna Ace Lima	102
DAS TELAS DE CINEMA À TERRA QUE SE FAZ TINTA: UNGULANI BA KA KHOSA ENTRE AS ESTÓRIAS DE MOÇAMBIQUE E A HISTÓRIA MOÇAMBICANA Vanessa Ribeiro Teixeira	103
AUTO DO NASCIMENTO DE SÃO JOÃO E VISITAÇÃO DE SANTA ISABEL: UMA REPRESENTAÇÃO DO COTIDIANO PORTUGUÊS MEDIEVAL Verônica Cruz Cerqueira	103
PRESENÇA PORTUGUESA NA AMAZÔNIA: MURADA, DE HENRIQUE JOÃO WILKENS Veronica Prudente Costa	104
POR UMA POÉTICA ALGORÍTMICO-SUBVERSIVA NA OBRA DE RUI TORRES Vinícius Carvalho Pereira	104
ESTUDOS SOBRE A MUHURAIDA E SUAS RAÍZES CLÁSSICAS Weberson Fernandes Grizoste	105
MÚSICA E ENSINO DE HISTÓRIA: AS TOADAS DO BOI-BUMBÁ AMAZÔNICO NA SALA DE AULA Yomarley Lopes Holanda; Cristiane da Silveira	105
REFLEXÕES DO BISPO DO PARÁ AOS DIÁRIOS DAS VISITAS PASTORAIS DE FREI CAETANO BRANDÃO: UM AUTOR PARA MUITOS TEXTOS Yurgel Pantoja Caldas	106

Painéis

	Página
UMA VERTENTE IDEOLÓGICA NA CONSTRUÇÃO DO UNIVERSO AMAZÔNICO NA OBRA INFERNO VERDE Adriano Pinto Marinho; Danielle Maria Alcântara da Silva; Dilce Pio Nascimento	107
EXPRESSIONISMO: ESTUDOS TEÓRICOS NA ARTE & NA LITERATURA Alexandre Rodrigues Gomes; Otávio Rios Portela	107
“INÊS DE CASTRO, A VINGATIVA: EFABULAÇÃO RECRIADORA DA PERSONAGEM FEMININA EM ADIVINHAS DE PEDRO E INÊS, DE AGUSTINA BESSA-LUÍS” Alessandro Perre	108
A ANTITRADIÇÃO LUSO BRASILEIRA: O RISO E A CARNAVALIZAÇÃO EM “A RUIVA”, DE FIALHO DE ALMEIDA E “NOITE NA TAVERNA”, DE ÁLVARES DE AZEVEDO Aline Beatriz Braga de Souza; Otávio Rios	108
O GÊNERO LITERÁRIO CORDEL COMO FERRAMENTA DO RESGATE DOS VALORES CULTURAIS NO MUNICÍPIO DE TEFÉ Aline Rebeca Cumaru Amaral; Rosineide Rodrigues Monteiro	109
MORTE E RELIGIOSIDADE: DA TRAGÉDIA GREGA ANTÍGONA À POESIA ROMÂNTICA DA SEGUNDA GERAÇÃO Ana Claudia da Silva Ribeiro; Socorro Viana de Almeida	109
QUEM CONTA UM CONTO, AUMENTA UM PONTO Ana de Nazaré Egas Praia; Germano Ferreira Martins	110
TEXTO IMPRESSO E TEXTO DIGITAL: AS DISTINÇÕES EXISTENTES NAS PUBLICAÇÕES DE JOELMA MAIA Anastacia Helena Diel; Gleidys Meyre da Silva Maia	110
ALTERIDADE E AUTORREFERENCIAÇÃO NA POÉTICA DE FLORBELA ESPANCA Anderson Guerreiro; Juciane Cavaleiro	111
A PRESENÇA DE ELEMENTOS POÉTICOS NAS TOADAS DE BOI-BUMBÁ Andreia do Nascimento Silva; Núbia Litaiff Moriz Schwamborn	111
TERRA CAÍDA: A REPRESENTAÇÃO DO SER FEMININO SUBJULGADO ÀS CONDIÇÕES IMPOSTAS PELO CICLO DA BORRACHA NA AMAZÔNIA Andreia da Silva M. Rufatto; Joanna da Silva	112
TIAGO DE MELLO E JOSÉ CRAVEIRINHA EM FOCO: VERSOS DE ESPERANÇA Anna Caroline Salignac Lima; Renata Rolon	112
DA ORALIDADE AO MEMORIALISMO HISTORIOGRÁFICO EM VÁRZEA E TERRA FIRME, DE TONZINHO SAUNIER Antonio Alfredo Cardoso Saunier; Patrícia Helena Pantoja Soares; Dilce Pio Nascimento	113
LITERATURA EM SALA DE AULA: DA TEORIA LITERÁRIA À PRÁTICA ESCOLAR Augusto Gomes Ferreira; Germano Ferreira Martins	113
MARCAS DA IDEOLOGIA EUROCÊNTRICA NO ÉPICO MURADA Bianca Avelino Benjamin; Veronica Prudente Costa	114
“UM LADRÃO”: DA LITERATURA À REALIDADE SOCIAL Carla Carolina Moura Barreto; Rosângela Costa de Abreu	114
A REPRESENTAÇÃO SOCIAL NO CONTO “UM LADRÃO”, DE GRACILIANO RAMOS Carla Carolina Moura Barreto; Rosângela Costa de Abreu; Odilon Rosa Corrêa	115

	Página
LITERATURA INFANTOJUVENIL E LIVRO DIDÁTICO: ANÁLISE E QUESTÕES Carlos Alberto Gomes da Silva; Otávio Rios	115
LUIZA NETO JORGE E ALGUMAS QUESTÕES DA SOCIEDADE PORTUGUESA DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX Carolina Alves Ferreira de Abreu; Rira do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira	116
ECOS DA MITOLOGIA GREGA: DA TRAGÉDIA GREGA HIPÓLITO À “MARÍLIA DE DIRCEU” Caroline Balduino de Sousa; Socorro Viana de Almeida	116
O DISCURSO INTERTEXTUAL COM A MITOLOGIA GREGA: DE COÉFORAS À SENHORA DOS AFOGADOS Cassandra da Silva Montenegro; Socorro Viana de Almeida	117
“O GEBO E A SOMBRA”: INTERFACES ENTRE LITERATURA, CINEMA E PINTURA Christian Cael Santos da Silva; Otávio Rios	117
O DISCURSO FEMININO NA OBRA “O CORTIÇO”: UMA DIVERSIDADE DE GÊNEROS SOCIAIS, HUMANOS E POLÍTICOS Cleia Araujo Ega; Manoel Domingos de C. Oliveira	118
A HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NO AMAZONAS: PROPOSIÇÕES, OBJETIVOS E PRÁTICAS Clelton Alef da Silva Miranda; Renata Beatriz B. Rolon	118
UMA ABORDAGEM SAUDOSISTA NA OBRA SAUDADE DA SAUDADE DE TONZINHO SAUNIER Clicia de Oliveira Costa; Anastacia Helena Diel; Dilce Pio Nascimento	119
O VENDEDOR DE PÁSSAROS E OS ELEMENTOS DA TRADIÇÃO MOÇAMBICANA Dannyer Deivison Guedes Garcia; Veronica Prudente	119
MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NA ESCOLA SÃO LUÍS NO MUNICÍPIO DE TEFÉ Daysiene Ramos de Freitas; Manoel Domingos de Castro Oliveira	119
EXISTÊNCIA, RESISTÊNCIA, CONSCIÊNCIA: A POESIA DE MIGUEL TORGA PERPASSADA PELA EXPRESSÃO DA VIDA Douglas Vasconcelos; Otávio Rios	120
A LITERATURA FANTÁSTICA COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA PRESENTE EM INCIDENTE EM ANTARES Edenise Sales; Anastacia Helena Diel; Elisania Tavares; Dilce Pio Nascimento	121
A IMPOSIÇÃO DO CRISTIANISMO NA CULTURA MUNDURUKU NO ROMANCE OS SELVAGENS, DE FRANCISCO GOMES DE AMORIM Ediane Cruz Mendes; Veronica Prudente	121
FIGURAÇÕES DA CONDIÇÃO FEMININA NA LÍRICA DE ASTRID CABRAL Enderson de Souza Sampaio	121
UM OLHAR NAS SINOPSES DA PRODUÇÃO TEATRAL NO AMAZONAS A PARTIR DA DÉCADA DE 90 Erinéia Cabral Trindade; Dilce Pio Nascimento	122
TEMA SOCIAL NA POESIA DE GABRIEL MARIANO E DE CORSINO FORTES Everton Vasconcelos Pinheiro; Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira	122
LITERATURA, MODERNIDADE E MEMÓRIA: UM OLHAR SOBRE A POÉTICA DE ÁLVARO DE CAMPOS Francisca Aylqui Cruz de Paiva; Silvana Maria Pantoja dos Santos	123
TEORIA E PRÁTICA DA LEITURA: TRABALHANDO A LITERATURA INDÍGENA EM SALA DE AULA Francisco Bezerra dos Santos; Gederson do Carmo Souza; Delma Pacheco Sicsú	123
A LIBERDADE DE EXPRESSÃO ATRAVÉS DO CONTO LITERÁRIO Gealan Reny Alzier Gonçalves; Germano Ferreira Martins	124

	Página
LEITURA A CAMINHO DA IMAGINAÇÃO: DAS NARRATIVAS ORAIS Á PRODUÇÃO DE TEXTOS Gederson do Carmo Souza; Francisco Bezerra dos Santos	124
CONCEPÇÕES LITERÁRIAS E A PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO MÉDIO Gilson Allefy Chaves da Silva; Leandro Babilônia	125
CASO DO VESTIDO E O VESTIDO: UMA ANÁLISE INTERTEXTUAL Gleice do Socorro Bittencourt dos Reis	126
REFLEXÕES SOBRE NAEL, O NARRADOR DE DOIS IRMÃOS Hellen Maria Oliveira da Silva; Núbia Litaiff Moriz Schwamborn	126
AS RELAÇÕES HUMANAS NA NARRATIVA DE <i>O INSTINTO SUPREMO</i> Henrique Andrade Germano; Veronica Prudente	126
<i>EM ALGUMA PARTE ALGUMA</i>, DE FERREIRA GULLAR: POESIA E REALIDADE Jaiana Cristina Oliveira Penedo; Rita Barbosa de Oliveira	127
CAMINHANDO PELA SELVA DE FERREIRA DE CASTRO Ivan Batista de Almeida; Veronica Prudente	127
<i>FLÂNEUR: EXPERIÊNCIA URBANA EM “AS VELHINHAS” DE BAUDELAIRE E “NOITE FECHADA” DE CESÁRIO VERDE</i> Jamerson Eduardo Reis Silva; Otávio Rios	128
DOIS IRMÃOS, DE MILTON HATOUM – O ENTRELAÇAMENTO TEXTUAL COM OS MITOS GREGOS Jaqueline da Costa Magalhães; Socorro Viana de Almeida	128
PROCESSOS DE APROPRIAÇÃO E TRANSGRESSÃO DO SONETO CAMONIANO EM POEMAS NA LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA João Hipólito Santiago Sousa; Gisela Maria de Lima Braga Penha	129
CRÔNICAS QUEIROSIANAS N’A PROVÍNCIA DO PARÁ José Adauto Santos Bitencourt Filho; Orientadora: Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales	129
INTERFACES DA OBRA <i>A SELVA</i> DE FERREIRA DE CASTRO: ENTRE FICÇÃO A REALIDADE Josete Maria de Melo Katak; Miriam da Silva Pinheiro; Maria de Nazaré Carvalho da Silva; Dilce Pio Nascimento	130
O UNIVERSO LITERÁRIO DE ÁLVARO BOTELHO MAIA, NA OBRA <i>BANCO DE CANOA - CENAS DE RIOS E SERINGAIS DO AMAZONAS</i> Jussara Oliveira de Vasconcelos; Núbia Litaiff Moriz Schwamborn	130
<i>CATARINA EUFÊMIA</i>, DE SOPHIA ANDRESEN: POESIA INSUBIMSSA Kallel Alves Machado; Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira	131
FRAGMENTOS DE MEMÓRIA EM <i>VIAGEM</i>, DE CECÍLIA MEIRELES Karoline Alves Leite; Rita Barbosa de Oliveira	131
ESTUDOS SIMBOLISTAS: UMA INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE LITERATURA DE CRUZ E SOUSA, MÚSICA E ARTE” Katilane Castro Gomes; Manoel Domingos Castro Oliveira	132
A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO CONTO “AMOR”, DE CLARICE LISPECTOR Katrine Santos Dutra; Francisco Bezerra dos Santos; Dilce Pio Nascimento	132
O DEBATE SOBRE A ESCRAVIDÃO EM <i>ÓDIO DE RAÇA</i>, DE FRANCISCO GOMES DE AMORIM Kyssia Nunes de Oliveira; Veronica Prudente	133

	Página
A PRESENÇA DE FRANCISCO GOMES DE AMORIM NA AMAZÔNIA – CANTOS MATUTINOS	133
Leicyr Christiane Corrêa Roberto; Veronica Prudente Costa	
MARCAS DA AMAZÔNIA NAS NARRATIVAS DE FRANCISCO GOMES DE AMORIM	134
Mara Madalena da Silva Campos; Veronica Prudente	
INOCÊNCIA E PRECONCEITO EM ANÁLISE NO CONTO “AS MÃOS DOS PRETOS”	134
Marcela Nascimento; Veronica Prudente	
UM BREVE ESTUDO SOBRE O RISO E SEU PAPEL NA POESIA DE BOCAGE	134
Marcelo Henrique de Oliveira; Carlos Renato Rosário de Jesus	
GLOSSÁRIO DOS COMPOSITORES DE TOADAS DOS BOIS BUMBÁS DE PARINTINS: DÉCADA DE 90.	135
Marconde Maia Cruz; Maria Celeste de Souza Cardoso	
A SÁTIRA DECANTADA NAS ENTRELINHAS DAS TOADAS DE DESAFIO DO BOI BUMBÁ DE PARINTINS	135
Marcos Antonio Lima Costa; Maria Celeste de Souza Cardoso	
ESTUDOS SOBRE A MUHURAIDA E SUAS RAÍZES CLÁSSICAS	136
Maria de Nazaré Carvalho da Silva; Weberson Fernandes Grizoste	
A LITERATURA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM NA EJA (EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS)	136
Maria José Gomes Simão; Rita de Cássia Eutrópio Mendonça Bezerra	
AS TRANSFIGURAÇÕES ÉTNICAS TRIBAIS DOS ÍNDIS MINDURUCUS NA OBRA “OS SELVAGENS”: DA ORIGEM À PACIFICAÇÃO	137
Mariana Dos Santos Dias; Franciane Rodrigues de Souza; Dilce Pio Nascimento	
LEITURA LITERÁRIA: ALBERTO CAEIRO, MANOEL DE BARROS E O SABER COM SABOR	137
Marina de Lima Braga Penha; Gisela Maria de Lima Braga Penha	
RILKEANA E A NEO-PENÉLOPE, DE ANA HATHERLY: DIÁLOGO COM FREUD	138
Matthews Carvalho Rocha Cirne; Rita Barbosa de Oliveira	
SOCIEDADE, CULTURA E POLÍTICA NAS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	138
Mayara Satiro; Manoel Domingos Castro Oliveira	
IDENTIDADE PARINTINENSE PRESENTE NA LITERATURA A PARTIR DA ANÁLISE DOS CONTOS: “CREPÚSCULO PARINTINTIN” E “MEMÓRIAS DA ILHA TUPINAMBARANA”	138
Miriam da Silva Pinheiro; Gleidys Meyre da Silva Maia	
ASPECTOS MEDIEVAIS COM BASE NOS ESTUDOS RESIDUALISTAS	139
Monike Rabelo da Silva; Cássia Maria Bezzerra do Nascimento	
DE ATO EM ATO: UMA NOVA PROPOSTA COM O ROTEIRO TEATRAL	139
Nadiane da Silva Santos; Rita de Cássia E. M. Bezerra	
A PERCEPÇÃO ACERCA DA MORTE NA POESIA DE FLORBELA ESPANCA	140
Nathalie Anne Conceição de Barros; Otávio Rios	
CIBERCULTURA EM NOME, DE ARNALDO ANTUNES	140
Páscoa Maria Pereira Duarte; Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira	
O DESAFIO DE INCENTIVAR A LEITURA ATRAVÉS DA CONTEXTUALIZAÇÃO DE OBRAS CLÁSSICAS	141
Patrícia Helena Pantoja Soares; Giselle Guimarães Lima; Maria Celeste de Souza Cardoso	
A HISTÓRIA DA ILUSTRAÇÃO NOS TEXTOS/LIVROS DIRECIONADOS A CRIANÇAS E JOVENS NO AMAZONAS	141
Raimunda Thamires Moura Maquiné; Renata Beatriz B. Rolon	
LITERATURA E HISTÓRIA NA OBRA O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS DE JOSÉ SARAMAGO	141
Raíza Brustolin de Oliveira	
IMAGENS CONTRASTIVAS DA BIOGRAFIA DE FLORBELA ESPANCA NA CRÍTICA LITERÁRIA E NO CINEMA	142
Raquel Karina Cardoso de Souza; Otavio Rios Portela	

	Página
“DE TRAPEIROS E VENCIDOS”: PROLETÁRIOS NA POESIA DE CESÁRIO VERDE E NA PINTURA DOS FINAIS DO SÉCULO XIX Rayza Santos do Nascimento; Otávio Rios	143
O GRANDE “ESPETÁCULO DO MUNDO”: ENTRE O OLHAR A VIDA E O VIVER O AMOR NA EFABULAÇÃO DAS PERSONAGENS EM <i>O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS</i>, DE JOSÉ SARAMAGO Renan Riggo	143
GUERREIROS INDÍGENAS: RESISTÊNCIA E DISCURSO COLONIAL EM A SELVA, DE FERREIRA DE CASTRO Rodrigo Anderson Machado Cavalcante; Joanna da Silva	144
UM CÃO QUE SONHA, DE AGUSTINA BESSA-LUÍS: MEMÓRIA, HISTÓRIA E ENIGMA Rodrigo Valverde Denubila	144
UM ESTUDO SOBRE A FATALIDADE PRESENTE EM “AGAMÉMNON” E NO POEMA “TRAGÉDIA BRASILEIRA”, DE MANUEL BANDEIRA Rosemara Arival de Souza; Socorro Viana de Almeida	145
A LEITURA E A PRODUÇÃO DE TEXTOS ATRAVÉS DA LITERATURA POPULAR NA SALA DE AULA Ruth Fonseca Abecassis; Francisco Bezerra dos Santos	145
ACESSIBILIDADE NAS ESCOLAS ESTADUAIS NO MUNICÍPIO DE TEFÉ AMAZONAS Rutiane Alves Nogueira; Monica Dias de Araújo	146
O PROCESSO DE INCLUSÃO NAS ESCOLAS ESTADUAIS NO MUNICÍPIO DE TEFÉ AMAZONAS Samara Azevedo da Costa; Monica Dias de Araújo	146
OS GÊNEROS TEXTUAIS NAS ATIVIDADES PRÁTICAS DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS Solange Lopes Barbosa Brandão; Maria Celeste de Souza Cardoso	147
ENSINO DE LITERATURA: UMA PERSPECTIVA DIALÓGICA ENTRE O CONTEMPORÂNEO E O CLÁSSICO Stefany Silva do Nascimento; Gisela Maria de Lima Braga Penha	147
FLUXO DE CONSCIÊNCIA E EPIFANIA: A DENÚNCIA SOCIAL PRESENTE NO DISCURSO DO NARRADOR Tobias Pinheiro de Matos; Dilce Pio Nascimento	148
ENRAIZADOS EM CAMÕES: AS MÚLTIPLAS FORMAS DE TRANSFORMAÇÃO DO AMADOR NA COISA AMADA Vanessa da Silva Pereira; Gisela Maria de Lima Braga Penha	149
O MEMORIALISMO COMO ESTRATÉGIA DE NARRAÇÃO EM <i>RELATO DE UM CERTO ORIENTE</i> Werick Araujo Moraes; Dilce Pio Nascimento	149
DIÁLOGOS ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA NA OBRA <i>OS SELVAGENS</i>, DE FRANCISCO GOMES DE AMORIM. Wilkins Batista Barbosa; Veronica Prudente	149

Mesas Plenárias e Comunicações Orais

FIGURAÇÃO DAS MARGENS EM *MAINA MENDES* DE MARIA VELHO DA COSTA

Adília Martins de Carvalho (Universidade do Porto)

Este estudo pretende analisar como as personagens femininas do romance de Maria Velho da Costa, *Maina Mendes* (1969), se movem em espaços físicos, sociais e intelectuais que se revelam marginais. A marginalidade é aqui considerada nos seus diversos sentidos, quer de local oposto a um centro – periferia à qual o ser feminino foi condenado/reenviado/limitado, (in)voluntariamente durante séculos – quer no de comportamento de “revolta”, que assume por vezes uma forma reativa ao gesto de exclusão de que é vítima, quer ainda no sentido que lhe foi dado por Julia Kristeva, de “refúgio do prazer”, zona de possibilidade de uma “transcendência laicizada”. A presente abordagem considera as margens como lugares periféricos – produtores de alteridade e de diferença – tradicionalmente desvalorizadas pelos costumes e normas predominantes no meio social. A focalização das margens povoadas pelas personagens femininas de *Maina Mendes* pretende revelar, neste estudo, zonas de um imaginário alternativo que torna a diferença uma fonte positiva de valores. Os arquétipos da Amazona, da Feiticeira e da Louca revistos em *Maina Mendes*, contribuem também para uma leitura da personagem que dá o nome ao romance enquanto habitante da margem, da periferia, quer da natureza selvagem quer do asilo psiquiátrico. As múltiplas formas de transgressão operadas por Maina Mendes parecem tender para um projeto de ruptura com a ordem social e simbólica dominante – central – não com a mera intenção de destruir a relação de força instaurada, mas de a desconstruir com o objetivo de desestabilizar as hierarquias e apontar para uma abordagem do real que transcenda uma lógica binária e um pensamento dualista, constituindo-se assim como uma proposta pluralista e polissémica do processo significacional.

UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA: IDENTIDADE, ENTRE-LUGAR E INDECIDÍVEL

Adriana Albano (UERR)

Este trabalho pretende estudar a complexa construção da identidade no livro *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* de Mía Couto. O objetivo desse estudo é pensar as complexas formações da identidade cultural da nação moçambicana pós-colonial por meio da narrativa literária de Mía Couto (2003). Importa aqui, menos criticar o texto do que elucidar o mecanismo de funcionamento da construção da subjetividade por meio da narrativa ficcional, do entre-lugar, do indecível que esta coloca. Observaremos como esta escrita negocia conceitos da tradição e da contemporaneidade em estreita relação com a noção de entre-lugar de Homi Bhabha (2001) no livro *O local da cultura* e com a ideia de indecível de Jacques Derrida ao longo de sua obra. A partir da intervenção de temporalidades presente na construção da narrativa de Mía Couto (2003) – a articulação do passado com o presente, rearticula também as identidades dos personagens – propomos um olhar sobre o constante deslocamento das relações sociais/familiares como modo de redescrever o ir e vir que constitui a construção da comunidade. O movimento indecível temporal possibilita que as identidades não sejam

representadas de modo já autenticado e fixo. O que ocorre na tentativa de não hierarquizar a diferença, mas sim reproduzi-la, descentralizá-la, re-marcando as margens e produzindo a identidade-em-diferença como condição de existência da comunidade moderna.

O JANTAR DO BISPO – PERCURSO DO MARAVILHOSO

Adriana Maciel Antonaccio (UFAM)

Primordialmente poeta, politicamente engajada, criticamente mordaz. Essa tríade reflete alguns aspectos presentes no comportamento de Sophia Andresen, autora de *Contos exemplares*. Apesar de a prosa não ser o espaço primordial da criação de Andresen, é nela que concentraremos esta pesquisa, pois a autora utiliza-a para denunciar o desejo de poder exercido pelos mais abastados através da literatura fantástica. Nesse caminho, este trabalho apresenta uma leitura do conto O jantar do Bispo, analisando os aspectos concernentes ao modo fantástico que permeiam a narrativa, além de seu caráter notadamente maniqueísta. Ao longo do texto, há um narrador onisciente minucioso, que retrata o espaço e as cenas ocorridas na trama, dividida em três momentos, de forma a preparar o leitor para os acontecimentos insólitos que colocarão em evidência as vertentes do bem e do mal. Assim, a autora tece um conto cujo desenrolar envolve mistérios de aparecimento e sumiço de personagens, sombras vistas apenas por uma criança e objetos que desaparecem. Para elucidar este estudo serão trazidos à baila pesquisadores como Tzvetan Todorov, Irène Bessière, Remo Ceserani, Irleamar Chiampi, além de Michel Foucault, André Jolles. Estes autores auxiliarão na compreensão de alguns aspectos como: as nuances fantásticas, a crítica às relações de poder e à religião como um jogo de interesses.

LIÇÕES DE AFETO E PAISAGEM NA POESIA DE JORGE DE SENA

Alessandro Barnabé Ferreira Santos (USP)

Jorge de Sena publica em 1969 *Peregrinatio Ad Loca Infecta*, obra poética fortemente marcada pela circunstância do afastamento da Terra natal. O próprio poeta nos diz, no prefácio que redige à sua obra “peregrina” em maio de 1969, em Madison (EUA), e nomeia “Isto não é um prefácio” – e, de fato, aparece muito mais como um texto explicativo, ou uma chave de leitura para sua poesia – que “Toda a poesia é circunstancial; e a específica circunstancialidade dela será precisamente o que contribui para a particular unidade desta *Peregrinatio* [...]”. Não só viveria Sena o afastamento físico de Portugal, no período da ditadura salazarista quando ele parte com a família para o Brasil (1959-65), como também reviveria este mesmo drama ao ter de se exilar nos Estados Unidos (1965-69), quando o Brasil também é vitimado com o levante de uma ditadura militar. Nesta perspectiva da circunstancialidade, *Peregrinatio* é o “diário poético” de onde emana uma poesia muito consciente do contexto que cerca sua produção: uma poesia que apresenta uma concepção de *paisagem* muito diferente da noção clássica, entendida como espaço a ser visto e contemplado, e que tem em seu processo formativo uma forte tensão entre afeto/desafeto, esperança/desesperança diante das circunstâncias que a servem como base temática. Desse modo, este trabalho investiga tais tensões na poesia de exílio de Sena, bem como investiga a concepção de *paisagem* na poética seniana, esta que se apresenta como poética do *testemunho*. Para tanto, recorreremos aos estudos de Dardel (2011) e Tuan (2012; 2013), nomes fundamentais para se pensar os estudos geográficos na contemporaneidade.

SÃO PROIBIDAS AS FLORES ARTIFICIAIS: NOTAS SOBRE O QUE MORRE E O QUE VIVE EM FILIPA MELO

Alessandra Leila Borges Gomes (UESF)

Abordagem da complexa relação entre o que vive e o que morre no romance *Este é o meu corpo*, da escritora luso-angolana Filipa Melo. Lançado em Portugal em 2001, mas só publicado no Brasil em 2004, o romance traz fragmentos de diversas histórias que emergem a partir de um acontecimento-chave: o corpo desfigurado de uma mulher é encontrado numa estrada. Esse fato serve de ligação entre os vários narradores apresentados no livro, que vão desafiando para o leitor suas impressões, rotinas, crenças e toda uma subjetividade diante não apenas da morte, mas da violência das rupturas dentro da nossa condição de humanos. O trabalho minucioso do médico legista, um dos narradores mais presentes no romance, expõe a agudeza da relação entre aquilo que é vivo e aquilo que perece: enquanto seu bisturi devassa o corpo sem vida da mulher, a fim de realizar a autópsia, revelando a causa de sua morte violenta, os olhos do médico reagrupa detalhes colhidos pela análise das unhas, dos dentes, dos cabelos, dos tecidos, do sangue, das vísceras, dos órgãos, nos fazendo conhecer manias, hábitos e tudo mais que permeia uma vida humana. Assim, paradoxalmente, a moça morta está a nos dizer muito a respeito daquilo que não esmorece, tampouco se cala, em nosso corpo. *Os mortos falam?*, pergunta um dos personagens. *Dentro do corpo, encerramos várias, múltiplas dimensões do mesmo "eu"*, responde o legista à página 88. Para nos auxiliar nessa travessia onde *as flores artificiais são proibidas* (anúncio que figura no cemitério onde a jovem assassinada será enterrada), contamos com os conceitos de literatura e experiência da morte de Maurice Blanchot, e as posteriores análises feitas por Michel Foucault acerca dessa temática.

A (DES) CONSTRUÇÃO DA MASCULINIDADE NA FICÇÃO AFRICANA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Alex Santana França (UFBA)

Nos últimos anos, a masculinidade vem sendo um dos temas favoritos dos Estudos Culturais, o que tem confirmado a existência de uma verdadeira crise no homem contemporâneo. Historicamente, a definição de masculino se dá em oposição ao feminino, isto é, o que é do masculino é concebido como aquilo tudo que não pode ser do feminino. Através de ritos, regras e limites, instituições sociais, como a família, a escola, a comunidade, determinam comportamentos diferentes para homem e mulher. Entretanto, a partir dos movimentos de liberação de minorias, como os feministas, estudos e pesquisas sobre sexualidade se multiplicaram. Consequentemente, com esses movimentos, o masculino, baseado nesse modelo de oposição, sofre abalos na sua estrutura. Pretende-se neste trabalho propor uma discussão sobre esta questão com base em textos de escritores angolanos e moçambicanos, como Fragata de Moraes e Mia Couto. O escritor moçambicano Mia Couto, por exemplo, possibilita esse debate através do conto “Os machos lacrimosos”, publicado em *O fio das missangas*, em 2003 e do romance *O último voo do flamingo*, publicado no ano 2000. As primeiras conclusões comprovam que a construção da masculinidade está ainda associada a um conjunto de ideias e práticas que identificam essa identidade à virilidade, à força e aos poderes advindos da própria constituição biológica sexual. Ser homem, culturalmente, por exemplo, é não ter medo, não chorar, não demonstrar sentimentos, arriscar-se diante do perigo, demonstrar coragem, ser ativo. Apesar de a masculinidade ser comumente reconhecida socialmente com facilidade, mudanças nas sociedades atuais e as produções literárias contemporâneas tem colocado em

discussão esse processo de normatização e é isso que pretende ser discutido e ilustrado a partir dos textos selecionados.

PRESENÇA DE CONTOS PORTUGUESES NA *BELÉM OITOCENTISTA*

Almir Pantoja Rodrigues (UFPA)

Germana Maria Araújo Sales (Orientadora/UFPA)

A presente comunicação visa apresentar a presença da literatura portuguesa em Belém do Pará por meio da publicação de textos em prosa de ficção presentes em jornais, da segunda metade do século XIX. O corpus dessa pesquisa compreende manifestações literárias publicados entre os anos 1800-1900 e recupera a história cultural a partir desse período, fato que oportuniza propor a criação de uma cartografia literária dos textos lusos na Belém oitocentista, considerando as relações Brasileiras e Portuguesas no período. A pesquisa compreende os periódicos noticiosos *A Província do Pará*, *O Diário do Gram Pará*, *Diário de Belém*, *Jornal do Pará*, *Gazeta Oficial*, e para essa comunicação observaremos a circulação de contos portugueses no jornal *A Província do Pará*, entre 1877 e 1892. Dessa forma, conheceremos mais a respeito das leituras que deleitavam os leitores belenenses da segunda metade do século XIX.

A MEMÓRIA DO CALDEIRÃO DO BEATO JOSÉ LOURENÇO RESSIGNIFICADA PELA LITERATURA DE CORDEL

Ana Cláudia Veras Santos (UFC)

Propomos uma análise comparativa da literatura de cordel sobre o Caldeirão, a partir do cotejo de obras cujos discursos evocam a memória do fenômeno que foi em sua época combatida e silenciada. A primazia é dada ao discurso do narrador que constrói uma nova memória acerca do Caldeirão, rompendo com o silêncio de quatro décadas, rimando a história que alcança outro patamar, já não é alvo de combate, e sim exemplo a ser seguido, conforme observamos nos versos dessa literatura herdeira de uma tradição, cuja escrita se dava para propagar acontecimentos, a fim de assegurar-lhes o direito de serem conhecidos pelo povo. O resultado da junção dessa literatura sobre o Caldeirão é o chamado *efeito de real* proposto por Barthes (1972) e Compagnon (1999), quando as narrativas desenvolvidas nesses cordéis se realizam com vistas a legitimarem suas versões sobre o fenômeno. De modo que a literatura de cordel precedente influenciaria a seguinte. Dessa forma, comparamos nesses cordéis aspectos de como o poeta verbalizou os fatos referentes ao episódio ocorrido no sertão cearense nos idos de 1938, ao trazer à tona os desdobramentos da guerra das elites contra o povo que vivia nas terras do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, sob a acusação de que ali se praticava comunismo. O Caldeirão seria uma segunda Canudos se não fosse desarticulado e tivesse preso seu líder, o beato José Lourenço. A culminância decorrente da intolerância da sociedade cearense foi de centenas de desterritorializados, mortes e destruição de projetos de vida, segundo consta nas narrativas apreciadas, que os poetas aqui em reflexão realizaram, transformando em rima o trágico que ali se observou. O cotejo entre os pontos de vista desses poetas é associado ao nascer de um grupo de poetas interessados em fazer vibrar a memória combativa do Caldeirão na literatura de cordel.

ASSIM SE FAZ UMA ESCRITORA - MARIA AMÁLIA ESTREIA NOS SALÕES LITERÁRIOS DE ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO: CORRESPONDÊNCIA ENTRE A. F. DE CASTILHO E MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Ana Cristina Comandulli (UNIRIO-RGPL)

Maria Amália Vaz de Carvalho (1847 – 1921) era uma jovem de 19 anos quando apresentou seus versos pela primeira vez em um sarau na casa do escritor António Feliciano de Castilho (1800 – 1875). Encantado com a sensibilidade e força poética da jovem, Castilho, que sempre foi incentivador das mulheres, passou a motivar e a nortear os caminhos literários de Maria Amália. A amizade entre os dois levou-os a estabelecer uma correspondência estreita, nas quais podemos observar as críticas e orientações que Castilho fez à obra de Maria Amália, passando essa a chamá-lo de “Meu Mestre”. Castilho foi um propulsor da carreira de Maria Amália tanto em Portugal quanto no Brasil. Os dois amigos e escritores ficaram esquecidos no tempo e com escassa fortuna crítica. O que se pretende nesta comunicação é discutir algumas estratégias de criação, publicação e divulgação utilizadas por escritoras portuguesas no século XIX a partir da correspondência entre Maria Amália Vaz de Carvalho e António Feliciano de Castilho. A importância da análise epistolar parte do conceito de Gérard Genette de epítexto público, ou seja, “est építexe tout élément paratextuel que ne se trouve pas matériellement anexe au texte dans le même volume, mais qui circule en quelque sorte à l’air libre, dans une espace physique et social virtuellement illimité”. A utilização desses paratextos foi a forma encontrada para estudar a vida de dois escritores com pouquíssima fortuna crítica, além de esquecidos na história da literatura portuguesa.

O PÓS-COLONIALISMO EM *BOA TARDE ÀS COISAS AQUI EM BAIXO*: HISTÓRIA, MEMÓRIA E FICÇÃO NA NARRATIVA DE LOBO ANTUNES

Ana Maria Vieira Silva (UFOPA)

António Lobo Antunes tem se destacado no cenário literário internacional, principalmente nos países de Língua Portuguesa, por sua escrita singular, que se distingue por desconstruir a própria lógica do discurso, tornando a sua narrativa um amontoado de fragmentos que precisam ser reunidos pouco a pouco para se obter algum sentido. É como um grande quebra-cabeça em construção, que nunca se completa, pois que algumas peças não se encaixam nunca, estão soltas e sem nenhuma ligação com as demais. O romance *Boa tarde às coisas aqui em Baixo*, de autoria desse escritor português, é uma obra que traz a representação de um período específico da sociedade angolana: o do pós-colonial, período que sucedeu ao momento de independência de Angola em relação a Portugal. Trata-se de um período de muitos conflitos e lutas civis internas motivados pela conquista do poder central, o que resultou num país mergulhado num caos, sem governabilidade. Na ficção, esse estado de anomia generalizada manifestada nesse país africano está representado nos recursos estilísticos que configuram o plurilinguismo, na estrutura narrativa fragmentada, na linguagem lacunar e onomatopáica presentes nos relatos de memória e testemunho das personagens desajustadas moral e psicologicamente pelos acontecimentos traumáticos da guerra. São esses aspectos que serão observados na análise proposta por este trabalho, que pretende verificar qual a relação desses componentes da narrativa ficcional com o contexto sócio-político-cultural de Angola. A análise que se pretende fazer deverá discutir essas questões com base nas pesquisas de vários estudiosos sobre o Pós-Colonialismo e sua relação com a história, a memória e a ficção narrativa.

CONTOS DE FADA MODERNOS

Ana Selma Martins de Oliveira (SEDUC)

O presente trabalho tem a intenção de apresentar a produção literária, como amostra da capacidade e potencialidade de nossos estudantes da rede pública de ensino, do curso fundamental, da Escola Estadual Frei André da Costa, situada no município de Tefé-Amazonas- Brasil. O Brasil precisa formar novos leitores, com o advento da tecnologia, são poucos os adolescentes que destinam tempo a essa prática, por isso percebo que há a necessidade de inserirmos essa disciplina desde as séries iniciais. Sendo assim, trabalhei com a turma de 8º ano a leitura de um paradidático por bimestre e o fichamento deste em sala, para uns era um deleite para outros enfadonho. Quando estudamos o gênero textual contos de fada e suas características surgiu o interesse em trazer para a contemporaneidade esses textos, considerados clássicos mas pouco atrativos para essa faixa etária, proposta essa bem aceita pela turma. Elaborei o projeto no qual seguimos a seguinte sequência didática: Fazíamos a leitura dos contos de fada. Os alunos escolhiam o que mais lhes parecia interessante. Em dupla iniciávamos a releitura. Passamos para a fase da escrita, neste momento contamos com a ajuda dos universitários da UEA que participam do PIBID. Depois fizemos a reescrita cujo processo é feito em conjunto com o aluno até chegar à produção final. A última parte foi sobretudo gratificante para ambos, pois agora é o aluno que produz a literatura. Fiz-lhes a proposta de transformarmos esses contos em livro, que foi recebida com muita empolgação, pois é um incentivo na sua caminhada de leitor e escritor.

A ADAPTAÇÃO DE *DOIS IRMÃOS*, DE MILTON HATOUM, NOS QUADRINHOS DE FÁBIO MOON E GABRIEL BÁ

Anay Cardoso Miranda (UFAM)

O presente estudo trata da adaptação realizada por Fábio Moon (1976-) e Gabriel Bá (1976 -) do romance do escritor amazonense Milton Hatoum (1952 -) *Dois Irmãos*. Publicado em 2000, *Dois Irmãos* marcou o retorno de Milton Hatoum à produção literária. A narração do dramafamiliar vivido por Yaqub e Omar, com ambientação na cidade de Manaus, é não linear e realizada por Nael, filho de um dos gêmeos, protagonistas do romance. A adaptação do romance, publicada em 2015, evidencia um projeto da Pós-modernidade de comunicação, leitura e adaptação entre linguagens diferentes e confronta aspectos da subjetividade que tratam do postulado da produção artística que foi interpretada desde os textos épicos até as manifestações artísticas no século XXI. Nesse percurso teórico encontram-se o melodrama e representação estética que cooperam para o tratamento dos elementos narrativos, tanto em um objeto artístico, quanto em outro – romance e adaptação em quadrinhos. O estudo é resultado de um trabalho de reflexão crítica sobre como a transposição de gêneros passou a fazer parte da produção artística na pós-modernidade e inscreve-se em um projeto maior de ampliação dos campos de leitura, não mais, apenas, da literatura, mas da representação que a literatura abarca para a produção de um objeto novo e a ela relacionado. Para esse estudo, foram considerados os trabalhos de Ismail Xavier, no que trata do melodrama; de Terry Eagleton, quanto à tragédia e à modernidade; a reificação e a utopia, segundo Frederic Jameson; os meios de representação, segundo Györgys Lukács; a teoria da adaptação, para Linda Hutcheon.

ENTRE MITOS E RITOS, A RECRIAÇÃO DA TRADIÇÃO NO ROMANCE “A CONFISSÃO DA LEOA”, DE MIA COUTO

Anderson de Souza Frasão (UFS)

As literaturas africanas de língua portuguesa são marcadas por uma complexa rede de relações que vão desde os intertextos com a tradição oral até os contatos com as literaturas europeias, as latino-americanas e as africanas em outras línguas (LEITE, 2012). Buscam a identidade como forma de re-conhecimento do ser africano que, de igual maneira, é marcado pelos contatos com outras culturas. Trata-se, na verdade, de um universo híbrido que evidencia tensões e alcança outros níveis, como histórico, cultural, social, todos eles potencializados nos textos literários, garantindo compreender os mecanismos que operam entre a literatura e a sociedade. Da generalização para o específico, o universo ficcional em Moçambique, nos diz Francisco Noa (2008, p. 44), “é, entre outros aspectos, a conciliação ou a confrontação de múltiplas ordens e dimensões”, dentre elas “o tradicional e o moderno, o passado e o presente, o interdito e o permitido, o rural e o urbano, [...] a vida e a morte”. Ao representar esses confrontos, com vistas a transcender as relações binárias, o escritor moçambicano Mia Couto demonstra em grande parte de suas narrativas que a tradição ainda faz parte da vida de seu povo, sendo elemento fundamental na trajetória de suas personagens. Discutir como as personagens do romance “A confissão da leoa” (2012) se colocam entre a preservação e a transitoriedade de suas culturas, sob a referência dos modelos culturais estrangeiros e dos processos de globalização, é o objetivo deste trabalho, na perspectiva de perceber como os mitos e ritos, assim como o animismo e o evemerismo, características aparentemente existentes apenas em “sociedades primitivas” povoam os limites da racionalidade “moderna”. O presente trabalho é fruto de pesquisa de mestrado, que vem sendo realizada junto a UFS, sob o título “A tradição oral no romance ‘A confissão da leoa’, de Mia Couto”.

E SE O MEU NOME FOR VALESCA? FUNK CARIOCA EM O MEU NOME É LEGIÃO, DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES.

André Corrêa de Sá (UFSCar)

Nesta comunicação tentarei responder à seguinte pergunta – como organizar um dueto entre *O Meu Nome é Legião*, romance do escritor português António Lobo Antunes, e o funk de Valesca Popozuda? O método será essencialmente comparatista e traz à colação, entre muitos outros, os conceitos de íntimo, comunidade e função terapêutica do discurso.

A IRONIA É MAS NÃO PARECE: JOÃO MELO ESPELHANDO MACHADO DE ASSIS

André Salviano (UFRJ)

O presente trabalho se propõe a discutir as afinidades existentes entre a ironia de João Melo no conto “Ngola Kiluanje”, que faz parte do seu livro de contos *Filhos da Pátria* (2001), e a ironia presente no conto “O Espelho”, de Machado de Assis, contido no livro *Papéis Avulsos* (1882). Nesses dois contos encontram-se também princípios sobre a discussão filosófica entre o ser e o parecer inerentes à alma humana, e sobre a questão identidade versus cor da pele; esta última presente no primeiro conto. João Melo, escritor angolano nascido em 1955, estreia em 1985

com um livro de poesia intitulado “Definição”, e tem em “Imitação de Sartre e Simone de Beauvoir” seu primeiro livro de contos, publicado em 1999. No livro *Filhos da Pátria*, João Melo traça um panorama da condição angolana pós-independência, e através de seus contos mostra metonimicamente a realidade de um país cheio de contradições e que tenta, por caminhos tortos, se tornar uma nação. No conto estudado aqui, “Ngola Kiluanje”, o uso de um narrador-personagem se contrapondo ao narrador-autor, recurso empregado por Machado em diversas de suas obras incluindo “O Espelho”, ajuda a contextualizar o leitor pela “encruzilhada de civilizações e culturas”, expressão utilizada pelo poeta Agostinho Neto, um dos mais destacados intelectuais angolanos. Em relação ao aporte teórico serão utilizados textos que tratam da ironia, do riso e das questões de identidade e alteridade ligadas ao processo colonial africano.

AS CIDADES E OS SEUS MISTÉRIOS – FORMAS IMPORTADAS, AJUSTES LOCAIS

Andreia Alves Monteiro de Castro (UERJ)

A proposta desta comunicação é analisar em perspectiva comparada os registros do processo de modernização das cidades ocidentais na literatura do século XIX e início do XX. Ao realizar tal apreciação, pretende-se demonstrar como certos escritores, ao representarem tamanhas transformações, convidavam os seus leitores a refletirem sobre esses acontecimentos. Essas transformações políticas, econômicas e sociais são retratadas, examinadas e criticadas, de maneira singular, nas obras *Les Mystères de Paris* (1843), de Eugène Sue, *Mistérios de Lisboa* (1854), de Camilo Castelo Branco e *Mistérios do Porto* (1890-1891), de Gervásio Lobato. Todas destinadas a desvendar, pelos caminhos da ficção, a realidade sobre a vida em suas cidades título, modernas ou em modernização.

TERRA CAÍDA: A REPRESENTAÇÃO DO SER FEMININO SUBJULGADO ÀS CONDIÇÕES IMPOSTAS PELO CICLO DA BORRACHA NA AMAZÔNIA

Andreia da Silva M. Rufatto (UFAM)
Joanna da Silva (UFAM)

Os dois primeiros períodos de exploração das riquezas naturais na Amazônia foram marcados pela extração do cacau durante o período colonial e posteriormente pela extração da borracha, ambos causadores de sérios “distúrbios sociais” na região. Tomando como temática o período de exploração da goma elástica na Amazônia, contextualizado no final do século XIX e início do século XX, este trabalho busca apresentar uma análise das condições socioeconômicas às quais os trabalhadores eram submetidos nos seringais sediados no interior da floresta, em sua maioria nordestinos que fugiam da forte seca que assolava sua terra natal e buscavam fazer fortuna na “nova terra”. Dentre as péssimas condições de vida que lhe eram impostas no interior dos seringais, podemos destacar o isolamento, a falta de condições básicas, como moradia, boa alimentação, assistência médica, ausência feminina, entre outros. Sendo esta última, inclusive, o mote principal de nossa análise, uma vez que o presente estudo tem como objetivo principal analisar a condição imposta ao ser feminino presente na obra *Terra caída*, do autor acreano José Potyguara Frota e Silva. Neste sentido, buscamos através desta análise evidenciar como a ausência feminina se faz representar nesta obra como fator encadeador de disputas e gerador de atitudes violentas por partes daqueles homens que viviam no isolamento da floresta. Para tanto, nos apoiamos em teóricos que versam sobre questões históricas na Amazônia, como Souza

(1994), Gondim (2009), Cunha (1999), além de nos situarmos também no âmbito da crítica feminista e das relações de gênero embasados em autores como Beauvoir (1980), Costa (2005), Lorde (1994), Spivak (1988), entre outros, que nos possibilitarão uma fundamentação teórica capaz de subsidiar a discussão acerca da condição e representação feminina presente no romance de José Potyguara, aqui tomado como objeto de análise.

RECRIAÇÕES DE BRANCA DIAS: MEMÓRIA SOCIAL NA CONSTRUÇÃO LITERÁRIA

Angelo Adriano Faria de Assis (UFV)

Em 1591, chegaria ao Brasil a primeira visitação do Tribunal do Santo Ofício da Inquisição, que percorreria por quatro anos as capit nias de Pernambuco, Bahia, Itamaracá e Paraíba em busca de indivíduos suspeitos de praticar comportamentos considerados ameaça à pureza do catolicismo. Uma das principais acusadas seria Branca Dias, matriarca da Família Fernandes, que viera com o marido, Diogo Fernandes, de Viana do Castela, norte de Portugal, após já ter sido denunciada pela mãe e irmã e processada pelo Santo Ofício. No Brasil, Branca seria responsável por uma escola de moças, ensinando-lhes o necessário para conseguirem um bom casamento. Muitas de suas ex-alunas a denunciariam ao Santo Ofício, embora Branca tivesse já falecido   época da visita o. Fora acusada, entre outras culpas, de manter ocultamente comportamentos judaicos e possuir em seu engenho uma sinagoga clandestina, repassando os ensinamentos hebraicos aos descendentes. A história de Branca Dias já foi tratada na literatura tanto do Brasil quanto de Portugal, por autores como Dias Gomes (*O Santo Inquérito*), Arnaldo Niskier (*Branca Dias: o martírio*) e Miguel Real (*Memórias de Branca Dias*). Nesse sentido, este trabalho pretende analisar como a personagem Branca Dias   recriada pela fic o e como os textos literários que dialogam com a História, independente do gênero, podem contribuir para a constru o da memória sobre a trajetória e os dramas vivenciados pela personagem que simbolizam, no fundo, o drama de uma época – amedrontada pela persegui o inquisitorial – e de um povo, o judeu, convertido   força ao catolicismo em Portugal em 1497, proibido de manter suas crenças e práticas, obrigado a renegar suas origens.

O ARQUÉTIPO DO H ROI EM *PERTO DO CORA O SELVAGEM*

Antonielle Menezes Souza (UFS)

O presente trabalho objetiva versar acerca da relevância literária da personagem Joana, apresentada na obra *Perto do cora o selvagem* (1943), de Clarice Lispector. Observamos que a literatura clariciana se incorporou a mimese centrada na consciência individual maneira de apreensão artística da realidade. A partir desse eixo mimético que   responsável pela fic o introspectiva dos romances e contos da Clarice Lispector, eixo preliminar e direcional de sua obra, onde posteriormente se acentuar  com uma sondagem interior transformando-se em um nível minúsculo, minucioso e muitas vezes microscópico originando um horizonte reflexivo. Para análise a obra utilizaremos a *Jornada do herói*, base para a orienta o de todos aqueles que estudam ou constroem histórias, sendo este um fio condutor comum onde estão interligadas. Paralelamente, desenvolveremos uma reflexão pelo viés da psicanálise junguiana a respeito dos arquétipos e do inconsciente coletivo que fundamentaram a inquieta e pulsante personagem

Joana dentro da narrativa ficcional. Nesta perspectiva do universo do imaginário coletivo estabeleceremos um diálogo entre o objeto de pesquisa e a problemática proposta, onde será possível vislumbrar o arquétipo do herói a fim compreender a trajetória da personagem dentro da narrativa ficcional. Desse modo, é possível verificar a significativa importância do estudo para o despertar consciente da psique e do seu conhecimento, que nos norteiam a interação em sociedade, e o seu retorno ao introspectivo por meio da purificação, renascimento promovendo evolução. As bases teóricas utilizadas como fundamentação auxiliar perpassarão pelo os estudos dos arquétipos por meio de Joseph Campbell e da literatura do psicanalista Carl Gustav Jung.

“O RÉU TADEU”, DE EÇA DE QUEIRÓS

Antonio Augusto Nery (UFPR)

Ao longo de sua carreira, Eça de Queirós (1845-1900) sempre se dedicou à escrita de contos, os quais vieram a lume em periódicos nacionais e estrangeiros. Somente após a morte do escritor os textos foram coligidos em volume, sendo que o primeiro, intitulado *Contos*, foi organizado e publicado por Luís de Magalhães em 1903, com data de 1902. Todavia, nem todos os contos produzidos pelo autor foram coligidos nas compilações iniciais, como a realizada por

Magalhães. Um desses textos é “O réu Tadeu”, publicado por Eça no jornal *O distrito de Évora*, durante o curto período de tempo em que foi editor e um dos principais escritores do periódico. Talvez por conta de não ter sido incluído nas primeiras coletâneas, o conto passou muitas vezes despercebido aos leitores da obra queriosana. Entre as explicações para a não inclusão do texto nesses volumes, pode estar o fato de que a ficção finda inconclusa, porém, como refere Marie-Hélène Piwnik, na introdução que faz à obra *Contos I* (2009), volume que integra as “Edições Críticas das obras de Eça de Queirós”, isso não prejudica a compreensão da história, pois o leitor naturalmente é conduzido a um desfecho. Para além de questões pertinentes às primeiras compilações das narrativas breves, e sabendo-se que “O réu Tadeu” passou a figurar em edições críticas mais atuais, é um tanto quanto incompreensível que esse conto seja ainda hoje um dos menos conhecidos de Eça de Queirós, sobretudo se considerarmos as diversas possibilidades de análises que ele suscita. O objetivo deste trabalho é refletir sobre tais possibilidades e em que medida o texto dialoga com outras obras produzidas pelo autor, considerando principalmente que Eça veiculou em seus contos diversos temas que foram desenvolvidos nos romances de modo mais amplo.

O NASCIMENTO DA HETERONÍMIA: PESSOA, ORPHEU, RESPONDIBILIDADE E AUTOCONSCIÊNCIA POÉTICA

Augusto Rodrigues Silva Junior (UnB/Universidade do Minho)
Ana Clara Magalhães de Medeiros (UnB)

Este trabalho objetiva analisar as estratégias editoriais da *Revista Orpheu* e suas relações com a criação, respondibilidade e heteronímia. A partir destes elementos editoriais e vitais, num exercício de crítica genética, a heteronímia torna-se um ato coletivo e não tão somente de Fernando Pessoa – uma vez que os componentes d’*Orpheu* também coparticipam do processo criativo, numa via de mão dupla e polifônica de um diálogo entre artes e artistas (e não só de um *drama em gente pessoano e pessoal*). Para a leitura deste processo de construção dialogal e dialógico, em que biografias de autores, artistas e heterônimos se cruzam, as epígrafes, dedicatórias, biografias e estilizações evocam os mais variados *vínculos genéticos*: a) entre “seres empíricos”, de carne e osso, o ortónimo e artistas, seus contemporâneos: ex. Pessoa e Carlos Franco; Sá-Carneiro e Santa Rita Pintor; b) epígrafes e dedicatórias de um ser imaginário para outro ser imaginário: ex. Violante de Cysneiros a Álvaro de Campos; c) de um ser imaginário para um ser empírico: ex. Campos a Sá-Carneiro; Violante de Cysneiros a Pessoa e Cortes-Rodrigues; d) de um ser empírico para uma *persona* imaginária – esta última, também.

LITERATURAS DE VIAGENS – LITERATURA, ANTROPOLOGIA E HISTÓRIA: CÂNONE, COLECIONISMO E CICATRIZES

Camila do Valle (UFRRJ-MAST-UEMA)

Quando em *Mimesis*, Eric Auerbach nos convida, logo no primeiro capítulo do seu livro, a olhar a cicatriz de Ulisses e, a partir dessa cicatriz, desenvolve um processo que envolve reconhecimento identitário e testemunho acerca da alteridade faz, do corpo de Ulisses, uma espécie de museu de uma grande novidade. Essa grande novidade é a notícia da volta dele e, junto a isso, a legitimidade de seu relato sobre o “outro”, aquele que vive longe e de forma diferente. (Os significados do que é longe e do que é diferente estão envolvidos nesse jogo que conforma a identidade de quem vê, lê, interpreta, ouve) No entanto, o acontecimento da volta não só altera o significado da identidade de Ulisses por estabelecer novas forças de relação, como, sendo Ulisses personagem grego da epopeia de Homero, literatura grega, e, portanto, matriz europeia, as narrativas dessa cicatriz fundam um processo de legitimação discursiva acerca da identidade do “outro”. As descrições de outros povos feitas por Homero, Virgílio e Camões entram, aqui, em comparação com a função das descrições do outro feito pela “Literatura de viagens” dos chamados “naturalistas”. Economia da identidade, estratégias e transgressões disciplinares: trata-se de uma batalha de significados e classificações para o contemporâneo e o pós-colonialismo.

LUIZA NETO JORGE E ALGUMAS QUESTÕES DA SOCIEDADE PORTUGUESA DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

Carolina Alves Ferreira de Abreu (UFAM)
Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira (UFAM)

Neste pôster apresenta-se o resultado parcial da pesquisa de iniciação científica sobre a configuração da poesia e da posição da poetisa na segunda metade do século XX diante da sociedade salazarista, por meio do livro *Corpo insurrecto e outros poemas*, de Luiza Neto Jorge; mais especificamente o poema “Sítio lido”, do grupo de poemas “Os Sítios Sitiados”.

Constituem os objetivos a discussão das ideias de Edward Said, em *Representações do Intelectual* e as de Norberto Bobbio, em *Os Intelectuais e o Poder*, sobre a função do intelectual no século XX. Complementou-se a pesquisa através de outros autores a respeito do mencionado tema; como também a inserção do livro de estudos organizados sobre Luiza Neto Jorge intitulado *Um corpo inenarrável e outras vozes*, de Ida Alves. Outro ponto é apresentar os questionamentos sociais e a proposta de transgressão no poema mencionado como uma crítica à ditadura no Estado Novo em Portugal. A pesquisa é bibliográfica e qualitativa, tendo por quadro teórico os livros já mencionados. Assim, o olhar para os excluídos, o “exílio intelectual”, assemelha-se ao do ser poetisa, diante de um ambiente sombrio e destruído em que está como um modo de se posicionar como agente impulsionador da mudança.

REPRESENTAÇÕES MEMORIALÍSTICAS E LITERÁRIAS EM A VIAGEM DO ELEFANTE, DE JOSÉ SARAMAGO (2008)

Cíntia de Vito Zollner (Unesp/Assis)

Na representação memorialística e histórica da ficção, José Saramago, em *A Viagem do elefante*, a partir dos significados do presente do Rei de Portugal D. João III, para o Arquiduque Austríaco Maximiliano II, Saramago, em uma viagem a Salzburg, na Áustria (Viena), decide escrever a obra *A viagem do elefante* quando, entrando em um restaurante chamado *O elefante* (Der elefant), na Áustria, observa representações e memórias do passado histórico, presente em imagens, vistas em pequenas esculturas de madeiras, que evidenciam o trajeto histórico do paquiderme; estes lhe são apresentados com maiores explicações significativas por sua companheira de mesa, Gilda. Na obra de Saramago, é o elefante Salomão que representa um

“bem do Estado” no contexto histórico de Portugal do século XVI (1469-1521). Em 1551, uma grande escolta para a viagem é organizada e segue o percurso de Lisboa, pela Espanha, desembarcando em Gênova, passando pelos Alpes do Tirol até a gloriosa entrada em Viena, na Áustria. Tal fato, de representatividade social e histórica da corte portuguesa refletiu-se em práticas culturais diversas. O trabalho pretende apresentar e analisar personagens e de fatos deste resgate histórico, reconstituídos ficcionalmente, pelo ‘ator narrador’, com requintes literários de ironia, paródias e metáforas com caráter de ‘verossimilhança’ por meio da luz crítica do discurso do oprimido, e que refletiram literária e criticamente, diversas contestações, diante de manipulações de poder.

MEMÓRIA E ESFACELAMENTO EM LOBO ANTUNES E MENDES FERRÍN

Cláudia Amorim (UERJ)

Este trabalho propõe-se a fazer uma leitura dos romances *Caminho como uma casa em chamas*, de António Lobo Antunes, e de *Retorno a Tagen Ata*, de Mendes Ferrín. Em ambos os romances, encontram-se as memórias de tempos sombrios, das experiências traumáticas, da opressão. Construídos sobre referências distintas, o que os assemelha são os dramas pessoais que emergem marcados pela memória fragmentada, fio condutor das narrativas. No romance de Antunes, as casas que figuram em muitos de seus romances também como espaços opressivos, são agora substituídas por modestos apartamentos, cujos moradores habitam a solidão do presente, enovelados pelas lembranças, ora traumáticas, ora denotadoras de um passado insignificante. Habitantes de um tempo sombrio, suas vidas esfrelam-se no presente à medida que envelhecem e, através da memória, cada um dos moradores remonta a diferentes momentos de sua vida, mormente da infância, enquanto a narrativa é entrecortada pelas impressões que têm da realidade circundante.

No romance de Ferrín, a personagem principal tem como imperativo deixar a colônia de exilados galegos em Buenos Aires e partir para Tagen Ata, a fim de encontrar um suposto chefe da ITA (Irmandades de Tagen Ata), organização clandestina contra o governo opressor. É uma referência ao franquismo. Assim que a personagem chega a Tagen Ata, ela sente, além do ar esquecido de sua terra, da qual só restavam as memórias, a atmosfera da repressão. Ao desembarcar, espera-na o exército de Terra Ancha, região vizinha que fiscalizava a entrada de pessoas, sobretudo para encontrar membros de organizações contra o governo imposto. Essas narrativas integram a pesquisa que desenvolvo no Instituto de Letras da UERJ, denominada “Sujeito, espaço e identidade nas literaturas portuguesa e galega”.

O CRÍTICO POETA E A POESIA CRÍTICA DE NUNO JÚDICE

Cláudia Coelho (UNEMAT)

A vasta produção poética de Nuno Júdice apresenta, em vários momentos, a visão crítica acerca do fazer poético, além de estabelecer diálogos com as outras artes. Júdice é um poeta crítico, mas também um crítico da poesia: ele cria e ao mesmo tempo questiona os mecanismos do processo criador. Nesse sentido, esse estudo analisa alguns textos poéticos das obras *A noção do poema* (1972), *Por dentro do fruto a chuva* (2004) e *A matéria do poema* (2008), em que tais processos metalinguísticos estão presentes. Em *A noção do poema*, Júdice analisa de perto o processo de escrita da poesia, que vai se delineando aos poucos à medida que o poeta exercita sua criatividade; em *Por dentro do fruto da chuva*, uma antologia de suas publicações anteriores, o poeta reúne alguns poemas em que se revela uma obstinada busca pela essência da poesia; e em *A matéria do poema*, o poeta demonstra que é com paciência e crítica (às vezes irônica) que a poesia consegue fazer o essencial permanecer, mesmo que dessa essência apenas o eco permaneça. Para o desenvolvimento do trabalho, serão utilizados como base os conceitos e posicionamentos críticos cristalizados nas obras ensaísticas do autor, dentre elas *O processopoético* (1992), *As Máscaras do Poema* (1998), *A viagem das palavras: estudo sobre poesia* (2005) e *O ABC da Crítica* (2010).

MISTÉRIOS DE LISBOA E COISAS ESPANTOSAS: ROMANCES CAMILIANOS NA BELÉM OITOCENTISTA

Cláudia Gizelle Teles Paiva (UFPA)

O autor lusitano Camilo Castelo Branco foi um escritor de intensa produção literária, suas inúmeras obras atendiam aos anseios de um público vasto, constituídos não apenas de leitores portugueses, mas também de paraenses. No Pará, os romances camilianos circularam tanto no rodapé das páginas dos jornais, nas colunas *Folhetim* e *Venda* quanto em formato livro, em espaços destinados à leitura, como as bibliotecas e os gabinetes de leitura. Observamos a esse respeito, que as obras *Mistérios de Lisboa* (1854) e *Coisas Espantosas* (1862), circularam em Belém, nos dois suportes supracitados: em folhetim e anúncios, no jornal *Diário do Gram-Pará*, periódico este no qual encontramos um considerável número de obras do escritor à venda e publicados na moda do “continua amanhã”, e em livros, na biblioteca do Grêmio Literário Português, gabinete implantado durante as grandes transformações culturais ocorridas no Brasil, no século XIX, que comporta, no acervo denominado *Camilianas*, diversas obras do autor português. Neste sentido, o presente trabalho objetiva trazer à baila a circulação destes romances no Pará do século XIX, para assim confirmar que as obras camilianas, alcançaram notoriedade também em terras brasileiras, mais precisamente em Belém do Pará, satisfazendo os leitores dos trópicos.

A “INQUIETANTE ESTRANHEZA” DO BAILE EM OS CANIBAIS

Cláudia Helena Daher (UFPR & Université Grenoble Alpes)

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma leitura do conto *Os Canibais* de Álvaro do Carvalho (1844-1868), tendo por ponto de partida a observação do imaginário do baile apresentado pela obra. Tradicionalmente, o baile remete a um espaço de divertimento e de alegria. Os bailes deste conto reforçam inicialmente os lugares-comuns relacionados a este imaginário: um lugar elegante e luxuoso, propício aos encontros e declarações de amor. No entanto, aquilo que parecia tão encantador durante o baile revela-se ilusório quando a festa termina. O conto acaba de maneira trágica, quando os personagens descobrem, na intimidade, como são os seus cônjuges atrás das aparências. O encanto criado por ocasião do baile desfaz-se completamente. Na noite de núpcias, Margarida, a protagonista, descobre, surpresa, que o corpo do seu noivo é totalmente falso: seus membros são protéticos e inanimados. Ao tocá-lo as mãos, Margarida sente a superfície dura e fria do marfim e tem a impressão de estar tocando uma estátua. Trazendo à tona o conceito da “inquietante estranheza” desenvolvido por Freud a partir do conto *O homem da areia* de E.T.A Hoffmann, e que se resume em uma sensação difusa de medo e de horror diante do não conhecido, estabelecemos um paralelo com este conto português. *Os canibais*, assim como o conto de Hoffmann, mostra que a percepção da realidade pode revelar-se bastante equívoca, pois tudo parte de um determinado ponto de vista e o sujeito pode não perceber os seus enganos. No que tange à orientação teórica, merecem destaque os estudos sobre literatura e imaginário assim como a perspectiva psicanalítica da *Unheimliche* desenvolvida por Freud.

O ANO MIL: ANTÔNIO CONSELHEIRO

Cláudia de Socorro Simas Ramos (UFAM)
Cássia Maria Bezerra do Nascimento (UFAM)

O presente trabalho tem como objetivo analisar a construção do messianismo milenarista de Antônio Conselheiro em *Os Sertões*, de Euclides da Cunha. O trabalho está embasado em pesquisas bibliográficas, e a análise da obra é realizada a partir de uma perspectiva literária/histórica, conforme orientam a teoria da Residualidade Literária e Cultural (PONTES, 1999) e a História das Mentalidades (DUBY, 1961). Baseamo-nos no pressuposto de que nada é novo na literatura nem na cultura, e no conceito das Mentalidades, que trata da forma de pensar de uma época, identificando e analisando o modo de agir dos indivíduos e de como determinados acontecimentos são construídos e permanecem na memória coletiva ao longo do tempo. Assim tanto a Teoria da Residualidade como a História das Mentalidades nos permitem investigar no texto literário as remanescências culturais que perpassam épocas residuais. Pretendemos, através dessas duas teorias, evidenciar o literário, ressaltando os fatores que desencadearam a construção do personagem Antônio Conselheiro como um líder místico católico, pelo viés do messianismo milenarista. Relaciona-se a obra com a Guerra de Canudos, verificando as avaliações que historiadores e literatos efetuaram em relação a essa contiguidade. O trabalho dialoga com a história e as ideias messiânicas milenaristas, além de ressaltar as condições sociais, econômicas e políticas da República Velha.

(DES)CONSTRUINDO IMAGENS EM À MARGEM DA HISTÓRIA: A NATUREZA COMO ELEMENTO EXPLICATIVO DA DOMINAÇÃO SÓCIO-POLÍTICA SOBRE O AMAZONAS

Cristiane da Silveira (UEA)
Yomarley Lopes Holanda (UEA)

Ao longo do século XIX as terras brasileiras, em específico da Amazônia, voltam a ser foco de olhares, agora supostamente imparciais, dos cientistas, cronistas e outros pensadores que percorrem novamente o país, já sem a perspectiva do assombro, mas para classificar, descrever, organizar, caracterizar, do ponto de vista da racionalidade. Para além da natureza, buscam caracterizar, em certa medida, a organização social e política das regiões pelas quais passam, bem como os comportamentos sociais e culturais das populações, enfim, seus tipos humanos. É a partir desse contexto e tomando como fonte os escritos de Euclides da Cunha e as reflexões instigadas pelas narrativas da obra *Às margens da História* que buscamos identificar as imagens e os discursos representativos sobre o Amazonas criadas naquele momento. Imagens que ao buscar descrever o espaço físico, a natureza, que se deseja subjugado, constrói formas de legitimação da dominação sócio-política no qual o homem amazônico é, num primeiro momento, esquecido. Neste sentido, a natureza constrói-se como elemento explicativo da dominação sócio-política e, por conseguinte, legitima a exclusão do homem no cenário amazônico representado por Euclides da Cunha. Também faz parte dos objetivos do trabalho refletir sobre os (des)encontros entre a história e a literatura, essa como fonte para a construção do conhecimento histórico, a partir da discussão já colocada no meio acadêmico por autores como Marc Bloch (1997), Walter Benjamin (2005), Nicolau Sevcenko (1993), Roger Chartier (1991), Paul Ricoeur (2007, 2009).

EÇA DE QUEIRÓS REVISITADO NO JORNAL DE LETRAS, ARTES E IDEIAS, DE LISBOA

Cristiane Navarrete Tolomei (UFMA)

O presente ensaio intitulado “Eça de Queirós revisitado no *Jornal de Letras, Artes e Ideias, de Lisboa*” apresenta o resultado de um estudo crítico das entrevistas acerca de Eça de Queirós, entre 1981 e 2011, no *Jornal de Letras Artes e Ideias _JL_*, de Lisboa, verificando como as entrevistas do *JL* são fonte documental para a história, a biografia e a crítica sobre o autor português. Para a realização dessa pesquisa, realizamos visitas a dois centros de referência: ao Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP), da Universidade Estadual Paulista, de Assis e à Sala de Materiais Especiais da Biblioteca "Florestan Fernandes", da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da USP, de São Paulo. Além de notarmos a importância da atuação do *JL* na área de cultura de língua portuguesa, observamos como as entrevistas desse periódico apontam para um Eça de Queirós preocupado com questões literárias, políticas e sociais. Há também um diálogo entre as entrevistas do *JL* com as mais recentes críticas queirobianas, destacando os estudos biográficos sobre o autor. No período analisado, identificamos uma preocupação do *JL* na divulgação e na reflexão de cartas inéditas de Eça de Queirós para familiares e amigos, entrevistando queirobianos portugueses e brasileiros para explicar e apontar a veracidade dos documentos encontrados em arquivos públicos ou particulares.

GONÇALVES DE MAGALHÃES: ENTRE AS DESCRIÇÕES PORMENORIZADAS E AS CATEGORIAS ÉTNICAS ACIONADAS PARA CLASSIFICAR OS CHAMADOS “REBELDES”

Cynthia Carvalho Martins (UEMA)

O testemunho literário de Gonçalves de Magalhães acerca do episódio da Balaiada é contemplado, no trabalho que ora se apresenta, levando em consideração sua formação como leitor do romantismo alemão e produtor de estudos que Luiz Felipe Alencastro classifica como pioneiros no campo da História e da Antropologia. A relação de Magalhães com as instituições da época revela sua preocupação com a construção de uma identidade que pudesse ser chamada

“nacional”, traço afim com a caracterização que mais tarde se fará na historiografia literária oficial do chamado período do Romantismo no Brasil. Discutiremos os conflitos desse repertório imaginário de “identidade nacional” com as categorias identitárias então acionadas pelo autor para caracterizar e classificar os grupos participantes da Balaiada.

QUESTÕES ACERCA DO “IRREALISMO CULTURAL” NA LITERATURA PORTUGUESA CONTEMPORÂNEA

Daniel Vecchio (Unicamp)

Desde Herculano, Garrett e a Geração de 70 difundiu-se a leitura crítica de um Portugal doente, de vida coletiva embebida no imaginário épico. Tal imaginário é uma herança cultural da era das navegações ultramarinas que serviu a políticos e escritores ufanistas dos séculos subsequentes para disfarçar a decadência político-econômica vivida durante longo tempo no país. O que nos importa salientar aqui é que os mesmos imaginários de outrora foram determinantes na vida lusitana ao longo dos séculos XX e início do XXI. Dessa forma, nos concentraremos nos estudos críticos de Eduardo Lourenço e Miguel Real que, além de constatarem a presença de “um irrealismo cultural existente entre o discurso oficial do Estado, dominante na imprensa escrita” (REAL, 2012, p.91), concordam na representação desse aspecto no discurso literário, marcando presença em muitos romances portugueses. Na atual literatura portuguesa, a modelação alegórica específica desse farsante código consiste em uma reposição

formalmente mais complexa dos cenários da história oficial de Portugal, marcada pela quebra do regime de silêncio dessa história, tendo por base um acentuado fluxo imaginário de seus anti-heróis. Exploraremos a representação literária desse “irrealismo cultural”, que em algumas obras resulta em uma provocante alegoria de efeito irônico, tendo como principal finalidade representar um presente impregnado de misticismo e subitamente pleno de personagens e aventuras oníricas. Reescreve-se, assim, a história portuguesa, colocando em xeque a mentalidade épica ainda tão divulgada e compartilhada no país. Observaremos, portanto, que diante de uma discussão cultural de tão longa data na cultura portuguesa, torna-se evidente haver o imaginário exercido grande influência na formação de sua nacionalidade. Nesse viés, nos ateremos ao exemplo de duas obras literárias produzidas em Portugal: a *Peregrinação de Barnabé das Índias* (1998) do português Mário Cláudio, e a *O Conto da Ilha Desconhecida* (1997) de José Saramago.

VISÕES DO INFERNO OU A CENA DEFORMADA: UMA LEITURA DO EXPRESSIONISMO NO TEATRO DE RAUL BRANDÃO

Danielle de Aurélio Martinez (UNESP/Araraquara)

Nesta comunicação pretendemos propor uma leitura crítica do drama *O Gebo e a Sombra* (1923), de Raul Brandão, de maneira a facultar subsídios para que se identifiquem na peça configurações específicas da linguagem teatral que permitem distinguir no teatro brandoniano uma modernidade muito similar à das manifestações estéticas do expressionismo. O foco da nossa análise incidirá sobre a combinação de elementos próprios do *grotesco expressionista* articulados principalmente a três componentes da estrutura dramática: a) a caracterização das personagens; b) a construção do cenário; c) a evolução dos diálogos e sua consistência. Para analisar cada um desses componentes estruturais utilizaremos, a título de subsídio visual, alguns quadros expressionistas ou precursores da pintura expressionista. Assim, para a análise das personagens visualizaremos *O grito* (1893), de Edward Munch (1863-1944) e *A fuga* (c. 1938-1939), do pintor português Mário Eloy (1900-1951). A análise do cenário será subsidiada pelo quadro *Cozinha da Casa de Manhufe* (c. 1913), de Amadeo de Souza-Cardoso (1887-1918). Por fim, a análise dos diálogos apoiar-se-á na visualização de outros dois quadros: *Rua aoentardecer* (1910), de Lyonel Feininger (1871-1965) e *Casario e figuras de um sonho* (c. 1931-1934), do também português Dominguez Alvarez (1906-1942). Uma vez que os quadros selecionados evidenciam escolhas estéticas que sugerem elementos humanos (psicológicos e socioeconômicos) encontrados também na peça de Raul Brandão, acreditamos que essas obras pictóricas podem iluminar o drama que nos propomos analisar à luz do Expressionismo.

A NARRATIVA POÉTICA E O ROMANCE MODERNO EM “MEMÓRIA DE ELEFANTE”, DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES

Daniella Sigoli Pereira (UNESP/IBILCE)

Memória de Elefante, de António Lobo Antunes, apresenta-nos uma narrativa que nos conta a trajetória de um dia ordinário na vida de um médico psiquiatra pelas ruas de Lisboa. É por meio das memórias desse personagem que temos acesso ao que o romance apresenta de mais

significativo, ou seja, o acesso às suas experiências, aos seus conflitos e às suas frustrações que foram se acumulando ao longo da vida. Entendemos tal livro e tal herói como sendo modernos, no sentido em que pensam Georg Lukács, em *A teoria do romance*, e Fehenc Fehér, em *O romance está morrendo?*. É por meio da leitura desses dois teóricos principais que pretendemos explicar a forma do romance moderno e, nesse sentido, pensar tanto na organização das suas estruturas narrativas, quanto na representação de mundo propostas por esse romance. Além disso, nosso trabalho propõe um estudo do herói moderno, que, agora, encontra-se completamente abandonado, desamparado e solitário. O sentido elementar da vida é completamente retirado desse herói e lhe é imposto o desafio de trilhar um caminho obscuro, por razões duvidáveis e com um fim satisfatório pouco provável. Para Fehér, o romance e o herói são ambivalentes porque, ao mesmo tempo em que incorporam os valores do mundo burguês, recusam-se a representá-los integralmente. Ao construir uma narrativa que se faz poética como pensam Ralph Freedman, em *The lyrical novel* e Jean-Yves-Tadié, em *Le récit Poétique*, António Lobo Antunes encontra uma forma de, ao mesmo tempo, incorporar os valores burgueses na forma narrativa e no seu herói e recusar, por meio de manifestações líricas, a dissolver-se e identificar-se com eles.

O SOM DO SUL: A MÚSICA NA POESIA DE EDIMILSON DE ALMEIDA PEREIRA

Daviane Moreira e Silva (UFG/Jataí)

O objetivo deste trabalho é apresentar, pela perspectiva dos Estudos Culturais, uma leitura da produção poética de Edimilson de Almeida Pereira, considerando a construção de um projeto crítico-poético que o conecta a diversas esferas artísticas da América Latina, dos Estados Unidos e da África. O recorte desta leitura se concentrará no diálogo estabelecido com as composições musicais desses territórios. Pretende-se a análise de algumas aproximações nas escolhas poéticas do autor em relação àqueles que escolhe como pares, com o intuito de demonstrar as negociações identitárias que trespassam a escrita afrodescendente: Pereira geralmente segue “pelas bordas”, busca interlocutores que não estejam no centro dos debates e/ou produções poéticas, buscando “esticar” os limites, repensar as fronteiras. Intenta-se auxiliar no mapeamento das trocas políticas da diáspora que, para além das diferenças entre os sistemas linguísticos, vêm construindo uma linguagem comum na abordagem das questões históricas, culturais e linguísticas que permeiam as elaborações simbólico-identitárias afrodescendentes. Pensando em Edimilson Pereira como um autor em cuja obra a presença da cultura afro-mineira não pode ser ignorada, mas que também não o engessa, considera-se o cenário das discussões sobre os estudos afrodescendentes, a metodologia deste trabalho envolve leitura e pesquisa da bibliografia concernente ao tema, e pretende empregar os métodos descritivo e comparativo.

RELAÇÕES INTERTEXTUAIS ENTRE O CONTO A ABÓBADA, DE ALEXANDRE HERCULANO E MENSAGEM, DE FERNANDO PESSOA

Débora de Lima Santos (UEA)

Alexandre Herculano representa a figura embrionária na formação do Romantismo português, na vertente em que assume o retorno ao Portugal medieval, tomando como foco a reconstituição do passado da nação portuguesa, por meio das investigações de suas origens históricas. Fernando Pessoa, poeta e escritor é considerado a maior expressão poética modernista em Portugal. Herculano e Pessoa, ao escreverem *Lendas e Narrativas* (1851) e *Mensagem* (1934),

respectivamente, buscam nomes representativos de momentos históricos portugueses para tecer seus textos, Herculano em prosa e Pessoa em poesia. Apresentaremos neste trabalho as relações intertextuais entre um dos contos que fazem parte de *Lendas e Narrativas*, o conto *A Abóbada* e a *Primeira Parte (Brasão)*, de *Mensagem*, visto que assim, torna-se possível realizarmos as relações entre os mesmos, dado ao período histórico abordado. Pretendemos, então, demonstrar a maneira que Alexandre Herculano e Fernando Pessoa, com o mesmo teor nacionalista, abordam em suas obras as mesmas personagens históricas portuguesas medievais.

A LITERATURA INFANTO-JUVENIL AMAZONENSE NA SALA DE AULA: UM ESTUDO DE CASO COM ALUNOS DE LETRAS DO CURSO REGULAR E DO PARFOR

Delma Pacheco Sicsú (UEA)

O presente estudo objetiva verificar a recepção da literatura infanto-juvenil amazonense em sala de aula, tomando como sujeitos deste estudo, duas turmas de Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins. A literatura ora citada tem surgido no mercado editorial com uma vasta produção de escritores indígenas e não indígenas, contudo, não se faz tão conhecida pelo público leitor local. Por meio de oficinas de leitura com a literatura infanto-juvenil amazonense e aplicação de questionários, busca-se não somente perceber como os alunos recebem essa literatura, mas também identificar que fatores levam esses alunos a desconhecê-la. A pesquisa será realizada em dois momentos: o primeiro acontecerá durante as aulas Literatura Infanto-juvenil com alunos de Letras do Parfor e o segundo dar-se-á com alunos do curso regular de Letras. A literatura infanto-juvenil amazonense constrói-se com elementos, temáticas e situações vivenciadas na Amazônia, contudo sem perder seu caráter e universalidade. É importante ressaltar que há uma maneira diferenciada de se pensar e fazer a literatura voltada para o público infanto-juvenil amazonense, tendo em vista que a existência de dois grupos de escritores: os indígenas e os não indígenas. Nesse sentido, é importante também perceber se quem tem contato com esta literatura a recebe conforme, também, o seu contexto geográfico, considerando que os alunos de Letras do Parfor, professores atuantes, trabalham e moram na zona rural; o que não é o caso dos alunos do curso de Letras regular. Espera-se com este estudo, poder contribuir para o enriquecimento e ampliação de estudos acadêmicos sobre a Literatura Infanto-juvenil amazonense que surge em grande escala, mas escassa em termos de pesquisas acadêmicas.

EM SOLO EUROPEU, NO SÉCULO XVI, DOIS ESTRANGEIROS: O PAQUIDERME E SEU TRATADOR INDIANO EM A VIAGEM DO ELEFANTE (2008), DE JOSÉ SARAMAGO

Denise Rocha (UFC/Fortaleza)
Cíntia Zollner (UNESP/Assis)

José Saramago evoca, no romance *A viagem do elefante* (2008), um episódio histórico ocorrido no século XVI, durante o reinado de D. João III, que ofereceu ao seu primo o Arquiduque Maximiliano da Áustria, como presente de casamento com a filha do imperador Carlos V, um

elefante que tinha um tratador (conarca) da Índia. De Lisboa, escoltados até Valladolid (Espanha), os dois seguem para Viena, residência do jovem casal. No romance de Saramago, o paquiderme recebe o nome de Salomão e seu acompanhante o de Subhro. No séquito dos nobres, eles e a grande equipe de servos, empreendem uma travessia permeada de obstáculos, durante o verão e o inverno, na qual a supremacia organizacional dos austríacos se sobrepõe, enquanto que a dos portugueses e espanhóis se destaca pela confusão. O objetivo do estudo é analisar as imagens dos estrangeiros - animal e tratador - segundo as reflexões de Said, de Burke e de Hutcheon.

O ÚLTIMO REI DE GAZA E SEUS REFLEXOS EM *UALALAPI*, DE UNGULANI BA KA KHOSA (1987)

Denise Rocha (UFC- Fortaleza)

A partir da fotografia de Ngungunhane, datada de 1890-1891, será feito um estudo sobre a imagem concreta do rei de Gaza (Moçambique) e sua contraposição com as imagens históricas e literárias de *Ualalapi*, de Ungulani Ba Ka Khosa (1987). A narrativa polifônica será analisada por meio dos conceitos da imagem (Burke e Eliade) e de “metaficção historiográfica” (Linda Hutcheon).

ACERVOS DIGITAIS DE PRÁTICAS TEATRAIS NO AMAZONAS

Dilce Pio Nascimento (UEA/CESP)

Este trabalho discorre, primeiramente, sobre as práticas teatrais no Amazonas, a partir da década de 80 à atualidade, divulgando, através de sinopses inúmeras peças teatrais publicadas e não publicadas desse período. Mas existem peças de teatro que foram, por sua vez, apenas apresentadas para um pequeno público, sendo ignoradas pela população em geral. Atualmente, na cidade de Parintins, o curso de Letras vem desenvolvendo algumas práticas teatrais como metodologia de ensino da Língua Portuguesa e esta prática vem sendo estendida para as escolas públicas por intermédio de projetos de ensino e extensão. Posteriormente, fez-se um estudo sobre a organização, sistematização e digitalização de esquetes e peças teatrais produzidas no Amazonas para a composição dos acervos digitais do Baixo Amazonas.

EURICO, O PRESBÍTERO: TEXTO HISTÓRICO OU LITERÁRIO?

Diogo Sarraff Soares (CEPAM)

O presente trabalho realiza um diálogo em torno da história e da literatura a partir do romance *Eurico, o presbítero*, de Alexandre Herculano (1810-1877). A análise se trata de um debate a respeito da composição desta narrativa, em cujo processo de tessitura textual há um sincronismo de elementos reais e ficcionais. Isso acontece porque a trama da obra se contextualiza em um momento histórico da Espanha Visigótica, o qual consiste na invasão dos Bárbaros no início do século VIII; e também porque a obra foi escrita no século XIX, período em que a produção dos romances de cavalaria estava em seu estágio eloquente e em que as primeiras características do estilo romântico estavam se solidificando na Europa. Por causa disso, no romance há um

predomínio ora de elementos históricos alusivos ao período a que a trama se contextualiza, ora de elementos literários referentes ao período em que foi produzido. Portanto, no estudo procura-se tematizar a história e a literatura, e, além disso, sistematizar a condição do real e do ficcional a partir dos elementos da narrativa, levando em consideração o Romantismo e a verossimilhança. É um trabalho fundamentado em Hutchoen (1991), Pinto (2011) e Guinsburg (1978), e cujos resultados mostraram-se pertinentes porque abarcam o conhecimento do Romantismo de Herculano e porque propõem uma reflexão de caráter histórico-literário.

ORPHEU E O OLHAR DE CLIO

Dionísio Vila Maior (Universidade Aberta de Portugal e CLEPUL)

O presente trabalho procurará refletir sobre um leque de reflexões cuja coluna vertebral incide, no âmbito da produção estético-literária, sobre a relação dialogal, e dialógica (no sentido bakhtiniano), no que ao estudo do final do século XIX e da geração de *Orpheu* diz respeito, relação esta aqui que será entendida com base num pilar primordial: o que se relaciona, em primeira e última instâncias, com o protagonismo do grupo modernista português que, sempre equacionado pela sua centralidade na história da Literatura Portuguesa, vivenciou, em redor da revista *Orpheu*, o fenómeno literário de forma muito particular, sobretudo pelo diálogo que com a tradição e com a coletividade portuguesa manteve. Nesse sentido, a Geração de 70, os movimentos literários e poetas finiseculares, as escolas literárias de início do século XX, mas também *Fernando Pessoa*, *Mário de Sá-Carneiro* e *Almada Negreiros* são revisitados, procurando-se, desta forma, *responder* de novo a um conjunto de escritores, poetas, pensadores, cujos textos gratificam pela efluente exemplaridade e persistem pela convalidação paradigmática.

RELATOS DE VIAGENS DE PORTUGUESES EM GOA DO PÓS-GUERRA A 1961

Duarte Drummond Braga (USP/Fapesp)

O que se designou como a “questão de Goa”, está presente na cultura portuguesa deste o pós-guerra, a partir da independência da Índia em 1943, que lançou o alarmismo sobre a manutenção das frágeis colónias portuguesas na Índia: Goa, Damão e Diu. Encontra-se quase inteiramente por explorar uma vasta literatura de viagens, literatura claramente política, interessada em salientar as convergências entre Portugal e suas colónias. Trata-se de uma produção marcadamente ideológica de escritores mais ou menos comprometidos com o regime, representando Goa antes de 1961, data de sua integração na União Indiana. Vários destes livros implicam também passagem por Macau: Redondo Júnior, *Tai Hei* (1952); José de Freitas, *Terras Portuguesas do Oriente* (1953); Hugo Rocha, *Namastê* (1953) e Barradas de Oliveira, *Roteiro do Oriente* (1953). Há também o caso de um livro de poesia de Amândio César, críticopromotor da “literatura ultramarina” de visita a Goa que legou em verso uma narrativa da queda da ocupação portuguesa: *Não posso dizer adeus às armas* (1965). A comunicação pretende estudar a forma como esta literatura, intentando dar um sentido ao aparelho imperial em momento de crise, não deixa de pôr em perigo o seu próprio projeto ao representar outros espaços da Ásia livres da dominação portuguesa ou, como no caso de Maria Ondina Braga, ao criar sérios problemas a uma literatura com uma mensagem ideológica mais clara, por complexificar os modelos coloniais de escrita de que parece partir em um livro como *Eu vim para ver a terra* (1965).

DUAS MULHERES ENTRE O PROFANO E O SAGRADO NO ESPAÇO DA LUSOFONIA: A LITERATURA BARROCA EM SÓROR MARIANA ALCOFORADO E ROSA MARIA EGIPCÍACA

Edna Carlos de Almeida Holanda (UECE)

Marcela Magalhães de Paula (UNILAB)

No espaço que compreende a lusofonia durante o período barroco, podemos destacar duas mulheres cujos textos literários, autorias e vidas representam ainda um desafio para os pesquisadores das literaturas de Língua Portuguesa, mesmo com a passagem dos séculos: a portuguesa Sórora Mariana Alcoforado (Portugal, 1640-1723), autora – por vezes contestada – das *Cartas Portuguesas* (1669); e a ex-escrava africana, radicada no Brasil até ser levada pela Inquisição para Lisboa, Rosa Maria Egipcíaca da Vera Cruz (Costa da Mina, 1719 - 1778), autora da obra *Sagrada Teologia do Amor Divino das Almas Peregrinas* (1751). À Mariana Alcoforado, monja portuguesa do Convento de Nossa Senhora da Conceição em Portugal, é atribuída as cinco cartas que compõem as *Lettres Portugaises* (Cartas Portuguesas), que se tornou um famoso clássico da literatura mundial já no Séc. XVII. Como se sabe, tais textos são supostamente destinados ao Marquês Noel Bouton de Chamilly, Conde de Saint-Léger e oficial francês, que fora a Portugal lutar, sob as ordens de Frederico de Schomberg, durante a Guerra da Restauração Lusitana. Por sua vez, Rosa Egipcíaca, nascida em Costa da Mina - África, chega ao Rio de Janeiro aos seis anos de idade, após ser capturada pelo tráfico negreiro, onde permaneceu até 1733, seguindo para Minas Gerais, onde viveu como prostituta durante 15 anos. Aos 30 anos de idade, ela passou a ter visões místicas, o que a levaria a deixar o meretrício e a ser considerada uma espécie de "beata" e santa popular. A sua obra *Sagrada Teologia do Amor Divino das Almas Peregrinas* é o mais antigo livro escrito por uma mulher negra na história do Brasil. Este trabalho faz uma abordagem comparativa entre os textos e as respectivas recepções do público e da crítica dessas mulheres, considerando os aspectos característicos do barroco e dos contextos histórico-sociais de ambas escritoras.

NO CORPO DO OUTRO: REFLEXÕES SOBRE A VARANDA DO FRANJIPANI

Edson Salviano Nery Pereira (USP)

Tomado como metáfora para este estudo a possessão do corpo de Izidini Naíta pelo xipoco de Ermelindo Mucanga, busca-se apresentar apontamentos sobre a construção formal do romance *A varanda do franjipani*, a fim de compreender os processos de apropriação de elementos canônicos da literatura ocidental, neste caso a estrutura formal do gênero romance policial, para enunciar aquilo que se pretendia silenciado: parte da história de Moçambique. Para esta análise, optou-se por observar a (re)estruturação formal do gênero policial utilizada por Mia Couto como forma narrativa. Valemo-nos dos estudos apresentados por Linda Hutcheon em *Poéticado Pós-modernismo* (1991), ao apontar para a retomada de formas fixas, (o romance histórico e o policial), na produção literária da pós-modernidade, como forma de avaliar o passado, compreender o presente e, só então, lançar olhos para o futuro, tecemos nossas considerações a respeito das transgressões realizadas na estrutura romanesca partindo das prescrições feitas por

Tzvetan Todorov (1969) em *Tipologia do romance policial*, afim de compreender, por fim, o que será denominado, por Carla Portilho (2009); como romance policial pós-colonial. Além dos estudiosos já citados, o estudo se ampara também nas considerações feitas por Cabaço (2009), Leite (2003), Lugarinho (2009), Schurmans (2014), dentre outros.

CAIXEIROS LITERATOS - OS PERIÓDICOS DOS PORTUGUESES NO RIO DE JANEIRO NO SÉC. XIX

Eduardo da Cruz (UFRRJ)

Pretende-se, nesta proposta de comunicação, apresentar os resultados da pesquisa vinculada ao projeto *O Real em Revista*, patrocinado pela Petrobras Cultural na linha de "Apoio a Museus, Arquivos e Bibliotecas" segundo seleção relativa ao edital/2012 e desenvolvido no âmbito do Polo de Pesquisas Luso-Brasileiras, do Real Gabinete Português de Leitura, entre janeiro de 2014 e agosto de 2015. Ao longo do século XIX, sobretudo após a independência, a imprensa periódica brasileira se desenvolveu com a criação de diversos títulos, com propostas editoriais e públicos variados. Os portugueses que imigravam em massa para o Brasil, devido à situação econômica precária em sua pátria e à necessidade de substituição de mão de obra pela proibição do tráfico de escravos, criaram uma gama ampla de associações de apoio mútuo e de instrução, além de órgãos de imprensa voltados principalmente para a colônia de imigrantes. Esse grupo se dedicou ao trabalho no comércio, como caixeiros, sobretudo nas cidades. Todavia, devido à ação coletiva desses órgãos associativos, alguns desses portugueses acabaram se dedicando também à atividade literária, encontrando nos periódicos o meio de dar publicidade às suas obras para obterem reconhecimento também como literatos. Assim, procurando uma abordagem interdisciplinar com apoio teórico da História Cultural, identificamos os periódicos criados pelos imigrantes portugueses no Rio de Janeiro oitocentista, que não costumam ser alvo de investigação nem da história da imprensa brasileira nem da portuguesa. Destacamos, dentre essa lista de publicações, as de caráter de divulgação literária criadas por associações portuguesas destinadas ao desenvolvimento intelectual de seus membros, apontando como esses jornais e revistas se constituíam como espaços de sociabilidade entre escritores do Brasil e de Portugal, muitos deles à margem também das histórias da literatura dos dois países.

A PROBLEMATIZAÇÃO DOS REGIMES TOTALITÁRIOS EM O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS, DE JOSÉ SARAMAGO

Eduardo Soczek Mendes (UFPR)

A narrativa *O ano da morte de Ricardo Reis*, de José Saramago, toca em muitos aspectos, apropriando-se, por exemplo, de Fernando Pessoa – enquanto autor de Literatura – como uma de suas personagens principais. Também um dos mais significativos heterônimos do poeta lusitano, Ricardo Reis, se torna a personagem central da dessa obra saramaguiana supracitada. Contudo, a criação ficcional de *O ano da morte de Ricardo Reis* transcende largamente as questões – também muito complexas – da heteronímia e da apropriação de figuras históricas enquanto personagens de ficção literária. Essa narrativa de José Saramago está ambientada no Europa entre Guerras dos anos 1935-1936, ou seja, num contexto muito complexo social e historicamente: na Espanha, estoura a Guerra Civil, enquanto que, na Alemanha, Hitler está em ascensão. Já na Itália, Mussolini também havia se consolidado como chefe de Estado, estreitando relações com a Igreja Católica, no que se refere à instituição mais tradicional. Em Portugal, o contexto é muito parecido: vive-se o início do longo Regime Salazarista – que

perdurará sem interrupções durante 41 anos. Apesar de que, muitas vezes, tais temáticas parecem secundárias em *O ano da morte de Ricardo Reis*, o narrador as trata de maneira bastante importante, irônica, ácida e tece reflexões que problematizam os Regimes Totalitários, sobretudo em sua ligação institucional e entranhada com a Igreja Católica. Pretendemos, portanto, analisar trechos do discurso do narrador e entender como isso colabora para a construção da economia geral dessa obra ficcional de Saramago.

ÁLBUM DE FAMÍLIA: O ESPAÇO PRIVADO SOB OS PRISMAS DE FIALHO DE ALMEIDA E MARIA AMÁLIA VAZ DE CARVALHO

Elisabeth Fernandes Martini (UERJ)

A presente comunicação propõe-se a, por meio das figurações de família detectáveis nas narrativas curtas de José Valentim Fialho de Almeida (1857-1911) e Maria Amália Vaz de Carvalho (1847-1921), entrever um mundo com novos matizes, a impactar sobremaneira as relações de gênero e parentesco, no Portugal de *fin de siècle*.

MODERNISMO E PERFORMATIVIDADE

Emerson Inácio (USP)

Partindo do conceito de “performance”, aludido primeiro por Paul Zunthor, e mais contemporaneamente por Judith Butler, intenta-se a leitura de alguns poemas do modernismo português tendo por premissa a performatividade da linguagem bordejada por seus participantes, procurando observar como o corpo se traduz metonimicamente a partir desse horizonte. Nessa laçada, incluiremos ainda como a enunciação, seus eixos e a forma como os sujeitos se expressam determinam significativamente a conformação dos conteúdos veiculados nos textos.

MEMÓRIA, TESTEMUNHO E TRAUMA EM TONY TCHEKA

Érica Cristina Bispo (UGB)

Os Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa viveram, nos últimos 50 anos do século XX e nos primeiros anos do século XXI, uma série de conflitos traumáticos, seja contra os colonizadores ou em enfrentamentos fratricidas. Consequentemente, os horrores de guerra em seus territórios permeiam a literatura, tanto em verso quanto em prosa. Na Guiné-Bissau, país cuja produção poética é uma das menores dentre os PALOP, os rastros de sangue deixados pelo massacre de Pidjiguiti, pela guerra pela independência, pelo “Movimento Reajustador” e pelo conflito armado de 1998-1999 mancham metaforicamente a poesia. Sob o olhar atento do poeta Tony Tcheka, o indizível da guerra, de que nos fala Walter Benjamin, ganha contornos estéticos, fazendo emergir não só a cidade onde ocorrem os conflitos, mas, principalmente, as personagens-vítimas, o guineense comum, a mulher vendedora, o menino de rua, o soldado combatente. Em seus dois livros – *Noites de insônia na terra adormecida* (1996) e *GuinéSabura que dói* (2008) – o poeta testemunha, rememora e denuncia o horror e o desespero. Noesteio das reflexões que têm sido feitas por diversos pesquisadores das Literaturas Africanas de Língua Portuguesa em torno da Guerra, neste ensaio, pretendemos analisar a poesia de Tony Tcheka, considerando-a parte da literatura de trauma. Crendo que “não contar perpetua a tirania

do que passou” (SELLIGMANN-SILVA, 2000, p. 9), consideramos que a obra poética de Tcheka reflete sobre e reflete a história de seu país, além de funcionar como crítica possível aos sucessivos governos, que se valeram da violência para sua manutenção.

ESPAÇO E IMAGINAÇÃO: ELEMENTOS DA NATUREZA E IMAGENS MATERNAS NA LITERATURA DE BOAVENTURA CARDOSO E DE MIA COUTO

Everton Fernando Micheletti (USP)

Nos contos e romances do angolano Boaventura Cardoso e do moçambicano Mia Couto, são recorrentes as imagens elementares, os motivos relacionados a terra, água, fogo e ar. Esses elementos surgem como componentes do espaço nas narrativas e são explorados em sua plurissignificação, como a água que pode ser calma ou violenta, o fogo que pode destruir ou renovar, entre muitos outros casos. Em algumas obras, aos elementos são atribuídos valores maternos, quando se considera a terra ou a água como uma "grande mãe", ou mesmo quando se têm os motivos do nascimento, morte e renascimento. Desse modo, propõe-se realizar uma leitura comparativa de algumas obras dos dois escritores quanto ao espaço caracterizado por imagens maternas relacionadas aos elementos da natureza, estendendo-se a análise, quando necessário, às questões do contexto histórico do colonialismo, da guerra e da nação no período pós-independência de Angola e de Moçambique. Como referenciais teóricos, tomam-se por base as obras de Bachelard e Durand, que se dedicaram ao estudo do imaginário em sua relação com os elementos da matéria, assim como as de Eliade com a perspectiva mítica e religiosa. Os demais referenciais consistem em autores que, em sua maioria, fazem parte dos estudos pós-coloniais e da pesquisa/crítica das literaturas africanas de língua portuguesa, como Benjamin Abdala Jr., Ana Mafalda Leite, Laura Padilha, Rita Chaves, Tania Macêdo, entre outros.

PELO CANUDO DAS DESGRAÇAS: O INDÔMITO SÉCULO XX NAS NARRATIVAS DE MIA COUTO E DE GUIMARÃES ROSA

Everton Luis Teixeira (UFPA)

Em épocas conturbadas como o século XX em que se observou o gradativo declínio dos valores humanistas, alguns ficcionistas contemporâneos se utilizam da linguagem literária para compor personagens cuja maior resistência frente a qualquer manifestação de violência e/ou barbárie é o ato de narrar. Baseando-se nos pressupostos da Estética da Recepção de Hans Robert Jauss, tais como a percepção do leitor (enquanto conceito), o presente trabalho traça um exame comparativo dos romances *Grande sertão: veredas* (1956), de Guimarães Rosa, e *Terrasonâmbula* (1992), do moçambicano Mia Couto, o qual, leitor confesso da produção estéticarosiana, seguiu de perto alguns recursos estilísticos e temáticos enfeixados na escrita do autor de *Sagarana* (1946). Nestas narrativas a recriação (ou brinquiação) da linguagem serve a dois propósitos: 1) poetizar os relatos de memória das personagens e 2) criar a última (e talvez única) forma de oposição diante das manifestações redutoras da civilidade no século passado, como o jaguncismo mineiro e as diversas faces da guerra em Moçambique. Sobreviventes da brutalidade, Riobaldo e Muidinga se lançam nas sendas profundas da memória e da linguagem ansiosos por compreender os fatos ocorridos em suas existências e em suas geografias sempre em movimento e em mutação. Ao lançar uma análise destas produções ficcionais, esta comunicação apresenta como objetivo a relevância do pacto forjado entre o literário e o factual na compreensão da História recente dos países terceiro-mundistas e de suas literaturas uma vez

que seja para restituir o aprendizado do sonho como fazem os refugiados do autor de *Estórias abensonhadas*, seja para responder às questões metafísicas do ex-jagunço rosiano, estas personagens em seus incessantes trânsitos entre o épico e o real na construção de seus discursos possíveis de consciência nacional, precisam compactuar com o mítico em sua luta contra a loucura das práticas intoleráveis de suas respectivas épocas.

RETÓRICA HOMICIDA E ASSASSINATO-NARRATIVA – APROXIMAÇÕES ENTRE MARIO DE SÁ-CARNEIRO, JOSÉ CARDOSO PIRES E RUBEM FONSECA

Fábio de Carvalho Messa (UFPR)

Este trabalho reúne as obras de Mário de Sá-Carneiro, José Cardoso Pires e Rubem Fonseca para, numa perspectiva comparativista, apontar alguns aspectos narrativos e temáticos comuns. Dentre eles o potencial argumentativo de *A Confissão de Lúcio*, de Mário de Sá-Carneiro, cujo narrador se esforça em provar paradoxalmente ao leitor que não matou o amigo. Retórica similar ao teor confessional expresso nos narradores-assassinos de muitos romances e contos de Rubem Fonseca. Outra evidência de similitudes se destaca entre os personagens detetives Elias e Mandrake, respectivamente em *Balada da Praia dos Cães*, de José Cardoso Pires, e em *A Grande Arte e Mandrake, a Bíblia e a Bengala*, de Rubem Fonseca. Sobre ambos os perfis, depreende-se que são sujeitos que estão em busca de prazeres como apreciar mulheres atraentes, associarem-se a inteligentes profissionais, deslindar crimes memoráveis, descobrirem assassinos sofisticados e implacáveis. Elias, assim como Mandrake, não tinha apenas interesse em descobrir quem executava os crimes como obras de arte, mas queria saber quem agenciava o poder, quem ficaria impune e por que razão. Os crimes que os dois investigam têm circunstâncias relativamente bizarras e parecem consistir em mero pretexto para desencadear uma extensa crítica paródica ao controvertido gênero policial e ao discurso jurídico. Seus discursos carregam um repertório descomunal de ingredientes clássicos, fundindo enunciados, intertextualizando-os, num misto de ensaio e crítica.

OS “MALES ALMA”. UMA LEITURA DO POEMA “MORTAL DOENÇA” DE SOROR MARIA DO CÉU

Fabio Mario da Silva (USP/FAPESP)
Moizeis Sobreia (Unicamp/FAPESP)

Os males físicos, dentro do contexto medieval e até recentemente, podiam ser encarados, muitas vezes, como punição ou castigo por causa de atos pecaminosos, por isso muitas vezes aceitava-se a dor, confundida como sofrimento, como uma resposta divina a alguma atitude humana ou como purificação do espírito. No entanto, os “males da alma”, dentro do período situado da nossa escritora, Soror Maria do Céu (1658-1723), entre os séculos XVII e XVIII, estavam também atrelados a comportamentos.

ÁLVARO DO CARVALHAL, O MARGINAL: “OS CANIBAI”

Filipe Reblin (UFPR)

Pensar, contemporaneamente, sobre o que vem a ser cânone e margem na Literatura é adentrar um vasto campo de possibilidades e - em grande medida - imensas e desgastantes querelas teórico-críticas, em que cada lado, a sua maneira, tentará deixar inscrito seu corpus canônico.

Tal atitude, não se faz diferente ao pensarmos na vasta produção literária portuguesa, uma vez que, posta suas peculiaridades, possui uma lista de autores e obras que se enfileiram como canonizados, colocando de lado outros tantos - sem que deixem nada devendo para os seus parentes reconhecidos e coroados. Pretendemos, a partir destes apontamentos feitos, verificar como um autor, do século XIX, obteve recepção e encaminhamentos referentes à sua obra, partindo, para isso, da leitura de críticos que lhe dedicaram estudos e fôlego e de uma pequena análise, em específico, de um conto presente em sua obra. Álvaro do Carvalho (1844 - 1868) é este autor português que está posto às margens do cânone literário, seja por questões acadêmicas ou pelo enquadramento que se faz de sua produção. Assim, a partir da leitura e breve análise de seu conto “Os Canibais” - publicado inicialmente com o nome de “A Estátua Viva” na *Revista Coimbra* em dezembro de 1865 - e parte do livro *Contos* (2004) em recente publicação da Assírio & Alvim, tentaremos estabelecer um diálogo sobre sua condição ‘à margem’.

POESIA E MÚSICA EM ALGUNS ENSAIOS DE FIDELINO DE FIGUEIREDO

Flávio A. F. Reis (UESB/Vitória da Conquista)

A comunicação insere-se nos trabalhos desenvolvidos junto à Cátedra Fidelino de Figueiredo, em Salvador, de que participamos. Com a fundação da Cátedra, lotada no Gabinete Português de Leitura soteropolitano, fez-se a necessidade de estudos para o conhecimento e a divulgação da obra de Fidelino de Figueiredo, patrono da cátedra. Nesse sentido, apresentamos considerações acerca de ensaios reunidos em *Música e pensamento* (1954), nos quais buscamos observar os diálogos de Fidelino de Figueiredo com Jules Combarieu, musicólogo francês do século XIX cuja obra *Les rapports entre la Musique et la Poésie au point de vue de l'expression* teve grande repercussão e fortuna no debate crítico poético-musical desde sua publicação, em 1893.

PAISAGEM E FANTASMAGORIA EM A NOITE E A MADRUGADA DE FERNANDO NAMORA

Francisco Ferreira de Lima (UESF)

Mais preocupado com o mundo exterior das pessoas do que com seu mundo interior, que cheirava — mal! — a subjetivismo burguês, o neorrealismo, mais que qualquer outro movimento literário, desenvolveu habilidade singular na construção de paisagens. E assim foi porque elas cumpriam função primordial no seu projeto estético/político, o de denunciar as precárias condições de vida das populações silenciadas, sobretudo aquelas de caráter rural, na dura luta pela sobrevivência, tendo que enfrentar, ao mesmo tempo, as agruras da natureza e a ganância dos grandes proprietários de terra. Em Fernando Namora, esse silêncio dos oprimidos ganha um aspecto peculiar, o da invisibilidade. Daí que pareçam fantasmas em vez de gente, quase sempre se esgueirando pelas esquinas da noite, como se não tivessem direito sequer à luz do dia, tão distantes estão do que se concebe como vida em sociedade. Tal aspecto pode bem ser observado em um dos seus clássicos tipicamente neorrealistas, *A noite e a madrugada*. É o que a comunicação vai mostrar.

DESASSOSSEGO ÉPICO

Gabriel Dória Rachwal (UFPR)

A aproximação entre Luís de Camões e Fernando Pessoa é mais comumente feita pensando-se a relação entre *Mensagem* e *Os Lusíadas*, posto que tais obras mantêm estreita relação com a identidade portuguesa e valem-se da história de Portugal de modo decisivo para as suas composições. Uma das linhas possíveis para o estabelecimento dessa relação seria aquela que já é notada por um dos primeiros críticos da obra pessoana, João Gaspar Simões, que propõe poder ser o livro *Mensagem* entendido como parte das ideias de Fernando Pessoa a respeito do Quinto Império que Portugal teria a possibilidade de vir a ser. As primeiras elaborações a respeito de tal império estariam na profecia do surgimento do supra-Camões, lançada por Pessoa em seus artigos de estreia no meio literário português, publicados na revista *A Águia*, onde se explica e profetiza que estaria para surgir o maior poeta da Europa em Portugal, sendo este um poeta que superaria Camões e que, por seu surgimento, anunciaria o império que Portugal estaria em vias de se transformar. O presente trabalho, no entanto, em vez de seguir a hipótese de ser *Mensagem* a continuação da profecia e da relação entre Pessoa e Camões, explora a hipótese de o *Livro do desassossego* ocupar esse lugar, já que nele se estabelece um diálogo direto com *Os Lusíadas* e, em decorrência, faz Bernardo Soares, o autor do *Livro*, figurar como uma possível concretização do supra-Camões. Nesse sentido, entende-se a produção assinada por Soares como tendo um teor épico, do que seria índice o passar a relação do *Livro* com *Os Lusíadas* pelo tradicional recurso das epopeias de *ombrear* com os feitos heroicos do passado. No caso, valendo-se do desassossego em contraposição aos feitos heroicos.

LEITURA A CAMINHO DA IMAGINAÇÃO: DAS NARRATIVAS ORAIS À PRODUÇÃO DE TEXTOS

Gederson do Carmo Souza (UEA)
Francisco Bezerra dos Santos (UEA)

Este artigo tem como objetivo desenvolver a imaginação, o pensamento original e fluente, a complexidade e a elaboração de ideias, a observação e a criatividade, com alunos do (6º a 9º ano) da Educação de Jovens e Adultos (EJA), resultado do projeto de pesquisa intitulado

Leitura a Caminho da imaginação: da Narrativa oral à produção de textos, do curso de Licenciatura Plena em Letras, da UEA – CESP/UEA, a fim de promover o incentivo à leitura em alunos da escola pública Parintinense. Quando Paulo Freire (1921) afirma que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”, ele vem nos despertar para uma importante constatação: o ato de ler precisa antes de tudo, considerar as experiências adquiridas durante toda a nossa trajetória de vida, do contexto histórico que nos inserimos e tudo aquilo que temos ao nosso redor. A partir disso poderemos então adentrar no universo da leitura da palavra. Para tanto, é necessário incentivo para assim alcançarmos efetivamente nossos objetivos. Considerando estes argumentos e tendo em vista que a prática da leitura se faz presente direta ou indiretamente em nossas vidas, vimos à necessidade de realizar este projeto, com ênfase para a narração oral— que integrem diferentes áreas do conhecimento de forma não dualista e que promovam a abertura de caminhos para a descoberta. Instigamos os alunos a tomarem o gosto pela leitura e a escrita, fazendo suas próprias interpretações nas entrelinhas do texto através de gênero textual como: lenda, leituras com imagens e palavras, história em quadrinho, tendo como embasamento teórico os estudos de: Freire (1921), Martins (2003), entre outros que contribuirão com esta pesquisa.

A ALEGORIA NO CANCIONEIRO GERAL GARCIA DE RESENDE, 1516

Geraldo Augusto Fernandes (UFC)

A **alegoria**, não só nos cancioneiros, mas em qualquer produção medieval – seja ela escrita ou imagética –, é um tropo frequente e, pode-se dizer, venerado. Para Quintiliano, o termo latino para alegoria é *inversio*, e apresenta uma coisa em palavras e outra em significado, ou ainda algo absolutamente oposto ao que as palavras significam, o que a aproxima da ironia. O primeiro tipo de alegorias a que se refere é o produzido por uma série de metáforas; mas a alegoria pode ser expressa sem qualquer metáfora ou, ainda, a mais comum, a alegoria mista, que é composta por metáforas e pelo uso das palavras em seu sentido literal. Para ele, um efeito ornamental artístico é a mistura do símile, da metáfora e da alegoria. Juan Casas Rigall refere-se à *permutatio*, ou alegoria, como uma metáfora prolongada; elenca as alegorias bélica, legal e religiosa, arquitetônica, carcerária, a alegoria da morte do amor, o fogo, a vegetal, representada pelo *locus amoenus*, a alegoria das vestimentas, da enfermidade, dos caçadores e caçados e também uma espécie em que há uma fusão entre duas alegorias, como a náutica e a fluvial. Boccaccio comenta que a alegoria é a quarta espécie de fábulas, termo que ele entende se originar do verbo “falar” e, daí, confabular, que não significa outra coisa senão “colóquio”.

A característica dessa quarta espécie – a que, como escreve, o poeta chama fábula ou ficção e os teólogos, alegoria – é não ter absolutamente nenhuma verdade nem na superfície nem em seu recôndito. Também a alegoria, assim como muitos outros tropos e figuras, aparece de forma recorrente e em número razoável no *Cancioneiro Geral* de Garcia de Resende. Esta comunicação pretende elencar as diversas alegorias presentes no cancionero português e relacioná-las à atividade poética palaciana.

O IMPÉRIO EM RUÍNAS: SOBRE NOCTURNO EM MACAU, DE MARIA ONDINA BRAGA, O VIÉS FEMININO

Gerson Luiz Roani (UFV)

O romance *Nocturno em Macau* (1991) de Maria Ondina Braga transfigura a decadência imperial portuguesa numa visada que privilegia a perspectiva feminina na leitura desse processo, mostrando que a colonização, no âmbito de uma civilização patriarcal, foi redimensionada a uma questão de mulher. A trama romanesca se circunscreve à história portuguesa dos anos sessenta do século XX, marcados pela integração de Goa à Índia, pela obstinação sangrenta em manter as colônias africanas e pela transferência da administração lusitana de Macau para o governo de Pequim. Romance do fim do império, *Nocturno em Macau* é também uma narrativa sobre as complexas relações socioculturais marcadas por esta perspectiva, no âmbito das quais a mulher ganha destaque quase desconhecido em tempos anteriores. Durante séculos, o colonialismo lusitano que particulariza a presença de Portugal no Oriente (Índia e China), que sempre havia sido um empreendimento masculino, resultou em tarefa que passa a contar com a efetiva participação da mulher. Dominadas pelos homens, tanto portugueses, quanto chineses e indianos, as personagens femininas do romance assumiram a defesa dos valores masculinos que o colonialismo colocava em circulação. Na tessitura ficcional ondianiana, as mulheres são vítimas e também agentes de um império na fase final da sua agonia. A narrativa sublinha a ruína do império, por causa das suas bases frágeis, contraditórias e desumanas, incluindo aí a submissão das mulheres. Sintomaticamente, o *Nocturno* é uma metáfora do fim, de natureza elegíaca e fúnebre que se opõe ao imaginárioimperial português.

ACERVOS DIGITAIS NO BAIXO AMAZONAS: UMA PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA IDENTITÁRIA DOS POVOS DA AMAZÔNIA E SUAS RAÍZES

Gleidys Meyre da Silva Maia (UEA)

Em função da diversidade cultural, os estudos que aqui ora se apresentam querem destacar a prática analítica voltada para as fontes primárias e secundárias, considerando documentos manuscritos, bibliotecas particulares, obras literárias, correspondência entre colegas, depoimentos, material iconográfico, entrevistas, documentos de natureza privada, e até mesmo objetos pessoais de autores, artistas e intelectuais do Amazonas, a fim de traçar um perfil cultural identitário para a região. É fundamental que a pragmática de preservação possa ser implementada através de recursos em multimídia e possa alcançar um maior número de agentes sociais. Assim, quer-se criar espaços digitais que acumulem e articulem os objetos e as análises. Para essa prática analítica é necessário redimensionar o cânone artístico e literário. Nosso foco é a vida literária contemporânea, abrangendo o final do século passado (a partir dos anos 90) e a virada para o século atual (anos 00). Nesse sentido, a teoria e a prática do arquivo como documentação da produção corrente. A atividade arquivística como andaime de uma reflexão que tem a história como horizonte, mas que pela contemporaneidade de seu objeto, não pode nem quer se cristalizar em interpretações fechadas e definitivas. A pesquisa literária e cultural como suporte de outras pesquisas proliferantes. O inconclusivo, o aberto, o flexível, o interfático como valores metodológicos.

SAUDAÇÃO A HERBERTO HELDER POR OCASIÃO DE SUA MORTE: MAGIA POÉTICA DE OS PASSOS EM VOLTA

Hellen Cristina Picanço Simas (UFAM)
Rita do Perpetuo Socorro Barbosa de Oliveira (UFAM)

O presente artigo analisa o conto-poema “Duas Pessoas”, da obra *Os Passos em Volta*, do escritor português Herberto Helder, sob a teoria de crítica existencialista sartreana. O trabalho é resultado de uma pesquisa de iniciação científica (Pibic), realizada em 2005, na UFAM – UFAM. As análises dos contos-poema da obra em estudo evidenciaram a relação conflituosa do Eu com o Outro; a presença do amor como acontecimento trágico, relacionado ao erotismo e à paixão e verificou-se a intertextualidade do conto-poema em estudo, com as artes plásticas. Esses aspectos demonstram que o narrador-poeta da obra herbertiana constrói e reconstrói a própria consciência do ser, numa linguagem que, por isso, se metamorfoseia e constitui a fórmula mágica do estilo do autor português. Esta publicação constitui-se em uma singela homenagem ao escritor Herberto Helder por ocasião de sua recente morte.

SEMPRE VERDE BANDEIRA: A PROBLEMÁTICA DA DECADÊNCIA EM CESÁRIO VERDE E EM MANUEL BANDEIRA

Hugo Lenes Menezes (IFPI)

Com esta comunicação oral, mediante um breve paralelo entre vida e obra de Cesário Verde (1855-1886) e de Manuel Bandeira (1886-1968), objetivamos enfocar a problemática da decadência, que, na produção do vate brasileiro ocorre em nível existencial, ou de projeto de vida. Já na obra do poeta luso, além da decadência existencial, constatamos um sentimento decadente no tocante à sua pátria, amesquinhada por uma situação político-social anacrônica

em relação a outras nações europeias, tema exposto, em *Causa da decadência dos povos peninsulares* (1871), por Antero de Quental, para quem as raízes do atraso de Portugal residem no Jesuitismo, no Absolutismo e nas Grandes Navegações. Na citada conferência, Antero procura explicar o declínio ibérico, particularmente o português, sistematizando teses defendidas por seu mestre Alexandre Herculano. Mais do que a falta de condições materiais, para tal historiador, o problema da decadência lusa encontra-se na ausência de autoconfiança de seu povo desnacionalizado e enfraquecido. Em seu entender, o Medievo, pelos ideais e feitos cavaleirescos de homens de coração valente (e não o século XVI), é que constitui a Idade de Ouro de Portugal. Fazendo-nos lembrar do camoniano velho do Restelo, Herculano vê nas Grandes Navegações o início da dissolução dos valores éticos, pela “glória de mandar”, pela “vã cobiça”, e o prenúncio da decadência nacional. Nas “forças e no ânimo” dos cavaleiros lusos do século XII e na “fraqueza” dos portugueses de então, julgamos que Herculano representa o contraste entre o passado grandioso e o presente decadente de Portugal. Como a decadência histórica se restringe aos versos cesáricos, pretendemos abordar, no trabalho ora proposto e com base na teoria dos consagrados tópicos do *locus amoenus* e do *ubi sunt?*, a decadência existencial enquanto ponto alto de identificação entre dois poetas que, na esteira de Baudelaire, são precursores da modernidade em seus países.

QUESTÕES CONTEMPORÂNEAS NA POESIA DE LUIS QUINTAIS

Ida Alves (UFF)

No âmbito do grupo de pesquisa *Poesia e Contemporaneidade* (UFF), temos procurado desenvolver estudos que problematizem a escrita lírica produzida em nosso tempo no diálogo entre as culturas brasileira e portuguesa. Para este Encontro da ABRAPLIP 2015, desejamos destacar, no panorama lírico português atual, a obra de Luis Quintais, a qual aponta problemas do contemporâneo fundamentais como a relação natureza e artificialidade, aceleração e subjetividade, escrita poética e comunicabilidade. Esse poeta que iniciou sua trajetória poética em 1995 tem desenvolvido um trabalho de poesia muito atento à vivência urbana e às experiências de um mundo contemporâneo complexo marcado pelo desequilíbrio entre a alta tecnologia (a construção de mundos) e a capacidade de barbárie (a destruição de mundos). Uma poesia *antropológica* extremamente consciente das cartografias da emoção em poesia: visualidade, memória e identidades em transformação. A relação poesia e crise, como discute o também poeta e ensaísta brasileiro Marcos Siscar, e seus desdobramentos na poética de Quintais.

A NARRATIVA E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM MIA COUTO: UMA LEITURA DE VENENOS DE DEUS, REMÉDIOS DO DIABO

Ilane Ferreira Cavalcante (IFRN)

Este trabalho se debruça sobre a construção identitária a partir de uma leitura do romance *Venenos de Deus, remédios do Diabo* (2008) do escritor moçambicano Mia Couto. Nessa narrativa, um médico português chega a uma pequena aldeia à procura de um grande amor e, ao mesmo tempo, responsabilizando-se pelo tratamento de doentes vítimas de uma misteriosa epidemia, em que os indivíduos perdem o rumo e a consciência de si. Para compreender como se dá o confronto entre os aspectos constitutivos das identidades das personagens e sua nacionalidade, busco referências que discutam a narrativa moderna, como Bakhtin (1990) e Benjamin (1980), e identidade, com Bhabha (1998) e Hall (2008). Nesse confronto de ideias,

compreendo que a identidade do sujeito implica no local de sua cultura, portanto, na identidade de sua nação. E a nação pós-moderna é híbrida, mestiça, fruto da diversidade e da tensão.

MEMÓRIA E HISTÓRIA: UM AMÁLGAMA EM MIA COUTO

Ilson Martins (UEA/FAPEAM)

Neste trabalho, discorreremos sobre consonâncias histórico-memorialísticas nas literaturas africanas de língua portuguesa, circunscrevendo-se a produção literária do escritor moçambicano Mia Couto, e mais especificamente, o romance *A confissão da leoa* (2012), de autoria desse escritor. Nesse sentido, enfatizamos a relação entre história e ficção, salientando que, em Mia Couto, a memória desempenha um papel fundamental e caminha lado a lado com a história. Assim é que a literatura seria uma forma de dar voz aos esquecidos na história, buscando nas palavras razões que justifiquem o sentido de “luta”, não mais no “corpo a corpo”, mas como linguagem ressignificada em instrumento eficaz de contestação. Com efeito, a ficção coutiana consegue tramitar entre vastos campos temáticos e veicula consigo o desejo de liberdade do homem africano/moçambicano, que subsiste em um espaço impregnado de contradições seculares. Dessa forma, o estudo revelou que o romance *A confissão da leoa* conclama eventos como os conflitos das guerras colonial e civil em África/Moçambique, como também alude a elementos da memória ancestral, ao evocar mitos da origem do povo moçambicano. Ademais, as produções coutianas, bem como o referido romance, estão inseridas num contexto histórico-memorialístico e, por isso, articulam tempos distintos, realizando uma espécie de amálgama, na qual as fronteiras do tempo se deslocam e/ou se anulam. O presente é um ponto onde se encontram passado e futuro, sendo que as experiências resultantes desse encontro estarão sempre em perspectiva, a acompanhar o dinamismo do tempo. Por sua vez o passado visita o presente, interfere neste e ambos são possivelmente projetados ao futuro em forma de mundos imaginados, a configurarem uma memória do devir.

A CONSTANTE FLORINDA, UMA HEROÍNA PROBLEMÁTICA

Ingrid Karina Morales Pinilla (UFAM)

Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira (UFAM)

Com base na tipologia da personagem proposta por Georg Lukács no seu livro *A teoria do romance*, analisamos a categoria herói problemático na protagonista Florinda, da narrativa portuguesa *Infortúnios Trágicos da Constante Florinda* (1625), de Gaspar Pires de Rebelo (1585- 1642). Procuramos identificar os elementos que marcam a alma e o mundo exterior dessa personagem, consequentemente, o conflito que ela vivencia e a maneira que ela encontra para se adaptar aos infortúnios que acometem sua vida. Florinda trasveste-se de homem para manter seu obstinado ideal de fidelidade a seu amado Arnaldo, a qual é incompreendida pela sociedade. Consequentemente renuncia a dois valores exponenciais, deixa de lado sua feminilidade quando se trasveste e abandona suas riquezas. Sua segunda identidade, Leandro, lhe permite conquistar um espaço exclusivo ao gênero masculino e, assim, pertencer à comunidade discursiva dos homens como intelectuais, guerreiros e, no geral, em posições de poder. Na duplicação Florinda/Leandro é enaltecida a coragem da mulher nas formações discursivas donzela rica, mulher trasvestida e mulher que transgrediu todas as normas estabelecidas, seguindo um percurso de herói, ao mesmo tempo em que retorna a sua posição de donzela da corte. A natureza da protagonista está em dissonância com a sociedade, com o conjunto de valores do

mundo barroco, resultando num processo de rejeição da exterioridade por parte da heroína. Assim, o mundo se torna um cárcere. A protagonista, presa a ele, almeja ver-se livre, confinando-se na sua interioridade. Esse conflito apresentado em *Florinda*, representa a essência do herói romanesco, intitulado por Lukács como problemático.

PARA ALÉM DE UM MACRO-SISTEMA: UMA LITERATURA-MUNDO EM PORTUGUÊS?

Inocência Mata (Universidade de Macau)

Num mundo em que as ambiguidades e as ambivalências identitárias baralham as fronteiras literárias enquanto sistemas nacionais, pretendo, nesta comunicação, reflectir sobre as configurações teóricas da categoria *literatura-mundo* e a sua contribuição para a análise das relações e intersecções entre as literaturas em português, nomeadamente nas suas interlocuções ideológicas e culturais. Neste contexto, esta reflexão visa ampliar o campo da comparatística, através do conceito de “zonas de contacto”, referindo aspectos que têm a ver com trânsitos não apenas linguísticos e culturais, mas também históricos e ideológicos a partir de perspectivas teóricas que desvelavam as relações entre as literaturas em português, nas suas *sistematizações* nacionais.

OS POETAS CRÍTICOS E A CRÍTICA DA POESIA SOBRE WLADDEMIR DIAS-PINO E SILVA FREIRE

Isaac Ramos (UNEMAT/Alto Araguaia)

Uma das mais importantes vanguardas poéticas do século XX, no Brasil, o Concretismo surgiu em fins da década de 50, em São Paulo e no Rio de Janeiro. No entanto, a historiografia e a crítica literária brasileira desconhece ou ignora o surgimento de outra denominada Intensivismo, surgida em Mato Grosso no começo dessa década. Dele participaram Wladimir Dias-Pino, Silva Freire, Rubens de Mendonça e Othoniel Silva. Os jornais literários eram os principais meios de divulgar os trabalhos desses escritores. Wladimir Dias-Pino é mencionando-o como concretista e participante pelo Rio de Janeiro na Exposição Nacional de Arte Concreta. É lembrado também como articulador do movimento Poema Processo. Dentre as obras de Dias-Pino, desse período, destacam-se *A Ave* e *Solida* tendo sido produzidas em Mato Grosso. Essa última inclusive fez parte da Exposição Nacional de Arte Concreta (ENAC). Anos depois ele publicaria *Numéricos*. Com relação a Silva Freire, o mesmo se encontrava na Capital Federal. Nesse período esteve à frente do Teatro Universitário Brasileiro da UNE (União Nacional de Estudantes) e depois da Secretaria de Cultura da mesma entidade. Dessa época teve destaque a revista *Movimento* de circulação nacional, que Freire realizou em parceria com Dias-Pino. O trabalho conjunto desses dois autores começou no final da década de 40 com os jornais *O arauto da juvenilia*, *Sarã*, *Japa*, etc. Freire ainda publicaria 13 Cadernos de Cultura e alguns livros de poesia. “O Manifesto do Intensivismo” foi publicado em duas partes nos jornais *Sarã*: “O simbolista é um desenhista e o intensivista é um escultor”. Pretende-se mostrar que ambos inauguraram uma prática poética que pouco depois desaguaria na poesia concreta e, no final do século XX, no poema visual. Em face disso busca-se discutir a revalidação desses autores na historiografia literária.

PRISMA ESPACIAL EM JOSÉ EDUARDO AGUALUSA: ILUMINAÇÕES E DISPERSÕES

Isabela Helena Rodrigues Coelho (UFRN)
Marta Aparecida Garcia Gonçalves (UFRN)

A categoria do espaço no texto literário tanto pode operar como fonte de simbologias já cristalizadas, como gerar um manancial de criação de novas associações reflexivas. Nas obras do escritor José Eduardo Agualusa o espaço abre-se como um prisma entre Angola, Brasil e Portugal, circulando por entrelugares diversos, iluminando questões referentes à sua significação e as reinventando continuamente, de forma que constituem uma estética que reflete a condição heterogênea da contemporaneidade, incluindo também uma reflexão sobre o fazer político da arte (RANCIÈRE, 1995, 2005). Esses questionamentos levam ao que Michel Foucault identificou como espaços heterotópicos, os quais transgridem a ordem e o comum sem deixar de pertencerem ao real, assim como a literatura, na qual a matéria informe transforma a forma, o conceito em si. Neste artigo, pretendemos expandir a própria concepção de espaço, visto que tenciona a condição da representação e a formação de alteridade pela junção de identidade, temporalidade e sensibilidades diferentes no texto literário. Para apresentar os resultados iniciais sobre a investigação desse cenário representativo e político, utilizaremos como aporte teórico basilar os trabalhos de Michel Collot (2006), Jean Baudrillard (1981) juntamente com a contribuição de Gaston Bachelard (2008) aliados às obras *O vendedor de passados* (2011) e *Teoria Geral do Esquecimento* (2012), de Agualusa.

UTOPIAS E APORIAS DA LUSOFONIA: REFLEXÕES EM BUSCA DE UM NOVO PARADIGMA

Isabel Pires de Lima (Universidade do Porto)

Parte-se da análise das aporias a que tem conduzido o conceito de lusofonia, no sentido de defender a necessidade de construção de um novo paradigma, mais atento ao carácter diverso da língua portuguesa nas várias geografias onde é falada, mas também atento ao seu carácter instrumental para o desenvolvimento económico e para a inserção geopolítica em contexto de globalização dos estados onde se fala português. Procurar-se-á defender a ideia porventura utópica de que o caminho de um novo paradigma para a lusofonia passará pelo uso da língua comum, também ou sobretudo para trocarmos conteúdos culturais em diversos suportes, e muito especialmente literatura. Refletir-se-á concomitantemente sobre as expectativas de crescimento da língua portuguesa, feito com economia e demografia, mas também com cultura, e da vitalidade internacionalizante que daí advém, o que obrigará, para além das agendas próprias dos vários estados, a identificar objetivos e interesses comuns.

IMAGENS DA ÁGUA EM POESIA DE SOPHIA ANDRESEN

Isadora Santos Fonseca (UFAM)
Rita do P. S. Barbosa de Oliveira (UFAM)

A poesia de Sophia Andresen é composta por imagens ligadas ao meio natural. Reconhecida pela dualidade, a poetisa portuguesa associa elementos da natureza a ânsia humana pela ordem. É por meio dessa ânsia que Andresen instaura uma busca em que o poeta se vale de elementos

naturais, como a água e a terra, para compor suas imagens. O elemento da água, porém, não se apresenta apenas como símbolo marítimo português, mas em diversas formas e estados. O livro *Poesia* (1944), o primeiro livro publicado da autora, traz alguns exemplos de imagens da água em configurações distintas. O presente artigo visa elencar algumas formas e sugestões de sentidos que a imagem da água assume na poesia de Sophia Andresen no livro em questão. Para tal análise, utiliza-se o filósofo e crítico literário Gaston Bachelard, com sua fundamentação sobre a imaginação material por meio da imagem da água no livro *A água e os sonhos: Ensaio sobre a imaginação da matéria*.

ÀS MARGENS DO RIO, À MARGEM DA INFÂNCIA: PERSONAGENS INFANTIS EM DALCÍDIO JURANDIR E JOSÉ VERÍSSIMO

Ivone dos Santos Veloso (UFPA)

A presente comunicação pretende focalizar algumas figurações da infância nas narrativas do Ciclo Extremo Norte, um projeto literário empreendido pelo escritor Dalcídio Jurandir (1909-1979) de compromisso ético e estético de representação não só da paisagem amazônica, mas, sobretudo, de sujeitos inseridos nesse contexto. Falamos na responsabilidade ética do seu projeto, haja vista que as narrativas do ciclo romanesco de Dalcídio Jurandir são construídas conscientemente a possibilitar a criação de um tempo e um lugar literário para que as figuras subalternas, suas vozes e seus discursos, possam vir à tona. Dentre os pobres e desvalidos que conformam a sua “aristocracia de pé no chão”, aparece um número considerável de personagens infantis que revelam, nas imagens tecidas, a dimensão social do projeto literário dalcidiano de maneira mais contundente. Assim, um filão de crianças sem nome, e, por vezes, sem voz, aparece ao lado de crianças que, mesmo nominadas, servem à casa alheia como forma de sobrevivência. Desse modo, esse trabalho também almeja demonstrar que as personagens infantis dalcidianas inserem-se numa tradição de narrativas que seguem a “linhagem da denúncia da exploração humana na Amazônia” (FURTADO, 2008, p.108). Para tanto, além dos romances dalcidianos, *Marajó* (1949) e *Belém do Grão – Pará* (1960), cotejamos nesse trabalho, uma narrativa anterior ao ciclo romanesco do escritor marajoara, de autoria de José Veríssimo, *O crime do Tapuio* do livro *Cenas da vida Amazônica* (1886).

A FORÇA DAS ORALIDADES EM NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA

Jacqueline Laranja Leal Marcelino (UNEB)

Neste artigo destacamos a identidade da personagem Rami como processo, a partir da procura por si mesma, desenvolvido na obra *Niketche: uma história de poligamia* da escritora Paulina Chiziane. Tendo sempre vivido no sul de Moçambique, a busca desta personagem pelas amantes de seu marido a fez se deslocar e conhecer melhor tanto seu país, como as diversidades e múltiplas identidades de mulheres de diferentes regiões deste, que permitiram que tal mulher reelaborasse sua própria identidade e entendesse esta questão como sempre provisória. Através de pesquisa bibliográfica centrada na questão de identidade como processo, defendida por Stuart Hall, analisamos momentos distintos que marcam a constituição da identidade da mencionada personagem a partir de marcas de oralidade representados na obra, que atuam na constituição da identidade dessa mulher, com a particularidade de que muitas vezes, pela tomada da consciência do sentido moralizante ou paralisante desses discursos, lendas e provérbios são ressignificados pela personagem. Recorremos a Abiola Irele, Ana Mafalda Leite e Ruth Finnegan para compreender o papel da oralidade nesta constituição. Identificamos,

conforme defendem estes estudiosos, a força da tradição da oralidade que serve de paradigma primordial para diversas maneiras de expressão no continente africano e apreendemos o quanto o discurso circulante em forma de lendas, mitos e provérbios pode moldar os indivíduos imersos nesse ambiente. Apreendemos que as mulheres podem ousar ser agentes de suas próprias vidas, reelaborando a tradição e se reconstruindo diferentemente das formas defendidas pela sociedade em que estão inseridas, a partir de rupturas com a cultura cristalizada que preconiza a submissão feminina.

YAKA: ENTRE A FICÇÃO E A HISTÓRIA

Jeferson Rodrigues dos Santos (UFS)
Jeane de Cassia Nascimento Santos (UFS)

Várias obras de Pepetela trazem em sua tessitura a relação entre ficção e história como algo extremamente relevante, pois, de forma subjetiva e autorreflexiva, revisitam o passado para pensar a construção da nacionalidade. Sob a perspectiva da metaficção historiográfica, busca mostrar que os acontecimentos históricos são relidos e reinventados através do ficcional, corroborando que “nenhum fato é histórico ou ficcional; ele assim se torna quando é selecionado por um historiador ou por um ficcionista.” (LIMA, 1989, 109). Assim sendo, este estudo discute os pontos de convergências e divergências entre as narrativas históricas e ficcionais, ao analisar *Yaka*, de Pepetela, que narra a saga de quase cem anos (desde o fim do século até o pós-guerra de libertação) da família Semedo em território angolano. No campo teórico, para além dos estudos que permeiam o diálogo entre ficção e história, ganha relevo as direções metodológicas da observação do vínculo do romance angolano às novas perspectivas de análise, apontando as conjecturas da crítica pós-moderna e pós-colonial como ferramentas para a compreensão dessas narrativas, demonstrando a farta relação entre as áreas de estudo na ficção pepeteliana, ao trazer temas como a colonização, a miscigenação, a identidade nacional, a discriminação.

NESSE BAR DE MANAUS NÃO ESTAREI ONDE ME AGUARDAS: SOBRE UMA VISITAÇÃO DO BRASIL POR ANTÓNIO FRANCO ALEXANDRE

Joana Matos Frias (Universidade do Porto/ILC Margarida Losa)

Visitação (Porto, Gota d'Água, 1983) foi o quarto livro de poesia publicado por António Franco Alexandre, depois do inaugural *A Distância* (1969), de *Sem Palavras nem Coisas* (1974) e de *Os Objectos Principais* (1979). Composta por seis secções unificadas a partir do título, acoletânea inclui um conjunto de poemas (secção III) explicitamente dedicados ao Brasil, que colocam diversos problemas de carácter linguístico, literário, cultural, etno- e antropológico, geo- e topográfico, todos integráveis em tendências dominantes da obra poética do autor, mas apresentando uma clara especificidade, decorrente da sua declarada e pre-ci-sa mo-ti-va-ção referencial. Nesta reflexão, procurar-se-á assim questionar em que medida tal motivação terá determinado uma configuração verbal e poemática distinta da habitualmente praticada pelo autor, bem como a possibilidade de se enquadrar essa expressão diferenciadora nos traços característicos de uma das obras poéticas mais estimulantes da literatura

A ALEGORIA DO “MURO” NA POESIA DE ÁLVARO DE CAMPOS E A ESCRITA REVOVADA DA TRADIÇÃO

Joana Souto Guimarães Araujo (USP)

Em uma época marcada pela atitude radical de revisão e renovação da literatura, como foi a da geração de *Orpheu*, a poesia de Fernando Pessoa desdobra-se criticamente, explicita e automatiza suas dimensões a fim de analisá-las. No macroplano da obra, o jogo heteronímico expõe uma infinidade de estados psíquicos em interação, compondo as multifacetadas de uma personalidade autoral aberta e em construção. Na condição de texto que são, os heterônimos pretendem ainda discutir, através de uma “poligamia literária” (COSTA, 2008, p. 786), diversas vertentes e movimentos assimilados de maneira contraditória à sua obra, seja nas tonalidades futuristas, cubistas ou vorticistas, seja no classicismo modernizante, ou nas discussões em torno do saudosismo e do decadentismo. Através da justaposição irônica dessas vertentes, Pessoa soube construir uma reputação assente em uma sólida personalidade literária definida pelo jogo ordenado de sua obra, formulados, não raro, por meio de contradições plantadas a fim de encenar os caminhos paradoxais e os impasses enfrentados pela poesia portuguesa no início do século XX. Na poesia de Álvaro de Campos, a qual pretendemos analisar, a alegoria do “muro”, entre outras figuras espaciais, dramatiza tal postura dialogante, instaurando uma série de dificuldades frente às noções de “tradição” e “ruptura” — universalizadas como critério de valoração e periodização literárias a partir do século XIX.

SEBASTIÃO ALBA: MÚSICA OBLÍQUA

João Batista Fernandes Filho (UFBA)

O presente ensaio procura apresentar a prosódia personalíssima conquistada pela poesia de Sebastião Alba (1960-2000) e o caminhar *pari passu* com o seu modo de ser e estar no mundo. Desse modo, analisa os diálogos e limites entre vida e linguagem, o combate corpo a corpo que o poeta luso-africano sustentou em toda a sua pequena, mas significativa obra: *O ritmo dopresságio*, *A noite dividida* e *O limite diáfano*. Os poemas desses livros foram exaustivamente reescritos até a sua morte por atropelamento numa rodovia de sua cidade natal, Braga, Portugal, dias antes do lançamento da antologia *Uma pedra ao lado da evidência*. A tensão linguística, visível nos ritmos originais dos seus versos e na busca incansável de uma dicção pessoal, aponta para a dualidade entre imanência e transcendência. Assim, este ensaio busca relacionar a linguagem metafórica do autor com os conceitos de margem e errância, partindo do pressuposto de que as dissonâncias de ritmo, timbre e prosódia funcionam como um espaço outro de ser e estar no mundo, sendo a poesia a *supracasa* do poeta luso-africano. Numa vida praticamente à deriva de uma ordem social, Sebastião Alba construiu seu verbo geométrico e musical. Foi uma vida que se desnudou das convenções sociais para o ato radical do pertencimento poético.

DE MÚSICAS, SUITES E VIOLONCELOS: GUILHERMINA, DE MÁRIO CLÁUDIO

Jorge Vicente Valentim (UFSCar/FAPESP)

A presente comunicação tem como objetivo apresentar uma via de leitura do romance *Guilhermina* (1985), de Mário Cláudio, sublinhando o diálogo estabelecido entre ficção e música, na recuperação biográfica da violoncelista portuguesa. Pretendemos mostrar que, para além de citações de cunho artístico e histórico, as referências às obras executadas por Guilhermina Suggia podem sugerir um possível caminho para a reflexão sobre os instrumentos

de construção estrutural e discursiva do autor. Também objetivamos destacar as singularidades deste texto (o segundo a compor a *Trilogia da mão*), a partir das imagens selecionadas por Mário Cláudio da artista portuense e das atenções dadas ao seu repertório.

AS RELAÇÕES ENTRE MEMÓRIA E HISTÓRIA: UMA PERSPECTIVA DO TESTEMUNHO, DO TRAUMA E DA MELANCOLIA NOS ROMANCES DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES

José Luís Giovanoni Fornos (FURG)

O objetivo é apresentar análise das relações entre memória e história, considerando as categorias do testemunho, do trauma e da melancolia nos romances de António Lobo Antunes publicados a partir do ano de 2000. Para tal empreendimento, recorre-se aos campos teóricos da historiografia, da psicanálise e da teoria da literatura, inserindo-os numa perspectiva política e sociológica. Dos entrelaçamentos previstos, são importantes a compreensão e a explicação dos processos sociais envolvendo sujeitos vinculados em distintos territórios, demarcados nacional e globalmente. Entre os estudiosos que servem de base para o estudo, encontram-se os trabalhos de Nietzsche, Walter Benjamin, T. H. Adorno, Emmanuel Lévinas, Sigmund Freud, Jacques Lacan, Paul Ricoeur, Edward Said, Homi Bhabha, Giorgio Agamben, Boaventura de Sousa Santos, Beatriz Sarlo, Márcio Seligmann-Silva, entre outros.

ALBERTO, ORPHEU, ÁLVARO: PONTES

José Luiz Foureaux de Souza Júnior (UFOP)

Este trabalho tem como objetivo construir pontes para ligar as relações de amizade de dois poetas portugueses do final do século XIX: António Nobre e Alberto de Oliveira. O ponto de partida para a presente proposta é a leitura da correspondência de António Nobre (totalmente publicada). Nessa correspondência, aparecem indícios de cartas escritas por seu amigo, Alberto de Oliveira, explicitando laços estreitos até de amizade íntima que vai além do intercâmbio intelectual e literário entre ambos. Isso abre o caminho para uma abordagem de uma espécie de jogo, sustentado pela perspectiva de “pacto homosocial”, como apresentado por Eve Sedgwick Kosofski em seu livro *Between men*. Nesta perspectiva, a amizade entre os dois poetas, além de destacar os interesses poéticos e espirituais comuns, sugere uma relação estreita que leva a cogitar com naturalidade o caráter afetivo da relação entre eles. Respeitados estes pressupostos, a leitura de uma das cartas de António Nobre a Alberto de Oliveira pode ser enriquecida por outras perspectivas que alargam o âmbito da crítica da literatura produzida por eles, especialmente quando se considera o contexto português do final do século dezenove a que essa relação se circunscreve. Neste sentido, o Decadentismo e o Simbolismo – então atuais correntes estéticas – podem ser reconsiderados nos termos em que David Baguley apresenta sua releitura do Naturalismo, a que as duas correntes mencionadas aqui são articuladas. O trabalho se encaixa no âmbito alargado dos estudos de Literatura Comparada, sobretudo os circunscritos à Estética da Recepção, o que corresponde a análise e renovação de exercício crítico de releitura a partir de gêneros literários diversos como a epistolografia, retomando criações literárias em perspectivas novas e renovando o alargamento constante de escritores representativos.

PROLETÁRIOS E SUBALTERNOS: RELAÇÕES ENTRE *FAMINTOS* E O ROMANCE DE 30.

José Marcelino Ferreira Júnior (UFRN)
Marta Aparecida Garcia Gonçalves (UFRN)

O foco deste artigo é analisar influências do Romance de 30 quanto ao tema e à constituição de personagens em *Famintos* (1962), obra do escritor cabo-verdiano Luís Romano, tomando como parâmetro *São Bernardo* (1934) e *Vidas Secas* (1938), de Graciliano Ramos, e os romances de Jorge Amado pertencentes ao ciclo do cacau: *Cacau* (1933), *Suor* (1934) e *Jubiabá* (1935). O procedimento utilizado é o estudo comparativo, conforme proposto por Carvalhal (2003) e Coutinho (2003) principalmente no que diz respeito a considerar diferentes literaturas como manifestações culturais inseridas em uma rede de relações globais cuja compreensão só pode ser efetivada a partir do entendimento dos contextos pós-coloniais e de processos de construções simbólicas complexas que não devem ser abordadas como simples imitação. Dessa forma, eliminando-se o viés reducionista de observar a literatura como expressão unívoca, abre-se a possibilidade de investigar essas obras como um diálogo entre culturas ou parte de uma articulação libertária supranacional, como propõe Abdala Jr. (2007). Tendo em vista o caráter de denúncia de problemáticas sociais e políticas comuns às duas nações e predominantes nas obras estudadas, as relações entre *Famintos* e a literatura brasileira de 30 são analisadas sob duas perspectivas: a de Camargo (2001) quanto à tipologia de personagens próprios do romance de 30 (trabalhadores do campo e proletários urbanos) e a de subalternos conforme Spivak (2010).

GULA E LITERATURA: A GASTRONOMIA NA LEITURA DE AS CIDADES E AS SERRAS

José Roberto de Andrade (IFBA/Salvador)

O escritor Eça de Queirós (1845-1900) não se destacou pelas habilidades culinárias, mas marcou a cozinha portuguesa. Sua obra literária e jornalística revela que Eça escolheu representar, também pela perspectiva do estômago, a sociedade portuguesa de sua época. A culinária é tão importante em sua obra que inspirou livro de receitas e chamou a atenção de leitores ilustres, como Machado de Assis. Este trabalho procura enfatizar a importância da gastronomia na estruturação de *As Cidades e as Serras*. Composto gastronomicamente seus personagens, Eça exercita a crítica e destaca as singulares condições, perspectivas e limitações da sociedade portuguesa do século XIX.

DE FIDELINO DE FIGUEIREDO E JORDÃO EMERENCIANO À ABRAPLIP: OS ESTUDOS DE LITERATURA PORTUGUESA NO BRASIL

José Rodrigues de Paiva (UFPE)

Os estudos de Literatura Portuguesa nos cursos de Letras da Universidade brasileira têm início com a vinda do professor português Fidelino de Figueiredo contratado pela USP, em 1938, para a regência da disciplina de Literatura Luso-Brasileira na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Ali, Fidelino daria início à criação do Instituto de Estudos Portugueses, mais tarde formalizado por Antônio Soares Amora. A partir daí, em várias outras universidades do país seriam criadas entidades semelhantes. Na Universidade do Recife (assim era chamada à época a Universidade Federal de Pernambuco), o professor Jordão Emerenciano criou, em 1954, na Faculdade de Filosofia de Pernambuco, o Instituto de Estudos Portugueses que mais tarde viria a chamar-se Associação de Estudos Portugueses Jordão Emerenciano. Marcaram época os

“Seminários de Verão” realizados anualmente pelo professor pernambucano. Em Salvador, em 1966, o professor Hélio Simões realizaria a primeira “Reunião Nacional de Professores Universitários de Literatura Portuguesa”, ponto de partida para uma série de “Reuniões” e de “Encontros” que culminariam na criação da Abraplip e na realização dos seus “Congressos Internacionais” e na dos “Encontros Norte-Nordeste”. É disto que trata o presente trabalho.

ANTERO DE QUENTAL, EÇA DE QUEIRÓS E O ORIENTALISMO EUROPEU OITOCENTISTA

José Carvalho Vanzelli (Hankuk University of Foreign Studies)

As investidas imperialista e colonialista do velho continente nas mais diversas nações asiáticas e a “(re)descoberta” das culturas orientais pelos artistas e pensadores europeus fizeram com que, no século XIX, o Oriente – sempre uma região de fronteiras geográficas pouco definidas e de uma abrangência histórico-cultural enorme – figurasse em diversas obras literárias. Pode-se afirmar, inclusive, que versar sobre o Oriente se tornou uma espécie de lugar comum da literatura europeia oitocentista. Antero de Quental (1842-1891) e Eça de Queirós (1845-1900) foram dois dos principais nomes das letras lusófonas da segunda metade do século XIX e, obviamente, não excluíram as referências orientais de seus pensamentos e de seus textos. Como exemplo, podemos lembrar que Eça transportou dois de seus personagens – Teodoro, de *OMandarim* (1880) e Fradique Mendes, de *A Correspondência de Fradique Mendes* (1900) – a terras orientais. Já Antero escreveu os famosos poemas “Nirvana” e “Sonho Oriental”, ambos parte de *Sonetos* (1886), que reverberam seus ecos orientais e orientalistas. Embora não seja a temática mais marcante de suas respectivas literaturas, o Oriente para Antero e Eça ultrapassa os limites das meras referências, sem, obviamente, cair na exaltação nacionalista tão comum na época. Lembramos que no último quartel do século XIX ocorreram as comemorações do terceiro centenário de morte de Camões, em 1880, e do quarto centenário da chegada de Vasco da Gama às Índias, em 1898. O presente trabalho busca debater como o Oriente foi visto e interpretado por esses dois importantes nomes da literatura portuguesa, refletindo de que forma seus pensamentos dialogam com o orientalismo literário português e europeu. Intencionamos, ainda, ver em que ponto os Orientes de Antero e Eça conversam entre si, identificando as consonâncias e dissonâncias de suas leituras.

A BELEZA DA NARRATIVIDADE EVIDENCIADA EM JOÃO TORDO E VALTER HUGO MÃE

Juliana Florentino Hampel (USP)

A presente comunicação busca aproximar duas vozes relevantes da produção romanesca contemporânea em Portugal: João Tordo e Valter Hugo Mãe, abordando de que modo os dois autores retomam as temáticas políticas pós-revolução dos Cravos em duas de suas obras: os romances *As três vidas*, do primeiro, e *A máquina de fazer espanhóis*, do segundo. O período ditatorial assoma às narrativas e se apresenta como cenário das histórias contadas em cada um deles da seguinte maneira: em João Tordo, a narração, desenvolvida como um romance policial, é envolvida por um clima de mistério, e tem o enredo repleto de personagens estranhas, num ambiente de suspense e estranhamento; em Valter Hugo Mãe, a decrepitude da velhice exposta por intermédio de um narrador que retorna no tempo histórico a fim de acertar as contas consigo mesmo e com seu país, também povoada por um cenário de mistério e fantasia, no qual confluem a insanidade dos moradores de um asilo e a verdade dos fatos. Num jogo lúdico-

estético, no qual a necessidade de legar uma verdade ao mundo é preterida em favor da contação de uma boa história, os dois autores criam cenários nos quais personagens aprendem novas formas de relacionamento no convívio com estranhos, e expõem de que modo os regimes totalitários – em Tordo, extraterritorialmente, em Hugo Mãe, evocando a terra natal – influenciaram condutas, ações e decisões das personagens que reverberam no presente da narração. Por fim, a intertextualidade por meio da criação de uma biblioteca pessoal selecionada por cada um dos escritores também será abordada, como marca desta nova geração, a qual dialoga com textos escolhidos criteriosamente com o propósito de conferir uma expressão escrita a essa nova genealogia por cada um deles criada.

REDUÇÃO DO VERSO EM CARLOS DE OLIVEIRA E JOAQUIM MANUEL MAGALHÃES

Juliana Jordão Canella Valentim (UFF)

Os procedimentos líricos de alguns poetas portugueses contemporâneos estão em consonância ao optar pela redução do verso. Neste sentido, entende-se que haja uma correlação com o fim do verso anunciado por Marllamé em seu livro *Divagações*, de 1897. A ruptura e o corte são procedimentos já verificados nos poemas de Joaquim Manuel Magalhães desde um de seus primeiros livros, como por exemplo *Consequência do lugar*, publicado em 1974. A linguagem utilizada introduz o sujeito na cena de escrita da subjetividade e, por vezes, do próprio fazer poético. Já na década de 1990, com a publicação de *Um Toldo Vermelho*, livro considerado obra completa do autor, os poemas de Joaquim Manuel Magalhães sofreram alterações devido ao procedimento de reescrita, favorecendo o desaparecimento do eu que antes era exposto nos poemas com recorrência. Tal procedimento também era adotado por outros autores nas décadas de 1960 e 1970, como por exemplo Carlos de Oliveira em seu livro *Micropaisagem*. O processo de redução do verso, neste sentido, é verificado como um fato recorrente nas poéticas do final do século XX. Com isso, o estudo da crise do verso e a ideia de seu aparente desaparecimento pode ser também compreendido como procedimento contemporâneo de reescritura para enfatizar o apagamento ou diluição do eu.

O PREFÁCIO CAMILIANO EM "O QUE FAZEM MULHERES"

Katrym Aline Bordinhão dos Santos (SEED-PR/UFPR)

O desenvolvimento do romance perpassou os séculos XVIII e XIX e essa formação pôde ser acompanhada através das discussões realizadas dentro do próprio gênero, formuladas pelos romancistas em suas obras. O romance português, da mesma forma, passou por esse período, procurando se concretizar na tradição literária em meio a um público que demonstrava grande interesse nas temáticas e formas das traduções francesas e inglesas. No caso de Camilo Castelo Branco, podemos encontrar essas aparições de reflexões romanescas tanto no corpo dos romances como em outras partes que os compõem, como os prefácios, foco deste trabalho. A extensa obra camiliana apresenta prefácios especialmente destinados a comunicações com os leitores e explicações sobre a formação do romance e mesmo a recepção de suas obras, desempenhando a função comum desse recurso. Outra questão frequentemente pontuada dizia respeito à afirmação da veracidade da narrativa que seria contada, demonstrando mais um dos desafios para os romancistas da época. O objetivo aqui é refletir sobre a forma como ocorre a teorização sobre o romance, e por consequência a sua vertente portuguesa, no prefácio de *O que fazem mulheres* (1858). Essa obra chama a atenção já pela inserção de dois textos que

funcionam como prefácios e de suas localizações. Outro ponto interessante é a insistente afirmação sobre a confirmação de uma tese sobre o comportamento da personagem principal, que também reflete uma tendência da abordagem romanesca da época. A escolha pelo(s) prefácio(s) se justifica por conta da extensão deste trabalho, que pretende servir de base para a análise futura da teorização sobre o romance na obra como um todo, o que fará parte de tese, em andamento, sobre parte da obra de Camilo Castelo Branco.

ESTÉTICA E EXISTÊNCIA EM SÁ-CARNEIRO: UMA INTERPRETAÇÃO DA NARRATIVA *A CONFISSÃO DE LÚCIO* À LUZ DE SÖREN KIERKEGAARD

Leonardo Silva Sousa (UFMA)

O objetivo dessa comunicação consiste em articular um diálogo entre o pensamento do filósofo moderno Søren Aabye Kierkegaard (1813-1855) e o poeta português Mário de Sá-Carneiro (1890-1916). Kierkegaard, um filósofo de origem dinamarquesa, foi um pensador que ao distanciar-se do saber especulativo e da tradição da Filosofia de Sistemas de sua época, desenvolveu uma filosofia que possuía como tarefa a possibilidade do ser humano transformar sua existência na busca pela autenticidade. Mas para isto, o homem deveria se libertar das mentiras e convenções sociais para aprofundar-se em si mesmo. De tal modo a obra de Sá-Carneiro “pinta a existência” em suas cores mais vivas e escuras, bem como todo o peso de carregá-la. Foi o desgosto pela vida que impulsionou um dos co-fundadores da revista *Orpheu* a criar uma obra ácida e reveladora, partilhando os seus sentimentos, anseios e indignações com o leitor. Partindo desses apontamentos, tem-se como meta interpretar a narrativa *A Confissão de Lúcio* à luz da filosofia de Kierkegaard, analisando como as personagens experimentam aquilo que o filósofo caracteriza como *estádio estético*, onde o indivíduo vive para a fruição do gozo, buscando superar a finitude de sua existência pela arte. Para o esteta, a arte não é apenas um artifício para gozar a vida, mas aquilo que o motiva a superar o seu cotidiano, buscando novas sensações e experiências, e com as personagens de Sá-Carneiro isto se desenrola da mesma forma. Ao articular um diálogo entre Filosofia e Literatura, tem-se como meta a abertura de espaço para novas leituras e interpretações de ambos os autores.

“O LADO FATAL”, DE LYA LUFT, E A ESCRITA DE SI

Lilian Oliveira Cavalcante Santos (UFS)

O presente ensaio busca apresentar “O lado fatal”, de Lya Luft, no intuito de evidenciar, ainda que de forma parcial, a experiência do eu-lírico frente à morte. Morte esta que no imaginário do poeta se anima, tornando frágeis as barreiras que separam a memória, a autobiografia e o testemunho da escrita literária, pois “‘O lado fatal’ não foi elaborado como uma ‘forma literária’, foi um desabafo num momento sombrio” (LUFT). Configurado como uma ausência-presença que ganha plurissignificação e cria uma realidade mais real que a própria realidade. Essa duplicidade morte/vida pode ser vista como símbolos de uma estética literária que se pauta no estranhamento e jogos de máscaras, que nos fazem lembrar Orfeu e Perséfone. Do ponto de vista da construção, esta obra destacam-se por uma (des)figuração desconcertante, que denuncia uma escrita altamente lírica que assinalaram um lugar único na literatura contemporânea. O presente ensaio é um dos frutos de uma pesquisa pós-graduação, ainda em andamento, realizada junto à UFS, dedicada a escrita de autoria feminina. No que tange à orientação teórica, merecem destaque os estudos em torno das relações entre literatura e testemunho, “O testemunho: entre

a ficção e o ‘real’”, de Márcio Seligmann-Silva e literatura e morte, “Ideia da morte”, de Giorgio Agamben.

O CONTEMPORÂNEO E O VAZIO: CONSIDERAÇÕES EM TORNO DE UMA VIAGEM À ÍNDIA

Luca Fazzini (PUC/RJ)

No seu texto *O que é o contemporâneo*, Giorgio Agamben define o contemporâneo como uma dissociação e um anacronismo. Para o filósofo, contemporâneo seria aquele que, fracionando o tempo, consegue estabelecer relações entre passado e presente, para não se deixar cegar pela luz do seu século mas ver nele as ‘íntimas obscuridades’. Desta forma, ser-lhe-ia possível uma interpretação inédita da história da própria civilização. No caso português, durante séculos o passado mítico – construído através da mistura de elementos historiográficos e das memórias oferecidas também pela literatura – foi interpretado para justificar o presente e pensar um futuro amiúde lugar da utopia. Por conseguinte, retomando as considerações de Agamben, aquele que se pode considerar contemporâneo, no Portugal pós 25 de Abril, relê a história lusitana para pensar a própria civilização já não em uma luminosa perspectiva utópica, mas na tentativa de vislumbrar as sombras do presente. Lugar, este último, onde se manifesta o vazio identitário causado pela derrota do império colonial e pela problemática integração à Comunidade Europeia. Neste sentido, em *O contemporâneo e o vazio: considerações em torno de Umaviagem à Índia* proponho uma leitura da obra mencionada de Gonçalo M. Tavares - e do diálogo intertextual que estabelece com o poema *Os Lusíadas* de Camões - que tente refletir sobre as relações entre o texto e a realidade portuguesa contemporânea.

ESCRITOS DE “VÉSPERA” – OS PRIMEIROS ROMANCES DE VERGÍLIO FERREIRA

Luci Ruas (UFRJ - UFRJ)

O presente ensaio tem por finalidade apresentar em perspectiva crítica as narrativas inaugurais da obra de Vergílio Ferreira – *A curva de uma vida* (novela escrita em 1938 e publicada em 2010, quatorze anos depois da morte do escritor) e *O caminho fica longe* (publicado em 1943 e considerado o seu primeiro romance) – a que se acrescentam *Vagão J* (1946), *Onde tudo foi morrendo* e *Promessa* (1947/ 2010), formando um conjunto chamado pelo próprio autor de *Véspera*, título que encontrou para reunir sua produção inicial, conhecida de seus leitores e críticos como fase neorrealista. Nessas narrativas é possível já reconhecer os grandes problemas que marcariam a obra de Vergílio Ferreira. Os temas obsessivos – a morte, a descoberta de quem é, a ausência do pai, as ideias que o inquietaram desde sempre – aí já se anunciam e ganham, com a publicação de *Promessa*, novos contornos, uma vez que o até então considerado romance de “viragem” – *Mudança* (1949), cede seu lugar ao mais recentemente publicado, que passa a ser considerado o primeiro romance de ideias (ou romance-problema) de seu autor. Para ratificar o que proponho, pretendo estabelecer um diálogo entre a ficção vergiliana (excetuando-se *Onde tudo foi morrendo*, a que não tenho acesso) e alguns de seus ensaios em que essas questões se fundamentam.

LISBON, LISBOA: CARTOGRAFIAS URBANAS EM A VIDA EM LISBOA, DE JULIO CESÁR MACHADO

Luciana Nascimento (UFAC/PPGLI e UFRJ/PIPGLA)

O espaço urbano foi uma das grandes inovações de fins do século XIX. O espetáculo das ruas, as novas formas de sociabilidade e o imaginário civilizador, portador de ideias de progresso e da crença na modernidade, na técnica e na ciência, suscitaram inúmeras leituras desse novo espaço, tanto por parte dos seus planejadores, políticos, médicos como também dos seus escritores, tanto na Europa como em outras partes do mundo. A literatura do século XIX tematizou as ruas, os personagens anônimos, lançando diferentes olhares sobre as cidades, na incessante busca de lê-las como mapas textuais. Nesse sentido, tendo como base a leitura que Walter Benjamin (1994) faz das relações acerca entre literatura e experiência urbana, identificando uma literatura das fisionomias urbanas. Nesse sentido, propomos, neste trabalho realizar uma leitura da obra *A Vida em Lisboa – Romance contemporâneo* (1857), do escritor português Júlio Cesar Machado, tendo como horizonte a representação da cidade de Lisboa na segunda metade do século XIX, num momento, em especial, em que a sociedade lisboeta busca um ideal de progresso, não obstante, uma boa parte dos intelectuais estivesse debatendo a decadência e a condição da “miséria portuguesa”. Angel Rama, em *Cidade das Letras*, afirma que as cidades desenvolvem uma linguagem, abrangendo dois espaços sobrepostos: o físico, que o caminhante percorre até perder-se na sua travessia e o simbólico que reordena e relê a cidade. (RAMA, 1985). Que cartografia simbólica de Lisboa nos traça Júlio Cesar Machado em *A Vida em Lisboa – Romance contemporâneo*?

REBELO DA SILVA, ENTRE HERCULANO E GARRETT: RELEITURAS DO ROMANCE HISTÓRICO OITOCENTISTA

Luciene Marie Pavanelo (Unesp)

Em virtude do predomínio da novela passional e do romance realista-naturalista nos manuais de literatura, a narrativa histórica oitocentista acaba sendo relegada a segundo plano pelos estudiosos da Literatura Portuguesa, que, quando atentam para ela, acabam reconhecendo somente a importância de Alexandre Herculano e Almeida Garrett. O romance histórico, no entanto, foi o gênero a partir do qual os escritores portugueses entraram no mercado editorial para concorrer com os escritores ingleses e franceses, na década de 1840, tendo tido importância fundamental na ascensão do romance em Portugal. Hoje esquecido devido à supremacia de Herculano e Garrett no cânone, Rebelo da Silva publicou várias obras do subgênero histórico que foram muito consumidas pelo público da época, sedento por enredos de ambientação medieval. Como sabemos, a fim de conquistar o gosto do público leitor habituado a consumir os autores estrangeiros, os romancistas lusófonos precisavam ter em mente os modelos importados, que, no caso da década de 1840 em Portugal, resumiam-se às obras de Walter Scott e Victor Hugo. No entanto, não necessariamente os portugueses reproduziam tais modelos, imitando-os – muitas vezes esses escritores questionavam e ridicularizavam a cópia desses paradigmas, realizando, assim, um diálogo crítico com os lugares-comuns em voga. Dessa forma, é nosso objetivo aqui apresentar uma reflexão sobre a obra de Rebelo da Silva, tendo-se em vista o seu contexto de produção, entre grandes escritores como Garrett e Herculano, Walter Scott e Victor Hugo.

OS CONGRESSOS DA ABRAPLIP: O TESTEMUNHO DE UMA MEMÓRIA EM CONSTRUÇÃO

Luís Fernando Prado Telles (UNIFESP)

A presente comunicação tem como escopo a questão da memória de um modo particular, na medida em que procura constituir-se numa espécie de testemunho sobre a um trabalho de recuperação do histórico dos congressos da Associação Brasileira dos Professores de Literatura Portuguesa, a ABRAPLIP. A razão desse estudo nasce fundamentalmente da constatação da ausência de um documento único que dê conta de forma mais completa do histórico de tais congressos. Mesmo nas páginas de internet dedicadas a estes, sazonalmente, a cada edição, as tentativas de recuperação desta memória mostram-se sempre fragmentárias, como se partissem do pressuposto de que tal história é conhecida ou não merecesse ser recuperada de modo mais completo. Pretende-se, pois, estabelecer um panorama histórico dos congressos ocorridos, com atenção especial para a recuperação de suas temáticas, autores, obras e problemas abordados. Trata-se, pois, da tentativa de recuperação de uma memória que se pretende em construção. Para tanto, o presente estudo apoiou-se num trabalho de levantamento bibliográfico e documental realizado no âmbito de uma pesquisa mais abrangente, realizada em nível de pós-doutorado, cujo projeto inicial (USP/FAPESP) intitulou-se *A presença da Literatura Portuguesa no Brasil: percursos e percalços do ensino e da pesquisa no processo de constituição da área de Literatura Portuguesa nas Universidades brasileiras*.

MANUEL LOPES E O SENTIMENTO DE APEGO AO LUGAR: UMA LEITURA DA ESPACIALIDADE EM OS FLAGELADOS DO VENTO LESTE

Luis Oliveira Freitas (UFMA)

Objetiva-se com este trabalho uma leitura da espacialidade no romance *Os flagelados do ventoleste*, do cabo-verdiano Manuel Lopes, à luz da relação que alguns personagens estabelecem com o lugar em que vivem. A obra literária africana evidencia um cenário desolador em que a seca assola todos os aspectos da vida dos personagens reduzindo-os à condição de flagelados. Diante de tal realidade, a única saída é o êxodo, seja para outras regiões de Cabo Verde, seja para o exterior. No entanto, alguns personagens insistem em permanecer em seu lugar, talvez por acreditarem num milagre dos céus. É o caso, por exemplo, de José da Cruz, o protagonista, que só sairá de sua casa após perder tudo o que tem, inclusive a própria família. O referencial teórico a que se propõe esta análise fundamenta-se na Geografia Humanista Cultural, de base fenomenológico-existencialista, mais propriamente nos conceitos de espaço, lugar, topofilia e topofobia, sustentados por seu principal representante, o geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan nas obras *Topofilia: um estudo da percepção, valores e atitudes do meio ambiente* (2012) e *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência* (2013).

DE QUEM É ESSA HISTÓRIA, JÁ ENTÃO? – APONTAMENTOS INICIAIS PARA PENSAR O OCIDENTE A PARTIR DA AMAZÔNIA

Macário Lopes de Carvalho Júnior (UEA)

“Quem somos?” e “de onde viemos?” são questões postas no presente, e para as quais diferentes respostas podem ser apresentadas. Um dos caminhos possíveis para refletir sobre esse tema seria procurar relações entre algumas das ideias de Michel Foucault e outras do campo dos estudos pós-coloniais. Esta seria, então, uma seara em que os historiadores poderiam se beneficiar de um diálogo com a literatura e com os estudos culturais para pensar a história do (e no) mundo de hoje, a partir de um conjunto de referenciais não eurocêntricos. Para tanto, e essa é a proposta desta comunicação, refletiremos sobre algumas das ideias de Michel Foucault, Edward Said, Frantz Fanon e Ashis Nandy pensando a produção do conhecimento histórico no meio acadêmico e a circulação de alguns discursos específicos a respeito do passado. Abordaremos as múltiplas relações que se estabelecem entre história e memória social a partir das posições e dos pontos de vista dos produtores do conhecimento histórico, buscando levar em conta a permeabilidade do tecido social aos diferentes discursos acerca do passado.

O OLHAR DE RUY BELO SOBRE CHICO BUARQUE, OSCAR NIEMEYER E GLAUBER ROCHA

Manáira Aires Athayde (Universidade de Coimbra)

Propõe-se reconhecer como para o poeta português Ruy Belo (1933-1978) foi importante entrar em contato com a obra desses três artistas brasileiros e de que como a sua ida para a Espanha, onde morou de 1971 a 1977, figurou-se fundamental em sua imersão na cultura brasileira. Trata-se de detectar intertextualidades, desde relações de ordem temática, ecfrástica ou de transposição poética, contextualizando-as no discurso poético de Ruy Belo, mas não só: perceber como podemos modificar o nosso olhar sobre determinados poemas belianos quando o confrontamos com obras desses artistas. Também será importante para a nossa investigação refletir sobre os processos interartístico na poética de Ruy Belo, acentuando a chamada “proliferação das artes poéticas” no intercâmbio que realiza com outras artes, neste caso a música, a arquitetura e o cinema.

CONTIGÊNCIAS DE UM MUNDO IMAGINÁRIO: ROCHA PITA - O DEVIR E A HISTÓRIA DA AMÉRICA PORTUGUESA

Manoel Barreto Júnior. (UNEB/UnB)

A intenção desta comunicação é analisar alguns aspectos das contingências do imaginário empenhadas na obra *História da América Portuguesa (1730)*, de Sebastião da Rocha Pita, através duma perspectiva comunicacional. Neste sentido, o espaço imaginado e, consequentemente, representado como América Portuguesa, enlaça o entendimento que a prática literária é também uma prática política, na medida em que pela ação criadora o sujeito histórico se mostra determinado por circunstâncias objetivas, naturais e sociais que, deste modo, evidencia o essencial para o estabelecimento da eficácia estética numa das primeiras manifestações literárias luso-americanas. É certo, entretanto, que na *História da América Portuguesa*, dadas suas peculiaridades, constituem partes simbólicas da imensidão do mundocolonial brasílico que evidencia a essência das quais são produzidas as narrativas, sobretudo, por refletir a inteireza comunicativa e as possíveis transgressões interpretativas do imaginário

(pós)colonial – que acabam por romper os silêncios estabelecidos pelas forças imperialistas. Ou seja, posicionamentos discursivos que faz minar fronteiras rígidas, não só no campo dos estudos literários, mas ainda em outras áreas das ciências humanas, através da atualização de conceitos tais: nação, narrativas coloniais, identidades/subjetividades entre outros; sustentáveis, por vezes, para garantir interesses do aparelho ideológico hegemônico. Aspectos que podem fomentar o esquecimento daqueles que têm em si os vestígios de memória, e, portanto, o dever político-social de estendê-la a todos, a fim de favorecer as (des)conexões dos sujeitos históricos e suas narrativas espetaculares.

A TOPOFILIA E A TEORIA DA PERCEPÇÃO EM MIA COUTO E ÉLSON FARIAS: (METÁFORAS DE) REPRESENTAÇÕES DO LUGAR, DO ESPAÇO E DA IDENTIDADE DE MOÇAMBIQUE E AMAZONAS

Manoel Domingos C. Oliveira (UEA)

As relações culturais do homem com seus locais e espaços só pode ser intensivado por algum apego que ele, como ser pensante, venha constituir objetiva ou subjetivamente em suas atividades intelectuais e, precisamente, nas criações literárias. O presente trabalho, cujo título é A topofilia e a teoria da percepção em Élson Farias, poeta amazonense, e Mia Couto, escritor moçambicano, propõe **um estudo comparado** entre os dois escritores a partir da abordagem da Teoria da Percepção. Atualmente análises culturais e literárias sob essa perspectiva estão cada vez mais presentes nas investigações dos cursos de Letras. O método usado foi o indutivo que é uma observação de partes menores das obras para as maiores. A abordagem deu-se numa visão fenomenológico-hermenêutica, na lógica de Merleau-Ponty e de Tuan quando tratam dos fenômenos das localidades, das essências, dos espaços e das pessoas ao se refletir os saberes e as vivências, a partir das ações dos agentes literários. O livro Romanceiro, de Élson Farias em sua segunda publicação e os livros Vozes anoitecidas, Na berna de nenhuma estrada, Um Rio Chamado Tempo Uma Casa Chamada Terra e Raiz de Orvalho, de Mia Couto, constituíram as bases de leitura e análises de cultura, topofilia e pertencimentos amazônicos e moçambicanos. Ao realizar este trabalho, buscaram-se várias compreensões para a visão cultural do lugar e da vivência que se destacam pela sua regionalidade, além de se associar as concepções do cotidiano do caboclo que vive a margem do rio, e do aldeão moçambicano que se integram nas suas realidades e naturezas: a floresta, a mata, os rios, as comunidades, as aldeias, as crenças e outros espaços. Nos poemas narrativos e nos contos, o homem, transcende como o vetor de sua cultura, pois é ele que ocupa e vive o lugar e sua ação é o grande material cultural rico em diversidade e sentidos. Aspectos da cultura amazonense e moçambicana aportam nesse trabalho e desvelam saberes acumulados durante a mundividência do homem com a floresta, com o rio e com a aldeia.

A REVITALIZAÇÃO DA EPOPEIA E A AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE DE TIMOR LOROSAE: D'OS LUSÍADAS, DE LUÍS DE CAMÕES, A MAUBERÍADAS, DE XANANA GUSMÃO

Manuel Ferro (Universidade de Coimbra/CIEC)

Há quase dois séculos que profetas das vanguardas anunciam a morte da epopeia. Se na Europa é viável incluí-la no conjunto de gêneros mortos, sem vitalidade, nem expressividade criativa desde então, o mesmo não se pode afirmar se forem tidas em conta as literaturas de países que se vão gradualmente libertando do jugo colonialista e procuram construir a sua própria identidade nacional e cultural. Nesse sentido, e em tais contextos, a epopeia ainda é um gênero por excelência onde se põe à prova o estro poético do autor, ao mesmo tempo que este se afirma como porta-voz de uma comunidade com quem partilha a mundivisão e respectivos valores. No caso concreto da lusofonia, a epopeia continua a ser um modo de afirmação das idiossincrasias de cada um dos povos que a integram. Não admira, por isso, que *Os Lusíadas* constituam uma referência, um paradigma, um modelo a seguir ou a contestar e Luís de Camões seja o poeta maior, colocado acima mesmo dos grandes épicos da Antiguidade Clássica. Ora, nesse diálogo estabelecido entre as literaturas da lusofonia, no caso mais recente da independência de Timor Lorosae, é igualmente através da epopeia, e seguindo o arquétipo da obra camonianiana, uma vez mais, que a identidade da cultura maubere se exprime. Ainda antes da independência alcançada, antes também do domínio indonésio, Xanana Gusmão compõe *Mauberiadas*, e através desse poema heroico, de exaltação do seu povo e da sua cultura, acaba por ser premiado. Assim, é do profícuo diálogo de culturas estabelecido entre os dois poetas, cujo objetivo foi em ambos os casos afirmar e divulgar ao mundo a grandeza, a coragem e identidade da sua pátria, que se revitaliza um gênero que há muito se tem vindo a considerar morto.

SOCIEDADE, CULTURA, POLÍTICA E DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NA LITERATURA ANGOLANA: O CASO DO “MESTRE TAMODA”, DE UANHENGA XITU

Marcela Magalhães de Paula (UNILAB)
Cássio Florêncio Rubio (UNILAB)

Este trabalho apresenta, através do estudo do conto “Mestre Tamoda”, do escritor angolano Uanhenga Xitu, o papel de instrumento exercido pela língua portuguesa pelo poder colonial, dentro do espaço lusófono, inserido em um contexto cultural em que a diversidade linguística africana é marcante, mas constantemente ameaçada pelos aparatos do estado e suas agressivas políticas públicas, representadas pelo “Estatuto do Civilizado” e camufladas pela falsa harmonia propagada pelo Lusotropicalismo, de Gilberto Freyre. No texto analisado, podemos perceber o estabelecimento de forças da opressão colonial ao impor o domínio o idioma Português como requisito indispensável para a ascensão social e consequentemente o estabelecimento de “preconceitos” linguísticos e do tratamento inusitado que o personagem Tamoda dá ao uso da língua do colonizador. Como expressa Norton de Matos (1953), o conceito de “Nação Una” portuguesa resume a realização prática duma política colonial que conjugava uma suposta valorização dos territórios ultramarinos com uma falsa função secular messiânica da Nação portuguesa de levar o “indígena ao patamar da civilização europeia”. Salazar transforma a questão colonial num aspecto central de seu governo, entendendo que o colonialismo era fundamental para a manutenção governativa de qualquer regime político em Portugal. Neste sentido, o Estado Novo fundar-se-á nesta espécie de “mística imperial”, cujos valores são amplamente difundidos em sistemáticas campanhas de propaganda que incluem exposições coloniais, conferências, publicações, congressos sobre a cultura portuguesa tanto para fins de política interna como externa. Tal “mística imperial” adquire uma dimensão jurídica e torna-se doutrina nacional a partir do *Acto Colonial* de 1930, tornando-se constitucional em 1933. Inexoravelmente todo esse processo vai passar também pelo uso do idioma lusitano e denunciado pela literatura.

ESTÓRIAS ABENSONHADAS E FANTÁSTICAS DE MIA COUTO

Marcelo Brito da Silva (IFMT)

O presente ensaio propõe uma leitura do livro *Estórias abençoadas*, do moçambicano Mia Couto, com o intuito de evidenciar o modo como o “fantástico” perpassa diversos contos desse livro. Chamam a atenção nessas narrativas a criatividade textual do autor e a valorização da cultura do seu país, notadamente suas lendas, provérbios e sua espiritualidade, que aparece permeada de lirismo em narrativas que entrelaçam realidade e fantasia. Entendemos que a presença do fantástico nesses contos constitui marco importante de um projeto literário que aponta outras formas plausíveis de compreensão da realidade. Nas palavras de uma personagem de “As águas do tempo”, narrativa que abre o livro, “nós temos olhos que se abrem para dentro, esses que usamos para ver os sonhos. O que acontece, meu filho, é que quase todos estão cegos, deixaram de ver esses outros que nos visitam.” Adotou-se como fundamentação teórica o trabalho de Marcia Romero Marçal (2009), que traça uma revisão teórica do gênero fantástico, bem como os estudos de Maria Nazareth Soares Fonseca (2008) sobre a literatura africana e sobre a obra de Mia Couto. O presente ensaio é fruto resultante do projeto de pesquisa intitulado “Lei 10639: a literatura africana no IFMT/Roo”, referente ao Edital 039/2014 PROPES/IFMT.

A SUBVERSÃO DO ESPAÇO EM MÁRIO DE CARVALHO

Márcia Manir Miguel Feitosa (UFMA)

Galardoado com vários prêmios de prestígio como o Grande Prêmio de Conto Camilo Castelo Branco em 1991 e 2014; Grande Prêmio da APE pelo romance *Um deus passeando pela brisada tarde*, em 1995; Prêmios Fernando Namora e Pégaso de Literatura, em 1996; Grande Prêmio de Literatura ITF/DST, em 2004; Prêmio Vergílio Ferreira, em 2009, atribuído pela Universidade de Évora, Mário de Carvalho tem publicado desde contos, novelas, romances até peças de teatro e literatura infanto-juvenil. Uma de suas principais características é a subversão, acompanhada de perto pelo uso refinado da ironia e da paródia, a exemplo da abordagem transgressiva da História e de seus valores. O mesmo se evidencia quando do emprego da espacialidade, categoria que reveste de significações muito próprias porque inusitadas, a beirar as raízes do fantástico e do estranho. O objetivo a que se propõe este trabalho é a análise do conto “A liberdade do pátio”, do livro de mesmo nome, laureado em 2014 com o Grande Prêmio de Conto Camilo Castelo Branco, à luz da Geografia Humanista Cultural, de base fenomenológico-existencial, no que concerne à abordagem da espacialidade. Serão considerados os princípios norteadores desta vertente da Geografia, como espaço, lugar, topofilia, topofobia e ser-no-mundo, a partir de dois autores fundamentais: o geógrafo francês Eric Dardel, com a obra *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica* (2011) e o geógrafo sino-americano Yi-Fu Tuan com *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente* (2012) e *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência* (2013).

JOGOS DISCURSIVOS E O CONTRATO FIDUCIÁRIO COMO INSTRUMENTOS DE IRONIA NAS MEMÓRIAS DE TEODORICO RAPOSO

Marcio Jean Fialho de Sousa (USP)

A proposta dessa comunicação é apresentar uma análise do discurso de Teodorico Raposo, presente no prólogo do romance *A Relíquia*, de Eça de Queirós, a partir da perspectiva do estabelecimento do contrato fiduciário como estratégia de mimetização de certo discurso de memórias. Para isso será necessário resgatar a afirmação de Ruth Amossy (2005) que diz ser todo ato de tomar a palavra uma forma de construção da própria imagem, ou seja, o estilo, as competências linguísticas, saberes e crenças internalizadas do enunciador sempre acabam por construir e revelar a imagem que o indivíduo faz de si mesmo. Essas marcas do sujeito no discurso ultrapassam as reais intenções do narrador autodiegético, pois esse narrador apresenta seus relatos a partir de uma perspectiva arbitrária na qual constrói uma imagem de si que, para ser aceito como autoridade, deverá estar coerente com certa *doxa* representativa que o faça parecer significativo, autêntico, dentro de um escopo cultural aceito por seus interlocutores. É a partir dessa perspectiva de narração que Teodorico se propõe, aparentemente, a escrever suas memórias e, para isso, seleciona fatos e elementos que considera indispensáveis para que assim seus objetivos possam ser alcançados. Teodorico afirma escrever sua obra para demonstrar uma experiência lúcida e forte pela qual passou, porém, mais do que demonstrar ensinamentos, que ao fim e ao cabo tornam-se críticas e ironia, mimetizando a real essência da escrita memorialística, sobressai em sua narrativa o tom irônico peculiar de Eça de Queirós a partir de suas percepções de um mundo burguês.

ENTRE PRAGUENTOS E DISCRETOS: CRÍTICA E RECEPÇÃO CRÍTICA NA DRAMATURGIA QUINHENTISTA PORTUGUESA

Márcio Ricardo Coelho Muniz (UFBA/ CNPq)

Como eram recebidas as representações dramáticas no quinhentismo português? Quais eram as expectativas do público assistente? Que gênero teatral agradava mais a que tipo de público? Qual era o público dessas representações? O que determinava o êxito de uma representação? Essas e muitas outras questões semelhantes são de difícil ou quase impossível resposta com os documentos e o conhecimento que temos sobre eles atualmente. A vasta e longa obra de Gil Vicente permite-nos algumas inferências, pois seus mais de 30 anos de produção revelam muito sobre o público que o assistia, bem como sobre os mecenas que o financiaram. Mas, como se sabe, Vicente não gozou de unanimidade. Suas considerações no Prólogo da edição de 1586 da

Tragicomédia de Dom Duardos, bem como a didascália da *Farsa de Inês Pereira*, na edição de 1562, deixam entrever o esforço do dramaturgo em se adaptar ao gosto de um novo público emergente com um novo rei, D. João III, e também em responder a “certos homens de bom saber” que lançavam dúvidas sobre sua criação. Se Vicente não foi imune a críticas, outros autores e obras permitem entrever que o ambiente dramático português do Quinhentos agitava-se em polêmicas críticas. Os termos destacados no título de nossa proposta de comunicação, *praguentos* e *discretos*, e alguns correlatos, aparecem em diversas obras anônimas e autorais identificando visões e apreciações distintas das obras representadas. Ao longo de nossa comunicação, levantaremos essas visões e discutiremos as apreciações críticas que revelam, buscando entender a polêmica crítica em que se inserem.

TEXTO E TENSÃO EM CONTOS DE ANTÓNIO BRACINHA VIEIRA.

Marcos Rogério Heck Dorneles (UFMS)

Este trabalho pretende dispor um estudo sobre o diálogo entre aspectos estéticos e conceitos filosóficos relacionados à produção de contos das obras *Sete contos de fúria* (2002) e *Contos*

com monstros (2001), de António Bracinha Vieira (1941), situados junto às demais produções narrativas desse escritor português, como contos, novela, romance e ensaio, no final do século XX e início do século XXI. A criação narrativa de Vieira entrelaça elementos como a reflexão acerca da fruição, irreversibilidade e tematização do tempo; a possibilidade de releitura de arquétipos de diferentes mitologias junto a situações extremas de alienação e esvaziamento do sujeito na sociedade contemporânea; e a consciência trágica do viver imbricada à experiência estética da existência. As dimensões de alheamento do indivíduo e de inserção periférica dos personagens junto às demandas de disputa de poder instauram uma produção narrativa permeada de profundos questionamentos sobre autonomia e liberdade do ser, e estabelecem uma construção literária diversa e metamórfica. Este trabalho faz parte das atividades do Projeto de pesquisa “A presença do pensamento filosófico na literatura portuguesa no início dos séculos XX e XXI” e do Grupo de Pesquisa “Literatura portuguesa e estudos interdisciplinares”, junto à UFMS, e está incluído na Linha de pesquisa “Presença do pensamento filosófico na literatura portuguesa dos séculos XX e XXI.”.

O QUE MEUS OLHOS NÃO VIRAM, O QUE VIVEU MINHA MENTE: MEMÓRIA E BIOGRAFIA EM JOSÉ RODRIGUES DE PAIVA

Maria Aparecida Ribeiro (Universidade de Coimbra)

Embora haja no Brasil uma série de poetas cuja ascendência seja de imigrantes das mais variadas origens, são raríssimos aqueles que revelam ser descendentes de portugueses e cantam Portugal como raiz. José Rodrigues de Paiva é uma dessas exceções. Sua poesia não só fala de Coimbra, cidade em que nasceu, no Alto de São João, mas de onde saiu com apenas quatro anos de idade, como de outras terras portuguesas, que conheceu, mais tarde, pessoalmente, ou que, através de relato de seus familiares, lhe desencadearam algum sentimento. No entanto, à Sé conimbricense, à Torre de Anto, ao rio Mondego, à Quinta das Lágrimas, a Alcarraques (lugar das origens maternas), a Lagos, Tavira, Vila Real de Santo António, ao Marão, ao Gerês, misturam-se os momentos vividos na Várzea recifense, entre cajus, mangas, jaqueiras e folguedos infantis. Escolhendo ora o tom épico ora o lírico, o poeta embebe essa memória de uma outra: a dos próprios poetas portugueses (Camões, Pessoa, D. Dinis, etc.)

CHICO DA SILVA E SOPHIA ANDRESEN NOS CAMINHOS DA POESIA

Maria Auxiliadora Ferreira da Costa (UEA)

Esta pesquisa, intitulada ‘Chico da Silva e Sophia Andresen nos caminhos da poesia’, faz um estudo dialógico das canções de Silva e dos poemas de Andresen, analisando o lirismo poético nas composições, através das letras e dos poemas num discurso com o mundo, observando que, apesar dos autores vivenciarem contextos geográficos diferentes, suas temáticas são universais, vistas através da percepção das suas leituras de mundo que estão vinculadas e expressas em vários pontos cotidianos, como no caso da paixão, do amor, dos elementos da natureza.

AS TOADAS DO BOI-BUMBÁ DE PARINTINS

Maria Celeste de Souza Cardoso (CESP/UEA)

Este artigo é um recorte da pesquisa intitulada “Acervo das toadas do boi-bumbá de Parintins” e trata da dificuldade que se tem em recolher essas canções e armazená-las de forma adequada

oferecendo acesso às pessoas interessadas no assunto. Não existe um acervo completo das toadas nas agremiações folclóricas em Parintins. Existem, sim, pesquisas feitas nos últimos anos que tratam dessa temática. Também foi organizado no Centro Cultural da cidade um pequeno acervo dos dois bois-bumbás. No entanto, muita coisa ainda precisa ser pesquisada, principalmente, porque a maioria dos compositores antigos não tem ideia de quantas composições foram criadas por eles, não há registros suficientes que demonstrem essa demanda. Alguns compositores atuais já mostram interesse no assunto e começam a guardar de forma mais adequada suas composições. Por isso, é necessário recolher essas toadas e organizá-las de forma sistemática em mídia, e/ou outras formas de acervo para melhor acesso quando necessário. As toadas fazem parte da memória do povo parintinense e precisam ser preservadas e cuidadas para que nossa manifestação cultural não desapareça. Isto posto, este trabalho trata da necessidade que se tem de valorizar as toadas, os compositores e a memória do povo.

RESISTÊNCIA E LIBERDADE EM MIA COUTO: *TERRA SONÂMBULA* E *A CONFISSÃO DA LEOA*

Maria Cristina Chaves de Carvalho (UFES/FAPES)

Neste trabalho, procuramos elaborar uma análise comparada entre os romances *TerraSonâmbula* e *A confissão da leoa*, do escritor moçambicano Mia Couto. O objetivo é investigar os textos citados a fim de desenvolver questões relacionadas ao processo de descolonização em Moçambique. Esses tecidos, que se apresentam em forma de diário, enfrentam o silêncio gerado pela opressão dos tempos do colonialismo, e marcam ritmos de resistência a um sistema cruel de dominação, além de, simultaneamente, revelarem-se como um exercício de liberdade. Desse modo, Mia Couto tende a inovar em seus processos criativos, recuperando a oralidade em seus escritos através de uma linguagem renovada, ou miscigenada. Através da ficção, o autor apresenta, de forma ambivalente, o contexto do colonialismo, assim como o processo de descolonização em Moçambique: de um lado, mostra os horrores guerra, a fome, a morte, a barbárie; de outro, apresenta o sonho, o mito, a magia. Nesse tempo/espço pós-colonial, surgem questões que são, na atualidade, refletidas por teóricos de diversas áreas do pensamento. Portanto, procuraremos analisar o diálogo entre os romances citados, utilizando o suporte teórico de Walter Benjamin, Ki-Zerbo, Benjamin Abdala Jr, entre outros autores.

COMPORTAMENTO SOCIOLINGÜÍSTICO DOS E DAS ESTUDANTES DAS ESCOLAS ISIDORO GONÇALVES DE SOUZA E EDUARDO SÁ, NOS 3º, 4º E 5º ANOS DO ENSINO FUNDAMENTAL EM TEFÉ-AMAZONAS (BR)

Maria de Fátima Castro Amorim de Moraes (UEA)

O trabalho proposto visa discutir a importância de utilizar as diferentes linguagens (oral e escrita) trazidas pelos (as) estudantes para o contexto de sala de aula como mecanismo de ensino e aprendizagem da linguagem formal culta, que é exigida não somente na escola, mas e, principalmente, em outros contextos quando o aluno ou aluna necessita buscar trabalho. Esse pressuposto nos permite afirmar que a aprendizagem da linguagem considerada formal culta exigida pela escola e pelas convenções sociais e necessidades laborais se dá, inegavelmente, a partir da linguagem informal, porém esse processo não se dá sem dificuldades e entranha complexidades. As várias linguagens existentes no campo social são defendidas nos estudos de Austin (2008), Bernstein (1989), Bourdieu (2007), dentre outros. Exemplificaremos com poema construído com a linguagem dos (as) estudantes, como transformar a linguagem

considerada desprestigiada em linguagem formal. Tal técnica se encaixa nas sequências didáticas de Marcuschi (2008). Comprovamos que as referidas técnicas geram resultados positivos na aprendizagem do alunado. Tais resultados foram recolhidos através de estudos de caso múltiplo, e seis mini-casos, que são as professoras e um estudante de cada turma, pois tal método permite uma análise pormenorizada da problemática. (RODRÍGUEZ, 1996; YIN, 2001; WALKER, 1983).

A PRIMEIRA CRÍTICA DE BENEDITO NUNES SOBRE FERNANDO PESSOA

Maria de Fatima do Nascimento (UFPA)

O dorso do tigre (1969) é o segundo livro de Benedito Nunes em que ele analisa obras de imaginação. Esta publicação é constituída de duas partes, a primeira de estudos filosóficos e a segunda de crítica literária. Entre os ensaios, constam quatro sobre Fernando Pessoa, a saber,

“Os outros de Fernando Pessoa”, “Paradoxo e verdade” (12/11/1966), “O ocultismo na poesia de Fernando Pessoa” (22/10/1966) e “A prosa de Fernando Pessoa” (1º/10/1966), os quais, exceto o primeiro, já se encontram então estampados no Suplemento Literário do jornal *O Estado de São Paulo*, a partir de 1966, conforme as datas citadas. Constata-se que Nunes estudava poesia do bardo português desde a década de 1940, pois no Suplemento Arte Literatura da *Folha do Norte* de Belém (PA), que circula de 05 de maio de 1946 a 14 de janeiro de 1951, Pessoa, ao lado de Rainer Maria Rilke, é um dos poetas mais divulgados ali. Inclusive, na *Revista Encontro* (1948), coordenada por Nunes na capital do Pará, há uma pequena coletânea de poemas do vate lusitano, organizada por Francisco Paulo Mendes, demonstrando que Pessoa é lido pela Geração Moderna do Pará de 1946, na qual Nunes se inclui. Assim sendo, a presente comunicação tem por objetivo apresentar alguns aspectos da primeira crítica de Nunes sobre Fernando Pessoa. Este último, segundo o analista paraense no livro *Poetas Modernos do Brasil – 1*, dedicado ao bardo João Cabral de Melo Neto, é muito importante aqui para a “Geração de 45”. Segundo o crítico brasileiro, a partir de 1942, quando começa a vir a lume a vasta obra póstuma pessoana, seu autor revela para a “Geração de 45” do Brasil tanto o lirismo moderno da arte verbal lusa, quanto um procedimento de criação literária que troca a lei da franqueza biográfica pela lei da franqueza estética.

RESSONÂNCIAS DO ORDO PROPHETARUM EM AUTOS NATALINOS DE GIL VICENTE

Maria do Amparo Tavares Maleval (UERJ/CNPq)

O *Ordo Prophetarum* (Desfile de Profetas), cujos documentos escritos mais tardios remontam aos séculos XI-XII (Limoges), XIII (Laon) e XIV (Rouen), era representado nas matinas da festa do Natal com o objetivo de não só embelezar e tornar agradável a liturgia, mas ensinar de forma concreta e explícita os mistérios da Encarnação. Trata-se de fonte importantíssima para o conhecimento do drama litúrgico medieval, sendo que há poucos anos, em Santiago de Compostela, publicaram-se estudos e uma reconstituição do mesmo, ressaltando-se a sua relação com a iconografia do magnífico Pórtico da Glória, da basílica jacobea, que seria uma representação em pedra desse desfile. Pretendemos observar as suas ressonâncias em autos natalinos de Gil Vicente, que no Portugal quinhentista atualizou tradições do medievo de forma inovadora. Em especial, nos deteremos no *Auto da Sibila Cassandra*, representado à Rainha D. Leonor no Mosteiro de Enxobregas, nas matinas do Natal de, provavelmente, 1513. É uma

preciosa amostra do desenvolvimento do tema das profecias em torno do nascimento do Messias de forma bastante peculiar, servindo-se o autor do riso, causado pela grotesca situação que se apresenta, para criticar vícios como a presunção ou soberba. O estudo comparado dessas peças possibilita-nos avaliar o modo como o *docere cum delectare* nelas se apresenta, tornando-as verdadeiros sermões em cena direcionados ao ensino da doutrina cristã e /ou à conversão do auditório para uma vida virtuosa.

ISABEL DA NÓBREGA: 50 ANOS DO PRÊMIO CAMILO CASTELO BRANCO PELA OBRA *VIVER COM OS OUTROS*

Maria Elvira Brito Campos (UFPI)

Em 1965 a escritora portuguesa Isabel da Nóbrega foi galardoada com o Prêmio Camilo Castelo Branco, prêmio relativo aos romances do ano anterior. *Viver com os outros* (1964) traz, desde o seu título, a provocação que nos remete à convivência social. Numa escrita que expressa o experimentalismo do “novo romance” europeu, principalmente francês, nas décadas de 60 e 70 do século XX, Isabel da Nóbrega nos apresenta uma narrativa fragmentada, que remete às representações sociais e os conflitos ideológicos provocados pelos instigantes anos 60. Nesse entremeio, a obra dá relevo às questões de incomunicabilidade, solidão, representação cênica. Nesse sentido, a narrativa desenvolvida nessa obra pode ser tomada do teatro como uma forma imediata de contar, pois em *Viver com os Outros* a reprodução do discurso das personagens e a dos acontecimentos caracterizam-se como narrativas marcadas pela representação, segundo o que se pode observar, a partir da oposição estabelecida entre duas opções de representação: o *showing* e o *telling*. Ao nosso ver, essa experiência em muito contribuiu para a Literatura Portuguesa, por romper uma estrutura diegética quase sempre linear. Este ensaio propõe uma homenagem a essa escritora que tanto contribui com a cena cultural portuguesa.

OS EPITEXTOS DE FERNANDO PESSOA À *MENSAGEM*

Maria Gabriella Flores Severo Fonseca (UEA)

Fernando Pessoa publicou um único livro durante sua vida, *Mensagem*, e dois folhetos, os conjuntos de poemas *Antinous* e *35 Sonnets*. Publicou, porém, em revistas e jornais literários cerca de duzentos e quarenta e nove poemas e centro e trinta e dois artigos. (DAS NEVES, 2003). Berardinelli (2008), no prefácio (*À guisa de aparato genético—Mensagem, poemas INFIERI*) da sua edição de *Mensagem* realizada com Mauricio Matos, percebe que alguns poemas da obra *Mensagem* já tinham sido publicados em jornais ou mesmo que haviam versões manuscritas que continham alterações se comparadas com os “mesmos” poemas que compunham o livro. Para a pesquisadora: “as alterações são quase todas enriquecedoras.” (BERARDINELLI, 2008, p. 33). Acreditamos que outros textos de Pessoa saídos anteriormente em periódicos também podem ser considerados enriquecedores, pois auxiliam em uma leitura de *Mensagem*. Isto porque vão versar sobre temas que também cercam essa obra literária, como o mito do sebastianismo, o patriotismo português e o ocultismo. Esses textos que tratam da obra, mas que não a compõem materialmente no volume, como é o caso daqueles saídos em periódicos, são classificados por Genette (2009) como epitextos. Acreditamos, portanto, que

alguns epitextos de Fernando Pessoa publicados em jornais podem configurar-se em importantes elementos para uma leitura e compreensão de *Mensagem*.

PERMANÊNCIA PORTUGUESA EM JORNAIS PARAENSES DO SÉCULO XIX

Maria Lucilena Gonzaga Costa Tavares (UFPA)
Germana Maria Araújo Sales (UFPA)

Depois de quase dois séculos de Adesão da Província do Grão-Pará à Independência do Brasil, ainda encontramos por esta região muitos laços – além do idioma e da história política e cultural – deixados pelos portugueses na antiga província paraense, e os jornais, que chegaram por aqui em 1822 sob tais circunstâncias, são importantes veículos que comprovam essa ligação. Neste sentido, o jornal tem sido fonte documental, no qual encontramos parte da Historiografia Nacional, como também do conteúdo Literário no Pará. Daí a importância de se investigar tais veículos sob as perguntas “Quem, o quê e para quem se escrevia nos jornais da Província do Grão Pará em parte do período da Segunda Regência?”. Em mais de uma centena de periódicos do século XIX, catalogados no setor de microfilmagem da Biblioteca Arthur Viana/CENTUR, no Estado, selecionamos oito, referentes ao período de 1840 a 1870, época de maior acentuação de publicações do conteúdo investigado, quais sejam: *13 de Maio*, *Diário do Grão-Pará*, *Gazeta Official*, *Diário do Comércio*, *Jornal do Pará*, *A Província do Pará*, *Diário de Belém* e *O Liberal do Pará*. Destarte, esta comunicação visa apontar, sob a temática “Permanência Portuguesa em Jornais Paraenses do Século XIX”, elementos de sua problemática, bem como momentos de rupturas e continuísmo, a fim de constatar e delimitar posições e tentar preencher lacunas inerentes à Historiografia Literária no Pará.

LITERATURA AFRODESCENDENTE E ENSINO: UMA PROPOSTA DE LEITURA A PARTIR DOS POEMAS NOSSA VOZ E NEGRA DE NOÊMIA DE SOUSA

Maria Suely de Oliveira Lopes (UESPI)

A inclusão da literatura afrodescendente nos estudos literários do ensino básico leva obrigatoriamente a um descentramento do enfoque do sistema literário nacional, incluindo-se novas escrituras e novas vozes com todas as implicações que abrangem essa mudança, desde a necessidade de conceituar o termo “literatura afrodescendente”. Sendo assim, a literatura afrodescendente não pode ser compreendida como um projeto que se institua fora do contexto da literatura canônica nacional, que, por sua vez, exige, evidentemente, outra forma de problematização, necessitando ser focalizada como um sistema plural e heterogêneo engendrado dialeticamente a partir de fragmentos que o compõem em movimentos de afirmações, rupturas e ressignificações. Pelo exposto, apresentamos neste estudo uma proposta de leitura utilizando os poemas *Nossa Voz e Negra* poemas da poetisa Noêmia de Sousa. Nosso interesse é conscientizar os alunos do ensino médio sobre várias questões que estão entrelaçadas com a nossa história e consequentemente com nossa ancestralidade literária. Trazemos à baila às questões da identidade, ancestralidade e solidariedade. Entendemos que sua poesia é marcada por certeza radiosa de utópicas esperanças dos humilhados. Sua produção poética apresenta raízes profundamente africanas, o que vem abrir os caminhos da exaltação da Mãe África consagrando valores africanos de protesto e de denúncia. Sendo sua poesia de forte caráter histórico-social, preconiza no seu percurso literário a revolução como único meio de modificar

as estruturas sociais que assolam a terra moçambicana. Metodologicamente o trabalho divide-se em dois momentos: primeiramente apresentamos a proposta de leitura e no segundo momento e no fazemos uma análise dos poemas trabalhados em sala de aula. Para o desenvolvimento da proposta, utilizamos os seguintes teóricos: Seco (2011), Leite (1998), Mendonça (1993), Laranjeira (1995), Bernd (1992), Cuti (2007), Sousa (2006), Cosson (2012), Cândido (1996), Gebara (2009), Iser (1979), entre outros.

A LETRA ESCARLATE ESTIGMA E O ORGULHO. REPRESENTAÇÃO DO CORPO FEMININO NA LITERATURA GALEGA CONTEMPORÂNEA

Maria Teresa Bermúdez Montes (Universidade de Vigo)

O presente ensaio busca descrever e analisar a visibilização do corpo das mulheres nas produções literárias das autoras galegas contemporâneas (Lupe Gómez, Begoña Caamaño, entre outras). Este novo tratamento enquadra-se num processo de (re)afirmação e de (re)construção da identidade feminina e da reivindicação do controle e autonomia sobre o próprio corpo que nasceu duma toma de consciência e dum ativismo feminista, explícito em maior ou menor medida segundo as autoras. No nosso trabalho explorar-se-á a presença da representação do corpo e dos seus fluidos na literatura galega contemporânea. Estudar-se-ão as propostas transgressoras, visibilizadoras do corpo sexualizado em feminino presentes em obras narrativas e poéticas nas últimas décadas do século XX e as primeiras do século XXI. Analisaremos a rentabilização do discurso literário como cristal para quebrar os modelos estabelecidos e como prisma visibilizador duma corporeidade feminina antes ocultada e silenciada. O estudo centrar-se-á no papel que desempenham a transgressão dos tabus tradicionais, a ruptura com os modelos associados ao gênero feminino e com os padrões patriarcais de estigmatização do corpo das mulheres, a representação pública da menstruação e, em definitivo, a assunção da representação dos fluidos femininos como estratégia para a construção dum novo discurso literário e social. Abordar-se-á assim a desconstrução dos mitos do patriarcado e a revisão da tradição e dos tópicos literários, para situar o corpo-voz feminino num lugar central.

A VIAGEM COMO EXPERIÊNCIA DE ESCRITA E DE LEITURA: VIAGEM AO TECTO DO MUNDO, PASSAPORTE E PÉRIPOLO

Maria Teresa Nascimento (Universidade da Madeira e CIEC)

A publicação de relatos de literatura de viagem tem atingido números significativos nos últimos anos na literatura portuguesa. Associados muitas vezes a projectos mediáticos (documentários, colaboração escrita com periódicos...) ou à condição mediática dos próprios autores, com consequências diversas ao nível do registo e da qualidade de escrita, em quase todos os textos ocorre como nota dominante a da viagem turística empreendida por um sujeito raramente desinformado relativamente ao destino a visitar. Deixamos de lado os guias turísticos, imprescindíveis ao viajante comum, para falarmos apenas da relação com os textos literários que por meio destes relatos de viagem se estabelecem. Interessar-nos-á nesta comunicação descortinar três modos de abordagem da literatura na construção destas narrativas. Referimo-nos, em primeiro lugar, à existência prévia de relatos sobre determinados destinos que se retomam através da reescrita de uma nova viagem. Sirva-nos de exemplo o livro de Joaquim Magalhães de Castro, *Viagem ao Tecto do Mundo* e o seu cruzamento com o testemunho dos primeiros viajantes jesuítas. Anotamos ainda uma forma de viajar determinada pelo gosto pela

literatura e pelo reencontro com os espaços e vivências dos seus autores. Selecionamos, então, “A Inglaterra Literária” em *Passaporte* de Maria Filomena Mónica, com a “visita” a Charles Dickens, a Robert Stevenson, Emily Brontë ou Thomas Hardy, a que se junta o sublime encontro com as livrarias de Hay-on-Wye. É com *Périplo*, escrito por Miguel Portas e com fotografias de Camilo Azevedo, que terminamos a comunicação, tentando compreender de que modo a afirmação do autor: “Ler em viagem sobre os lugares da própria viagem é uma experiência que recomendo vivamente” (p. 27) se concretiza na obra. Não o fizera já Garrett que aqui lembramos? - “Se eu for algum dia a Roma, hei- de entrar na cidade eterna com o meu Tito Lívio e o meu Tácito nas algibeiras do meu paletó de viagem.”

"NO OLHAR QUE INUNDA TODO O CORPO": ARTE E EROTISMO NO ROMANCE EM NOME DA TERRA

Mariana Marques de Oliveira (UFRJ)

O presente artigo tem como objetivo analisar o diálogo entre a literatura e as outras artes no romance *E m nome da terra*, de Vergílio Ferreira. Partindo da premissa de que o romance em questão se encerra como uma extensa carta de amor dedicada à amada Mónica, que já está morta, e considerando o caráter erótico dessa escritura, procuraremos pôr em relação a escrita pungente e os objetos de arte escolhidos pelo homem escrevente na tentativa de preencher a sua solidão. Observaremos tais objetos --- um afresco de Pompeia com a figuração da deusa Flora, um Cristo sem um pé e sem cruz e a gravura “Morte coroada e a cavalo”, de Dürer, que estão unidos em um tríptico tanto pelo caráter simbólico que carregam, quanto pelo modo como, ao emergirem na escritura de João, passam a ser significativos em relação à construção erótica do romance. Desse modo, buscaremos estabelecer as relações entre as imagens e o erotismo que sustentam a escritura do velho que se apegava à escrita e à “companhia” das outras artes para suportar a velhice em *E m nome da terra*. Os estudos de Jorge Valentim, George Didi Huberman, Adauto Novaes, Roland Barthes, entre outros pesquisadores, serão articuladas como fundamentação teórico crítica da pesquisa.

APOTEOSE DO FEMININO OU AS FACES DA RAINHA JINGA: GÊNERO E NAÇÃO EM ANGOLA

Mário César Lugarinho (USP)

A convergência dos estudos pós-coloniais com os estudos de gênero determinou a equação conceitual entre identidade nacional e identidade de gênero, na medida em que se reconhece que a criação dos estados nacionais impôs aos indivíduos abrigados entre suas fronteiras (físicas e culturais), a inscrição em uma ordem de gênero, consoante à (s) forma(s) da identidade nacional. Como as formas de identificação a uma comunidade nacional se naturalizaram, porque passaram a preceder a quaisquer outras formas de identificação, ser homem ou mulher, sob o estatuto da nacionalidade, passaram a pressupor a articulação de atributos que os distingam de outros indivíduos que não compartilham da mesma identidade e que,

“naturalmente”, também, os institui como homem ou mulher daquela nacionalidade. Com essa perspectiva, voltamos a nossa atenção à recuperação recente da rainha Jinga de Angola, *NzingaMbandi*, sob as formas da História, da Literatura e do Cinema. Essa recuperação, condicionada às circunstâncias da contemporaneidade angolana, impõe a revisão da identidade nacional e da chamada ordem de gênero instituída nas diversas formações discursivas que definem a personagem, bem como o estatuto do feminino no correr da história cultural. Privilegiamos,

assim, as seguintes obras, já que lançam sentidos à personagem diretamente: Inocência Mata (org.). *A rainha Nzinga Mbandi: História, Memória e Mito* (2012); Sergio Graciano. *Njinga Rainha de Angola* (2013); José Eduardo Agualusa. *A rainha Ginga e de como os africanos inventaram o mundo* (2015).

O UNIVERSO COMPOSICIONAL DE LUÍS QUINTAIS

Marta A. G. Gonçalves (UFRN)

Neste trabalho apresentaremos os primeiros resultados do projeto de pesquisa de mesmo nome, em que buscamos estudar a poesia produzida atualmente em Portugal, voltando-nos especificamente para a obra do poeta Luís Quintais, investigando a forma como se estrutura a sua produção poética, sobretudo acerca de sua “vontade de fazer diferente” dentro do seu próprio percurso de produção poética. Por meio de uma análise aprofundada de seus livros de poemas, aliada às entrevistas por ele concedidas e leituras teóricas realizadas durante todo o percurso da pesquisa, estudamos algumas das principais categorias da sua poesia, como: o autoconhecimento do ser poético, as questões atinentes à contemporaneidade e aos desafios do homem hodierno, assim como o trabalho incessante com a linguagem, refletindo, com base nestas questões e nos textos analisados, como se constrói o seu estilo e qual o papel da influência poética em sua obra. Quintais, em vários de seus poemas, realiza o que ele mesmo denomina de ready-made: “a vontade de encontrar uma certa esfera do poético nos objectos de linguagem mais insólitos”, questão que também abordamos em nossa pesquisa, ao investigar, identificar e apresentar a proposta de um estilo, um modo composicional que permeie ou não a sua produção como um todo. Propomos assim, uma reflexão sobre constantes e rupturas na linguagem poética quintasiana. Para isso, elencamos as reflexões de alguns teóricos, como: Friedrich, Agamben, Eliot, Felipe Moisés, Rancière, Lacan, Platão, Kant, Laplantine, dentre outros.

A PROSOPOGRAFIA NA OBRA DE MANUEL DE FARIA E SOUSA

Mauricio Massahiro Nishihata (USP)

Propomos o presente resumo como um primeiro desdobramento de estudos que visam à composição de um objeto de análise para redação de uma futura tese de doutorado, cujo tema central ocupa-se do chamado gênero *Vida particular*, previsto em *Fortuna de Manuel de Faria e Sousa*, obra escrita em Madrid pela própria pena do letrado português em anos finais da década de 1640, cuja primeira edição ocorre apenas em 1975. Pensamos que a nossa abordagem inicial ao texto *Fortuna* (...) partirá de seus elementos formadores em termos de gênero, cujas características são oriundas de pragmáticas historiográficas e códigos do epidítico. A partir disso procuraremos evidenciar as linhas dos saberes da Retórica nos escritos de Manuel de Faria e Sousa, refletindo acerca de sua classificação contemporânea como discurso de autobiografia.

PÓS-COLONIALISMO, LITERATURA E SUBJETIVIDADE FEMININA: *NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA*

Meyre Silva (UFMT)

Este trabalho pretende examinar o romance *Niketche: uma História de Poligamia*, como uma

narrativa feminista e pós-colonial que subverte e desafia as instituições coloniais e patriarcais, focalizando o local feminino na sociedade moçambicana. A narrativa de Chiziane nos informa sobre a existência de um espaço feminino diverso daqueles que fazem parte das representações presentes nos livros de história, nas obras literárias, nos discursos científicos e, muitas vezes, no nosso imaginário. Neste sentido, o romance estabelece uma relação entre o mundo ficcional e a realidade extranarrativa. Em *Niketche*, a autora examina os papéis contraditórios desempenhados por homens e mulheres na sociedade moçambicana pós-colonial. As personagens de Chiziane questionam as relações de gênero, no tocante a continuidade de algumas práticas culturais que funcionam em detrimento dos interesses femininos, principalmente, as tradições relacionadas ao matrimônio, a maternidade, a poligamia, aos ritos de iniciação, ao *lobolo*, entre outras. Sendo assim, o dilema destas mulheres concentra-se na redefinição de suas identidades e na promoção do empoderamento feminino. Desta forma, a obra da autora pode ser concebida como um germe de um movimento de mulheres no continente africano, um movimento que considera a interseção das categorias de gênero, etnia, religião, classe e sexualidade.

ALEGORIAS DO PODER E DA SUBVERSÃO NA LITERATURA DE TRADIÇÃO REVOLUCIONÁRIA

Michele Dull Sampaio Beraldo Matter (CEFET-RJ)

O Romance de 30 brasileiro e o Neorrealismo português acreditaram, cada um a seu modo, que a arte pode se fazer instrumento de denúncia da opressão e de luta do homem pela vida, sem deixar de ter em conta sua função estética primordial. Tais gerações literárias injetaram na literatura questões éticas de tal importância que se fixaram como paradigmas da arte intervencionista do século XX. Assim, mesmo em obras literárias dos anos 60, 70 e 80 deste século, nota-se ainda uma crença na função intervencionista da arte, revelada na sua estrutura subversiva eticamente engajada. Partindo dessa já assinalada relação, imbuídos, no entanto, do entendimento de que as relações entre a literatura portuguesa e a brasileira adquirem na contemporaneidade a estrutura do *diálogo*, queremos ler, em romances brasileiros e portugueses daquele tempo e contemporâneos, imagens e estratégias de narração que ali encenam o desajuste do homem com a realidade e denunciam um tempo de silenciamento de discursos e de opressão, mas que também anunciam a revolução possível. Entre tais imagens e estratégias de construção, ressalta-se o uso de um bestiário singular como alegorias das relações entre os homens e destes com seu tempo. Assim, essa comunicação pretende analisar na literatura de tradição subversiva e revolucionária de autores como Graciliano Ramos, Érico Veríssimo, Murilo Rubião, José J. Veiga, Alves Redol, Manuel da Fonseca, José Cardoso Pires e José Saramago o uso de um bestiário característico, que reúne cães, coelhos, carunchos, lagartixas, lagartos, formigas e milhanos, entre outros, como imagens do poder, do desvio e da subversão, que denunciam o real.

OS ROMANCES QUE CARLOTA JOAQUINA TINHA EM SUA BIBLIOTECA

Moizeis Sobreira de Sousa (Unicamp/Fapesp)

A rainha Carlota Joaquina (1775-1830) reuniu ao longo de sua vida uma livraria bastante extensa e variada para os padrões da época – final do século XVIII e começo do século XIX.

Ao todo, sua biblioteca possuía 2.330 títulos, incluindo impressos, em sua grande maioria, e manuscritos. Nesse conjunto, chama a atenção a presença de um núcleo expressivo de romances, gênero cuja leitura, como se sabe, não era recomendado ao público feminino da época, tampouco estava entre os textos habitualmente encontrados nos acervos de rainhas e princesas. Com base nessas informações, este trabalho pretende apresentar a presença do romance na biblioteca da rainha Carlota Joaquina e confrontar essa presença com o tipo de leitura praticado, de modo geral, pelas mulheres da segunda metade do século XVIII e começo do século XIX.

DESAFIOS NAS PRODUÇÕES LITERÁRIAS EM TEMPOS DE INCLUSÃO

Monica Dias de Araújo (UEA)
Clara Praia dos Santos (UEA)
Danielle Oliveira Munis (UEA)

O trabalho apresenta reflexões acerca da necessidade de ampliar as produções literárias acessíveis em tempos de inclusão. A sociedade vivência um momento histórico de discussões, produções e transformações em diversos aspectos referentes às questões de garantias de direitos no âmbito da inclusão e acesso aos bens e serviços. O Sistema Educacional como parte do Sistema Social mais amplo precisa dispor destes bens e serviços para alcançar as pessoas, independente de suas diferenças. Desta forma, as reflexões perpassam pela problematização das produções literárias por meio do levantamento de produções existentes na perspectiva da inclusão, ou seja, as produções capazes de alcançar um número significativo de pessoas que possuem alguma diferença como as pessoas com surdez, as pessoas com cegueira, entre outras. As discussões perpassam também pela literatura surda e literatura acessível, com alguns apontamentos de desafios que devem ser enfrentados para que as produções sejam de fato acessíveis às pessoas. Cabe destacar que um número significativo de pessoas é impedido de acessar saberes produzidos, devido ao fato da produção não ser projetada na perspectiva da inclusão.

ALUÍSIO AZEVEDO, UM TRAPAEIRO: ENTRE EÇA DE QUEIRÓS E MACHADO DE ASSIS

Monica Figueiredo (UFRJ/CNPq)

O presente trabalho pretende aproximar a narrativa de Aluísio Azevedo das obras de Eça de Queirós e Machado de Assis. Partindo da premissa de que o autor de *Os Maias* foi considerado um marco da escrita realista em língua portuguesa, ao mesmo tempo em que o autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* ficou para as histórias da literatura como exemplo de autor *inclassificável* que, para além de seu tempo, anunciava uma modernidade que muito odistanciava do *projeto tacanho* a que foi reduzido o realismo oitocentista (como se dele não tivessem feito parte nomes como Dickens, Flaubert ou Dostóievski), cabe perguntar qual o lugar destinado à narrativa de Aluísio Azevedo. Entre o realismo de Eça e a modernidade de Machado, há o imenso silêncio dedicado à obra de Aluísio Azevedo que, muito antes de Lima Barreto ou de João do Rio, foi capaz de transformar a cidade do Rio de Janeiro num cenário a ser (re)construído pelas linhas de sua ficção, testemunha da existência de uma cidade que seria posta abaixo pelo futuro governo higienizador de Pereira Passos.

ADAPTAÇÃO DA LENDA DO BOTO COR-DE-ROSA PARA LITERATURA SURDA: COMPREENDENDO E TRILHANDO NOVOS CAMINHOS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS

Nara Neiva A. C. de Sousa (UFAM)
Suelem Maquiné Rodrigues (UFAM)
Taísa Aparecida Carvalho Sales (UFAM)

Este artigo trata da importância da expressão da cultura surda por meio da literatura surda, discutindo a construção do cenário de produções literárias, especialmente as adaptações. Servindo como mais uma ferramenta para profissionais que trabalham com literatura e folclore na educação de surdos. Durante anos a comunidade surda vem lutando por seus direitos de vez e de voz em meio a sociedade ouvinte e dominante, na adaptação para a literatura surda, o surdo vê-se representado. Tendo em vista ao deparar-se com as mesmas dificuldades propostas no texto dos personagens surdos, com a identidade e as lutas que no decorrer da literatura vai sendo descrita. Por meio de contos e lendas podemos alcançar a atenção para esse debate, despertando interesse de surdos e ouvintes para a cultura surda. Ver-se a relevância de mais produções nessa área, por isso realizamos esse trabalho e propomos a criação de outros. No Amazonas temos a Lenda do boto cor-de-rosa, adaptação da literatura escolhida, pois é um ícone na cultura ribeirinha contada, enaltecida em diversas correntes literárias. Essa adaptação também pode ser útil para disseminação nas escolas da rede pública e privada da Língua Brasileira de Sinais, cultura e literatura surda divulgando sua importância na quebra das barreiras comunicacionais, bem como apresentar a determinada lenda aos alunos surdos despertando-lhes o interesse e valorização na cultura e identidade nortista. Para embasamento teórico desse trabalho foram utilizados como referência alguns autores indispensáveis ao referir-se a temática da surdez, da literatura surda e da cultura: Strobel, Skliar e Eagleton.

HERBERTO HELDER E FIAMA HASSE PAIS BRANDÃO: DOIS LEITORES DA TRADIÇÃO POR UM LUGAR EM COMUM

Natasha Felizi (UFRJ)

Partindo de uma comparação entre os poemas “Tríptico”(1961), de Herberto Helder, e o conjunto de poemas de Fiama Hasse Pais Brandão intitulado “A matéria simples” (2006), nos quais há citações do Soneto 96 de Luís de Camões, busca-se reconhecer aproximações e diferenças na maneira como os dois poetas modernos lidaram com a tradição literária e buscaram trabalhá-la no interior de sua produção, preocupados, cada um à sua maneira, com a noção de uma comunidade literária não alinhada à noção tradicional de cânone. De um lado, Fiama Hasse Pais Brandão estabelece em “A Matéria Simples” uma inegável relação de intertextualidade com Camões no que diz respeito às contradições como parcelas de uma mesma realidade em conflito que remetem ao pensamento renascentista, à Dialética da revelação camoniana de Jorge de Sena, a alguns temas como o mar, as navegações, a intenção da busca da forma. Esta parece ser uma leitura de aspectos gerais da poética camoniana que persistem através do tempo, mais que propriamente uma releitura do Soneto 96. Já no “Tríptico” de Herberto Helder, prevalece uma releitura que persegue a estrutura do poema original, estabelecendo com ele um jogo subversivo de caráter antropofágico – assimilador, destrutivo e transformador. É possível reconhecer no poema de Helder algumas das imagens eleitas por Fiama Hasse Pais Brandão para construir a sua Matéria Simples. Nesta comparação se evidencia que o mencionado lugar relacional na busca de construção de sentido de Fiama Hasse Pais Brandão se estabelece não só na relação com a fonte primeira, Camões, mas também

com seus leitores críticos e poetas que, como Herberto Helder, consideram-se frutos desta tradição e buscam, nela e com ela, estabelecer um lugar ou mundo em comum.

HISTÓRIA DO CERCO DE LISBOA: UMA PROPOSTA DE LEITURA SOB O VIÉS DA METAFICÇÃO

Natércia Moraes Garrido (UEMA)

Esta comunicação oral tem por objetivo propor uma leitura do romance contemporâneo português *História do cerco de Lisboa*, de José Saramago (1989), sob a ótica da metaficção. A teoria da metaficção foi definida por Linda Hutcheon (1985) como a ficção falando da própria ficção, ao mesmo tempo em que descortina para o leitor todo o processo de construção ficcional. Gustavo Bernardo (2010) corrobora com Hutcheon dizendo que a metaficção existe desde quando existe a ficção, porém apenas recentemente é que o termo em si foi cunhado. A aplicação desta teoria ao romance *História do cerco de Lisboa*, propondo uma nova leitura e interpretação à escrita de Saramago, se mostra totalmente válida pela própria estrutura apresentada no romance. Em linhas gerais, o enredo resume-se da seguinte forma: o revisor Raimundo Silva resolve, deliberadamente, colocar um Não no texto histórico que está revisando. Este, por sinal, narra justamente a história do cerco de Lisboa, fato extremamente incontestável na história portuguesa pois define o ano de fundação do Estado português, que ocorre a partir da expulsão dos mouros de Lisboa. Ao contestar o incontestável, colocando um Não no texto revisado, Raimundo causa uma grande reviravolta em sua até então monótona vida. Assim, o objetivo deste trabalho é mostrar algumas técnicas e recursos empregados por Saramago que validam a leitura, interpretação e análise de *História do cerco de Lisboa* sob o viés da metaficção.

ENTRE O IMAGINÁRIO E O REAL: REPRESENTAÇÕES E SIMBOLOGIA NA POÉTICA ORAL DO SAMBA DE RODA DAS MARGENS DO VELHO CHICO

Nerivaldo Alves Araújo (UNEB)

Este trabalho é resultado de um estudo sobre a poética oral do samba de roda do grupo *É napsada ê*, formado por moradores das margens do Rio São Francisco, região de Xique-Xique, Estado da Bahia. Há uma variedade de temas e elementos representativos dentro da poesia oral do grupo, os quais, como em toda cantiga popular, servem de apoio para a interpretação de usos metafóricos ou simbólicos de suas tradições, seus costumes, seus valores e suas crenças. Sendo assim, objetiva-se aqui, tratar das representações e simbologias trazidas nas cantigas do respectivo samba de roda, tomando-as como base para que se possa trazer um retrato das identidades dos povos do lugar. Busca-se também destacar o papel da poética oral do samba de roda na consolidação da memória e na manutenção das tradições ribeirinhas, com seus costumes, valores, ideologias e crenças, ressaltando as marcas das etnias culturais formadoras da nação brasileira. Os procedimentos metodológicos estiveram amparados nos princípios da pesquisa qualitativa de cunho etnográfico, na qual se procurou, por meio das observações de práticas como as rodas de samba e análise das cantigas, além da pesquisa bibliográfica e documental, buscar uma construção de sentidos e ideias para as conclusões necessárias. Através do estudo desta manifestação da poesia oral ribeirinha, muitas vezes desmerecida e marginalizada por uma elite cultural eurocêntrica, patriarcal e cristã, tornou-se possível pespontar um retrato de uma cultura baseada na diversidade, cujas identidades dos seus povos se alinhavam de modo provisório, a partir das relações exercidas com outros povos e com o

contexto no qual se encontram inseridos. As suas tradições são moventes e se reinventam de acordo com as ideologias e os interesses do grupo, buscando cada vez mais o fortalecimento e a sobrevivência em águas, muitas vezes, turbulentas, navegando em busca de um porto possível.

MEMÓRIA E CIDADE: RELAÇÕES EM CESÁRIO VERDE

Pablo Rodrigo da Silva Martins (IFPI)
Silvana Maria Pantoja dos Santos (UEMA/UESPI)

A cidade guarda em si marcas responsáveis por fazer durar lembranças. Rossi (2001, p. 02) assevera que “com o tempo, a cidade cresce sobre si mesma, adquire consciência e memória de si mesma”. Em espaços de sociabilidades, o sujeito deposita o olhar, sendo capaz de voltar ao passado, captando resquícios de vivências num processo repleto de rememorações. Nesse sentido, a cidade e seus elementos de referências, além de responsáveis por trazer à tona marcas de suas próprias histórias, são responsáveis também por despertar no sujeito, que com ela se relaciona, memórias coletivas. Segundo Santos (2002, p.43) “é perfeitamente possível retroceder, buscar o aconchego, a proteção que a cidade proporciona, não qualquer cidade, mas uma em especial, a quilômetros de distância na infinitude de um espaço físico jamais atingível”. Assim, o presente texto tem por objetivo analisar a memória na relação entre sujeito poético e cidade, em Cesário Verde, especificamente em *O sentimento de um ocidental* e *Num bairro moderno*, presentes em *O livro de Cesário Verde* (1987), levando em consideração que o sujeitopoético, nos textos citados, comporta-se como passeador na cidade. Para tanto, Moisés (2001 e 2005), Gomes (2008), Pesavento (2002), Rossi (2001), Halbwachs (1990), Benjamin (1989), dentre outros teóricos não menos importantes servirão de aporte teórico para este estudo.

ALGUNS ASPECTOS DA POESIA DE RUY BELO

Paola Poma (USP)

O presente ensaio busca apresentar as obras do poeta Ruy Belo (1933-1978) com o intuito de evidenciar os aspectos mais importantes da sua poética que tangenciam tanto as relações com os poetas seus predecessores, em especial Fernando Pessoa, quanto as questões mais fortemente vinculadas à poesia portuguesa contemporânea. No primeiro caso é possível pensar no apagamento do sujeito, partindo de crise de identidade para o radical esvaziamento do homem contemporâneo – e o tema da morte como uma saída. No segundo caso, alude-se aos mecanismos do mundo contemporâneo, tais como globalização, fragmentação e quebra dos limites da linguagem cujos desdobramentos são possíveis de serem verificados em constante movimento no conjunto de sua obra. Também se faz necessário um olhar atento sobre o modo de criação do poeta visto ficção e realidade estarem em contínuo jogo de revezamento, problematizando ainda mais a condição do sujeito contemporâneo.

PESSOA, RACIOCINADOR

Patrícia da Silva Cardoso (UFPR)

Na famosa carta que escreve a Adolfo Casais Monteiro sobre a gênese dos seus heterônimos e o plano de publicação de suas obras, Fernando Pessoa afirma que não era sua intenção estreitar-se em livro com *Mensagem*, mas sim que suas opções oscilavam entre um grande livro incluindo suas várias “sub-personalidades” e uma novela policial. Evidencia-se com isso a importância

do gênero policial para o autor, que efetivamente dedicou-se à elaboração de várias narrativas seguindo tal modelo. Uma vez que é corrente a inscrição de tal gênero no âmbito da literatura de consumo, o interesse manifesto por Fernando Pessoa é instigante, entre outras coisas, para se pensar o tipo de rendimento que ele tirará desse filão, a maneira pela qual operará suas linhas de força, considerando-se sua declaração de que “um dos poucos divertimentos intelectuais que ainda restam ao que ainda resta de intelectual na humanidade é a leitura de romances policiais”. Esta comunicação privilegiará a leitura de dois livros lançados com a recolha dos textos policiais de Pessoa, *Quaresma*, *decifrador* e *Histórias de um raciocinador*, tendo como objetivo discutir o lugar dessas obras no seu quadro de produção – seu grau de singularidade ou conformidade com ela – e observar seus eventuais vínculos com a perspectiva pessoana acerca da realidade e do papel da arte em fundá-la, o que se sugere num trecho manuscrito em que se registra o plano de escrever-se um “Stolen manuscript” (“Manuscrito roubado”), que viria a ser uma correção de “The purloined letter” (“A carta roubada”), o conto de Poe, em que se daria conta da verdade sobre o caso da carta roubada.

A FAMÍLIA DO DIABO NA TRADIÇÃO FOLCLÓRICA PORTUGUESA

Paulo César Ribeiro Filho (USP)

O diabo das velhas lendas convive de forma muito peculiar em meio aos homens do campo. Notadamente distinto do Diabo bíblico (este grafado com letra maiúscula), os diabinhos do povo realizam pequenos prodígios terrenos e estão intimamente relacionados a outros seres mágicos, como trolls e gigantes, figuras típicas dos contos de fadas, demonizadas com o advento da religião cristã. Quase um duende familiar, os diabretes do campo se ocupavam de tarefas cotidianas e corriqueiras; muito afeito às pequenas causas dos homens e por eles constantemente logrado, os diabos povoam grande parte dos contos folclóricos recolhidos em Portugal sobretudo na Idade Moderna, quando etnógrafos como Teófilo Braga e Adolfo Coelho dedicaram-se à recolha destas estórias junto às fontes orais. A fim de explorar e divulgar tais narrativas, o presente estudo apresenta e analisa uma das características mais curiosas acerca do diabo das lendas: o fato de ter uma família. Com mãe, avó, esposa, sogra e muitos filhos, entre eles príncipes e princesas, o diabo será aqui tratado sobretudo como figura típica do folclore europeu, apesar do foco nas narrativas portuguesas. Vivendo em meio aos homens, os diabos puderam participar de inúmeras situações picarescas e, em última análise, exemplares. Ao destacar um ciclo de narrativas desta peculiar entidade, pretende-se colaborar com os estudos acerca da tradição oral, cultura popular e literatura folclórica, campo de estudos tradicionalmente desprestigiado pela academia.

QUANDO O CENTRO É PERIFERIA: PARIS E A EDIÇÃO DE ROMANCES EM PORTUGUÊS

Paulo Motta Oliveira (USP/CNPq)

No século XIX Paris foi um importante centro de divulgação e edição de impressos em português. Lembremos, por exemplo, que lá foram publicados os marcos iniciais do romantismo em Portugal e no Brasil – os livros *Camões* e *Dona Branca ou a conquista do Algarve* de Almeida Garrett, em meados da década de 20, e, cerca de uma década depois, a revista *Niterói* e o *Suspiros poéticos e saudades* de Gonçalves de Magalhães. Também de prelos franceses vieram as obras da casa Garnier do Rio de Janeiro – entre os quais se incluem os romances de Machado de Assis. Para além desses aspectos, já conhecidos e sobre os quais a

crítica tem dedicado alguma atenção, há uma outra faceta ainda muito pouco estudada: a edição, na capital francesa, de romances em português, ao longo de todo o século XIX, por várias casas editoriais diferentes, que concorriam e complementavam as publicações realizadas nos dois principais centros editoriais do mercado luso-brasileiro: Rio de Janeiro e Lisboa. É deste material, que recolhemos e estamos estudando desde 2013, período em que realizamos um pós-doutorado com o apoio da FAPESP na Université Sorbonne Nouvelle, que pretendemos tratar.

PÓS- REVOLUÇÃO DOS CRAVOS E A LITERATURA FEMININA NOS PALOP

Pedro Manoel Monteiro (UNIR)

No dia 25 de abril de 1974, explode o golpe militar apoiado pelo povo insatisfeito com o governo ditatorial. A senha para essa eclosão, uma música proibida pela censura, foi emitida, à meia-noite, era o fim da ditadura, assume a presidência o general Spínola, a população saiu às ruas para comemorar. A história registra esse apoio popular com a distribuição de cravo - aos soldados rebeldes, este ato singelo batiza a revolução. A Revolução não é importante só para a redemocratização de Portugal, sabidamente, põe fim ao sofrimento causado pela guerra colonial e o terror instaurado pela PIDE. Hoje compreendemos o mundo sem maniqueísmos, compreendemos o surgimento das novas nações africanas alcançando a autodeterminação Santilli (1985). Contudo, acompanhamos o surgimento das guerras civis nas ex-colônias portuguesas, essas também legaram ao povo o seu próprio quinhão de sofrimentos pelas próximas décadas, de acordo com a premissa de substituição pregada por Frantz Fanon (2005). A luta das mulheres acontecerá em outras trincheiras tão difíceis de serem vencidas, quanto as do velho imperialismo, que possuía o rosto do “tuga”, na nova luta não há rosto algum. Portanto, o combate ocorrerá dentro das novas sociedades nacionais, só que desta feita, por cidadãos invisíveis, conforme define Michele Perrot (2006). “*Onde estavam as mulheres no 25 de Abril? A revolução dos cravos não teve heroínas nem relatoras.*” Segundo esse registro Edite Estrela (1999) que serve de norte para as nossas inquietações buscamos identificar esse percurso da literatura escrita por mulheres nos PALOP’s, partimos desse silenciamento chegando até a *Aoportunidade do grito*, de Dina Salústio (1994) que emblemata o instante de revolta e detomada de voz, que implica na saída da subalternidade a que propõe Spivak (2009).

DEUS, PÁTRIA E FAMÍLIA EM RUI SIMÕES E VALTER HUGO MÃE

Penélope E. A. Salles (USP)

O presente trabalho busca analisar como alguns valores da ideologia do regime autoritário de Antonio Oliveira Salazar foram tratados em uma produção cinematográfica logo após o fim da ditadura e em uma produção literária portuguesa contemporânea e observar como se deu a resignificação do passado português. A produção cinematográfica escolhida foi o documentário de Rui Simões “Deus, Pátria e Família” de 1976, que conta os rumos da história de Portugal do início da República (1910) até a Revolução dos Cravos (1974). Através de uma perspectiva marxista, o filme é feito com material de arquivos e filmagens da época. E a produção literária selecionada foi o romance “a máquina de fazer espanhóis” de Valter Hugo Mãe de 2010, ganhador do prêmio Portugal Telecom em 2012. A obra conta a história de um homem de 84 anos, o senhor Silva, que vai para o asilo Feliz Idade após a morte da mulher. A partir de sua vivência no asilo, o personagem reflete sobre a sua vida e seu passado na época da ditadura. Os três princípios que destacaremos neste trabalho serão a Trilogia Nacional: Deus (exaltação da fé católica), Pátria (valorização do nacionalismo) e Família (o espaço central de formação do indivíduo).

TOPOI LÍRICOS EM FORMAS DO NADA DE PAULO HENRIQUES BRITTO

Rafael Campos Quevedo (UFMA)

Nos estudos do gênero lírico, os *topoi* (plural de *topos*) ou lugares-comuns constituem, *grossomodo*, esquemas expressivos mais ou menos flexíveis que, consagrados pela tradição, são atualizados em diferentes momentos literários. Cultivados fecundamente até o século XIX, passam por um sistemático processo de abandono, mercê da campanha romântica de demolição da tradição clássica que se estende até o modernismo. A partir de então, a prática da criação poética baseada em antigos *topoi* passa a ser exercício eletivo, praticado episodicamente, em clave paródica ou “erudita”. A aplicação da investigação tópica em um *corpus* lírico contemporâneo levanta importantes problemas relativos aos elos da poesia atual com a do passado, entre os quais o que se refere à possibilidade da permanência residual da tradição na contemporaneidade ou, ainda, à hipótese de que novos lugares-comuns tenham sido forjados a partir da reelaboração dos antigos. Esta comunicação pretende discutir tais problemas a partir da análise de poemas de Paulo Henriques Britto em seu livro *Formas do nada* (2012) tendo em vista a remodelagem dada pelo poeta a certos *topoi* tradicionais de procedência horaciana.

O DUPLO, A DANÇA E A QUEDA EM DOIS INÍCIOS DE SÉCULO

Rafael Santana (UFRJ)

Partindo da acepção barthesiana de que a literatura – espaço plural no qual convergem muitas linguagens – é uma “Babel feliz”, este texto visa a perscrutar as figurações do duplo, da dança e da queda nos universos artísticos de Mário de Sá-Carneiro e Darren Aronofsky. Metalinguísticos por excelência, os temas do duplo, da dança e da queda são fundadores dos discursos finissecular e moderno, que se querem também eles uma espécie de exercício crítico sobre a arte e seus possíveis modos de execução. Alegorizados no mergulho no fundo do abismo em Baudelaire, na descida ao inferno em Rimbaud e na não menos abismal experiência de um naufrágio em Mallarmé, estes temas são revisitados ainda na modernidade inaugural do século

XX, convertendo-se eles próprios num modo de pensar a arte e o artista modernos. Ao entrecruzar as linguagens literária e cinematográfica, este artigo aproxima muito especialmente o conto *Asas* (1914) de Mário de Sá-Carneiro e a cena final do filme *O cisne negro* (2010) de Darren Aronofsky, sinalizando deste modo o quanto uma obsessão finissecular – que é a coincidência do alcance da perfeição com o momento da necessária autoconsumição do artista – é ainda vigente neste princípio do século XXI, tempo herdeiro de dois fins de século.

A BIOGRAFIA FICCIONALIZADA CAMÕES E JOSÉ ÍNDIO (1824), DE FERDINAND DENIS: APRESENTAÇÃO E ANÁLISE

Rafael Souza Barbosa (UFRGS/CNPq)

Iniciada em 1572 com a impressão de *Os Lusíadas*, a transmissão do legado camoniano foi condicionada não só por práticas editoriais, mas também por leituras e apropriações que, conferindo-lhe um lugar e atribuindo-lhe um valor em relação a outros bens simbólicos, garantiram sua permanência na memória cultural ocidental. A biografia ficcionalizada *Camoënset Jozé Índio* (1824), escrita por Ferdinand Denis, é uma obra significativa desse processo detransmissão e de recepção, uma vez que transforma o poeta português em protagonista de uma narrativa que refuncionaliza seu legado poético. É a partir do retorno de Camões a Portugal e de sua amizade com José Índio, religioso incluído na biografia do poeta pela edição de *Os Lusíadas* (1817) de Morgado de Mateus, que se narram seus amores, infortúnios e aventuras na

Ásia e na África, desde sua infância, em flashback, até sua morte. Por sua vez, a personagem José Índio torna-se responsável por uma série de acontecimentos do enredo que permitem não só a Camões revelar seu caráter grandioso, mas também imbricar eventos históricos de relevo, como a batalha de Alcácer Quibir, na biografia do poeta. Nessa medida, este trabalho propõe-se a apresentar a tradução de *Camões e José Índio* (2014) para o português, de maneira a analisar a coexistência dos discursos histórico e poético no corpo do texto. Pretende-se também contrastar os fatos que compõem o enredo e as fontes primárias de que Ferdinand Denis fez uso. Espera-se, assim, divulgar a intrincada biografia ficcional do poeta português, em que história e literatura se entrecruzam, e contribuir para sua inserção na história das literaturas de língua portuguesa.

CANTOS DE TERRA A TERRA, AVES DE ESPAÇO & TEMPO: UMA LEITURA DA REPRESENTAÇÃO DO ESPAÇO NOS VERSOS DE CORSINO FORTES

Raquel Aparecida Dal Cortivo (FAPEAM/USP/UFAM)

A dicção épica da poesia do autor cabo-verdiano Corsino António Fortes, no livro *A cabeçacalva de Deus* publicado, no Brasil, em 2010, parece atuar na reordenação dos elementos locais universais a fim de vinculá-los, num primeiro momento, ao registro e rememoração do passado de maneira a promover um processo de identificação da coletividade com o espaço. Desse modo, torna-se significativa a forma como o poeta aborda os elementos que designam aspectos espaciais da configuração geográfica e/ou topográfica, cuja caracterização se estabelece numa relação de afeto com a terra natal. Yi-Fu Tuan denomina *topofilia* tal sentimento pelo meio ambiente material. Segundo o teórico, por não ser a emoção humana mais forte, quando esta se manifesta, “podemos estar certos de que o lugar ou meio ambiente é o veículo de acontecimentos emocionalmente fortes ou é percebido como um símbolo” (TUAN,

1980, p. 107). Interessa-nos, portanto, identificar a maneira como o poeta inscreve tais acontecimentos (históricos, econômicos, sociais, culturais, climáticos) na materialidade espacial, bem como a percepção simbólica do espaço na poesia do autor. Assim, a partir da descrição da terra, potencializada por sua força simbólica, percebem-se nuances culturais, cujos desdobramentos descortinam aspectos temporais seja no registro do passado coletivo, seja na projeção do futuro utópico.

CARTAS, DEDICATÓRIAS, ANTOLOGIAS E ENSAIOS: JOSÉ OSÓRIO DE OLIVEIRA E A LITERATURA BRASILEIRA

Raquel S. Madanêlo Souza (UNIFESP)

O escritor e jornalista português José Osório de Oliveira, filho de Ana de Castro Osório e do poeta Paulino de Oliveira, foi um dos mais importantes divulgadores da literatura brasileira da modernidade, em Portugal. Produziu a primeira história da literatura brasileira daquele país, realizou inúmeras palestras, no Brasil e em Portugal, elaborou antologias literárias e inúmeros ensaios e livros sobre literatura e sociedade nestes dois países. Trocou correspondências com importantes intelectuais brasileiros como Cecília Meireles, Mário de Andrade e Gilberto Freyre, dentre outros, além de ter mantido contato com escritores de Cabo Verde, na primeira metade do século XX. O objetivo deste estudo será apresentar alguns dos resultados dessa pesquisa, realizada em Portugal, no espólio da família desse escritor na Biblioteca Nacional, em Lisboa, e no espólio bibliográfico do autor, pertencente à Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

RETRATO DE UMA LUANDA INVISÍVEL EM OS TRANSPARENTES, DE ONDJAKI

Renata Flavia da Silva (UFF)

Em *Os transparentes*, romance publicado em 2012, o escritor angolano Ondjaki nos apresenta a cidade de Luanda como, mais que uma indicação geográfica, uma construção simbólica capaz de refletir e problematizar a história recente de seu país. Paisagem contemporânea, marcada pelas cicatrizes dos males sofridos ao longo dos anos, a capital angolana é descrita em suas relações desiguais de ocupação do espaço urbano e de visibilidade social. A principal construção arquitetônica observada, na narrativa, é um prédio em ruínas, paisagem precária que abriga diferentes tipos, carentes de um lugar do qual partam suas expectativas e de um horizonte que os receba. Nessa paisagem irregular, onde a exceção se estabelece como regra, o apagamento do sujeito, sua progressiva invisibilidade, é a representação textual de um lugar onde o humano perde espaço para os valores materiais em uma sociedade cada vez mais objetivada. As partes visíveis e invisíveis da cidade de Luanda integram a trama romanesca, a qual se apoia na paisagem descrita, para atribuir novos sentidos às memórias, quer físicas quer discursivas, perspectivadas pelas diferentes personagens. Pretende-se, portanto, no presente trabalho, analisar como o espaço narrativo do romance em questão retrata o processo histórico-cultural vivenciado pelos angolanos, constituindo, assim, uma linha de fuga em horizonte de violência e caos.

O VELHO DO RESTELO, TRIBUTO À ARTE

Renata Soares Junqueira (Unesp)

O realizador português Manoel de Oliveira produz, com os seus filmes, um efeito de distanciamento do espectador muito similar ao que preconizava Brecht com o seu teatro épico. Nesta comunicação pretendemos apontar alguns recursos epicizantes na última película do cineasta, *O Velho do Restelo* (2014), curta-metragem que suscita, à primeira vista, uma questão imediata sobre o seu conteúdo: o filme fala de quê? Fala de derrotas coletivas como a de Portugal na Batalha de Alcácer-Quibir e a da Espanha quando da perda da Invencível Armada? Ou fala antes da velhice como uma espécie de derrota do indivíduo? Terá por pressuposto que falar de derrotas é condição *sine qua non* para definir a alma ibérica? Ou, afinal, é de artistas e de artes que o filme quer, sobretudo, falar? Com o intuito de apresentar respostas plausíveis a estas questões, veremos que o filme, que tem quase a mesma duração de *Douro, faina fluvial*

(1931) e que, de certo modo, também evoca as “Litanias do fogo e do mar” – é este o tema, convém lembrar, da música para piano que Emmanuel Nunes compôs, em meados da década de 1990, para aquele primeiro filme de Oliveira –, parece fechar um longo ciclo, adotando os mesmos procedimentos formais que nos habituamos a ver nos filmes desse experiente realizador, mas ao mesmo tempo distinguindo-se das películas anteriores – muito marcadas, quase sempre, por fina ironia – pela notação de um tom sensivelmente melancólico.

ANA HATHERLY – CONCRETISMO ALÉM-MAR

Renata Moreira (CEFET/MG)

O presente ensaio busca aproximar a obra da portuguesa Ana Hatherly à estética concretista. Como se sabe, o Concretismo, no início da segunda metade de século XX, arvorou-se em uma poética de exportação, em diálogo com a vontade de avanço comum à sociedade brasileira à época. Primeiramente, em torno do “Plano Piloto para a poesia concreta”, tal estética caminhou no sentido da inovação, concomitantemente à tradição. Ao passo que pretendiam uma série de procedimentos novos para o fazer poético, como a abolição do estatuto do verso, retomavam, progressivamente, um olhar para a tradição, na medida em que recuperavam seletivamente autores do passado, cuja produção estivesse em consonância com a ideia de uma poesia verbivocovisual. Ana Hatherly, autora contemporânea ao movimento, aproxima sua estética desse fazer, não só pela produção de poemas visuais, mas pela pesquisa simultânea do Barroco, estética essa também apreciada pelos concretistas brasileiros. A ideia de um poema que precisasse de uma base teórico-conceitual perpassa a poesia de Hatherly e é tal amálgama entre produção e teoria, de um colóquio entre vanguarda e tradição, que o presente trabalho visa explorar.

A REINVENÇÃO NOS POEMAS DE ARNALDO ANTUNES, CORSINO FORTES, ANA HATHERLY E LUIZA NETO JORGE

Rita Barbosa de Oliveira (UFAM)

Este texto resultou orientações de pesquisas executadas, e já concluídas, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas, registradas no Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa - GEPELIP, tendo como *corpus* as obras *Nome*, de Arnaldo Antunes, *A cabeça calva de Deus*, de Corsino Fortes, *A idade da escrita e outros poemas*, de Ana Hatherly, e *Corpo insurrecto e outros poemas*, de Luiza Neto Jorge, abrangendo, respectivamente, os temas da reinvenção do emprego da oralidade aliada à cibercultura na poesia, da arte como alimento intelectual, da ironia como modo de grafismo poético, do poema como entidade portadora de identidade, que sabe seus limites e se relaciona tensamente com os outros. Tais discussões são norteadas, segundo a ordem dos temas, pelas ideias de Paul Zumthor e Pierre Lévy, Ana Mafalda Leite e Simone Caputo, Verena Alberti e Lélia Duarte, Octavio Paz e Simone de Beauvoir, assim como em outros autores, cujas teorias e postulações corroboram os argumentos aqui tecidos. A reinvenção da linguagem poética nas citadas obras nos leva a inferir que parte da poesia do final do século XX e início do XXI retoma a *performance* da poesia oral combinada aos recentes recursos tecnocientíficos e midiáticos, a construção artística marcadamente irônica, os processos metalinguísticos e a reflexão sobre o uso do corpo, para gerar um jogo de palavras que desperta, ao mesmo tempo, reflexões sobre o fazer artístico e sobre a linguagem como agentes alienadores ou transformadores de conceitos que têm automatizado o homem. Palavras-chave: teoria literária; crítica literária; reinvenção poética

SILÊNCIOS DE UM PASSADO RECENTE: “CADERNO DE MEMÓRIAS COLONIAIS” E “TABU”

Roberta Guimarães Franco (UFLA/FAPEMIG)

A Guerra colonial (1961-1974) e o Estado Novo (1933-1974), de maneira geral, vêm despertando cada vez mais o interesse editorial, em Portugal, pelas temáticas deste período, em especial, pelas obras literárias e cinematográficas que abordam a questão da memória, seja individual ou coletiva, seja ficcional ou mesmo autobiográfica. O silêncio imposto pela censura

do Estado Novo que, segundo o filósofo José Gil, não terminou com a Revolução dos Cravos (1974), mas transformou-se em um silêncio social, foi irrompido pela literatura. As publicações de autores como Manoel Alegre, Antonio Lobo Antunes e Lúcia Jorde, entre outros, abrem espaço para que outras vozes surjam. Mais recentemente, a partir dos anos 2000, verifica-se um novo movimento, incluindo também as memórias de segunda geração. Nosso trabalho, que é parte do projeto “Poder e silêncio(s): a pós-colonialidade entre o discurso oficial e a criação ficcional”, financiado pela FAPEMIG, pretende analisar o peso do silêncio desse passado recente em duas obras: o livro *Caderno de memórias coloniais* (2011), de Isabela Figueiredo, e o filme “Tabu” (2012), de Miguel Gomes. Buscaremos refletir como, em ambas as narrativas, cada uma a seu modo, transborda o espaço do trauma causado pelos acontecimentos/percepções do passado colonial, da memória dos tempos vividos em África.

O JOGO DA NARRATIVA EM “O SENHOR BRETON E A ENTREVISTA”

Robson J. Custódio (UEPG)

A partir de leituras e inferências, este trabalho visa apresentar e analisar a construção da narrativa de “O Senhor Breton e a Entrevista”, do autor português contemporâneo, Gonçalo M.

Tavares. A obra compõe a série *O Bairro* que contempla mais outros nove títulos, de outros importantes senhores (incluem-se os de fama intelectual – escritores poetas, principalmente). Nesse, em especial, há a participação dúbia de um narrador. Ao passo que se vê a apresentação de um “eu” entrevistador, que se afugenta e se isola também em contraposição ao “eu” entrevistado, também se verifica a aproximação de ambos. De alguma forma, as reflexões do Senhor Breton, que entrevista a si mesmo, busca respostas que nem ele mesmo consegue encontrá-las. As dez perguntas feitas e oferecidas, com deduções e posições quase estabelecidas, baseiam-se em construções individuais do pensamento de Breton – e porque não de Tavares, tendo o triplice olhar diante do momento narrativo – onde a própria pergunta pode indiciar retornos reflexivos para a leitura (talvez, veja-se um aspecto aproximativo da metalinguagem do narrador, ou de um processo de retórica). A proposta dessa análise teórica é proporcionar considerações em relação à escrita de Tavares, à vicissitude do narrador em um livro “pertencente” a mais outro morador do Bairro.

GUERREIROS INDÍGENAS: RESISTÊNCIA E DISCURSO COLONIAL EM A SELVA, DE FERREIRA DE CASTRO

Rodrigo Anderson Machado Cavalcante (UFAM)
Joanna da Silva (UFAM)

O presente trabalho é resultado de pesquisas bibliográficas desenvolvidas durante a escrita do trabalho de conclusão de curso, no qual se buscou analisar a obra *A Selva*, de Ferreira de Castro sob o viés da teoria pós-colonial. A teoria pós-colonial evidencia a influência e as estratégias coloniais e quais suas consequências para os sujeitos colonizados, bem como as formas de resistência encontradas por estes sujeitos contra a dominação. Neste sentido objetiva-se analisar os episódios em que os seringueiros e conquistadores entram em confronto com os índios, mostrando que o discurso que permeia as falas dos seringueiros é construído por estereótipos que colocam o indígena como um ser selvagem e violento, revelando traços da perpetuação do discurso europeu para conquistar e legitimar a escravização dos indígenas no contexto da colonização. Assim, o que é evidenciado na análise é que o discurso e as estratégias coloniais foram tão fortes que ainda permanecem nos discursos e ações de início do século XX,

além de mostrar como os indígenas resistem à invasão de suas terras e que em contrapartida o seringueiro perpetua o discurso colonial para legitimar suas ações invasivas, recolocando o indígena sob os estereótipos de selvageria, canibalismo e violência, características tão peculiares ao discurso colonial do século XVI em que os colonizadores europeus usurpavam terras indígenas e disseminavam este discurso tendencioso.

UM CÃO QUE SONHA, DE AGUSTINA BESSA-LUÍS: MEMÓRIA, HISTÓRIA E ENIGMA

Rodrigo Valverde Denubila (UNESP/Araraquara)

Esta comunicação tem por objetivo evidenciar alguns pontos centrais da poética de Agustina Bessa-Luís a partir do romance *Um cão que sonha*. Publicado em 1997, trata-se de uma das quatro obras mais importantes, destacadas por Eduardo Lourenço, dentro do conjunto literário da autora, composto por mais de sessenta livros. Agustina Bessa-Luís constitui figura central da literatura portuguesa e importante nome da literatura de autoria feminina contemporânea em Portugal, quando estreia em 1948. *Um cão que sonha* traz questões-chave da poética agustiniana, tais como a discussão da condição feminina, os limites entre ficção e realidade, a importância da memória no processo composicional, o modo como esquecer e lembrar guiam a dinâmica existencial de muitas personagens agustinianas – como Leon Geta, de *Um cão que sonha* –, os estelionatos da História e quem pode escrevê-la, a existência que se plasma como enigma, entre outras. Quando a impossibilidade de definir algo se configura por meio da constante imposição da interrogação, um profundo sentimento de angústia ganha corpo. Segundo a ótica da autora portuguesa, esta angústia é fruto da percepção da temporalidade humana. Tal articulação é uma das bases da poética agustiniana, isto é, a tentativa de quebra de certezas leva a um avultar do inacabado como marca da existência e, em maior grau, impõe o elemento trágico. Em um movimento descentralizador e antiautoritário, a ficcionista portuguesa, ao longo do seu conjunto literário, aspira a evidenciar possibilidades outras, sublinhar outras modalidades de História, conforme exprime Franklin Ankersmit, em *A escrita da História*. Esse processo instaurador de dúvidas, fruto de uma perspectiva modalizadora, faz com que Eduardo Lourenço compare o discurso literário agustiniano ao trabalho de Penélope, qual seja, à medida que algo é posto, essa mesma proposição é negada. Por sua força e destaque dentro do extenso conjunto literário de Agustina Bessa-Luís, acreditamos que *Um cão que sonha* se configura como importante mecanismo de discussão da obra de Agustina Bessa-Luís.

FRADIQUE MENDES: EÇA DE QUEIRÓS E A ESCRITA

Rosana Apolonia Harmuch (UEPG)

Segundo Carlos Reis, o conjunto da obra de Eça de Queirós revela a quase obsessão que o autor desenvolveu pela representação do escritor como personagem. Creio que é possível ampliar essa percepção para refletir sobre a representação do lugar ocupado pela literatura na sociedade portuguesa do século XIX figurada pelo autor. A representação da literatura dentro da própria literatura e também de textos produzidos para outros fins (como os jornalísticos, ensaísticos e até das cartas) permite afirmar que Eça de Queirós construiu um universo em que a preocupação com o registro de um imaginário no qual a leitura ocupa um plano dominante foi mesmo obsessiva. Nesse percurso, Fradique Mendes simboliza, de certo modo, o ponto de partida e o

de chegada da aventura de Eça ao longo de muitos anos experimentando os limites da escrita. Criado de forma coletiva, juntamente com Batalha Reis e Antero de Quental, Fradique foi apresentado como um poeta, autor das *Lapidárias*. No ano seguinte, ressurgiu, desta vez, como personagem em *O mistério da estrada de Sintra*, romance epistolar de Eça e de Ramalho Ortigão. E, finalmente, em 1900, a correspondência desse enigmático personagem é publicada, acompanhada de uma biografia. Como um projeto gestado durante praticamente toda a carreira de Eça, uma espécie de sombra que permanecera sempre presente, o escandaloso poeta reapareceu para, entre outras coisas, negar a literatura, para teorizar sobre a impotência da palavra diante da experiência humana e também para, explicitamente, fazer crítica literária. Entre a criação de Fradique e essa obra do final da carreira, são muitas as cenas ficcionais em que são figurados personagens em situações nas quais a leitura e a literatura ocupam o primeiro plano. Há não apenas cenas de leitura e de discussões sobre a literatura, por vezes bastante acaloradas, mas também muitos personagens que se apresentam como escritores. Nessa galeria, há os que não podem ser propriamente assim chamados, visto que apenas declamam seus textos, ou seja, aqueles cujas obras não chegam a ser publicadas; mas há, por outro lado, os que as editam. No primeiro caso, a figuração se dá, via de regra, em saraus, encontros festivos, em que o ato de apresentar a produção se restringe à poesia. No segundo, temos personagens que conseguem efetivamente publicar seus livros, tanto poéticos quanto romances, embora essa ocorrência também não baste para caracterizá-los como autores profissionais. A obra de Eça de Queirós pode ser lida, portanto, e é esse meu interesse neste trabalho, como cenário da problematização do conceito de autoria e da própria literatura, ambos em pleno processo de mudança.

O PRIMO BASÍLIO DA PÁGINA À TELA

Rosiane Silva de Souza (Colégio Militar do Rio de Janeiro/PUC-Rio)

O presente ensaio busca realizar uma leitura da minissérie global *O Primo Basílio* juntamente ao texto literário homônimo que deu origem a essa adaptação. Em 1988, a Rede Globo exibiu *O Primo Basílio*, minissérie com direção de Daniel Filho, com Marília Pera, Giulia Gam e Marcos Paulo como atores do núcleo principal. O objetivo deste ensaio é fazer uma leitura comparativa entre as duas obras, levantando algumas questões, como a relação existente entre a literatura e a televisão e a diferença entre cultura erudita e cultura de massa. Para isso, fundamenta-se esta análise em Walter Benjamin e seu texto “A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica”. Um outro teórico, Bakhtin, diz que a obra é feita para que o outro responda, portanto precisa-se levar em consideração o papel do leitor e do telespectador nesse estudo. Percebe-se também que a recriação televisiva de um texto literário costuma apresentar-se de forma bastante diferente do texto que lhe deu origem porque são, de fato, obras diferentes.

Deleuze, em seu ensaio “Platão e o simulacro”, apresenta conceitos fundamentais para a leitura que se apresenta aqui. Assim também acontece com Roman Jakobson e seu conceito de “transmutação” ou “tradução intersemiótica”. Destaca-se ainda a importância de ambos os meios em que as obras apresentam-se, a televisão e o livro, bem como o papel fundamental que cada um exerce sobre o seu público no seu tempo.

A POESIA DE MANOEL DE BARROS E O DIÁLOGO COM OUTRAS ARTES

Rosidelma Fraga (UERR)

Esta comunicação oral tem como objetivo profícuo explicitar uma parte da pesquisa de doutorado intitulada *Recepção e convergências na obra de Manoel de Barros: poesia, ilustração e paratextualidade*, defendida na Universidade Federal de Goiás. E como recorte deanálise, enfatizar-se-á a convergência entre a poesia de Barros e sua recepção pela ilustradora Martha Barros, bem como a relação cordial e íntima dos desenhos do poeta com sua poesia contida em *O guardador de águas* e *Escritos em verbal de ave*. À luz da estética de recepção, instituída pelos teóricos Hans Robert Jauss (1979) e Wolfgang Iser (1979), da Semiótica de Umberto Eco (1971-2007), procurou-se averiguar a recepção da poesia lírica de Manoel de Barros, a recepção do poeta quanto à pintura de Joan Miró (1924) e Paul Klee (1922), a recepção de sua lírica pelos ilustradores Ana Raquel Máximo, Martha Barros, Ziraldo Alves Pinto, a recepção de poesia pelos prefaciadores, a convergência entre poesia e desenho, bem como a interdependência na recepção do poeta a partir de epígrafes, títulos, pretextos, posfácios e outros paratextos que complementam a obra de Manoel de Barros de *Poemas concebidos sem pecado* (1937) a *Escritos em verbal de ave* (2011). A relação entre a linguagem verbal e não verbal será oferecida ao leitor como um projeto de análise interartística, intersemiótica e intertextual. Para a interpretação de toda a poesia lírica de Barros, constitui-se como espinha dorsal o trabalho de investigação sobre a *intenção do autor*, a *intenção do leitor* e a *intenção do texto*.

LITERATURAS QUE REMETEM AO ENSINO MEDIADO PELA TEORIA E PRÁTICA DE LEITURA

Rosineide Rodrigues Monteiro (UEA)
Rita de Cássia Eutrópio Mendonça Bezerra (UEA)

O presente resumo apresenta literaturas que remetem à leitura através da conexão entre teoria e prática. Dessa feita, com o intuito de evidenciar de forma parcial a necessidade de utilização desta como ferramenta de ensino, buscou-se o estudo através dos gêneros por fazerem parte do cotidiano escolar, da vida em sociedade e por contribuírem para viabilizar a comunicação entre as pessoas. Os gêneros selecionados foram a música de funk e o cordel engajado, que conduz o aluno a manifestar opiniões sobre as ideias do texto, pela interação de diversos níveis de conhecimento: o linguístico, o textual e o de mundo. Segundo Kleiman (2008), a compreensão do texto se caracteriza pelo uso do conhecimento prévio sobre a leitura, pelos objetivos, pelas expectativas traçadas e, pela procura de coerência. Na metodologia, foi utilizada a pesquisa colaborativa embasada na inter-relação entre pesquisa e formação, por meio de metodologias mediadas por oficinas de gêneros que seguem uma sequência didática. O trabalho delinea os resultados de uma atividade de leitura direcionada ao desenvolvimento da oralidade e escrita do aluno na Escola Estadual Nazira Litaiff Moriz. Portanto, salientamos que a leitura, quando realizada mediante estratégias, torna-se proveitosa, porque leva à formação de uma comunidade mais politizada e crítica.

OUTROS SAIS NA BEIRA MAR DE FILINTO ELÍSIO: UM LABIRÍNTICO MOSAICO DE FICÇÃO POÉTICA

Rute Maria Chaves Pires (UEMA/USP)

Esta comunicação tem por objetivo fazer um estudo sobre a construção multifacetada do romance *Outros saís na beira mar* (2010) do autor cabo-verdiano Filinto Elísio. Obra extremamente pós-moderna/contemporânea, de construção/desconstrução do próprio gênero narrativo quando mistura, história, poesia, crônicas, e-mails, fragmentos de um pensar e sentir

a própria história, a história da sua cidade, da sua ancestralidade que é entrecortada, às vezes, por um fluxo de consciência, que ultrapassa a simples inquietação do existir e se prolonga num verdadeiro mosaico de reminiscências ora lúdico, ora de engajamento social. Nessa perspectiva, justifica-se a proposta de bricolage, fragmentação e paródia, num espiralado jogo intertextual que fica explícito desde o início da obra, passando por epígrafes (quatro no total) no pórtico da obra, sendo três de autores cabo-verdianos e uma da poeta portuguesa Sophia de Mello Breyner Andresen. Assim, a pluralidade de vozes reiterada pelas citações num processo de bricolage prefigura não só a apropriação, mas também, de forma acentuada e proposital, o diálogo entre e inter(textos). Portanto, os quadros narrativos que vão sendo traçados ao longo da obra, num descontínuo ir e vir, proporcionam um novo conceito de romance, ou ainda um não-romance, como sugere o próprio texto: “Esta é uma história. Errado. Estas são Histórias, assim no plural, em que vidas (e suas pressentidas mortes) se cruzam”. (ELÍSIO. 2010, p.13).

A CIRCULAÇÃO EM JORNAL DE TEXTOS QUE COMPUSERAM A CORRESPONDÊNCIA DE FRADIQUE MENDES

Sara Vasconcelos Ferreira (UFPA/CAPES)
Germana Maria Araújo Sales (UFPA/CNPq)

No século XIX, a relação de Portugal com o Pará ultrapassou as relações políticas, pois também houve um desenvolvimento cultural e literário. Nas décadas finais do século XIX, em um contexto político e de interesse pela cultura, *A Província do Pará* (1875-2001) iniciou suas atividades como um dos mais importantes jornais paraenses. Seguindo o que acontecia em outras províncias, o jornal paraense trouxe, desde o início, a seção *Folhetim* e outras seções nas quais era divulgada a prosa de ficção assinada por autores de diversas províncias e de outros países, especialmente França e Portugal. Além disso, o jornal republicava narrativas veiculadas em jornais do mundo inteiro. Nesse cenário das páginas paraenses, um dos autores mais frequentes foi Eça de Queirós, que aparece no topo de referências com artigos a respeito de seus romances, excertos de obras, crítica, contos, crônicas, ensaios e outros artigos literários. Diante dessas informações, o objetivo deste trabalho é apresentar os textos escritos para o jornal e que foram reescritos para compor a coletânea de cartas assinadas por Fradique Mendes, pseudônimo do autor. Alguns desses textos, a princípio assinados por Eça de Queirós, são chamados de

“fradiquices” e foram totalmente reestruturados para atender à mudança ao gênero epistolar, como a inserção do vocativo e à mudança de suporte – jornal/livro; outros foram apenas revisados com a substituição da assinatura de Eça de Queirós para Fradique Mendes. Dessa forma, entende-se a obra não como um projeto acabado, mas como um processo no qual é possível reformular, reescrever e ressignificar a partir das mudanças e acréscimos feitos. Este estudo ratifica que a influência lusitana no Pará não se deu somente pelas questões políticas, arquitetônicas e culturais, mas pela circulação de obras literárias e leitura dos folhetins nos jornais, colaborando para o surgimento de uma cultura letrada em terras paraoaras.

NARRATIVAS NA PERSPECTIVA DE: ANÚNCIO, DENÚNCIA E RENÚNCIA

Sebastião de Souza Lima (UEA)

O presente trabalho faz um recorte de tópicos pontuais sobre as narrativas expostas nos meios de comunicação contemporâneos sobre a segregação das riquezas naturais e humanas no Estado do Amazonas. Optou-se pela investigação bibliográfica e em registros que demonstraram episódios descritos na história dos habitantes desta região. No primeiro capítulo fez-se

referência à perspectiva de anúncio com aspectos de região colonizada, submissa às ordens da coroa portuguesa, que exerciam opressão sobre os colonizados. O segundo capítulo é descrito na perspectiva de denúncia por manifestar indignação sobre as ações de segregação social e econômica. O terceiro capítulo, na perspectiva de renúncia, concentrou o ensaio na crítica ao continuísmo das ações direcionadas pelos projetos contingentes ao desenvolvimento social e econômico. A pesquisa teve foco central na análise sobre as ações cotidianas de segregação das riquezas naturais e a exploração da força de trabalho nesta localidade. Foi elaborada a reflexão sobre a distância entre as ocorrências do passado e a realidade cotidiana. A referência teórica pautou-se em autores que narraram os episódios singulares: Ferreira, Cunha, Piza, Ribeiro e Sousa que trataram da realidade amazônica. Não se pretendeu esgotar esta reflexão, mas espera-se que possa contribuir para despertar o interesse de outros na pesquisa social com perspectiva de sugerir políticas públicas que contemplem o bem-estar social dos menos favorecidos da região.

OS ARQUÉTIPOS FEMININOS DE LILITH E EVA EM MARGARIDA LA ROCQUE

Sideny Pereira de Paula (SEDUC-AM/UFAM/FAPEAM)
Lileana Mourão Franco de Sá (UFAM)

O referido trabalho faz uma análise do mito judaico de Lilith e do mito cristão de Eva, através da personagem-protagonista Margarida, da obra "Margarida La Rocque a ilha dos demônios", de Dinah Silveira de Queiroz. A teoria que norteia a presente pesquisa foi orientada principalmente pelo estudo de Literatura Fantástica, no livro de Tzvetan Todorov, "Introdução à Literatura Fantástica", e do livro de Valéria Fabrizi Pires, "Lilith e Eva. Imagens arquetípicas da mulher na atualidade." Esta obra, decidida incursão no fantástico/mítico, gênero então escasso no país:1949, ano em que foi escrito. A personagem-título, de neurose crescente, confinada a degredo sem remissão numa ilha de demônios e fustigada, continuamente, ora pela injustiça, ora pelo sobrenatural, sempre perplexa diante da própria sorte, constitui, talvez, a caracterização mais completa e mais bem acabada de toda a obra de Dinah. Essa narrativa na primeira pessoa é intensamente auto analítica, com ação no século XVI e aparente intenção de chocar, segundo as palavras de Sérgio Corrêa da Costa, em seu discurso de posse ao ocupar a cadeira da autora da obra, Dinah Silveira de Queiroz, na Academia Brasileira de letras. Margarida La Rocque fascina o leitor não só pela narrativa que o prende do começo ao fim, num clima de suspense e terror, como também pelo belíssimo português, escrito em linguagem arcaica, o que dá uma dimensão da época em que se passa. É uma narrativa sobre o feminino e seus demônios interiores também, sobre a condição da mulher desde épocas remotas e sobre como ela em determinados momentos encarna ora Lilith ora Eva, na sua busca por realização.

TEMPO DE RECOLHER A VIDA: ESPAÇOS DE MEMÓRIA EM PAISAGEM COM MULHER E MAR AO FUNDO DE TEOLINDA GERSÃO

Silvana Maria Pantoja dos Santos (UEMA/UESPI)

Neste trabalho objetiva-se analisar o processo de rememoração em *Paisagem com mulher e mar ao fundo* de Teolinda Gersão (1985). A *paisagem* anunciada no título traduz o tom imagético eacústico que envolve a paisagem central da narrativa: o mar e outros espaços sob a perspectiva do olhar de Hortense, cujas particularidades, intermeadas de vivências pretéritas, são ressignificadas pela personagem, a partir de sua inserção em espaços esvaziados. O olhar de enraizamento, a partir de espaços de referência, cria e reposiciona a paisagem que fora

emoldurada e congelada em espaços de vivências particulares e coletivas. Como diz Halbwachs (2006, p. 30) a sutilezas dos fios da memória entrelaça lembranças à existência, de modo que

“não é preciso que os outros estejam presentes, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem”. A obra é entrecortada por lembranças cindidas, realçadas pelo desejo de que os movimentos da personagem sejam capazes de recolocar as cenas familiares em seus devidos lugares. A obra ainda faz emergir espaços de memória de um passado próximo reconfigurado pela história dos portugueses, envolta pelo contexto da repressão. O entrecruzar de memórias vai ao encontro de outras vozes, tecidas, compartilhadas, reintegradas e semeadas por campos diversos, anunciando e perpetuando a memória do lugar.

OPRESSÃO: TRABALHISTA, ESPACIAL E IDEOLÓGICA EM *NINGUÉM MATOU SUHURA*

Silvaneide da Silva Costa (USP)

Na obra *Ninguém matou Suhura: estórias que ilustram a História*, da escritora moçambicana Lília Momplé, a autora procura reescrever a história de Moçambique a partir do lugar dos oprimidos. Para tanto, a obra foi esteticamente construída demarcando o espaço temporal e físico do qual se fala; recurso que se evidencia na datação ao início de cada conto, acompanhada da indicação de lugar. O subtítulo do livro “estórias que ilustram a História” remete à intenção de reescrever micro-histórias ignoradas ou omitidas pela História oficial colonial portuguesa.

Ao abranger o período de 1935 a 1974, os contos “Aconteceu em Saua-Saua” e “Canço” tematizam as várias facetas da opressão trabalhista: no campo, no canço, na cidade ou nas minas de ouro. Nos contos “O baile de Celina” e “Ninguém matou Suhura”, abordamos a opressão espacial e ideológica, nos espaços como o da administração, da escola e do posto da polícia, utilizados para inculcar nos moçambicanos a ideologia portuguesa. Dessa forma, a ambientação dos contos, no tratamento dado ao espaço, é carregada de sentidos que ultrapassam a caracterização e denunciam relações de poder. Quanto à fundamentação teórica de nosso trabalho, Eduardo Homem e Sônia Corrêa (1977), José Luís Cabaço (2012), Paulin Hountondji (2009), Teresa Cruz e Silva (2012) e Francisco Lerma Martinez (1989) foram de extrema importância para compreender aspectos históricos e culturais da sociedade moçambicana. As questões levantadas, a partir da literatura de Momplé, serão analisadas pelo viés da dialética-materialista.

A TENSÃO ENTRE LITERATURA E ARTES VISUAIS NA OBRA *Ó* DE NUNO RAMOS

Silvia Ferreira Lima (Unicamp)

Levando em consideração a teoria pós-estruturalista deleuziana_ que utiliza conceitos como: desterritorialização, tensionamento, potências, possibilidades e afeto _ propomos uma análise do livro *Ó* de Nuno Ramos, premiado em 2009 com o Portugal-Telecom. Esta obra foi confeccionada com o tensionamento de gêneros literários, como a poesia, a narrativa e o ensaio. Logo, *Ó* propõe um novo tipo de leitura e um novo tipo de leitor, capaz de se convencer com seus argumentos, encantar com suas narrativas, deleitar com suas figuras de linguagem, que emocionam tanto quanto suas intervenções, instalações e pinturas tridimensionais. É esta corporiedade verbal e plástica trazida pela descrição de suas obras visuais através das palavras. Assim como a discursividade é trazida por suas instalações e intervenções. Com o intuito de demonstrar nossas hipóteses, trazemos alguns exemplos de trechos de seu livro (organizado em

sete Ós e dezoito ensaios poéticos, totalizando vinte e cinco textos) e os utilizamos para relacionar com a visualidade de seu trabalho artístico. Destacamos trechos de sua obra que dialogam com suas instalações e intervenções, cujas imagens apresentaremos relacionando ambas as linguagens. Deste modo, utilizaremos fotografias de instalações e intervenções descritas em metáforas e metonímias que compõem seu trabalho poético. O mesmo que integra seus ensaios, num dos vinte e cinco textos do livro.

GUIMARÃES ROSA E A CRÍTICA PORTUGUESA: DE AGUIAR E SILVA A ÓSCAR LOPES

Sílvio Augusto de Oliveira Holanda (UFPA)

Propõe-se um breve exame de alguns críticos portugueses, sobretudo Antônio Cirurgião, acerca de Guimarães Rosa (1908-1967), com base na discussão do lugar ocupado por este na tradição literária em língua portuguesa e suas possíveis relações com autores portugueses, como Aquilino Ribeiro. O *corpus* selecionado abrange trabalhos que vão de 1969 a 2000, com ênfase na produção dos seguintes críticos: Vítor Manuel de Aguiar e Silva, Antônio Cirurgião e Arnaldo Saraiva. Nota-se, em linhas gerais, que são privilegiadas perspectivas diversas que compreendem leituras míticas e simbólico-religiosas, como se vê em artigos, como

“Simbolismo religioso em *Dão-Lalalão* de Guimarães Rosa” (1973), “Sequência de Guimarães Rosa, ou o jogo do amor e do azar” (1986) e *Conversas com escritores brasileiros* (2000), e no importante livro de Óscar Lopes, *Ler e depois* (3. ed. 1970). Diante dessa densa reflexão crítica, atenta ao debate em torno da narrativa moderna, o objetivo da comunicação é apontar, sob a perspectiva da Estética da recepção, em termos formulados por Hans Robert Jauss (1921-1997), as principais constantes interpretativas que se vêm constituindo em torno da obra de Guimarães Rosa, lida pela crítica lusitana.

SOBRE EXÍLIOS E PRISÕES: A MEMÓRIA DO FASCISMO SALAZARISTA

Silvio Renato Jorge (UFF)

A violência decorrente da censura empreendida pelo governo do Estado Novo em Portugal deixou marcas na produção de poetas e romancistas, seja no próprio período em que Salazar esteve no poder, seja anos mais tarde, quando, com o país livre, muitos autores tomaram para si a responsabilidade de problematizar a demarcação ideológica e concreta da violência nos tempos de exceção. Se a memória e o esquecimento são termos indissociáveis, torna-se fundamental a leitura das práticas de referencialização presentes nesses autores e a discussão de seu caráter político. Apontar, na linguagem, o mal inerente aos processos ativos de cerceamento da liberdade que transcorreram tanto em Portugal quanto nos países africanos de língua portuguesa, em virtude da feição colonialista do sistema político então elaborado, é uma estratégia significativa de delimitação dos rastros e restos que compõem a história da repressão, estratégia essa que associa literatura, história e cultura como elementos interdisciplinares fundamentais para que possamos situar tais autores e vislumbrar os sentidos presentes na trama composta por seus textos. Ler essa memória é ler a violência e a censura, mas também um exercício de ultrapassagem de princípios e valores coercitivos que, ainda hoje vivos, devem ser enfrentados.

FREI LUÍS DE SOUSA: UMA LEITURA DO SEBASTIANISMO

Simone Nacaguma (UNIFESP)

Com a experiência das invasões francesas, da ausência do rei que se muda para o Brasil, da ocupação da terra lusitana por tropas inglesas, Portugal assiste à dilaceração de sua identidade. É justamente esse cenário caótico que vai levar Garrett a ricas experiências no exílio (França, Inglaterra e Açores). No meio de um fogo cruzado entre conservadores e progressistas, Garrett tem uma posição assumidamente liberal e expressa a consciência de seu papel cívico-político como homem das Letras que é, o que o comprovam as suas primeiras obras teatrais, ainda sob matizes do neoclássico. Além disso, a sua experiência no exílio proporcionou-lhe o contato com a mais diversa e internacional plêiade de autores, o que vai reverberar no conjunto de sua obra dramática e nos seus textos programáticos, os quais expressam uma profunda reflexão sobre o gênero dramático, ao mesmo tempo em que refletem sobre a história de Portugal, sobre o nacionalismo, enfim, sobre a busca da identidade portuguesa. É sob o signo dessa profunda e ampla reflexão e desse espírito reformador, tanto no âmbito político-social quanto cultural, que a publicação de sua obra dramática vai se dando, uma a uma. É sua crença, de base Schilleriana, de que diante de um “novo povo” se faz criar uma “nova arte dramática” sobre a qual se fixaria o espírito da nação, que o move a buscar no drama a sua mais fina expressão. Perseguindo a perfeita dosagem entre “forma e conteúdo”, entre o legado clássico e a liberdade do novo espírito romântico, a sua busca estética culmina em *Frei Luís de Sousa*, que, segundo Garrett, corresponderia a uma atualização nacional dos preceitos antigos. O referido drama não se prestava ao exercício estético tão somente, mas, ancorado num tempo e num espaço históricos, visava a cumprir a missão educadora do teatro que, por sua vez, tinha implicações nacionalistas. E no seio dessa complexa tessitura de propostas e de buscas, constitui o objetivo do presente trabalho analisar a leitura simbólica do Sebastianismo feita por Garrett, levando-se em conta, por um lado, a leitura de *Frei Luís de Sousa* por Luciana Stegagno Picchio, que integra a sua obra *História do Teatro Português* (1969); e, por outro, a interpretação de Eduardo Lourenço do mito sebástico no ensaio “Sebastianismo: imagens e miragens”, publicado em *Mitologia da Saudade* (1982).

RETORNO AOS RETORNOS

Simone Pereira Schmidt (UFSC/CNPq)

Muito já se escreveu sobre o drama vivido pelos ‘retornados’ a Portugal, findo o período colonial nos países africanos, ou seja, no período que se seguiu às guerras coloniais em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau. Entretanto, alguns romances de publicação mais recente – nomeadamente, *O Tibete de África*, de Margarida Paredes (2006), *Caderno de memórias coloniais*, de Isabela Figueiredo (2009), e *O retorno*, de Dulce Maria Cardoso (2012) - retomam o tema pela chave da memória: subjetiva, familiar e histórica, ensejando uma reaproximação às experiências vividas pelos retornados, quarenta anos passados da independência das ex-colônias. A primeira indagação que me surge como mote de leitura diz respeito às motivações dos relatos, ou em outras palavras: por que importa aos sujeitos femininos constitutivos das narrativas em questão (escritoras, autoras, narradoras, personagens) voltar ao tema do retorno? A partir dessa indagação, minha primeira hipótese é que, numa perspectiva feminista e pós-colonial, podemos identificar na leitura dos romances algumas particulares injunções de gênero e raça que subsistem ainda hoje, como rastros da memória colonial por resolver. Pretendo investigar esse aspecto, ao mesmo tempo em que procurarei identificar quem são e o que dizem os sujeitos que, colocando em xeque a ordem a colonial-patriarcal, acabam por se situar à margem da mesma, o que lhes permite, na forma do relato de memória ou de pós-memória, construir uma contranarrativa da memória colonial, em interação com outros sujeitos, igualmente deslocados.

FREI LUCAS DE SANTA CATARINA E A IMPRENSA PERIÓDICA JOCOSA EM PORTUGAL

Socorro de Fátima Pacífico Barbosa (UFPB/CNPQ)

Os folhetos jocosos portugueses surgiram no século XVIII e a eles devemos a invenção, ou pelo menos a popularização do leitor como representação daquele que vai ler e consumir o que está escrito. Sempre considerados como suporte privilegiado da literatura, sobre os folhetos jocosos raramente se observam estudos sobre o seu papel como o primeiro veículo de certa imprensa periódica, que circulou no século XVIII e teve sua consagração no século XIX. Trata-se dos periódicos escritos para instruir e deleitar, que uniam as informações históricas, científicas e literárias, com gêneros menores como a anedota, as adivinhações e as charadas. Em Portugal, vendidos pelos cegos, a preços módicos, os folhetos de cordel contribuíram para a circulação de alguns gêneros em prosa relacionados ao mundo da informação. Entre estes, encontram-se as cartas, as relações noticiosas, os naufrágios e os milagres, cuja leitura foi identificada a um certo tipo de leitor, comumente tido como curioso e afeito a uma leitura ligeira, por distração. Este trabalho apresenta uma análise da representação de leitor nos folhetos de cordel que circularam em Portugal no século XVIII e XIX, notadamente aqueles escritos atribuídos ao Frei Lucas de Santa Catarina.

“NA ESCOLA, TODOS OS MIÚDOS ME GRITAVAM AQUELE ‘MARICAS!’ QUE TANTO ME FAZIA DOER...”: MEMÓRIAS DA INFÂNCIA E QUESTÕES DE GÊNERO EM A CONFISSÃO, DE BERNARDO SANTARENO

Solange S. Santana (UFBA/IF-BA)

Márcio R. C. Muniz (UFBA)

Desde o nascimento, os sujeitos são educados para se tornarem “gêneros inteligíveis”, ou melhor, para manter “relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo” (BUTLER, 2013, p. 38). Em outros termos, pode-se dizer que somos cerceados por uma pedagogia que se sustenta em normas regulatórias, reiteradas nos discursos e práticas do sistema educacional, da família, da igreja, dos tribunais, do cinema, da literatura, entre outras tecnologias sociais de gênero. Logo, se a viabilidade dos sujeitos depende da afirmação da heterossexualidade compulsória, àqueles que não organizam suas vidas conforme tal modelo se promove um não reconhecimento cultural, porque são vistos como diferentes, incoerentes e desviantes. No âmbito desse trabalho, buscar-se-á problematizar, especificamente, questões de gênero e de sexualidade, por meio dos atos performativos da personagem Françoise, enunciada como travesti no texto dramático *A confissão* (1974), do português Bernardo Santareno. Atentar-se-á especificamente às suas experiências na infância e na adolescência, dando atenção às demandas interpelantes às quais a personagem responde num lar heterocentrado, na escola e em outros ambientes que frequentava até os 13 anos de idade, quando se inicia na prostituição. Levando em consideração que Françoise rasura as estratégias que levam à materialização do sexo e à pressuposição de uma subjetividade e de comportamentos ditos masculinos e femininos (BUTLER, 2002a; 2002b), nota-se que Santareno promove uma radical desnaturalização do binarismo de gênero. Com isso, se problematiza como “a identidade de gênero, as sexualidades e as subjetividades só apresentam uma correspondência com o corpo quando é a heteronormatividade que orienta o olhar” (BENTO, 2006, p. 22). Por isso, não obstante os atos performativos de Françoise rasurarem a matriz cultural heteronormativa, sua performatividade de gênero a expõe a ambientes e discursos que a marginalizam constantemente.

CORDEL: ESCRITURAS HÍBRIDAS, DE PORTUGAL AO NORDESTE BRASILEIRO

Stela Maria Viana Lima Brito (UESPI/UFPB)

A Literatura de Cordel é uma herança cultural herdada da Península Ibérica, em especial, do colonizador português, trazida ao Brasil por volta dos séculos XV e XVI. Enraizada, principalmente no Nordeste, foi adaptada ao contexto local, o qual serviu de inspiração para sua produção. Literatura que passou por diversas fases de incompreensão no passado, talvez por trazer a excessiva imitação de modelos estrangeiros pela intelectualidade, mas que no espaço nordestino ganhou força ao ser ressignificada como modalidade literária que detém a representação do imaginário de um povo, uma literatura viva ligada a cosmovisão popular, suas raízes, histórias narradas, identidade e construção de seus heróis. Logo, neste estudo, objetiva-se estabelecer não as diferenças entre os folhetos provenientes de Portugal e os cordéis que permeiam o espaço nordestino, mas ressaltar que a manifestação poética ibérica, ao chegar ao Nordeste brasileiro, adquiriu características próprias, uma reinvenção ou recriação, um processo de intersecção e hibridismo, passando a expressar a realidade cultural, política e social, conquistou uma voz própria, mestiça, tanto pela presença indígena e africana, quanto pela forte característica da oralidade. A pesquisa é qualitativa, documental e descritiva, tendo como suporte teórico Abreu (1999), Casa Rui Barbosa (1973), Bosi (2001), Cascudo (2006), entre outros. O cordel adquiriu o status de uma das formas mais expressivas da cultura popular nordestina, pois se constituiu fonte, não apenas de variedade de temas, mas por expressar a realidade sociopolítica e histórica contemporânea.

RENÉ MAGRITTE E MANOEL DE BARROS: INTERSECÇÕES ENTRE PINTURA E POESIA

Suzel Domini dos Santos (UNESP)

A poesia de Manoel de Barros, poeta que surgiu no cenário da literatura brasileira na segunda metade da década de 1930, mostra-se fundamentada e transpassada pela reflexão crítica, um universo poético particularizado pela articulação indissociável entre pensamento e imaginação. O uso maciço da metalinguagem, que caracteriza a poesia barrosiana, desvela uma assimilação dos preceitos que demarcam a lírica da modernidade, e, conseqüentemente, uma consciência criadora que enfatiza sua própria potência de atuação no plano do fazer poético. Manoel de Barros apresenta-se como poeta que funda para si uma tradição, e, entre as muitas referências estéticas que aparecem em sua poesia, encontramos traços do Surrealismo. Sublinhamos, desses traços, um ponto de encontro bem significativo com a pintura de René Magritte, artista belga cujo operar estético se aproxima da proposta surrealista por conta da construção de imagens insólitas. A obra de René Magritte singulariza-se por um jogo quase obsessivo de contraste entre a concepção de realidade e a de representação da realidade. Partindo de um exercício metalinguístico, Magritte desnuda, no âmbito do próprio objeto pictórico, o desvão que se coloca entre a realidade propriamente dita, ou a realidade material, e os códigos e linguagens engendrados pelo homem para nomeá-la e expressá-la. Manoel de Barros também explora esse contraste, propondo, com suas composições imagéticas, a ruptura brusca, a subversão dos sistemas funcionais e convencionados de representação. Valendo-nos de uma abordagem comparativa entre trabalhos dos dois artistas, buscamos mostrar como ambos, cada um a seu modo, problematizam a questão da representação das coisas e do mundo. Focalizamos, especialmente, a maneira como René Magritte e Manoel de Barros sustentam a ideia de legitimidade da arte na proposição de formas diferenciadas de recodificação e percepção do mundo.

EU CONTO, TU CONTAS, ELE CONTA... ESTÓRIAS DA NATUREZA DA CRIAÇÃO E RECEPÇÃO LITERÁRIA EM “VINTE HORAS DE LITEIRA” DE CAMILO CASTELO BRANCO

Talitha Sautchuk (UFPR)

O presente artigo pretende uma releitura, considerando o aspecto metaficcional do romance “Vinte Horas de Liteira”. Publicado em 1864 por Camilo Castelo Branco, dois anos após “Amor de Perdição”, “Vinte Horas de Liteira” configura-se ao gosto da crítica tradicional, à moda de Jacinto Prado Coelho, como uma *novela satírica*, na qual o texto literário seria um pretexto ao riso imbuído de crítica social. Entretanto, discordamos que esse seja o único valor atribuível a “Vinte Horas de Liteira”: o romance de enredo simples, em que dois conhecidos dividem uma liteira numa viagem de vinte horas, até pode parecer parco em ações, uma vez que dois personagens um escritor cujo nome não é apresentado e Sr. Antônio Joaquim ficam a maior parte do tempo sentados contando causos, entretanto, o que em nossa opinião faz a narrativa interessante são os juízos de valor literário tecidos no entremeio das histórias narradas por esses dois personagens que se revezam nos papéis ora de autores de ficção, ora de leitores. A estrutura interna do romance funciona como um diálogo — nada ingênuo — entre uma entidade escritora de cunho supostamente empírico (que muito espelha de Camilo Castelo Branco) e seu respectivo leitor, personificado pelo personagem Antônio Joaquim. Por meio da análise exemplificada com recortes das micronarrativas e respectivas críticas, percebemos que “Vinte Horas de Liteira” é uma literatura que está a serviço da ironia romântica, no que diz respeito a

forçar um distanciamento do leitor à obra literária em si, em prol da apreciação e especulação do artífice literário. Assim, podemos inferir que a obra em questão valoriza o trabalho do escritor quanto artista da modelagem de cenas, sentimentos e ações em palavras, ao mesmo tempo em que faz uma verdadeira derrisão da ideia de escrita e originalidade restrita ao plano do enredo.

LLANSOL AINDA E DEPOIS

Tatiana Pequeno (UFF)

A obra de Maria Gabriela Llansol (1931-2008), ainda que inconfortável, permanece suscitando inúmeras discussões a respeito da sua textualidade, fruto de uma guinada da concepção de narratividade. Objetivando dar prosseguimento às questões derivadas da tese que escrevi, *“Umcanto humano de animal em consonância com a Terra Prometida”: aspectos políticos da obra de Maria Gabriela Llansol*, em 2011, opto, agora, por privilegiar o gênero diarístico da autora.

Assim, esta apresentação tenciona, fundamentalmente, discutir em que medida o “projeto de fulgor” llansoliano corresponde a uma reelaboração do Mundo, a partir da abertura de novos universos reais em que se entra mediante processos de potencialização de uma escrita comunitária que luta contra a pobreza e miserabilidade ética dos Príncipes. Como contraponto e provocação, será importante investigar como os seus diários publicados -*Um Falcão no Punho*(1985), *Finita* (1987), *Uma Data em Cada Mão* (2009) e *Um Arco Singular* (2010)- pretendem tanto familiarizar o leitor com o seu projeto ético (porque político, porque comunitário) quanto guiá-lo (northeast-lo, direcioná-lo) nesse processo combativo que é o da leitura. Como consequência destas proposições, é provável que seja preciso lidar com os mecanismos de poder e autoridade que surgem na obra de Llansol, na medida em que são localizáveis nos diários (e não só apenas neles) norteamentos e modos de condução para significados e leituras desses textos. Outrossim, o que é motivo de problematização na diarística llansoliana não é apenas o lugar de uma hipotética não-ficção, mas sobretudo o gerenciamento estético que acaba surgindo e determinando os encaminhamentos da leitura, o que muitas vezes influencia a própria fortuna crítica sobre tal obra, inviabilizando-a, por exemplo, sob certas perspectivas epistemológicas. A metodologia de trabalho seguida será a bibliográfica, baseada tanto na leitura quanto na análise do texto llansoliano, relacionando-o, sempre que possível, a reflexões teóricas já formuladas por Silvina Rodrigues Lopes, Pedro Eiras, Jorge Fernandes da Silveira, dentre outros. Não obstante, é fundamental reconduzir, reler e atualizar, na medida do possível para um ensaio apresentado oralmente, as referências teóricas (igualmente chamadas de Figuras) que Maria Gabriela Llansol evoca para autenticar seu trabalho de composição e sua filiação estética, o que também é largamente explicado e defendido por ela em *Onde vais, Drama-Poesia?*(2000), por exemplo. Finalmente, para orientar teoricamente o problema do poder e da autoridade no espaço literário llansoliano, farei uso de *Força de Lei*, de Jacques Derrida, e de *Regras para o parque humano*, de Peter Sloterdijk.

OS ESPECTROS FOTOGRÁFICOS EM *O ARQUIPELAGO DA INSONIA*

Tatiana Prevedello (UFRGS)

O processo de ficcionalização de imagens fotográficas, capazes de potencializar a representação da ausência, instaura no plano narrativo uma espécie de fantasmagoria, a qual constitui uma possível chave interpretativa que pode ser direcionada à análise do romance *O Arquipélago dainsónia*, de autoria de António Lobo Antunes. A diversidade na apresentação de pontos de vistano texto, articulada às representações fragmentárias da memória, ao questionamento sobre a normatização da temporalidade e ao estilhaçar de alteridades constituem alguns dos elementos que estão a compor a metáfora expressa no título do romance e que, de modo inexorável, guia todo o percurso narrativo desenvolvido no enredo. As descrições de fotografias, recorrentes na narrativa antuniana, desempenham no texto um importante papel na restauração de motivos mnemônicas. Os propósitos da presente análise, nesta perspectiva, estão alinhados às reflexões de Phillipe Dubois, em *O ato fotográfico e outros ensaios*, referentes a técnica de condensar a presença na ausência, possibilitada pelos recursos imagéticos. Lobo Antunes constrói no texto um acervo fotográfico que, tal como Ricoeur aborda em *A memória, a história e o esquecimento*, estimula a percepção, a lembrança e, conseqüentemente, a ficção. Pretendemos, assim, verificar as técnicas narrativas empregadas no trabalho de criação ficcional de fotografias e o seu potencial para ativar as faculdades e patologias da memória.

COEXISTIR PARA EXISTIR: O DISCURSO CONTESTADOR DA CONDIÇÃO FEMININA NO ROMANCE *VIVER COM OS OUTROS* DE ISABEL DA NÓBREGA

Thaise Silva Ferro Gomes Alves (UFAM)

Apresentando uma escrita que desestabiliza o cânone do romance literário português, Isabel da Nóbrega traz à tona em *Viver com os Outros* (1964) o *Nouveau Roman*, estrutura que quebra com a linearidade da literatura romanesca. Por meio das falas dos personagens, observa-se as possibilidades dos modos de narrar: ora em diálogos – modo dramático, ora em pensamentos – monólogo interior. Nessa construção o enredo é apresentado na perspectiva dos atores da trama, onde os mesmos tecem uma narrativa coral ao longo de todo o romance. Diante disso, este artigo propõe analisar as posições de sujeito presentes no discurso contestador sobre a condição feminina em *Viver com os outros*. Tendo como base os fundamentos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa, estudos sobre as relações de gênero na perspectiva da filósofa Judith Butler e, ainda, sob a ótica da psicanálise lacaniana, compomos um trabalho de descrição e interpretação dos aspectos que marcam a construção discursiva na obra de Isabel da Nóbrega. Assim, versando sobre a incomunicabilidade humana, as construções dialógicas dos sujeitos femininos no romance e a presença de um sujeito autor refletem, nesse mundo ficcional, um discurso que contesta os costumes sociais em relação ao papel da mulher na década de 60.

UMA UNIDADE INDISSOLÚVEL DA ARTE E DA CIÊNCIA: ENTRE AS LINHAS DO DESENHO E DA LETRA EM *RETRATO DE RAPAZ*, DE MÁRIO CLÁUDIO

Thiago F. R. Almeida (UFF)

O presente trabalho tem como objetivo investigar as relações estabelecidas entre a técnicas de desenho do renascentista Leonardo Da Vinci e a prosa do escritor contemporâneo Mário Cláudio em sua recente novela *Retrato de Rapaz* (2014), que trata da biografia do artista italiano. Tomando como mote a fórmula cunhada pelo historiador de arte Daniel Arasse acerca do desenho de Da Vinci, de que este apresentaria uma "unidade indissolúvel da invenção criadora e da observação objetiva", o trabalho se focará nos processos estéticos pelos quais o autor português construirá sua narrativa através de uma unidade entre a informação histórica e o discurso criativo da literatura, em um sistema de citação e recriação de documentos históricos diversos, tais como os cadernos do artista, seus desenhos e a biografia escrita por Giorgio Vasari no século XVI, mais antigo documento histórico sobre a vida de Da Vinci. Este trabalho, fruto das investigações preliminares da pesquisa empreendida durante o mestrado junto à UFF, pretende apontar através de que escolhas estéticas o texto novelesco se constituirá em um processo de citação e referência que, confundindo os limites entre história e ficção, comporá uma brincadeira de corte e colagem, nos termos definidos por Compagnon, processo este aludido metalinguisticamente na obra pelo manuseio da tesoura e da goma, que produzirão, na narrativa, "uma charada de equívocos", tais como as criações monstruosas e fantásticas produzidas pelo artista renascentista em sua busca por uma representação científica da realidade em seus desenhos.

OS MARGINAIS DE EVEL ROCHA

Uryelton de Sousa Ferreira (Universidade Federal de Rondônia)

A presente pesquisa, com escopo na análise do romance *Marginais* (2010), do escritor cabo-verdiano Evel Rocha, visa identificar, compreender e teorizar como o discurso literário se constrói a partir de temas tabus para a literatura cabo-verdiana, tendo por norte o exame de aspectos sócio-psicológicos dos personagens, concentrando nossa visada para a análise do próprio processo fabular, que aponta, de maneira clara, as aflições e desgostos de adolescentes marginalizados por uma sociedade excludente e preconceituosa, nos moldes do mestre Jorge Amado nos seus *Capitães da Areia*, aspectos estes já observados pela teórica Érica Pereira Antunes. Evel Rocha é um escritor relativamente jovem, porém, sua obra *Marginais* tem recebido especial atenção nos cursos *strictu-sensu* sobre o romance cabo-verdiano ministrados na Universidade de São Paulo, pela Professora Doutora Simone Caputo Gomes, portanto, trata-se da primeira tentativa de sistematização mais intensa do conhecimento dessa obra, que chama a atenção do leitor, com uma acentuada sensibilidade, para a realidade dos excluídos de Cabo Verde, condição marcada no romance por temas como violência, a fome, drogas e prostituição, delineada por um panorama de ausência de uma perspectiva clara da superação de tais desigualdades sociais. Destarte, concentraremos nossa pesquisa, tomando por empréstimo o aporte teórico produzido por Bhabha (1998), Georg Lúkacs (1963), Louis Althusser (1985), Stuart Hall (2006), Walter Benjamin (1993), Antônio Cândido (1993) e Vima Lia de Rossi Martin (2008), dentre outros.

RELATO DE EXPERIÊNCIA: LEITURA DE POEMAS NO ENSINO DE PORTUGUÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Valéria Moisin de Araújo (UFAM)
Rita Barbosa de Oliveira (UFAM)
Hideraldo Lima da Costa (UFAM)

Este relato de experiência, constitui-se de uma contribuição para o ensino-aprendizagem do português como segunda língua, no caso a socialização e integração de estudantes universitários estrangeiros em atividades extracurriculares, por meio da apresentação de uma *performance* de leitura de poemas, fotografada e filmada, de treze alunos matriculados no curso de PLE - Português como Língua Estrangeira, lecionado pela Professora Valéria Moisin e promovido pela ARII - Assessoria de Relações Internacionais e Interinstitucionais da UFAM. Os alunos possuem nacionalidades diferentes - Benin, Gana, Senegal, Haiti, Colômbia, Peru, Venezuela, Japão e Estados Unidos - e disseram poemas de escritores africanos cujas obras são publicadas em língua portuguesa, francesa e inglesa. A atividade aconteceu durante o II Encontro do Programa Nossa África, intitulado “África – um continente a conhecer”, realizado pela

PROEXTi - Pró-Reitoria de Extensão e Interiorização da UFAM, em parceria com a ARII, nos dias 25 e 26 de maio de 2015, mês que simboliza a luta dos povos do continente africano pela sua independência. Esse relato é fundamentado nas diretrizes do Programa Estudante Convênio de Graduação – PEC-G, criado em 1965, o qual é regido pelo Decreto N^o 7948/13, que objetiva conceder oportunidade de formação superior a cidadãos de países em desenvolvimento com os quais o Brasil mantém acordo educacional e cultural. Esse relato emprega como base teórica as reflexões de José Carlos Almeida Filho, em *O ensino de português como língua não-materna*; de Rosa Meyer e Ida Rebelo, em *Português para estrangeiros: territórios e fronteiras—entrea área de estudos e pesquisa e a prática profissional cotidiana*; de Henrique Leroy e Jerônimo Coura-Sobrinho, em *Interculturalidade e ensino de português como língua estrangeira*; bem como as reflexões de Sergio Pedroso, em *A literatura e o ensino de línguas não-maternas*.

ITINERÁRIOS DE BLOOM: ESTUDO DE UMA VIAGEM À ÍNDIA ATRAVÉS DA POÉTICA DO MOVIMENTO

Valquíria Luna Ace Lima (CAPES/ PUC-Rio)

Ao lermos as obras de Gonçalo M. Tavares, é possível perceber a maneira como seus diferentes livros, ao mesmo tempo em que dialogam entre si, também remetem a outros textos e autores presentes no cânone da Literatura ocidental. Pensa-se, portanto, num movimento inter e intratextual - de ideias, termos e imagens - dentro das obras do escritor português. Concomitantemente, a ideia de *movimento* - relação entre determinado corpo e o espaço no qual se insere - é muito retomada pelo autor em diversos de seus livros. O presente ensaio propõe uma análise de sua epopeia *Uma viagem à Índia: melancolia contemporânea (um itinerário)* (2011), a partir dessas duas perspectivas sobre o “movimento”: a relação que a obra e seu protagonista estabelecem com outras epopeias modernas - *Os Lusíadas* e *Ulysses* - e as figuras de linguagem e recursos textuais alusivos ao movimento. A análise se dá a partir da ideia da *poética do movimento* - conceito insinuado por Tavares, mas ainda pouco explorado pelomesmo ou por outros pesquisadores -, e procura expandi-la, compreendendo essa obra - pois que se trata de um épico - como uma proposta de recorte do tempo presente, compondo diferentes itinerários dentro do livro. Parte-se do itinerário de Bloom - sujeito contemporâneo representado na figura do *estrangeiro* -, protagonista cujo trajeto parodia o clássico caminho às Índias, para encontrar os outros itinerários por quais pode percorrer o leitor da narrativa. Além disso, pensa-se no caráter performático da obra para, temática, estrutural e metodologicamente, refletir-se sobre o lugar - ou *entre-lugar* - do sujeito no mundo contemporâneo.

DAS TELAS DE CINEMA À TERRA QUE SE FAZ TINTA: UNGULANI BA KA KHOSA ENTRE AS ESTÓRIAS DE MOÇAMBIQUE E A HISTÓRIA MOÇAMBIicana

Vanessa Ribeiro Teixeira (UNIGRANRIO)

Ungulani Ba Ka Khosa, evoca, ao longo de 25 anos de produção literária, as diversas faces de Moçambique ao longo da história. Por vezes, o mote da releitura histórica são as narrativas que propõem a aproximação com um passado distante, destacando o esfacelamento de regimes totalitários, como em *Ualalapi* (1987), ou a pluralidade cultural moçambicana, desafiadora dos preconceitos coloniais, evidenciada em *Choriro* (2009), ambos voltados para o século XIX. Outras vezes, os textos contemplam um passado mais recente, maculado pela insidiosa desarmonia entre os projetos utópicos e as práticas governamentais. Ao longo das linhas de *Entre as memórias silenciadas*, título publicado no ano de 2013, Khosa traz a público uma novaproposta de reconfiguração alegórica da história moçambicana. A ousadia da obra fica patente quando percebemos o exercício intertextual resultante da retomada e reescrita de outro texto de sua autoria, *No reino dos abutres*, publicado em 2002. Após uma década, o escritor moçambicano reinventa e aprofunda questões vislumbradas no livro de 2002, entre elas a conflitante convivência entre as tradições e a modernidade no território moçambicano. As memórias reconstruídas se abrem para um diálogo interartes, donde se destacam a presença do cinema no cotidiano de Lourenço Marques ou as referências às artes plásticas, sobretudo à pintura de Bertina Lopes, no espaço caótico representado pelo campo de reeducação, um fantasma que assombrou a sociedade moçambicana anos após a conquista da Independência. Nossa leitura propõe analisar o devir dessas referências a outras artes como estratégias de releitura alegórica da história de Moçambique.

AUTO DO NASCIMENTO DE SÃO JOÃO E VISITAÇÃO DE SANTA ISABEL: UMA REPRESENTAÇÃO DO COTIDIANO PORTUGUÊS MEDIEVAL

Verônica Cruz Cerqueira (UFBA)

O Drama Cristão retoma o fio teatral na Idade Média, as representações litúrgicas cristãs que de início eram encenadas dentro da Igreja, passam para o seu pórtico e em seguida ganham as praças públicas. É neste cenário que se insere o dramaturgo hagiográfico português, Fernão Mendes, com o auto *Nascimento de São João e Visitação de Santa Isabel*, em meados do Século XVI, o qual relata a visita que Santa Maria faz a sua prima Santa Isabel e outros acontecimentos relacionados a este evento, com diálogos que não são encontrados na Bíblia. Segundo Erich Auerbach ([1953] 2013) esta Literatura Dramática tinha como objetivo maior representar os acontecimentos bíblicos, de maneira que aqueles que não tinham acesso a tais textos pudessem absorvê-los através da dinâmica utilizada pelos teatrólogos da época, a transformação da Verdade cristã em fatos do cotidiano medieval. Sendo assim, buscar-se-á neste trabalho apresentar através da observação do diálogo das personagens, em especial as que circundam a figura de *Nossa Senhora*, a cena cultural, na qual está inserida a sociedade portuguesa contemporânea ao dramaturgo Fernão Mendes. Através da junção que acontece entre o sublime (Cristo), pré-figurado nas personagens bíblicas, e o baixo-cotidiano (cristandade), é-nos apresentado também traços da História da Igreja Medieval.

PRESENÇA PORTUGUESA NA AMAZÔNIA: MURAI DA, DE HENRIQUE JOÃO WILKENS

Veronica Prudente (UEA)

Em 1785, o militar português Henrique João Wilkens, que estava a serviço da Coroa portuguesa nas Comissões de Demarcação dos Limites nos “sertões” amazônicos, escreve o poema

Muhuraída ou Triunpho da fé na bem fundada Esperança da enteira Conversão, e reconciliação da Grande, e feróz Nação do Gentio Muhúra, no quartel da Vila de Ega, atual cidade de Tefé-AM. *Muraída* é o primeiro texto poético, com estrutura épica, escrito em Língua Portuguesa, sobre um tema relativo ao território que hoje se configura como amazônico, e através desse épico podemos vislumbrar uma das faces dessa empreitada colonial. A etnia

Mura, qualificada como “abominável”, “feroz” e “indomável” é o objeto do “triumfo da fé” celebrado no poema de Wilkens. Privilegiando as ideias de Eduardo Lourenço sobre a colonização portuguesa no Ocidente, estabelecemos um contraponto entre o colonizador e o colonizado, privilegiando a imagem construída sobre o índio Mura, a partir do olhar do colonizador e a construção imagística que o colonizador fez sobre a Amazônia. Discutimos o conceito de literatura de viagens e levantamos a hipótese de que *Muraída* pode ser inserida nesta vertente do cânone lusitano, a partir das tensões, convergências e divergências entre este épico e o mais importante texto de viagens da Literatura Portuguesa, *Os Lusíadas*, de Camões. A partir dessa leitura comparada e das tensões analisadas, defendemos que *Muraída*, assim como *Os Lusíadas*, configura-se como o olhar e a voz do colonizador, ainda que pretensamente desenvolva perspectivas da voz do Outro.

POR UMA POÉTICA ALGORÍTMICO-SUBVERSIVA NA OBRA DE RUI TORRES

Vinícius Carvalho Pereira (UFMT)

No âmbito da literatura de vanguarda, o lugar-comum “toda obra enseja múltiplas leituras” corre um duplo risco: o de implodir, sob o peso de textos que não permitem leitura alguma (ou que a tanto se propõem), dado o hermetismo formal; e o de explodir, mediante a pressão centrífuga de obras que não são as mesmas a cada leitura sequer na materialidade textual. É dessa categoria de obras movediças que se fala aqui, na condição de aporias da leitura literária no século XXI, em que inovações estruturais do texto vão com frequência a reboque de inovações tecnológicas, as quais permitem transformações materiais na obra. No caso da cyberliteratura, tal afirmação torna-se ainda mais pertinente, uma vez que os recursos computacionais, cada vez mais sofisticados, vêm ensejando uma poética antes inimaginável, sobretudo em sua multiplicidade de figurações e leituras, dada a condição subversiva de devir em que habita sua substância. Nesse contexto, optou-se neste artigo pela análise da obra *Amor de Clarice*, do poeta português Rui Torres; esta, construída em duas versões diferentes, que se valem de distintos recursos tecnoestéticos digitais, subverte a máxima “Toda obra enseja múltiplas leituras”, uma vez que relê o já subversivo conto “Amor”, de Clarice Lispector, por meio de uma materialidade textual informática que se dissolve e transforma a cada clique na leitura. Esta perde assim ares de lugar-comum desgastado pelo uso na academia e retoma, por vias algorítmicas subversivas, uma potência que só a arte enquanto estranhamento estético – proposta, em última medida, de toda releitura – pode deter.

ESTUDOS SOBRE A MUHURAIDA E SUAS RAÍZES CLÁSSICAS

Weberson Fernandes Grizoste

A *Muhuraida* é uma antiepopéia. Eis uma das linhas antiépicas da obra de Wilkens, esse poema de celebração da fé revela também a outra face que todos nós conhecemos, a fé e a morte andam juntas. A fé que traz a vida eterna encarregou-se ao longo de muitos séculos em exterminar dessa vida muitos hereges e mártires. Os Muras e Portugueses juntaram-se a eles: “Depois de ver n’hum Seculo passado,/Correr só pranto, em abattido rosto, (1.2.3-4)”. Que século passado é este que faz o poeta falar em pranto e em rosto abatido? Ao falar da *Eneida* o Doutor Carlos André perguntou-nos “*Eneida*— poema de morte? Ou de esperança e de vida?” E estas perguntas haviam sido feitas por J. Perret que analisou os pontos de otimismo e tragédia do poema de Virgílio. Naquela ocasião André dissertava que ao caminhar, o protagonista da *Eneida*, a morte parecia assumir-se como condição fundamental que acabavam por conduzir-nos ao caminho da felicidade como necessidade, e o da desgraça como libertação. Eneias, depois de muitas peripécias, chegou ao Lácio, lutou e venceu e lançou as sementes para a fundação de Roma. Também na *Eneida*, logo no princípio o poeta se lembra das vidas destroçadas. Eneias e os seus homens eram *Troas*, *reliquias Danaum atque immitis Achilli* (*Aen.*

1.30), isto é, Troianos, restos dos Dánaos e do terrível Aquiles. Agora, cantando o sucesso fausto dos portugueses Wilkens se recorda de um tempo do passado que é triste. Há dois contextos, como já explicitamos. Wilkens canta o sucesso da política pombalina que expulsou aos Jesuítas. Este pranto e este rosto abatido seriam, obviamente, frutos da política Jesuítica, e se assim for, por que então o poeta diz-nos do “triunfo da fé na bem fundada esperança da inteira conversão”? É um paradoxo. E esse paradoxo esconde uma realidade, porque por trás destas leis reformistas estava o motivo comercial da colonização e da exploração agrícola e não o da fé propriamente dito.

MÚSICA E ENSINO DE HISTÓRIA: AS TOADAS DO BOI-BUMBÁ AMAZÔNICO NA SALA DE AULA

Yomarley Lopes Holanda (UEA)
Cristiane da Silveira (UEA)

Diante das complexas mudanças pelas quais passa o mundo contemporâneo, marcado pelas transformações tecnológicas vertiginosas e pela informação instantânea, bem como pela crítica ao conhecimento fundamentado unicamente no modelo epistêmico cartesiano, nota-se que o saber historiográfico também está no bojo desse processo de questionamento de antigos cânones. Os debates têm problematizado, principalmente, a transmissão desse conhecimento quase sempre fundamentada em esquemas cronológicos metódicos sem qualquer relação com a realidade, que elegem heróis, datas e fatos hegemônicos como importantes. Todos esses argumentos nos auxiliam a refletir sobre o ofício do historiador e do professor de história na sociedade moderna. Assim, é premente que a Universidade pública e, principalmente, os cursos de licenciatura em história, insistam na importância da formação humanista da disciplina histórica. Tendo em vista a diversidade da realidade brasileira, a história ciência/disciplina não pode ser mantida refém de fórmulas idealizadas de ensino longínquas das experiências reais do contexto escolar. Eis a problemática que nos serve de pano de fundo no transcorrer do presente trabalho que, em última instância, objetiva tecer uma reflexão sobre o uso de fontes literárias, no caso, a toada de boi-bumbá enquanto portadora de um discurso representacional que pode tornar-se objeto de interpretação histórico-cultural e, ao mesmo tempo, articulando-a como fonte para o ensino e reflexão da história na contemporaneidade.

REFLEXÕES DO BISPO DO PARÁ AOS DIÁRIOS DAS VISITAS PASTORAIS DE FREI CAETANO BRANDÃO: UM AUTOR PARA MUITOS TEXTOS

Yurgel Pantoja Caldas (UNIFAP)

Escritos entre os anos de 1784 e 1788, os “Diários das Visitas Pastorais do Exmo. D. Fr. Caetano Brandão, no seu Bispado do Pará” foram publicados do *Jornal de Coimbra*, nos números XVII, XVIII, XIX e XX, no ano de 1813, em referência ao período em que frei Caetano Brandão foi Bispo do Pará. Trata-se de uma série de quatro expedições, que o próprio autor chamou de “Visitas Pastorais”, no intuito, dentre outras coisas, de conhecer seu “rebanho” espiritual. Já as “Reflexões do Bispo do Pará sobre as suas visitas, insertas nos Núm. XVII, XVIII, XIX e XX do *Jornal de Coimbra*” (publicadas em setembro de 1813, Núm. XXI do *Jornal de Coimbra*) servem, como o próprio título sugere, como complemento dos “Diários” e prestação de contas do período de seu bispado na Amazônia. O objetivo deste trabalho é perceber algumas possibilidades de leitura a partir dos dois textos em tela, que, eivados de contradições, contribuem para a formação de um campo literário a partir dos escritos de um autor português na Amazônia setecentista. Tais escritos reforçam ainda alguns estereótipos até hoje presentes em diversos discursos, como a ideia do espaço amazônico atrelado à condição bárbara do sujeito que naquele espaço habita, ou a relação primordial entre tal espaço e a formação genesíaca do mundo – imagens expostas nos escritos do frei Caetano Brandão, o Bispo do Pará.

Painéis

UMA VERTENTE IDEOLÓGICA NA CONSTRUÇÃO DO UNIVERSO AMAZÔNICO NA OBRA INFERNO VERDE

Adriano Pinto Marinho (UEA)
Danielle Maria Alcântara da Silva (UEA)
Dilce Pio Nascimento (UEA)

O presente artigo visa analisar a construção ideológica do universo amazônico na obra *Inferno Verde* de Alberto Rangel. Observa-se também nesta obra a ideologia da violência da floresta que destrói com toda e qualquer vida que tenta progredir na Amazônia, principalmente dos imigrantes nordestinos que em busca de uma vida melhor, eram submetidos a trabalharem nos seringais e sentiam no dia-a-dia a opressão da floresta. Nosso trabalho se volta, sobretudo, no sentido de compreender, as ideologias presentes na obra no que diz respeito à construção de uma Amazônia de caráter monstruosa, grotesca e misteriosa, que sufoca e mata a vida de todos que a buscam como refúgio favorável para manutenção da vida. Neste artigo analisa-se três capítulos da obra, a saber: *O tapará*, *Um conceito do Catolé* e *Inferno Verde*. Tem-se como principais embasamentos teóricos: Leão (2011), Sodré (1982). Candido (1968).

EXPRESSIONISMO: ESTUDOS TEÓRICOS NA ARTE & NA LITERATURA

Alexandre Rodrigues Gomes (UEA)
Otávio Rios Portela (UEA)

A estética moderna, que desde Baudelaire romperia com a mimésis clássica, ou seja, com a representação objetiva do real sob o paradigma do sublime, vai reproduzir o caos contemporâneo através de várias vertentes. Entre essas, o Expressionismo é uma das mais destacadas. Sendo assim, esta pesquisa tem por objetivo construir um painel teórico capaz de explicitar as peculiaridades do Expressionismo como proposta estética presente quer nas artes em geral quer na literatura. Críticos renomados têm colocado em pauta o conceito de expressionismo e as suas manifestações. Já não se concebe mais que o Expressionismo de vanguarda alemã, dos princípios do século XX, seja visto como a forma acabada da referida estética. Os estudos teóricos dos últimos anos sinalizam o expressionismo mais como uma sensação e uma nuance do que propriamente como uma escola ou uma estética de caráter fechado. O expressionismo, portanto, não se restringiria às manifestações dos primeiros anos do século XX, mas sua genealogia remonta a pintores como Dürer e Rembrandt. Daí a necessidade de se distinguir entre expressionismo como estética e expressionismo como vanguarda. Quanto à metodologia, esta investigação se inscreve como pesquisa de iniciação científica de caráter bibliográfico. Assenta-se, portanto, nas leituras individuais e coletivas, discussões em grupo realizadas nas reuniões periódicas do projeto, fichamento e produção de resenhas das obras teóricas estudadas e da fortuna crítica dos textos literários eventualmente elegidos.

INÊS DE CASTRO, A VINGATIVA: EFABULAÇÃO RECRIADORA DA PERSONAGEM FEMININA EM *ADIVINHAS DE PEDRO E INÊS*, DE AGUSTINA BESSA-LUÍS

Alessandro Perre (UFSCar/PUIC)

O presente trabalho tem como objetivo propor uma análise do romance *Adivinhas de Pedro e Inês* (1983), da escritora portuguesa, centralizando-se sobre a e fabulação da personagem feminina. A partir de uma comparação com determinadas obras já publicadas, com pontos de vista de escritores masculinos, sempre preocupados em exaltar o mito do casal apaixonado como algo puro e idealizado, não sujeito às emoções e desejos externos, o presente projeto objetiva investigar como a história de um dos grandes mitos portugueses passou por uma humanização aos olhos de uma escritora feminina, que trata Inês de Castro não como uma personagem vitimizada, sujeita e subserviente ao amor, mas como cúmplice e até a mais ativa do casal. Para analisarmos o processo de desconstrução e recriação da personagem feminina, protagonista do romance *Adivinhas de Pedro e Inês*, de Agustina Bessa-Luís, partiremos dos modelos icônicos deixados na *Crônica de Dom Pedro*, de Fernão Lopes, e no “Canto III”, de

Os Lusíadas. Condensando neste dois pontos de comparação, poderemos vislumbrar melhor a forma como a autora portuguesa dialoga não só com o discurso de ênfase histórica, mas com um dos pontos paradigmáticos da literatura portuguesa. Além disto, enfatizar-se-á a relevância de Agustina Bessa-Luís dentro do cenário da ficção portuguesa contemporânea, bem como do seu projeto de escrita, inserido dentro de uma proposta estética pós-Revolução dos Cravos, de 25 de abril de 1974, evento que marcou definitivamente o país, propiciando novos caminhos de criação e de revisitação à história portuguesa. A fim de sustentar a nossa idéia de que a protagonista do romance (Inês de Castro) configura-se como uma das muitas peças, construídas por Agustina Bessa-Luís, para sublinhar a insistência temática e construtiva sobre o universo feminino, tomaremos por base textos incontornáveis sobre este aspecto da arquitetura romanesca, tais como “Literatura e personagem”, de Anatol Rosenfeld; *A personagem*, de Beth Brait; “Dar um rosto ao personagem”, de Margareth Doody; e “Personagem”, de James Woods.

A ANTITRADIÇÃO LUSO BRASILEIRA: O RISO E A CARNAVALIZAÇÃO EM “A RUIVA”, DE FIALHO DE ALMEIDA E “NOITE NA TAVERNA”, DE ÁLVARES DE AZEVEDO

Aline Beatriz Braga de Souza(UEA)
Otávio Rios(UEA)

Este trabalho pretende analisar as manifestações do riso e da carnavalização em textos literários de língua portuguesa. O *corpus* de leitura é composto por duas obras, a saber, “A Ruiva”, de Fialho de Almeida, obra do realismo/naturalismo português, e “Noite na Taverna”, de Álvares de Azevedo, obra da segunda geração do romantismo brasileiro. Tomamos como ponto de partida a epígrafe de Eça de Queirós, que em “A decadência do riso” nos mostra que há íntima ligação entre o ato de rir (ou de não rir) e certo excesso de civilização, para quem o século XIX é época modelar. Os textos escolhidos para esta leitura, ambos do oitocentos, servem de representatividade para pensar o riso no contexto do romantismo-realismo. No que concerne ao referencial teórico, os ensaios de Henri Bergson (1983), Lélia Duarte (2007), Gleidys Maia (2013) entre outros, nos auxiliam a sustentar um pensamento sobre o riso, e, na outra ponta, Bakhtin (1987,2005) desvela o conceito de carnavalização. Da leitura crítica das obras de Fialho de Almeida e Álvares de Azevedo, pretende-se concluir que integram uma antitradição literária luso brasileira.

O GÊNERO LITERÁRIO CORDEL COMO FERRAMENTA DO RESGATE DOS VALORES CULTURAIS NO MUNICÍPIO DE TEFÉ

Aline Rebeca Cumaru Amaral (UEA)
Rosineide Rodrigues Monteiro (UEA)

O presente trabalho visa apresentar as experiências da acadêmica e da coautora, na Escola Estadual Nazira Litaiff Moriz em Tefé – AM, o qual tem como objetivo usar o gênero literário cordel como ferramenta de resgate dos valores culturais do município em questão. Além de contribuir para desenvolvimento do ensino e aprendizagem da escrita e oralidade por meio de metodologias que utilizam as sequências didáticas. Neste sentido, o referido trabalho se justifica por reconhecer o cordel como um meio para resgatar os valores culturais, uma vez que, a cada ano, nossa cultura vem sendo esquecida no meio social e familiar do nosso município. Como metodologia, adotou-se a pesquisa colaborativa fundamentada na inter-relação entre pesquisa e formação, visto que os participantes têm um papel ativo na construção e espaços coletivos de aprendizagem e formação contínua, por meio dos procedimentos metodológicos, a saber: reunião com professores, observação participantes na sala de aula, elaboração e aplicação de projetos didáticos e oficinas de gêneros que seguem uma sequência didática. Como resultados parciais, evidencia-se que a atividade contribuiu para o desenvolvimento de habilidades e competências sobre a escrita e oralidade dos alunos envolvidos na prática docente em sala de aula e na formação acadêmica da autora deste resumo, por auxiliar-lhe no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

MORTE E RELIGIOSIDADE: DA TRAGÉDIA GREGA ANTÍGONA À POESIA ROMÂNTICA DA SEGUNDA GERAÇÃO

Ana Claudia da Silva Ribeiro (UEA)
Socorro Viana de Almeida (UEA)

No presente estudo busca-se entender o significado da *morte* e da *religiosidade* na tragédia grega *Antígona*, de Sófocles (496 a 406 a.C aproximadamente), traduzida por Maria Helena da Rocha Pereira e nos poemas “Morte” e “A morte de Garrett” de Junqueira Freire (1832-1855). Pode-se verificar o quanto era importante o sepultamento na Antiguidade Clássica. Toda a Antiguidade estava convicta de que sem a sepultura, a alma era miserável, o sepultamento era necessário para que os homens fossem felizes após a morte. Essa questão e toda a cerimônia que envolvia esse momento era algo preocupante para os gregos, gerando um certo medo de que esses ritos não fossem preenchidos. Em uma análise contrastiva da obra *Antígona* com os poemas “Morte” e “A morte de Garrett” de Junqueira Freire, procuramos entender o processo de evolução de nossa cultura com relação aos temas *morte* e *religiosidade* e o modo como se apresentam na contemporaneidade. A sustentação teórica teve como principais autores Brandão (1996), Lesky (1996), Romilly (1998) Aristóteles (2001), Coulanges (2009), Calvino (2009) e, a pesquisa de campo (entrevistas com pessoas de diferentes crenças religiosas). Como forma de resgate do prazer pela leitura dos clássicos e para que entendam que são textos deflagradores do fenômeno literário do ocidente, importantes, portanto, para a nossa cultura, desenvolveu-se uma sequência didática (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004) de sete oficinas, com alunos da rede pública de Manaus, atribuindo atividades de leitura, exposição de vídeos e no final um resumo das obras lidas e a encenação das tragédias e mitos gregos.

QUEM CONTA UM CONTO, AUMENTA UM PONTO

Ana de Nazaré Egas Praia (UEA/FAPEAM)
Germano Ferreira Martins (UEA/FAPEAM)

O presente trabalho busca mostrar os resultados finais do projeto: “*Quem conta um conto, aumenta um ponto*”, tendo como objetivo oportunizar ao aluno uma reflexão sobre a importância da valorização da cultura local através dos Contos Amazônicos. Sendo assim, o projeto levou aos discentes informações sobre a cultura amazonense, com textos (contos) de vários representantes da literatura regional, entre eles Álvaro Maia (1963) e Arthur Engrácio (2005), autores que encontraram no conto uma maneira própria de expressar a sua ficção. Desse modo, a metodologia usada neste trabalho está de acordo com Cosson (2009) que direciona o ensino através de leitura, literatura e escola, promovendo a formação do leitor crítico e atuante na sociedade e Dolz & Schneuwly, (2011) que utilizam as sequências didáticas como método de ensino. Assim, durante a sua execução foi possível perceber o interesse dos alunos pela temática abordada por mostrar o rico acervo regional, desconhecido pela maioria dos alunos consultados. Ao término de todo o processo, percebeu-se a importância deste projeto, pois oportunizou ao aluno uma reflexão crítica da importância da valorização da cultura local, através de leitura de obras renomadas da Literatura Amazonense e desenvolveu também o aprimoramento de suas habilidades e competências para leitura e produção textual. Em relação a este último fim, os alunos escreveram seus próprios contos e compartilharam esta experiência com os colegas de sala, revelando talentos e habilidades até então desconhecidos, mas positivamente recebidos por todos.

TEXTO IMPRESSO E TEXTO DIGITAL: AS DISTINÇÕES EXISTENTES NAS PUBLICAÇÕES DE JOELMA MAIA

Anastacia Helena Diel (UEA)
Gleidys Meyre da Silva Maia (UEA)

Com os avanços tecnológicos a sociedade conquistou alguns privilégios no que diz respeito à comunicação. Assim, a proposta deste trabalho é confrontar as diferenças entre os textos do gênero poemas impressos em livros e textos livres publicados em blogs na internet, delimitando nossa análise nas obras da poetisa parintinense Joelma Maia, lançando um olhar sobre essas distinções existentes entre os dois tipos de publicação, tendo em vista o crescente número de leitores que os textos on-line vêm conquistando. Portanto, no *corpus* deste artigo iremos discorrer sobre a preferência de publicação dos textos da poetisa na versão digital analisar um texto impresso (poema) e um digital (prosa poética). Para dar subsídio ao trabalho nos apoiaremos em Murray (2003), Corrêa (2010), Spalding (2012). Chegando à conclusão que este novo formato vem para auxiliar o leitor e não competir com a versão impressa.

ALTERIDADE E AUTORREFERENCIAÇÃO NA POÉTICA DE FLORBELA ESPANCA

Anderson Guerreiro (UEA)
Juciane Cavaleiro (UEA)

Nos estudos da poesia de Florbela Espanca observam-se duas convenientes análises a se avaliar; primeira, a autorreferenciação, capacidade de um sujeito em falar de ou referir-se a si mesmo, tendo um tipo de pensamento expresso pela palavra "eu", este fenômeno, sem dúvidas, é um mais presentes em suas obras. Percebe-se uma constante preocupação em busca da identidade do eu-lírico e um eterno questionamento em volta de si. Para isto, este eu-lírico usa como recurso a alteridade, ou seja, a relação que o "eu" mantém, em alguns momentos, com o "outro", figuras presentes nas poesias da escritora, sendo este o segundo ponto a ser analisado. A fim de mostrar a tentativa de busca da identidade e do perfil do eu-lírico poético florbeliano, bem como seus desejos e sentimentos, propõe-se analisar a relação entre o "eu" e o "outro", evidenciando que a alteridade é usada como meio para o eu-lírico traçar uma imagem autorreferencial de si. A pesquisa se dará por meio de análises de alguns de seus poemas em que estes fenômenos ocorrem, simultaneamente, embasadas nas teorias de Bakhtin (1990, 2003) e Ricoeur (1991) sobre alteridade e autorreferenciação, respectivamente, bem como nas análises de Dal Farra (1997) sobre a obra e vida de Florbela Espanca.

A PRESENÇA DE ELEMENTOS POÉTICOS NAS TOADAS DE BOI-BUMBÁ

Andreia do Nascimento Silva (UEA)
 Núbia Litaiff Moriz Schwamborn (UEA)

O presente trabalho objetiva retratar os elementos líricos (o uso da linguagem metafórica e elementos específicos como ritmo, estrofe, versos, rimas, harmonia musical, entre outros), que se encontram presentes nas letras das composições poéticas populares (toadas de Boi-Bumbá). Para isso, pretende-se fundamentar as análises literárias das letras das toadas amazônicas que se consagraram na voz do cantor amazonense David Assayag, dialogando com MOISÉS (2002), GRAÇA (1991) e COSTA (2010), entre outros. Objetiva-se também mostrar uma breve biografia do cantor de toadas, David Assayag e uma síntese sobre o Festival Folclórico de Parintins. O presente trabalho é relevante visto que o Amazonas é um estado brasileiro rico em diversidade cultural e no Norte, particularmente no Amazonas, a toada é um ritmo musical associado à cultura, consagrando-se como um ritmo contagiante que desperta o interesse do povo amazonense e a atenção de estrangeiros. Sendo assim, intensidade dos elementos poéticos presentes na composição dos autores de toadas específicos dos festivais culturais como o Boi Bumbá de Parintins. O presente trabalho é fruto da pesquisa monográfica e está relacionada área de Cultura e Literatura Amazonense.

TERRA CAÍDA: A REPRESENTAÇÃO DO SER FEMININO SUBJULGADO ÀS CONDIÇÕES IMPOSTAS PELO CICLO DA BORRACHA NA AMAZÔNIA

Andreia da Silva M. Rufatto (UFAM)
 Joanna da Silva (UFAM)

Os dois primeiros períodos de exploração das riquezas naturais na Amazônia foram marcados pela extração do cacau durante o período colonial e posteriormente pela extração da borracha, ambos causadores de sérios "distúrbios sociais" na região. Tomando como temática o período

de exploração da goma elástica na Amazônia, contextualizado no final do século XIX e início do século XX, este trabalho busca apresentar uma análise das condições socioeconômicas às quais os trabalhadores eram submetidos nos seringais sediados no interior da floresta, em sua maioria nordestinos que fugiam da forte seca que assolava sua terra natal e buscavam fazer fortuna na “nova terra”. Dentre as péssimas condições de vida que lhe eram impostas no interior dos seringais, podemos destacar o isolamento, a falta de condições básicas, como moradia, boa alimentação, assistência médica, ausência feminina, entre outros. Sendo esta última, inclusive, o mote principal de nossa análise, uma vez que o presente estudo tem como objetivo principal analisar a condição imposta ao ser feminino presente na obra *Terra caída*, do autor acreano José Potyguara Frota e Silva. Neste sentido, buscamos através desta análise evidenciar como a ausência feminina se faz representar nesta obra como fator encadeador de disputas e gerador de atitudes violentas por partes daqueles homens que viviam no isolamento da floresta. Para tanto, nos apoiamos em teóricos que versam sobre questões históricas na Amazônia, como Souza (1994), Gondim (2009), Cunha (1999), além de nos situarmos também no âmbito da crítica feminista e das relações de gênero embasados em autores como Beauvoir (1980), Costa (2005), Lorde (1994), Spivak (1988), entre outros, que nos possibilitarão uma fundamentação teórica capaz de subsidiar a discussão acerca da condição e representação feminina presente no romance de José Potyguara, aqui tomado como objeto de análise.

TIAGO DE MELLO E JOSÉ CRAVEIRINHA EM FOCO: VERSOS DE ESPERANÇA

Anna Caroline Salignac Lima (UEA/FAPEAM)
Renata Rolon (UEA)

O presente trabalho pretende apresentar um dos resultados do nosso projeto de iniciação científica intitulado “Thiago de Mello e José Craveirinha: Contatos e ressonâncias em ecos libertários”. Nesse, objetivamos averiguar a poesia de caráter lírico-social produzida a partir da segunda metade do século XX no Brasil e em Moçambique, tendo como corpus analítico a produção poética de Thiago de Mello e José Craveirinha. Traçamos as marcas, as formas e os conteúdos dessas poéticas apresentando o duplo sentido de resistência e libertação, tanto na convergência como na divergência em modos de representação estética. Em nosso pôster será apresentado um dialogismo poético, construído a partir de poemas analisados no decorrer na nossa pesquisa. Nesse exercício, construímos um único corpus em que a duas vozes se completam. Observando que apesar das divergências sociais, como contexto histórico e linguístico, o lirismo dos poetas converge em resistência e insubmissão. Em meio a povos silenciados e oprimidos, letra e voz projetam um novo homem e uma nova forma de conhecimento capaz de impulsionar a imaginação criadora e a reflexão crítica.

DA ORALIDADE AO MEMORIALISMO HISTORIOGRÁFICO EM *VÁRZEA E TERRA FIRME*, DE TONZINHO SAUNIER

Antonio Alfredo Cardoso Saunier (CESP/UEA)
Patrícia Helena Pantoja Soares (CESP/UEA)
Dilce Pio Nascimento (CESP/UEA)

Neste artigo, buscamos conhecer mais detalhadamente a obra *Várzea e Terra firme*, de Tonzinho Saunier. Publicada em 1990, *Várzea e Terra Firme* nos convida a um passeio ao universo da oralidade amazônica. Dividida em duas partes, como o próprio título sugere, o autor mescla três tipologias narrativas: conto, conto memorialístico e a historiografia. Na

apresentação, explica-se o sentido da divisão da obra, como que atribuindo a cada uma delas o caráter pouco distinto, quando aponta, na primeira parte, que é a *Várzea*, a oralidade recolhida no interior amazônico, ou o que viu e ouviu dos ribeirinhos, alertando para a legitimidade da linguagem que se pretende conservar. Na segunda parte, discorre sobre a *Terra Firme*, ou sobre os aspectos históricos, antropológicos e memorialísticos da cidade de Parintins - Amazonas. Assim, o autor ainda insere outras nuances como o humor, o misticismo e o erotismo, sendo que este último parece potencializar-se. No que concerne ao misticismo, tem-se a intertextualização do diabo na literatura nacional e internacional através de Guimarães Rosa, Câmara Cascudo e Goethe. Quanto ao erotismo, há fortes evidências à sensualidade da mulher amazônica, bem como à sexualidade dos gêneros. O humor é por ora satírico, despojado na fala ribeirinha. As variações linguísticas, através da Sociolinguística e Etnolinguística aparecem com bastante frequência. Todavia, o foco deste trabalho é voltado para a literatura da narrativa do conto, da oralidade e suas atribuições discursivas, eixos determinantes do saber contar, e o mais importante: de se fazer ler e ouvir. Este trabalho tem como principais teóricos Zilberman (2004); Bataille (2011); Barthes (2008), dentre outros.

LITERATURA EM SALA DE AULA: DA TEORIA LITERÁRIA À PRÁTICA ESCOLAR

Augusto Gomes Ferreira (UEA)
Germano Ferreira Martins (UEA)

A presente pesquisa busca trazer este tema para o centro do debate e da discussão, com a finalidade de discutir o papel da literatura em sala de aula, considerando o processo de escolarização da leitura literária, no município de Tefé, Estado do Amazonas. Discutir o papel da literatura em sala de aula, considerando o processo de escolarização da leitura literária. De que modo certas noções da teoria literária podem contribuir para dinamizar as práticas de leitura literária no contexto escolar? A percepção e a construção da linguagem oral e escrita foi a linha-mestra da metodologia seguindo propostas dos teóricos, (ROJO, 2004; DOLZ & SCHNEUWLY, 2011) que dialogam sobre as sequências didáticas para o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa. Os alunos pertencem ao Centro Educacional Governador Gilberto Mestrinho, localizado no bairro de São Francisco, município de Tefé. Foram coletados dados de duas turmas do Ensino Médio (EM – 3º Ano, turmas: 03 e 04). O presente projeto teve como objetivo primordial ampliar as reflexões sobre leitura, literatura e escola, revelando como a teoria literária pode contribuir para estreitar as inter-relações entre o texto literário e o leitor. Os resultados nos mostram a relevância da pesquisa que, além de oportunizar ao aluno desenvolver ou aprimorar as competências e habilidades argumentativas, de leitura e produção textual, contribui para a formação de cidadãos críticos e pensantes que futuramente poderão contribuir de maneira positiva para a formação de uma sociedade melhor. A produção textual dos alunos foi significativa, pois refletiu a realidade deles, através do contexto sociocultural de cada um. Diante de tais resultados, é possível perceber que este trabalho contribui para o crescimento e desenvolvimento dos estudos linguísticos e literários a respeito do português escrito na região norte e, portanto, do português brasileiro.

MARCAS DA IDEOLOGIA EUROCÊNTRICA NO ÉPICO *MURAI*

Bianca Avelino Benjamin (UEA)
Veronica Prudente Costa (UEA)

Este trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa de TCC em andamento sobre a obra *Muraida*, cuja grafia original é *Muhuraida*, e foi finalizada em 1785 pelo português Henrique João Wilkens, militar a serviço da Coroa Portuguesa nos sertões amazônicos. No entanto, a primeira edição da obra só fora publicada em 1819, pela Imprensa do Reino. A pesquisa utiliza como aporte teórico: Bourdieu (2012), Lourenço (2005), Santos (2002), Souza (1994), Treece (1993) e Caldas (2007). O épico canta o triunfo da fé católica sobre o povo Mura, habitantes oriundos das margens do rio Madeira. *Muraida* é estruturado em seis cantos, composto em oitava rima camoniana e é considerado o primeiro poema escrito em língua portuguesa sobre a Amazônia. Apresenta como temática a derrota dos Mura, valentes guerreiros que jamais aceitariam a dominação branca em suas terras e que, apesar do poema cantar a pacificação, historicamente resistiriam durante todo o período colonial. Este estudo discute as marcas da ideologia eurocêntrica presentes no poema, assim como as evidências sobre a violência simbólica perpetrada contra os Mura.

“UM LADRÃO”: DA LITERATURA À REALIDADE SOCIAL

Carla Carolina Moura Barreto (UFRR)
Rosangela Costa de Abreu (UFRR)

A abordagem social na literatura assume um importante papel na construção da capacidade reflexiva do coletivo social e visa cada vez mais despertar no leitor a atenção aos problemas presentes neste âmbito. Podemos encontrar na literatura alguns autores que abordam esse tema em suas obras, dentre estes, destacaremos o autor Graciliano Ramos, considerado um dos maiores escritores da literatura brasileira, cujas obras tratam de problemas enfrentados na região Nordeste do Brasil. Suas narrativas buscam refletir a realidade social e econômica dos habitantes dessa região, destacando a seca, a miséria e a fome, construindo uma imagem de um ser consumido pelos problemas que o meio lhe impõe. O presente artigo tem como propósito levantar alguns aspectos críticos na escrita de Graciliano Ramos, especificamente em seu conto

“Um ladrão”, da obra *Insônia* (1947), a fim de destacar a importância da literatura enquanto ferramenta para a crítica social, uma vez que a literatura não se limita a ser um mero instrumento de entretenimento, mas nos proporciona um retrato da realidade de modo estilístico, bem como expor a reflexiva literatura engajada de Ramos, a partir da análise do conto, no qual Ramos demonstra ao leitor como um indivíduo de classe social inferior pode sofrer rejeições pela sociedade.

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL NO CONTO “UM LADRÃO”, DE GRACILIANO RAMOS

Carla Carolina Moura Barreto (UFRR)
Rosangela Costa de Abreu (UFRR)
Odilon Rosa Corrêa (UFRR)

O caráter social da literatura assume um importante papel na construção da capacidade reflexiva do leitor e visa despertar uma visão crítica da realidade na qual ele, leitor, está inserido. O presente artigo tem como propósito levantar alguns aspectos críticos da escrita de Graciliano Ramos, especificamente em seu conto “Um ladrão”, do livro *Insônia* (1947), a fim de destacar

a importância da literatura enquanto ferramenta para a crítica social - uma vez que a literatura não se limita a ser um mero instrumento de entretenimento, mas proporciona um retrato esteticamente elaborado da realidade - bem como expor a reflexiva literatura engajada de Ramos, a partir da análise do referido conto, no qual Ramos nos mostra como um indivíduo de classe baixa pode vir a sofrer rejeição por parte da sociedade. Propicia-nos, ainda, um questionamento acerca de como a sociedade lida com estas necessidades, denunciando a educação deficiente e a segurança opressora. Levando em conta as considerações de Ramos na obra, podemos afirmar que o conto torna perceptível ao leitor a luta das classes sociais inferiores em busca de um espaço na sociedade, levando-o a uma maior reflexão acerca das injustiças sociais. Neste trabalho, analisamos brevemente o conto, com o fim de destacar marcas de uma literatura engajada e identificar a crítica social do autor na obra. O conto apresenta denúncias sociais pautadas em um cotidiano de exclusão, onde as classes superiores eram privilegiadas e as inferiores eram marginalizadas, em um período no qual a sociedade vivia sob o governo ditador de Getúlio Vargas. Foram destacadas críticas de Ramos em relação à opressão do governo vigente, às desigualdades sociais e às más influências como fatores que podem levar um sujeito à criminalidade.

LITERATURA INFANTOJUVENIL E LIVRO DIDÁTICO: ANÁLISE E QUESTÕES

Carlos Alberto Gomes da Silva (UEA)
Otávio Rios (UEA)

O presente trabalho nasceu da inquietação em relação ao tratamento hodierno dado à literatura infantojuvenil na escola pública. Como uma tentativa, talvez, de traçar um caminho inverso, em que pudesse compreender o fato de não nos ter sido suscitado o gosto pela Literatura no ensino básico, procuramos com esse trabalho analisar a abordagem dada à literatura infantojuvenil no livro didático, visto que é nele que repousa a maioria das práticas dos professores para o ensino de literatura. Delimitamos nossa abordagem ao 9º ano por ser essa a série em que o aluno deve já estar familiarizado com a leitura literária. Para tal, analisamos como se procede a abordagem da literatura na coleção do sistema de ensino “*Aprende Brasil*”, da editora Positivo, em contraste com as teorias de Zilberman, Coelho, Lajolo e os Parâmetros Curriculares Nacionais.

LUIZA NETO JORGE E ALGUMAS QUESTÕES DA SOCIEDADE PORTUGUESA DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

Carolina Alves Ferreira de Abreu (UFAM)
Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira (UFAM)

Neste pôster apresenta-se o resultado parcial da pesquisa de iniciação científica sobre a configuração da poesia e da posição da poetisa na segunda metade do século XX diante da sociedade salazarista, por meio do livro *Corpo insurrecto e outros poemas*, de Luiza Neto Jorge; mais especificamente o poema “Sítio lido”, do grupo de poemas “Os Sítios Sitiados”.

Constituem os objetivos a discussão das ideias de Edward Said, em *Representações do Intelectual* e as de Norberto Bobbio, em *Os Intelectuais e o Poder*, sobre a função do intelectual no século XX. Complementou-se a pesquisa através de outros autores a respeito do mencionado tema; como também a inserção do livro de estudos organizados sobre Luzia Neto Jorge

intitulado *Um corpo inenarrável e outras vozes*, de Ida Alves. Outro ponto é apresentar os questionamentos sociais e a proposta de transgressão no poema mencionado como uma crítica à ditadura no Estado Novo em Portugal. A pesquisa é bibliográfica e qualitativa, tendo por quadro teórico os livros já mencionados. Assim, o olhar para os excluídos, o “exílio intelectual”, assemelha-se ao do ser poetisa, diante de um ambiente sombrio e destruído em que está como um modo de se posicionar como agente impulsionador da mudança.

ECOS DA MITOLOGIA GREGA: DA TRAGÉDIA GREGA *HIPÓLITO* À “MARÍLIA DE DIRCEU”

Caroline Balduino de Sousa (UEA)
Socorro Viana de Almeida (UEA)

A poesia e a história antigas estão repletas de fulminações de amor, entretanto, é com *Hipólito* de Eurípides (480 a 406 a.C.) que pela primeira vez o amor sobe aos palcos, da paixão que ele acendeu no coração de Fedra, a chama que vem devorando há séculos todos os teatros do mundo. Os sofrimentos provocados por amor, as penas e dificuldades de amor de Dirceu e Marília remetem-nos as personagens Hipólito e Fedra. No poema lírico *Marília de Dirceu* (A poesia dos inconfidentes, 1966), Tomás Antonio Gonzaga (1744-1810) passeia pelos ciclos da mitologia grega, há uma forte presença mitológica, imprescindível para a compreensão da obra. A beleza divina de Marília é ressaltada e enaltecida. De beleza divinizada, Marília chega a ser louvada como mais bela do que as três deusas olímpicas: Hera, Afrodite e Palas Atenas. Dirceu faz vários retratos de Marília, mas não deixa de fazer um retrato de si (mito de narciso) próprio propagandeando a sua mocidade, sua força de mando e propriedade, além de sua destreza como poeta. Este trabalho embasou-se em Brandão (1996), Lesky (1996), Romilly (1998) Aristóteles (2001) e Calvino (2009). Do estudo desenvolvido, percebeu-se que no mundo moderno, imediato e informatizado que vivemos, torna-se difícil despertar nos jovens o interesse pela leitura dos clássicos, mundo da imagem, não da reflexão, mundo da concepção de que a aprendizagem é fácil, não dificultosa. À vista disso, para que a leitura clássica continue fazendo parte do convívio dos jovens, realizou-se uma sequência didática (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004), visando resgatar os estudos dos clássicos no ensino médio das escolas públicas do município de Manaus.

O DISCURSO INTERTEXTUAL COM A MITOLOGIA GREGA: DE COÉFORAS À SENHORA DOS AFOGADOS

Cassandra da Silva Montenegro (UEA)
Socorro Viana de Almeida (UEA)

O presente trabalho tem como base a obra de Nelson Rodrigues (1912-1980), *Senhora dos Afogados* (1947), na qual se verifica um discurso intertextual com a obra *Oréstia* (458 a. C) de Ésquilo (524-456 a.C). À vista disto, busca-se verificar na estrutura das peças elementos que aproximam a personagem esquiliana, *Electra* e a personagem rodrigueana, *Moema*. As questões giram em torno da construção dúplice de *Moema* que, devido ao caráter criativo de Nelson Rodrigues, espelha-se ora em *Electra*, ora em *Clitemnestra*. Essa construção reduplicada proporciona a verificação de alguns aspectos contundentes na constituição de *Moema*, como sua característica monstruosa, articulada a uma “superposição de máscaras míticas” - que compõem a figura dessa personagem híbrida, meio mulher, meio monstro. Em *Senhora dos Afogados*, conflitos dentro das relações familiares são abordados de forma recorrente, com

sentimentos exacerbados, levando a personagem a praticar atos extremos. Temas como incesto e morte – tanto a morte ocorrida no passado, quanto àquelas ocorridas no presente, rondam a família Drummond, percebe-se, assim, a retomada de mitos gregos e uma transformação e reconstrução de tais mitos. A análise foi realizada à luz dos pressupostos teóricos de Romilly (1998) Aristóteles (2001), Lesky (2003), Cunha (2012) e Uber (2012). Como forma de contribuir para a aproximação dos jovens com a leitura dos clássicos, aplicou-se uma sequência didática (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004) com sete oficinas, envolvendo atividades de leitura, exposição de vídeos e encenação de peças teatrais aos alunos da rede pública de Manaus.

“O GEBO E A SOMBRA”: INTERFACES ENTRE LITERATURA, CINEMA E PINTURA

Christian Cael Santos da Silva (UEA)
 Otávio Rios (UEA)

"O Gebo e a Sombra", seguido do episódio dramático O Avejão, foi publicado pelo escritor português Raul Brandão em 1923 na forma de peça em quatro atos. De matizes expressionistas e privilegiando o drama familiar de um velho proletário de casa comercial portuguesa, a peça cumpre o papel de dar voz aos vencidos ao mesmo tempo em que apresenta ao expectador um embate de ordem ética. Escrita em momento de profunda crise política em Portugal e elevados índices de desemprego e miséria, "O Gebo e a Sombra" faz parte de um projeto teatral levado a cabo durante a década de 1920 e que inclui outras obras do mesmo escritor. Em 2012, Manoel de Oliveira, notório cineasta português falecido recentemente, deu vida à obra brandoniana levando às telas do cinema um filme delicado, de produção francesa, que parece ter captado as nuances expressionistas tão caras a Raul Brandão. Em que pese se tratem de obras distintas, o livro e o filme estreitam muitos pontos de contato e têm na estratégia de uma montagem semiestática um valoroso argumento estético. Para além do que é próprio ao fílmico, a película de Manoel de Oliveira interessa ainda por aproximar-se de outra forma de arte, desta feita a pintura. As cenas semiestáticas apresentadas ao longo dos 90 minutos de duração nos evocam os quadros do pintor holandês Rembrandt, cujo jogo de luz e sombras criou escola dentro das artes plásticas. O estudo aqui proposto tem por intuito mostrar as fricções entre literatura, cinema e pintura partindo do texto-base de Raul Brandão.

O DISCURSO FEMININO NA OBRA “O CORTIÇO”: UMA DIVERSIDADE DE GÊNEROS SOCIAIS, HUMANOS E POLÍTICOS

Cleia Araujo Ega (UEA)
 Manoel Domingos de C. Oliveira (UEA)

O presente trabalho que está em andamento discute a ação feminina e suas diversidades de gêneros sociais, humanos e políticos, uma vez que a obra O Cortiço vem trazendo toda esse debate e precisa ser analisado. A pesquisa tem como título “O discurso feminino na obra “O cortiço”: uma diversidade de gêneros sociais, humanos e políticos” e o objetivo é analisar diferentes situações e atuações sociais do gênero feminino na obra em estudo. Na literatura de um modo geral aparecem muitos personagens femininos, com diversos gêneros sociais. Muitos autores, através das ficções, retratam a vida de muitas mulheres de várias formas. O método utilizado será o método qualitativo. A pesquisa será bibliográfica. A última fase da pesquisa se

refere à análise dos dados obtidos e à discussão dos resultados. A literatura como arte está sempre voltada para expressar as linguagens reais e irreais nas narrativas ou poéticas. O gênero feminino está sempre presente nas obras literárias. Há muitos gêneros na obra O Cortiço. Por isso, para aprofundar esse tema é preciso questionar: Como destacar a diversidade de gêneros sociais, humanos e políticos na obra “O Cortiço”?

A HISTÓRIA DA LITERATURA INFANTOJUVENIL NO AMAZONAS: PROPOSIÇÕES, OBJETIVOS E PRÁTICAS

Clelton Alef da Silva Miranda (UEA/FAPEAM)
Renata Beatriz B. Rolon (UEA)

Nossa pesquisa objetiva mapear o panorama histórico da literatura infantojuvenil no Amazonas, no intuito de descobrir em que momento da cena literária local houve o surgimento de textos direcionados a este público. Os trabalhos desenvolvidos sobre tal ramo literário são ainda muito raros na região. Portanto, devido ser um campo pouco explorado no contexto da localidade, conhece-se igualmente menos a seu respeito. Através do estudo investigativo, pretendemos verificar como está estruturada a literatura infantojuvenil no Amazonas e a formação do sistema literário local, a fim de torná-los conhecidos do público geral e especializado. O rastreamento da gênese da literatura se faz necessário, assim como a busca de suas primeiras manifestações, sem que se perda de vista os dados histórico-culturais e artísticos. O corpus de análise será composto de jornais e revistas literárias publicadas a partir da segunda metade do século XIX e estudado sob o olhar de teóricos como Pierre Bourdieu e Antonio Candido. Este trabalho, de caráter documental e bibliográfico, certamente contribuirá para a escrita de um novo capítulo da História da Literatura no Amazonas, assim como o da História da Literatura infantojuvenil Brasileira.

UMA ABORDAGEM SAUDOSISTA NA OBRA SAUDADE DA SAUDADE DE TONZINHO SAUNIER

Clicia de Oliveira Costa (UEA)
Anastacia Helena Diel (UEA)
Dilce Pio Nascimento (UEA)

O presente trabalho tem como intuito realizar uma abordagem saudosista na obra *Saudade da Saudade* do poeta parintinense Tonzinho Saunier. Pretende-se analisar os aspectos líricos presentes em sua poesia, tendo em vista, a função do sentimento-saudade representado pelo autor. Nesta perspectiva, percebe-se que há uma singularidade do poeta, quando nos apresenta os mais diversificados assuntos relacionados à nostalgia, dentre elas a familiar, *in locus* e amorosa. O autor personifica a saudade dando vida a esta, sendo além de sua fonte de inspiração, uma companheira inseparável. Assim, estudar o lírico dos poemas *Saudade da Saudade*, *Pensando na Saudade*, *Companheiro da Saudade* e *Apologia à Saudade* da obra *Saudade da Saudade* de Tonzinho Saunier se faz pertinente, haja vista que, o poeta utiliza-se tal artifício para descrever e potencializar o sentimento saudosista em sua totalidade. O apoio teórico para estudo analítico sobre o lirismo será amparado nos estudos de Rouanet (1991), Romero (1905) e Romero (1888).

O VENDEDOR DE PÁSSAROS E OS ELEMENTOS DA TRADIÇÃO MOÇAMBICANA

Dannyer Deivison Guedes Garcia (UEA/CNPq)
Veronica Prudente (UEA)

O presente trabalho constitui-se como pesquisa de Iniciação Científica em andamento e propõe analisar elementos da tradição moçambicana no conto “O embondeiro que sonhava pássaros”, de Mia Couto. A importância do estudo justifica-se no sentido de investigar e discutir como os elementos da tradição moçambicana se revelam no conto selecionado em contraponto com as marcas da colonização portuguesa visualizadas na narrativa. Preconceito e marginalização se contrapõem aos laços de afeto construídos entre o vendedor de pássaros e o menino Tiago, elementos narrativos que nos são apresentados numa atmosfera narrativa repleta de música, magia e sonhos. O presente e o passado de Moçambique se apresentam na tessitura desta amizade que tem como símbolo maior a árvore mística do embondeiro. As músicas e histórias do vendedor de pássaros nos remetem à importância da figura dos *griots* na tradição moçambicana.

MANIFESTAÇÕES CULTURAIS NA ESCOLA SÃO LUÍS NO MUNICÍPIO DE TEFÉ

Daysiene Ramos de Freitas (UEA)
Manoel Domingos de Castro Oliveira (UEA)

O presente trabalho que está em andamento tem como fonte principal a importância do folclore nas escolas na cidade de Tefé, e tem como título: Manifestações culturais na escola São Luís no município de Tefé. O objetivo da pesquisa é analisar as manifestações culturais como folclore e cultura na Escola Estadual São Luís de Tefé/AM. A princípio a pesquisa será bibliográfica e posteriormente de campo com uma abordagem fenomenológica. Para coleta de dados às observações e entrevistas com os informantes serão necessárias na tentativa de analisar as informações para o enriquecimento do tema abordado. As manifestações culturais estão relacionadas a dois aspectos importantes que são o folclore e cultura. A partir do mês de junho a agosto, os professores e a comunidade escolar buscam passar para os alunos sobre o que é folclore e cultura. Isso deve ser base de uma tradição no ensino brasileiro. Na verdade, isso faria com que cada vez mais, o folclore e cultura deixassem de ser um tema esquecido pela comunidade e principalmente pelos alunos. Antigamente o folclore era bastante valorizado na cidade de Tefé, pois envolvia todas as classes sociais e incluindo as escolas de Tefé, mas aos poucos foi acabando esse interesse que tinham sobre o folclore, as escolas foram se desinteressando e apenas algumas ficaram com a tradição do folclore e dentre todas essas escolas da cidade de Tefé, a Escola Eduardo São Luís é uma das que ainda continua com suas datas comemorativas do folclore. Desse modo, fica a questão a ser investigado qual ou quais as manifestações culturais que ocorrem e qual é a importância do folclore na Escola Estadual São Luís na cidade de Tefé/AM?

EXISTÊNCIA, RESISTÊNCIA, CONSCIÊNCIA: A POESIA DE MIGUEL TORGA PERPASSADA PELA EXPRESSÃO DA VIDA

Douglas Vasconcelos (UEA)
Otávio Rios (UEA)

O presente artigo pretende observar e relacionar traços marcantes na poesia humanista do escritor português Miguel Torga (1907-1995). Serão feitas algumas considerações sobre a escrita introspectiva e original deste autor de magnitude universal, que reafirma na corrente presencista a renovação e contestação modernista anterior do orfismo. O vívido desejo de encontrar-se a si mesmo, a resoluta procura por ser verdadeiramente livre e o ímpeto de repulsa à opressão dos mais fracos são grandes eixos que perpassam muitos dos trechos de sua obra, conferindo-lhe a singularidade de uma escrita que versa e conversa liricamente com a expressão da vida. A partir da escolha de quatro poemas serão pontuadas características que fazem da linguagem poética de Torga o mais autêntico canto de desafio em busca de sua poesia e do que é essencial. Em sua poética imprimem-se temáticas como o existencialismo, o inconformismo e a consciência que, alcançada a liberdade, confessa-se, rebela-se, busca-se, transcende-se. Sua inquietude com o drama humano denuncia outros conflitos existenciais como a absolutividade da criação divina, o destino, o pecado, a razão, a virtude, o sagrado, o perdão, a negação de Deus e o elo com Ele. Neste momento sua poesia é uma espécie de esperança desassossegada, mas que acredita no reencontro da essência do eu num outro, descoberta que se dá através das indagações de nossos próprios temores e tensões, tão profundamente arraigados a certezas constantemente incertas. Seu sentimento de desespero humanista é um devocional à angústia do homem, que vai à prospecção de seu eu mais profundo para ter como única recompensa o real sentido de ser e estar no mundo. Perceberemos, por fim, a sublimidade da poesia de Miguel Torga, arte singular e sincera de quem canta como quem usa os versos em legítima defesa.

A LITERATURA FANTÁSTICA COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA PRESENTE EM *INCIDENTE EM ANTARES*

Edenise Sales (UEA)
Anastacia Helena Diel (UEA)
Elisania Tavares (UEA)
Dilce Pio Nascimento (UEA)

O presente trabalho tem por objetivo analisar a literatura fantástica como meio da polifonia discursiva das personagens que são silenciados em *Incidente em Antares*, mas que representam a sociedade brasileira dos anos 70, visto que a obra está dividida em duas partes, a primeira narra fatos históricos da política brasileira e se confunde realidade e ficção, estes fatos são abordados por Veríssimo como estratégia discursiva para convencer o leitor de que todo acontecimento é verdadeiro. Na segunda parte, que é o foco desta análise, está recheado de realismo fantástico, que se configura na obra com acontecimentos sobrenaturais para criticar a sociedade conservadora de Antares que representava o Brasil, quando personagens que haviam morrido, fazem um protesto em praça pública. O autor também utiliza elementos como transcrições de pseudo autores, transcrevendo diários e artigo de jornal para dar à narrativa uma atmosfera realista. Para analisar estes acontecimentos surreais nos apoiaremos nas teorias de Todorov e o imaginário será amparado por Laplantine e Trindade.

A IMPOSIÇÃO DO CRISTIANISMO NA CULTURA MUNDURUKU NO ROMANCE *OS SELVAGENS*, DE FRANCISCO GOMES DE AMORIM

Ediane Cruz Mendes (UEA)
Veronica Prudente (UEA)

Este trabalho apresenta resultados parciais de uma pesquisa de Iniciação Científica cujo estudo propõe analisar o romance *Os Selvagens*, de Francisco Gomes de Amorim (1827-1891), observando a troca de identidade de alguns personagens, a perda de elementos culturais do povo Mundurucu, as trocas linguísticas entre colonizados e colonizadores, a violência simbólica e a imposição do Cristianismo na cultura Munduruku. O escritor português veio de Portugal com apenas dez anos de idade e viveu na região amazônica até os dezessete anos, após esse período voltou para Portugal e tornou-se escritor de poemas, romances e obras teatrais, entre as quais destacam-se as obras que retratam a realidade amazônica. A importância do presente estudo justifica-se no sentido de investigar e discutir como a imposição do cristianismo presente na obra *Os Selvagens* modificou significativamente a vida da tribo indígena Mundurucu e como os seus costumes foram mudados após essa catequização.

FIGURAÇÕES DA CONDIÇÃO FEMININA NA LÍRICA DE ASTRID CABRAL

Anderson de Souza Sampaio (UFAM)

Este trabalho consiste numa leitura de alguns poemas da poetisa e contista amazonense Astrid Cabral. A pesquisa integra o Projeto de Iniciação Científica intitulado *A ficcionalização da condição feminina na poética de Astrid Cabral*. Todavia, a ideia da realização desta pesquisasurgiu com o meu ingresso no Grupo COMPLEXA (Coordenação e Núcleo em Pesquisa em Linguagens de Expressão Amazônica). Nesse sentido, o presente estudo propõe-se a investigar as representações do feminino na lírica astridiana. Para tanto, tomamos como escopo as obras; *Ponto de Cruz* (1979) e *Lição de Alice* (1986) e *Intramuros* (1998), ou seja, a proposta deste trabalho é investigar a representação da condição feminina na poética de Astrid Cabral, uma mulher que ficcionaliza poeticamente a experiência de vida das mulheres em sociedade. A pesquisa será baseada na leitura e análise de poemas selecionados como *corpus* representativo da lírica astridiana, que desenha vários perfis de mulheres. Por isso, o propósito da pesquisa será investigar o projeto poético astridiano no que tange à expressão lírica da condição da mulher em sociedade, mapeando os recursos estéticos que capturam para a ficção poética os flagrantismos do ser-no-mundo feminino, dando especial atenção para o enclausuramento doméstico dos perfis de mulheres que figuram nas referidas obras. Assim, procuraremos objetivar como a mulher é representada na literatura de autoria feminina. Para tanto, como aporte teórico, contamos com as contribuições acerca dos estudos sobre a literatura de autoria feminina. Também faremos uso das contribuições dos estudos de gênero e dos estudos da crítica feminista na literatura. Esse aporte teórico iluminará epistemologicamente a análise dos poemas.

UM OLHAR NAS SINOPSES DA PRODUÇÃO TEATRAL NO AMAZONAS A PARTIR DA DÉCADA DE 90

Erinéia Cabral Trindade (UEA)
Dilce Pio Nascimento (UEA)

Este trabalho tem como foco principal pesquisar a produção teatral no Amazonas, a partir da década de 90. Mostrar resultados parciais das pesquisas de sinopses teatrais, descobrindo trabalhos de autores consagrados bem como aqueles que ainda se encontram na periferia do

cenário cultural amazonense. Fazer também a recolha de iconografias e roteiros de peças teatrais produzidas nas escolas públicas, da cidade de Parintins. Para embasamento teórico e metodológico desta pesquisa, partiu-se das seguintes obras Foucault (Estética: Literatura e pintura, música e cinema. Forense Universitária, Rio de Janeiro, 2001); das pesquisas de Ediney Azancot e Selda Vale da Costa (TESC - nos bastidores da lenda, Valer/SESC, Manaus, 2009); os estudos estéticos e culturais do Amazonas nas pesquisas e experiências de Márcio Souza (O Palco Verde. Marco Zero. Rio de Janeiro, 1984; A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo. Valer, Manaus, 2003).

TEMA SOCIAL NA POESIA DE GABRIEL MARIANO E DE CORSINO FORTES

Everton Vasconcelos Pinheiro (UFAM)

Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira (UFAM)

O pôster apresenta o resultado final do projeto de iniciação científica cadastrado no Programa Interinstitucional de Bolsas de Iniciação Científica da UFAM e propõe-se a analisar, de modo comparado, as obras *12 poemas de circunstância*, de Gabriel Mariano, e *A cabeça calva de Deus*, de Corsino Fortes, especificamente demonstrar os aspectos sociais representados poeticamente nos livros *12 poemas de circunstância*, de Gabriel Mariano, e *A cabeça calva de Deus*, de Corsino Fortes, bem como comparar, por semelhança e por oposição, tanto o fator social que fomenta a criação poética quanto os fatores literários nos poemas de Mariano, de 1965, e no poema de Fortes, de 1973. O aparato teórico empregado foi: Tânia Franco Carvalhal em seu livro *Literatura comparada*; Antonio Candido, no livro *Literatura e sociedade*; Georg Lukács, em *A teoria do romance*; e Thomas Bonnici, e *A literatura pós-colonial*. Constatou-se que há semelhanças entre as obras comparadas e que, apesar da diferença formal entre as obras poéticas dos autores, bem como da multifacetada carga imagética de Gabriel Mariano diferente da de Corsino Fortes, a poesia cantada por eles projeta a literatura cabo-verdiana nos temas sociais que vão desde a colonização à posterior autonomia política do país. Esta investigação integra a linha de pesquisa de Poesia em Língua Portuguesa do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa – GEPELIP, cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do Brasil do CNPq.

LITERATURA, MODERNIDADE E MEMÓRIA: UM OLHAR SOBRE A POÉTICA DE ÁLVARO DE CAMPOS

Francisca Aylqui Cruz de Paiva (UEMA)

Silvana Maria Pantoja dos Santos (UEMA/UESPI)

O presente trabalho tem como objetivo analisar a relação entre cidade e memória, a partir dos impactos da modernidade, em poemas de Álvaro de Campos (2012), com o propósito de entender o modo como o passado é ressignificado, por meio da imersão do eu poético no presente. A memória registra sensações, deixando rastros que marcam o indivíduo, a partir de suas ações, seu estado de espírito, suas experiências de vida, muitas vezes suscitadas a partir do espaço em que se insere. Tais sensações são instigadas por meio de uma visão múltipla, voltada para a realidade e influenciada pela percepção, como assevera Bergson (1999). Com o delinear da modernidade, a cidade passara por um processo de transformação, provocando rupturas, fragmentação do sujeito, bem como o apagamento das referências do ser em espaços individuais e coletivos. O homem moderno desenvolveu um comportamento acelerado, motivado pelo transitório e pelo efêmero. O olhar que outrora reconhecia os espaços de enraizamento, com a

modernidade tivera que se adaptar às novas formas urbanas, estranhas e, ao mesmo tempo, sedutores. É nesse contexto que a cidade se torna foco de atenção em obras literária, com isso, possibilita pensar sobre as reações do homem citadino diante dos impactos da modernidade.

TEORIA E PRÁTICA DA LEITURA: TRABALHANDO A LITERATURA INDÍGENA EM SALA DE AULA

Francisco Bezerra dos Santos (UEA)
Gederson do Carmo Souza (UEA)
Delma Pacheco Sicsú (UEA)

A literatura indígena produzida no Amazonas é rica e significativa, pois traz em seu conteúdo a vida do homem amazônida que cultiva suas crenças, lendas, mitos e costumes. Assim acredita-se que esta literatura pode ser trabalhada em sala de aula para instigar o hábito pela leitura e diante disso conhecerem outros tipos de literatura, como a literatura indígena, que é pouco divulgada e conhecida até mesmo no Amazonas. A leitura é o caminho para o desenvolvimento da assimilação do mundo à nossa volta. O indivíduo que lê bastante está mais integrado ao seu meio, porém a leitura não é simplesmente decifrar códigos linguísticos. O ato de ler é bem mais que a definição da palavra propriamente dita, é entender, interpretar, debater e comparar. É também por meio da leitura que podemos conhecer nosso próprio contexto e as especificidades do lugar em que habitamos. Partindo deste contexto o presente trabalho pretende apresentar os resultados de uma oficina de leitura realizada em uma escola pública de Parintins, onde os alunos tiveram o contato com a literatura produzida por indígenas do Amazonas através de contos, lendas e mitos. Para a concretização desta pesquisa utilizar-se-á como instrumento metodológico a pesquisa bibliográfica dialogando com estudiosos acerca das temáticas em questão. Pretende-se com esse trabalho apontar novas formas de abordagens da leitura e da literatura em sala de aula, além de demonstrar e divulgar a literatura indígena amazonense. Acreditamos na relevância desta pesquisa, uma vez que há uma grande necessidade de promover oficinas e pesquisa em torno da literatura indígena.

A LIBERDADE DE EXPRESSÃO ATRAVÉS DO CONTO LITERÁRIO

Gealan Reny Alzier Gonçalves (UEA)
Germano Ferreira Martins (UEA)

A preocupação básica deste trabalho é desenvolver o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa através da leitura, escrita e reescrita de gêneros textuais, dando ênfase aos textos relacionados à literatura, como por exemplo, o *Conto Literário* que facilita a interpretação e a compreensão dos acontecimentos históricos, sociais e culturais por meio da *liberdade de expressão*. Além disso, aprimora e desenvolve as capacidades e disposições argumentativas dos estudantes, ajudando na formação de indivíduos críticos que através de suas opiniões e posicionamentos ampliam o grau de intelectualidade na discussão sobre qualquer temática que esteja ligada à área em estudo e posteriormente em outras áreas, o que facilita a produção textual. O objetivo deste estudo é oportunizar ao aluno uma reflexão sobre a liberdade de expressão, desenvolvendo e/ou aperfeiçoando suas habilidades e competências para leitura e produção textual. A percepção e a construção da linguagem oral e escrita é a linha de trabalho desta pesquisa de campo que segue as propostas dos teóricos, (ROJO, 2004; DOLZ & SCHNEUWLY, 2011), os quais dialogam sobre as sequências didáticas para o processo de ensino e aprendizagem da Língua Portuguesa. Os procedimentos são concretizados no âmbito

da sala de aula, dando dinamicidade às tarefas que subsidiam, ainda, o ensino da língua padrão por meio de abordagens que levam em conta a expansão tecnológica e um modelo de uma educação moderna e qualitativa. Concluiu-se a importância de ampliar os conhecimentos sobre a leitura, a escrita e a reescrita, as quais têm uma relação harmônica na execução de atividades de construção oral, tendo como interesse maior a eficácia na produção, com isso, os discentes tiveram mais facilidade para discutir sobre o tema proposto e narraram, por escrito, fatos interessantes de acordo com o seu nível de escolaridade e observaram como os gêneros textuais são fundamentais na elaboração de qualquer tipologia textual.

LEITURA A CAMINHO DA IMAGINAÇÃO: DAS NARRATIVAS ORAIS À PRODUÇÃO DE TEXTOS

Gederson do Carmo Souza (UEA)
Francisco Bezerra dos Santos (UEA)

Este artigo tem como objetivo desenvolver a imaginação, o pensamento original e fluente, a complexidade e a elaboração de ideias, a observação e a criatividade, com alunos do (6º a 9º ano) da Educação de Jovens e Adultos (EJA), resultado do projeto de pesquisa intitulado *Leitura a Caminho da imaginação: da Narrativa oral á produção de textos*, do curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade do Estado do Amazonas – CESP/UEA, a fim de promover o incentivo à leitura em alunos da escola pública Parintinense. Quando Paulo Freire (1921) afirma que “a leitura de mundo precede a leitura da palavra”, ele vem nos despertar para uma importante constatação: o ato de ler precisa antes de tudo, considerar as experiências adquiridas durante toda a nossa trajetória de vida, do contexto histórico que nos inserimos e tudo aquilo que temos ao nosso redor. A partir disso poderemos então adentrar no universo da leitura da palavra. Para tanto, é necessário incentivo para assim alcançarmos efetivamente nossos objetivos. Considerando estes argumentos e tendo em vista que a prática da leitura se faz presente direta ou indiretamente em nossas vidas, vimos à necessidade de realizar este projeto, com ênfase para a narração oral — que integrem diferentes áreas do conhecimento de forma não dualista e que promovam a abertura de caminhos para a descoberta. Instigamos os alunos a tomarem o gosto pela leitura e a escrita, fazendo suas próprias interpretações nas entrelinhas do texto através de gênero textual como: lenda, leituras com imagens e palavras, história em quadrinho, tendo como embasamento teórico os estudos de: Freire (1921), Martins (2003), entre outros que contribuirão com esta pesquisa.

CONCEPÇÕES LITERÁRIAS E A PRÁTICA DOCENTE NO ENSINO MÉDIO

Gilson Allefy Chaves da Silva (UEA)
Leandro Babilônia (UFSC)

Este trabalho apresenta uma abordagem crítica a respeito do atual ensino de literatura no ensino médio, destacando as concepções literárias priorizadas por professores em sala de aula. A pesquisa foi realizada em uma escola pública estadual situada no município de Santo Antônio do Içá – AM. Nela foram analisados três docentes com o seguinte perfil comum: a) licenciado em Letras – Língua Portuguesa e b) profissional efetivo há pelo menos 5 anos. No primeiro momento, aplicou-se um questionário com o intuito de identificar determinadas significações possíveis da palavra literatura, baseadas em Leite (1986), para a qual é possível elencar

basicamente cinco visões: i) a literatura como patrimônio cultural; ii) a literatura como sistema de obras, autores e público; iii) a literatura como disciplina escolar que se confunde com a história literária; iv) a literatura que compreende e se limita ao estudo de textos consagrados pela crítica e v) a literatura que valoriza um trabalho da linguagem e da imaginação, absorvedora do ensino da língua e da literatura, integradas num mesmo aprendizado. No segundo momento, observou-se a prática dos docentes em sala de aula, a fim de comparar o registro obtido nos questionários com o exercício efetivo dos professores. Mediante às informações coletas, verificou-se que, durante o questionário, os docentes tenderam para uma resposta que se aproximava da concepção cinco. No entanto, na prática, os agentes envolvidos neste trabalho utilizaram a literatura nas acepções i), ii) e iv). Desse modo, constatou-se a existência de um ensino que preconiza a literatura como mero veículo de conteúdos gramaticais e que ora destaca uma visão oca e pouco estimuladora da literatura como meio para reflexão crítica do ser humano e daquilo que o cerca. Entre os autores que ancoram as discussões apresentadas neste texto destacam-se: Leite (1986); Osakabe (2012); Bordini (1988) e Geraldi (2012).

CASO DO VESTIDO E O VESTIDO: UMA ANÁLISE INTERTEXTUAL

Gleice do Socorro Bittencourt dos Reis (UFPA)

Para se compreender os fundamentos da Literatura Comparada, faz-se necessário o conhecimento de alguns conceitos básicos como intertextualidade e polifonia. Todos os postulados citados neste trabalho são à luz das teorias de Bakhtin, principalmente sob a sua teoria do dialogismo, base que sustenta os conceitos elaborados por Julia Kristeva sobre intertextualidade. Como afirma Julia Kristeva, todo texto é um “mosaico de citações”, assim este trabalho estabelece uma comparação entre duas linguagens diferentes, buscando encontrar o que as aproxima e identificar como se dá a adaptação fílmica a partir da linguagem literária. O filme *O vestido* foi baseado livremente no poema *O caso do vestido* de Carlos Drummond de Andrade. Apesar das diferenças óbvias de linguagem entre os dois tipos de texto, o filme mantém um diálogo bem próximo com o poema, inclusive utilizando diversas falas exatamente como aparecem no texto de Drummond. Além das inserções claras de trechos do poema nas falas das personagens, também percebemos referências não tão óbvias de partes do texto de Drummond. Ademais, encontramos uma grande intertextualidade com outras obras da literatura, como a obra *A odisseia*, de Homero e a obra *Otelo*, de Shakespeare. Temas que são explicitados e fundamentados no trabalho proposto.

REFLEXÕES SOBRE NAEL, O NARRADOR DE DOIS IRMÃOS

Hellen Maria Oliveira da Silva (UEA)
Núbia Litaiff Moriz Schwamborn (UEA)

Este trabalho apresenta resultados parciais da pesquisa de iniciação científica cujo estudo propõe analisar o perfil literário do narrador-personagem da obra *Dois Irmãos*, de Milton Assi Hatoum. O romance narra a história dos gêmeos Yakub e Omar que, movidos pela rivalidade e ciúmes, vão destruindo as relações pessoais entre os membros da família dos imigrantes Zana e Halim. Em meio aos dramas familiares surge Nael, um menino cuja infância foi marcada pela

condição de filho da empregada e pela rejeição. O narrador-personagem Nael, após a fase adulta, procura um sentido para a própria vida, e assim, através das reminiscências e das recordações, percorre um passado cheio de acontecimentos tristes, mas que contém respostas para suas próprias incertezas e origem. A importância do presente estudo justifica-se no sentido de se investigar em uma obra contemporânea, a presença de um elemento essencial para as narrativas: o narrador, visto que Nael, como narrador-personagem procura descobrir sua identidade através dos fatos do passado que envolvem o cotidiano da família com seus segredos e comportamentos, relações incestuosas e personagens que nutriram amor, ódio e se entregaram à vingança.

AS RELAÇÕES HUMANAS NA NARRATIVA DE *O INSTINTO SUPREMO*

Henrique Andrade Germano (UEA)
Veronica Prudente (UEA)

O presente ensaio busca apresentar a obra *O Instinto Supremo* com o intuito de evidenciar, ainda que de forma parcial, a produção literária do autor Ferreira de Castro. O autor em estudo viveu na Amazônia no período de 1911-1914, no panorama que abrange o início do século XX, o autor destaca-se por colocar em evidência a profunda paixão pelo destino do homem, o seu apego à verdade fundamental que se alicerça na conquista de um ideal de liberdade humana. Tendo em vista esses aspectos, o romance possui uma dimensão social que evidencia as relações humanas que se estabelecem entre homens e floresta no contexto da narrativa. Dessa forma, a floresta se apresenta de forma desesperada ao ser agredida pelo homem, mostrando que a natureza tem vida. O contexto da floresta perigosa torna os homens de particularidades diferentes unidos, pondo em prova seu próprio instinto e levando-o ao extremo. Deste modo, faz-se necessário explorar este universo literário para que possamos compreender as relações que se estabelecem entre diferentes grupos no seio da floresta amazônica.

EM ALGUMA PARTE ALGUMA, DE FERREIRA GULLAR: POESIA E REALIDADE

Jaiana Cristina Oliveira Penedo (UFAM)
Rita Barbosa de Oliveira (UFAM)

Neste banner propõe-se demonstrar a relação entre poesia e vida no livro *Em alguma parte alguma*, de Ferreira Gullar, empregando como suporte teórico os ensaios desse escritor sobre arte e poesia no livro *Sobre arte, sobre poesia* (uma luz do chão) e o pensamento sobre a poesia e os processos de construção poética discutidos por Alfredo Bosi, em *O ser e o tempo da poesia*. Delimitar-se-á a abordagem para a discussão de que a poesia de Ferreira Gullar, no livro *Em alguma parte alguma*, emprega a corporalidade como mecanismo de resgate da memória, imagens do caos para denunciar a fragmentação a que é submetido o homem no século XX. É por conta da vida transitória a qual o homem está submetido, da morte que se aproxima, que Gullar reflete sobre a vida, tendo encontrado na poesia sua forma de fazer-se eterno. A poesia de *Em alguma parte alguma* é carregada de materialismo, recorrendo a elementos da natureza para representar a fugacidade da vida. Os temas tratados no livro *Em alguma parte alguma* visam a preocupações éticas do sujeito do poema. Os estudos de Elaine Raulino e de Rafael Ferreira complementarão a análise. O método de crítica literária a ser empregado será o da semiótica.

CAMINHANDO PELA SELVA DE FERREIRA DE CASTRO

Ivan Batista de Almeida (UEA/FAPEAM)
Veronica Prudente (UEA)

O presente trabalho é um projeto de Iniciação Científica em andamento e está vinculado à linha de pesquisa “Literatura, história e memória nas literaturas de língua portuguesa”. Apresentamos resultados parciais da análise da obra *A Selva* (1930), de Ferreira de Castro. Este estudo se propõe a analisar a produção ficcional de Ferreira de Castro sobre a Amazônia e o contexto histórico da extração da borracha presente na obra. O romance possui uma dimensão social que evidencia as relações estabelecidas entre o imigrante europeu e a selva amazônica numa obra naturalista que salienta o estranhamento dos comportamentos humanos nas relações sociais coletivas que se estabelecem na dura realidade da sociedade do seringal. A dimensão social da Amazônia está relacionada à extração da borracha atraindo pessoas de várias partes do mundo para este ambiente, visando o lucro e o enriquecimento. No entanto, o sistema de trabalho estabelecido enriquece a poucos e escraviza a maioria, mostrando duas realidades desproporcionais.

FLÂNEUR: EXPERIÊNCIA URBANA EM “AS VELHINHAS” DE BAUDELAIRE E “NOITE FECHADA” DE CESÁRIO VERDE

Jamerson Eduardo Reis Silva (UEA)
Otávio Rios (UEA)

O presente trabalho objetiva traçar um paralelo entre os poemas “As velhinhas” do poeta francês Charles Baudelaire e “Noite fechada” do português Cesário Verde sob a perspectiva do *flâneur*. Tal relação de paridade é justificada pela experiência dos poetas com a modernidade que é refratada em seus alinhados alexandrinos. A experiência de Baudelaire, que é a mesma de Cesário, possui uma geografia em comum, a cidade. As mudanças nos modos de produção acentuadas no início do século XIX dão início a um irreversível processo de urbanização das metrópoles europeias, que terá na cirúrgica Paris de Haussman seu arquétipo por excelência da cidade moderna, que só mais tarde alcançará Lisboa. É com o advento da Babel moderna que surge o regaço do *flâneur*, um vago vagante a caminhar pela cidade absorto em seus pensamentos produzindo uma lírica que é uma simbiose entre o olhar, que não é um mero olhar para o externo, e o caminhar, que como esforço físico pode ser relacionado à metáfora do esgrimista proposta por Baudelaire, quando esse diz que *tropeça em palavras como nascidas ao exercer sua estranha esgrima*, e ainda explorada por Walter Benjamin em ensaios sobre a modernidade. Tanto Baudelaire quanto Cesário Verde, o último anos mais tarde, nos poemas já destacados, ao peregrinarem por seus centros urbanos imbuídos da figura do *flâneur* deixaram eternas no papel efêmero a experiência da modernidade em seus versos.

DOIS IRMÃOS, DE MILTON HATOUM – O ENTRELAÇAMENTO TEXTUAL COM OS MITOS GREGOS

Jaqueline da Costa Magalhães (UEA)
Socorro Viana de Almeida (UEA)

O presente trabalho tem como objeto de estudo a obra *Dois irmãos* (2000), de Milton Hatoum, na qual se verifica uma nítida relação com os Mitos Gregos. Para tanto, objetivamos buscar na estrutura da obra elementos desse entrelaçamento textual, notadamente os mitos de rivalidade,

violência e drama familiar. Em *Dois irmãos*, a trama gira em torno da tumultuada relação entre dois irmãos gêmeos, Yaqub e Omar, em uma família de origem libanesa que vive em Manaus. Observa-se que, para a tessitura do enredo o autor se apropria do tema da discórdia familiar entre irmãos, na família de Yakub e Omar, o qual nos remete a família dos labdácidas, especificamente, a Etéocles e Polinices, filhos de Édipo, bem como do incesto, que é um tema bastante usado pela literatura, desde o amor do Rei Édipo, herdeiro da maldição familiar do pai, e sua mãe Jocasta. Essa intertextualidade com os mitos gregos mostra-se como um expediente de grande importância e funcionalidade na obra. Para a análise apoiamo-nos em Romilly (1998), Lesky (2003), Calvino (2009), Commelin (2011) e Aristóteles (2011). Levando em consideração a importância da leitura em nossas vidas, o quanto ela enriquece nossos conhecimentos e nos apresenta novos horizontes, até então desconhecidos, aplicou-se uma sequência didática (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004), visando mostrar aos alunos de ensino médio da rede pública de Manaus que é preciso ler os *Dois irmãos* dentro de uma perspectiva de entrelaçamento textual com o Clássico, procurando trazer à tona essa relação existente.

PROCESSOS DE APROPRIAÇÃO E TRANSGRESSÃO DO SONETO CAMONIANO EM POEMAS NA LITERATURA DE LÍNGUA PORTUGUESA

João Hipólito Santiago Sousa (UFAC)
Gisela Maria de Lima Braga Penha (UFAC)

A partir do soneto “Transforma-se o amador na cousa amada”, do poeta português Luís Vaz de Camões (1524-1580), este trabalho pretende apresentar os processos de apropriação e transgressão a ele ligados para a construção dos poemas “A paixão segundo Camões”, do brasileiro Carlos Felipe Moisés (1942-) e “‘Transforma-se o amador na coisa amada', com seu”, do poeta português Herberto Helder (1930-2015). O viés comparativo é utilizado para compor a interpretação em relação aos poemas, trazendo, de forma crítica, aspectos como a própria delimitação ou definição do que se apropria, transgride e/ou subverte; estabelecendo, ainda, importantes considerações acerca das gradações de amor, tratados de um ponto de vista filosófico como em Platão no que tange a *Teoria das ideias* e também Immanuel Kant, tratando do conceito de paixão. A concepção barthesiana de *mathesis* (os diferentes saberes contidos no texto literário) é enfocada no sentido de – a partir dos elementos estruturais: nível sonoro, estrutura, tensão estruturante e ações/processos ocorridos – ter a possibilidade de construir, a partir dos textos, possíveis definições de amor e paixão. A ligação existente entre os três poemas e a *mathesis* possibilita visualizar, ainda, que além de demonstrar, textualmente, a relação frutífera entre a literatura portuguesa e a brasileira, o quanto o texto literário é rico e repleto de possibilidades de significação.

CRÔNICAS QUEIROSIANAS N'A PROVÍNCIA DO PARÁ

José Adauto Santos Bitencourt Filho (UFPA/CNPq)
Orientadora: Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales (UFPA/CNPQ)

Durante a segunda metade do século XIX, a circulação de prosas ficcionais nos periódicos, não só no rodapé das páginas, na seção *Folhetim*, mas em outras seções como “Variedades”, “Miscellanea”, “Litteratura”, “Solicitados”, “Ciências, Letras e Artes”, era uma prática comum, tendo em vista que, desta forma, as publicações rendiam lucro aos jornais e conseguiam alcançar um público maior. N'A *Província do Pará* (1876-2001), um periódico que desde o primeiro número já divulgava em suas páginas a prosa de ficção, a quantidade destes textos veiculados, durante o último quartel do século XIX, é considerável. E entre essas publicações, as lusitanas se mantinham recorrentes nesta folha. Entre os autores portugueses, Eça de Queirós foi o nome mais citado e mais publicado n'A *Província*, com três contos, dois fragmentos de romances e quatro crônicas, como: “O tocador de realejo”, “Padre Salgueiro”, “Quinta de Frades” e “Inverno em Londres”, além de artigos e resenhas de suas obras. Ao fazer um cotejo entre as versões posteriores e anteriores às publicações no jornal paraense, verificamos um processo de reescrita na mudança de suporte – Jornal/Livro, ou seja, para publicação em volume, o autor preferiu as reescrever. Algumas dessas reelaborações culminaram na mudança no estatuto do texto. É sobre esse cotejo que a presente apresentação irá abordar, como parte da pesquisa vinculada ao plano de trabalho “A circulação de crônicas queirobianas n'A *Província do Pará*”, articulado ao projeto de pesquisa “Memória em periódicos: a constituição de um acervo literário”, coordenado pela Profa. Dra. Germana Maria Araújo Sales.

INTERFACES DA OBRA *A SELVA* DE FERREIRA DE CASTRO: ENTRE FICÇÃO A REALIDADE

Josete Maria de Melo Katak (UEA)

Miriam da Silva Pinheiro (UEA)

Maria de Nazaré Carvalho da Silva (UEA)

Dilce Pio Nascimento (UEA)

Este artigo tem como objetivo apresentar interfaces em que literatura e história, realidade e ficção estão entrelaçados na obra “*A Selva*” de Ferreira de Castro, buscando comprovar a reprodução da realidade por meio da narrativa. Abordaremos a questão das injustiças, dos seringalistas onde prevalecia a ambição capitalista, fazendo dos seringueiros seus escravos, e submisso por imposição. Traçaremos aspectos que o escritor Ferreira de Castro valeu-se da sua vivência no seringal, e trouxe para a literatura em forma de ficção para denunciar questões sociais ocorrida na época. O romance *A selva* é um dos mais vividos e sentidos da literatura, pois foi no neo-realismo amazonense que os escritores buscaram através de suas escritas denunciarem e criticarem questões sociais. Quando relacionamos realidade e ficção não há dúvidas de que a presença da mimeses é constante; Farias e Pereira (2013) fazem referência ao relacionar a ficção e a realidade na literatura.

O UNIVERSO LITERÁRIO DE ÁLVARO BOTELHO MAIA, NA OBRA *BANCO DE CANOA - CENAS DE RIOS E SERINGAIS DO AMAZONAS*

Jussara Oliveira de Vasconcelos (UEA)

Núbia Litaiff Moriz Schwamborn (UEA)

Este trabalho apresenta vários resultados da análise da obra *Banco de Canoa–Cenas de rios e seringais do Amazonas*, publicada em 1963, de autoria de Álvaro Botelho Maia, cuja estruturação compreende cinquenta e quatro narrativas, inseridas em sete partes que tematizam, sobretudo, o universo do homem nos seringais do Amazonas. As narrativas na obra, ora se mostram como simples relatos testemunhais, ora como reportagens ou documentários sobre as condições de vida do “operário da selva” e outras são classificadas como contos regionais. As histórias e relatos do livro são narrados por um narrador em terceira pessoa que relata o drama do homem desassistido diante da força bruta dos patrões e *coronéis de barranco*. Assim, na visão do amazonense Álvaro Maia, o homem, humilhado e escravizado na selva amazônica, acaba submetendo a si mesmo e ao agressor, uma violência extrema, muitas vezes culminando com o sofrimento demasiado do empregado e com a morte do opressor. O trabalho apresentado é relevante visto que a obra em estudo apresenta caráter documental e histórico, registrando-se a cultura, os hábitos, o modo de pensar e de viver dos habitantes dos seringais no período gomífero, especificamente no contexto literário da obra *Banco de Canoa*. Para fundamentação do trabalho bibliográfico, além da obra selecionada, recorreu-se a teóricos, como Brito (2001) e Gondim (2007), entre outros.

CATARINA EUFÉLIA, DE SOPHIA ANDRESEN: POESIA INSUBMISSA

Kallel Alves Machado (UFAM)

Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira (UFAM)

Segundo o poeta, crítico e ensaísta Roberto Pontes, a poesia insubmissa conscientiza moralmente a vida política e social de um determinado grupo de pessoas e demonstra a estreita relação do poeta com a realidade, isto é, seu comprometimento político e social com o tempo e lugar onde vive. Fundamentados em seu pensamento, apresentamos esse estudo do poema andreseniano com o propósito de demonstrar que o compromisso poético assumido pelo poeta Sophia, modo como prefere ser nomeada, se constitui em insubmissão poética por causa da mensagem capaz de modificar o comportamento coletivo, pelo tom de luta e proposta de libertação, na qual as palavras têm clareza e poder de convencimento, servem de instrumento de defesa, arma de combate contra a injustiça (PONTES, 1999). No poema *Catarina Eufémia*, a ação inter-relacionada da poética e da política é captada na essência da personagem histórica que se tornou um dos símbolos do antissalazarismo. Nele o poeta faz uso da palavra poética como arma política contra o regime salazarista, ou seja, o poema de ânimo insubmisso produzido por Sophia Andresen imbrica a vida no contexto de luta política de seu país, pois trata do lugar e tempo em que habita (OLIVEIRA, 2012). O pensamento de Edgar Morin sobre a complexidade complementa nosso estudo sobre a insubmissão poética de Sophia Andresen, no sentido de permitir a compreensão da complexidade das relações entre a poesia, o poeta e o poema. Para tal análise, lançaremos mão dos pressupostos teóricos de *Poesia Insubmissa Afrobrasilusa* (PONTES, 1999), *Sophia: Poema de Mil Faces Transbordantes* (OLIVEIRA, 2012) e *Introdução ao Pensamento Complexo* (MORIN, 2011).

FRAGMENTOS DE MEMÓRIA EM VIAGEM, DE CECÍLIA MEIRELES

Karoline Alves Leite (UFAM)
Rita Barbosa de Oliveira (UFAM)

O presente pôster objetiva apresentar uma leitura da poesia de Cecília Meireles (1901-1964), revelando fragmentos de memória presentes em sua obra a partir da análise de alguns poemas retirados do livro *Viagem*, publicado em 1939, representativo do amadurecimento de sua produção poética. A memória, que une os polos da temporalidade da vida mundana com a realidade, mantém a poetisa em profunda comunhão com o tempo passado e o presente, com todas as experiências vividas. Concebido como fugaz, o tempo transforma todos os momentos da existência da poetisa em perda e a faz conviver com o passado, que é recordado pela memória. A mudança gera sofrimento, mas o que resta é aceitar a irremediável fuga do tempo. A poetisa viaja em sua memória buscando recordações que possam ser eternizadas pela poesia, apreendidas do passado e transportadas para o presente. Ao rememorar, ela toma consciência da incessante perda que perpassa sua vida e também a dos seres ao seu redor. Assim, os fragmentos de memória são compreendidos em completa relação com a ideia da efemeridade do tempo. A obra *Memória e vida*, do filósofo Henri Bergson, respalda teoricamente a discussão ora proposta, complementada pelas ideias contidas em *O tempo na narrativa*, de Benedito Nunes.

ESTUDOS SIMBOLISTAS: UMA INTERDISCIPLINARIDADE ENTRE LITERATURA DE CRUZ E SOUSA, MÚSICA E ARTE”

Katilane Castro Gomes (UEA)
Manoel Domingos Castro Oliveira (UEA)

O presente trabalho é uma investigação e uma articulação da literatura, arte e símbolos, como parte da vida do estudante, cuja proposta é fazer um estudo interdisciplinar com outras artes, ressaltando a leitura e a interpretação de um texto como base de conhecimento e ampliação do aprendizado na relação com outros conhecimentos. Este projeto, cujo título é “Estudos simbolistas: uma interdisciplinaridade entre literatura, música e arte”, tem sua relevância porque propõe estudos de integração, tendo por base poemas simbolistas de Cruz e Sousa, visando a educação mais produtiva como alternativa metodológica da literatura. A pesquisa tem por base teórica os autores como BOSI, WELLEK, PINTO, LAJOLO, entre outros. O objetivo geral é analisar obras do simbolismo em interface com a música e a arte com a finalidade de construir saberes significativos na construção de conhecimento. Essa pesquisa tem uma abordagem qualitativa, bibliográfica, e através do método indutivo parte-se dos elementos mais particulares em busca de uma verdade mais geral. O método de procedimento utilizado para o referido estudo é o fenomenológico-hermenêutico que, segundo Parente (2006, p. 54) visa à busca elementos implícitos a uma dada realidade. Para a coleta de dados serão utilizados instrumentos tais como: análise de conteúdo, questionário e observações. Por fim será feita uma análise de dados a partir das interpretações das respostas e das observações para se construir o resultado da pesquisa.

A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO CONTO “AMOR”, DE CLARICE LISPECTOR

Katrine Santos Dutra (UEA)
Francisco Bezerra dos Santos (UEA)
Dilce Pio Nascimento (UEA)

Escrito em 1974, o conto “Amor”, de Clarice Lispector que é parte do livro de contos *Laços de Família*. É Antes de tudo um momento de epifania, este conto tem como personagem principal Ana, uma mulher com muitas responsabilidades que vive fechada em si e presa em seu mundo, casada, tem filhos e aparentemente vive uma vida normal e rotineira. Para Ana a ordem das coisas é o que ela necessita para viver bem, porém sua concepção é quebrada a partir do momento em que ela conhece um novo e estranho mundo. Múltiplos sentimentos são encontrados na obra que é narrada em 3ª pessoa, onde o narrador nos desvenda as angústias de uma mulher que sente necessidades de mudanças em sua vida, mas que não consegue se libertar das amarras impostas pela sociedade que prega certas regras sociais a uma mulher. É a partir da imagem da personagem Ana que Clarice faz críticas e descreve a rotina de inúmeras mulheres que anseiam mudanças e direitos iguais. Partindo deste contexto o referido trabalho tem como temática a figura da mulher em “Amor”, de Clarice Lispector, bem como a crítica social da condição feminina veiculada pela autora. Para este trabalho utilizaremos como instrumento metodológico a pesquisa bibliográfica dialogando com estudiosos da temática em questão. Pretende-se com essa análise demonstrar as muitas formas de abordagens do conto “Amor” de Clarice Lispector.

O DEBATE SOBRE A ESCRAVIDÃO EM ÓDIO DE RAÇA, DE FRANCISCO GOMES DE AMORIM

Kyssia Nunes de Oliveira (UEA-FAPEAM)
Veronica Prudente (UEA)

Este trabalho apresenta resultados de uma pesquisa de Iniciação Científica cuja metodologia constituiu-se de abordagem bibliográfica na primeira etapa e de aplicação de oficina de divulgação da obra na segunda etapa, que foi aplicada na Escola Estadual Eduardo Sá, no município de Tefé-AM. O estudo abordou a peça teatral *Ódio de Raça* (1854), do autor português Francisco Gomes de Amorim (1827-1891), que viveu durante alguns anos de sua infância e adolescência no atual estado do Pará e vivenciou a experiência de ser vendido como escravo branco na ocasião de sua chegada. Para realização da pesquisa foi utilizado o seguinte aporte teórico: Bourdieu (2012), Collyer (1998), Gondim (2007), Holanda (1995), Todorov (1999). Através deste estudo, foi possível constatar e analisar como a literatura selecionada expõe os processos de construção social na Amazônia até o século XIX, o olhar etnocêntrico do europeu e as relações estabelecidas entre brancos, negros, mulatos e indígenas. Da mesma forma, verificamos o preconceito, o racismo, as violências física e simbólica encenadas no discurso dos personagens da peça teatral. Para além do texto teatral, Gomes de Amorim desenvolve mais amplamente os assuntos desenvolvidos na peça teatral, nas notas explicativas do autor, demonstrando não apenas as formas de violência, mas todo um contexto relacionado ao modo de viver e de ser dos grupos sociais envolvidos na obra, condenando a escravidão e denunciando os males provenientes do tráfico negreiro, temas que estão diretamente conectados com a realidade histórica daquele período.

A PRESENÇA DE FRANCISCO GOMES DE AMORIM NA AMAZÔNIA – CANTOS MATUTINOS

Leicyr Christiane Corrêa Roberto (UEA)
Veronica Prudente Costa (UEA)

Francisco Gomes de Amorim nasceu em 13 de agosto de 1827 em Aver-O-Mar, uma antiga vila de pescadores ao Norte de Póvoa do Varzim, na região do Minho, em Portugal, e faleceu em Lisboa em 4 de novembro de 1891. Quando ainda era um “rapazito de dez anos de idade”, Gomes de Amorim emigrou para os sertões da Amazônia, partindo do rio Douro rumo ao Grão-Pará, no Brasil, aonde chegou a 18 de setembro de 1837, e, numa aparente trama perversa do destino, foi “vendido” no mercado de “escravos brancos”, no porto de Belém, a um comerciante luso chamado José Maria Fernandes, que o tornou caixeiro em sua loja. Da mesma forma, destacamos a produção poética de Francisco Gomes de Amorim, na obra *Cantos Matutinos*, analisando os poemas que apresentam elementos da cultura e da natureza amazônicas.

MARCAS DA AMAZÔNIA NAS NARRATIVAS DE FRANCISCO GOMES DE AMORIM

Mara Madalena da Silva Campos (UEA)
Veronica Prudente (UEA)

Este trabalho apresenta resultados parciais da pesquisa de Iniciação Científica, cujos objetivos se propõem a analisar as relações que se estabelecem entre as obras *Os Selvagens* e *Remorso Vivo*, ambas publicadas em 1875, por Francisco Gomes de Amorim. Com este estudo, pretende-

se estimular a divulgação e a produção crítica sobre a obra de Francisco Gomes de Amorim, autor muito conhecido no cenário literário como biógrafo de Almeida Garrett, mas pouco conhecido por sua produção narrativa sobre aspectos da cultura amazônica e fatos históricos que ocorreram no século XIX, como por exemplo a cabanagem, episódio marcante em *Os Selvagens*. A ambição pelas riquezas minerais amazônicas também pode ser observada como elemento atrativo para os europeus que vieram para a região. Em *Remorso Vivo*, temos a continuação da narrativa sobre a vida de Goataçara, como médico vivendo na Europa, em busca de vingança pelos fatos ocorridos em seu passado. No entanto, o amor surge em *Remorso Vivo* para mudar os rumos da narrativa e da vida de seus personagens.

INOCÊNCIA E PRECONCEITO EM ANÁLISE NO CONTO “AS MÃOS DOS PRETOS”

Marcela Nascimento (UEA/FAPEAM)
Veronica Prudente (UEA)

O presente trabalho apresenta resultados parciais da pesquisa de Iniciação Científica em andamento sobre contos africanos. O conto as “As Mãos dos Pretos”, de Luís Bernardo Honwana foi escrito no tempo em que Moçambique era colônia portuguesa e apresenta um conflito central referindo-se a cor das palmas das mãos por serem mais claras do que o resto do corpo. Na análise do conto podemos perceber a característica inocente de uma criança ao se deparar com o questionamento feito pelo Senhor Professor explicando “porque as mãos dos negros são brancas”. A partir do questionamento, observamos explicações e teorias que revelam o preconceito em relação aos negros e a ingenuidade infantil que ainda não foi “instruída” a respeito do preconceito dos adultos. A figura da mãe revela-se essencial ao proteger a inocência do filho, desconstruindo todas as versões sobre as mãos dos pretos e tirando a culpa de Deus, culpa que é obra dos homens que contam versões mentirosas para justificar as violências cometidas contra os negros historicamente.

UM BREVE ESTUDO SOBRE O RISO E SEU PAPEL NA POESIA DE BOCAGE

Marcelo Henrique de Oliveira (UEA)
Carlos Renato Rosário de Jesus (UEA)

Este trabalho se propõe a fazer uma breve, porém aguda análise sobre o risível na poesia do lusitano Manuel Maria Barbosa du Bocage. O estudo se debruçará sobre a problemática da não canonização da produção risível do poeta e sobre 3 poemas, os quais voltam a pena a 3 das mais desfeitas figuras pela sua mordacidade: o clero, a mulher e a academia. Ainda que afunilássemos o foco do trabalho apenas sobre sua produção risível, seria usar de exacerbada pretensão apreender o engenho e os recursos do poeta em um estudo deste porte. Portanto, julga-se justa a delimitação do corpus a 3 sonetos, de sorte que a profundidade do olhar e o resultado da pesquisa sejam privilegiados. Da produção selecionada, apenas um traz título, que seria “Aos sócios da Nova Arcádia”. Sabendo da dissidência existente entre os membros dessa academia e o Bocage e da recorrência dessa nos seus sonetos, entende-se como importante lhe eleger um exemplar. Os outros poemas fazem alusão à mulher e ao clero, questionando-lhes a moralidade, o ócio e o prestígio de que gozavam na Portugal do século XVIII.

GLOSSÁRIO DOS COMPOSITORES DE TOADAS DOS BOIS BUMBÁS DE PARINTINS: DÉCADA DE 90

Marconde Maia Cruz (UEA)
Maria Celeste de Souza Cardoso (UEA)

Este trabalho tem por objetivo principal apresentar os resultados de uma pesquisa feita na Iniciação Científica – PAIC que trata sobre a organização de um glossário dos compositores de toadas dos bois-bumbás de Parintins da década de 90, tendo como ponto inicial o Festival Folclórico de Parintins que iniciou na década de 60 e continua até os dias atuais. Nos últimos anos, o Festival Folclórico cresceu bastante e colocou a cidade de Parintins na mídia nacional e internacional. As toadas também representam o sucesso alcançado através da mídia. Braga (2002) explica que as toadas são resultantes de um longo processo, que se inicia com a criação artística do compositor, tem continuidade na seleção da toada pelo Comitê de Arte de cada Agremiação Folclórica e na interpretação recebida do Levantador de toadas, quando este contribui na apresentação das músicas do Boi. Para falar das toadas é preciso falar também dos compositores e suas obras que cantam e decantam a cultura de nossa cidade. Entretanto, o trabalho desses compositores é pouco reconhecido, por isso fez-se necessário organizar um acervo com as composições desses artistas para futuras consultas, haja vista não existir espaço físico ou museus para guardar as alegorias nem para arquivar as composições. Além de Braga (2002), já citado nesta pesquisa, estudiosos e pesquisadores do boi-bumbá, como Farias (2005), Dé Monteverde (2003), Nogueira (2008), Rodrigues (2006) e outros, contribuíram para o estudo da temática e avanço da pesquisa.

A SÁTIRA DECANTADA NAS ENTRELINHAS DAS TOADAS DE DESAFIO DO BOI BUMBÁ DE PARINTINS

Marcos Antonio Lima Costa (UEA)
Maria Celeste de Souza Cardoso (UEA)

A toada, segundo Câmara Cascudo, em seu Dicionário do Folclore Brasileiro, significa “cantiga, canção, cantinela. [...] é qualquer cantiga melancólica e sentimental [...]” (s/d, p. 871).

É neste contexto que a toada de Boi-Bumbá pode ser considerada uma cantiga que representa a identidade cabocla de Parintins, poesia contagiante, de extrema relevância no Festival Folclórico de Parintins, herança do povo nordestino. Assim, além dos sentimentos e exaltação da figura do boi, compositores e brincantes cantam a beleza da floresta, a biodiversidade do ambiente, a galera, porta-estandarte e a cunhã poranga, figuras representativas da cultura parintinense. Além disso, as toadas de desafio fazem parte do auto do boi desde os tempos remotos, quando a brincadeira folclórica apareceu em Parintins. Os desafios do início da brincadeira de boi-bumbá são semelhantes ao cantar dos repentistas do Nordeste, já os desafios atuais se modificaram. Por isso, este trabalho quer tornar inteligível a sátira na poética das toadas de desafios, suas principais mudanças, seu contexto histórico e toda sua importância para a disputa dos bois bumbás Caprichoso e Garantido que acontece sempre na última semana do mês de junho. Como metodologia será feita a coleta de 05 toadas de desafio do começo da brincadeira (antológicas) e 05 atuais para compará-las com as cantigas satíricas, procurando nas entrelinhas semelhanças e diferenças que ainda possam existir.

ESTUDOS SOBRE A MUHURAIDA E SUAS RAÍZES CLÁSSICAS

Maria de Nazaré Carvalho da Silva (UEA)

Weberson Fernandes Grizoste (UEA)

Este artigo tem como objetivo abordar os pontos de convergência de recepção, a partir dos pressupostos da poesia épica e antiépica, partindo da *Eneida* à *Muhuraida*. Mostrando como as duas obras apresentam similaridades em diversos aspectos, visto que, a obra romana enaltece a conquista do Lácio pelos troianos, tal como a *Muhuraida* canta a conquista da ínvia Amazônia pelos portugueses. Pretende-se também reunir estudos sobre a *Muhuraida* para disponibilizá-lo de acordo com as leis do domínio público em recursos digitais, a publicação destes trabalhos sobre *Muhuraida* faz parte de um projeto-mãe denominado “Escritura e memória cultural: mapeamento e sistematização de acervos documentais e artísticos no baixo amazonas” coordenada por uma professora do Colegiado de Letras do Centro de Estudos Superiores de Parintins. Tenho como embasamento teórico Medeiros (1992), André (1992), Pereira (1992), Carvalho (2008) e Grizoste (2011), Pego (2010) Treece (1993) Caldas (2007).

A LITERATURA COMO FERRAMENTA PARA O ENSINO E APRENDIZAGEM NA EJA (EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS)

Maria José Gomes Simão (UEA)
Rita de Cássia Eutrópio Mendonça Bezerra (UEA)

O presente trabalho visa apresentar resultados finais da pesquisa e suas experiências na Escola Estadual Corinto Borges Façanha em Tefé – AM. O Projeto tem como objetivo utilizar a literatura como ferramenta para o ensino e aprendizagem na EJA (Educação de Jovens e Adultos) sabe-se que nesta modalidade de ensino, os assuntos são abordados por módulos com isso dificulta o aprendizado da literatura. Nesse sentido, o projeto vem a contribuir com a valorização do ensino literário, possibilitar o conhecimento das escolas literárias, pelos alunos, uma vez que, contribui para o desenvolvimento da leitura, pois as maiorias dos jovens não gostam de ler, principalmente textos literários devido a linguagem e estilos dos escritores da época, porém hoje a leitura é essencial, através dela adquirimos conhecimento e informação. Como metodologia, adotou-se a pesquisa colaborativa fundamentada na interpelação entre pesquisa e formação, visto que os participantes têm um papel ativo na construção e espaços coletivos de aprendizagem e formação continua, por meio dos procedimentos metodológicos, a saber: observação participativa na sala de aula, elaboração e aplicação de projetos didáticos e oficinas de gêneros literários que seguem uma sequência didática. Como resultados finais o referido projeto apresentou uma contribuição com o desenvolvimento de habilidades e competências relativas à escrita e oralidade dos alunos envolvidos, no trabalho dos pesquisadores.

AS TRANSFIGURAÇÕES ÉTNICAS TRIBAIS DOS ÍNDIS MINDURUCUS NA OBRA “OS SELVAGENS”: DA ORIGEM À PACIFICAÇÃO

Mariana Dos Santos Dias (UEA)
Franciane Rodrigues de Souza (UEA)
Dilce Pio Nascimento (UEA)

Neste trabalho analisamos o romance *Os Selvagens*, de Francisco Gomes de Amorim, sob o prisma do processo de pacificação dos índios mundurucus da Amazônia. Inicialmente, pretendemos, à luz de sua produção romanesca, valorizar uma concepção de narrativa que compreende em contar a história dos índios Mundurucus que sofreram a transmutação de seus

valores culturais e religiosos. Nesse ínterim, procuramos explicar como aconteceu a catequização da tribo Mundurucu, na Amazônia. Creemos que a eficácia da narrativa de Amorim, um autor português do século XIX que emigrou para o Brasil, de um lado considera seus valores culturais superiores ao do universo indígena, e por outro, fornece à validade da catequese cristã. Ademais, discorremos como foi transferida a herança europeia para Amazônia. Para dar conta do que foi proposto fez-se necessário a fundamentação teórica, tendo como base os estudos de Francisco Jorge dos Santos (2002), especificamente sobre guerras e rebeliões indígenas na Amazônia pombalina; Manuela Carneiro da Cunha (1992), sobre a história dos índios do Alto e Médio Amazonas, que proporcionaram um novo olhar sobre a obra de Francisco Gomes de Amorim.

LEITURA LITERÁRIA: ALBERTO CAEIRO, MANOEL DE BARROS E O SABER COM SABOR

Marina de Lima Braga Penha (UFAC)
Gisela Maria de Lima Braga Penha (UFAC)

O projeto “Leitura literária: Alberto Caeiro, Manoel de Barros e o saber com sabor” tem como objetivo analisar e interpretar poemas dos dois autores para depois buscar identificação com os leitores. Trabalhamos sob o prisma teórico de Roland Barthes e sua famosa aula pronunciada em 7 de janeiro de 1977, o qual deu origem ao livro *Aula* (2007). Barthes fala das três forças da literatura: a mimesis, a mathesis e a semiosis, que seriam na sequência: representação, o saber com sabor e a plurissignificação. Mais especificadamente, o projeto visa estabelecer relações comparativas entre o poema “Prefácio”, de Manoel de Barros e a IX parte de *O guardador de rebanhos*, de Alberto Caeiro. A partir da teoria literária existente em *Aula*, de Roland Barthes e as três forças da literatura assim como, *O arco e a lira*, de Octavio Paz. Podemos encontrar Mathesis, ou seja, os diferentes saberes nos dois poetas. Em Caeiro, há um saber que aponta para a simplificação de nossa existência, a qual, segundo o poeta, esta pautada nas sensações. Já Manoel de Barros caminha pra trazer à tona, por meio da construção de seu poema, uma visão cosmogônica vinda a partir da linguagem, o que nesse sentido, parece estar em posição oposta a Alberto Caeiro. Vale acrescentar que este é um dos caminhos possíveis para a comparação, pois, como afirma Roland Barthes, ao texto literário é dada a capacidade de inúmeras possibilidades de significação, ou ainda, a terceira força da literatura – a semiosis. Ao “jogar” com as palavras, dotá-las de diferentes saberes, os dois poetas, de distintas maneiras, estão, então no campo da mimese, ou seja, a representação da realidade, a qual é obtida por dois procedimentos distintos de construção.

RILKEANA E A NEO-PENÉLOPE, DE ANA HATHERLY: DIÁLOGO COM FREUD

Matthews Carvalho Rocha Cirne (UFAM/GEPELIP)
Rita Barbosa de Oliveira (UFAM)

Em *Rilkeana* (1999) e *A Neo-Penélope* (2007), Ana Hatherly põe em foco a impossibilidade das relações, temática frequente em sua poética. Neste artigo, o recorte teórico consistirá no texto *A solidão e o amor*, do livro *Nove Incursões*, da própria Hatherly, posto em diálogo com o texto *A Identificação*, de Sigmund Freud, inserido no livro *Psicologia das massas e análise do eu*, com o intuito de mostrar como tais relações se apresentam nos últimos livros de poesia dessa poeta portuguesa. A dicotomia aproximação-distanciamento apresenta caráter complementar em ambos os autores e reforça a pluralidade dos percursos teóricos de Ana

Hatherly na literatura portuguesa, bem como sua importância como precursora da Poesia Experimental em Portugal.

SOCIEDADE, CULTURA E POLÍTICA NAS LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Mayara Satiro (UEA)
Manoel Domingos Castro Oliveira (UEA)

Este é um trabalho de pesquisa em andamento cujo título é “A importância das narrativas orais e tradicionais no município de Tefé como pressuposto de leituras e releituras literárias dentro ou fora da escola”, o qual tem como objetivo analisar e responder qual a importância das narrativas orais, as histórias tradicionais como fenômenos de natureza cultural no Médio Solimões, no Estado do Amazonas, que se engendram nos costumes, na cultura e na oralidade como elementos de expressões lusófonas como manutenção da Língua, pelas histórias contadas e vocábulos usados na conversa diária, acompanhando o que deixa a cultura de um povo. Esse trabalho começa com definição de Cultura e Literatura, e segue a partir de análises e estudos bibliográficos, além das pesquisas de campo nos quais ocorrerá cultural desse espaço amazônico. Esse estudo é uma proposta investigativa de pesquisa de campo no município de Tefé, Estado do Amazonas, região do Brasil, a buscar alguns fatores que ainda dão importância à presença das narrativas tradicionais, a língua oral das cidades ribeirinhas, no viver do próprio caboclo e em suas falas que trazem uma representação de uma fala cabocla, da cultura e realidade amazônica.

IDENTIDADE PARINTINENSE PRESENTE NA LITERATURA A PARTIR DA ANÁLISE DOS CONTOS: “CREPÚSCULO PARINTINTIN” E “MEMÓRIAS DA ILHA TUPINAMBARANA”

Miriam da Silva Pinheiro (UEA)
Gleidys Meyre da Silva Maia (UEA)

Este artigo tem como proposta fazer um estudo voltado a análise sobre a identidade parintinense presente nos contos “crepúsculo parintintin” e “memórias da ilha tupinambarana” do escritor João Jorge de Souza. O poeta parintinense apresenta em suas narrativas elementos que contribuem para estudos voltados a identidade parintinense, desde sua maneira de narrar os fatos até a descrição dos lugares e acontecimentos importante ao município de Parintins- AM. Os estudos levantados no decorrer deste trabalho abrangem a identidade e suas concepções assim como os estudos voltados a cultura, estudos pós-colonialistas e literatura latino-americanas, principalmente contribuídas por Hall (1992) e Cornejo Polar (2000).

ASPECTOS MEDIEVAIS COM BASE NOS ESTUDOS RESIDUALISTAS

Monike Rabelo da Silva (UFAM)
Cássia Maria Bezzerra do Nascimento (UFAM)

Este trabalho compreende uma breve revisão de literatura acerca de aspectos medievais, com base nos estudos residualistas de José William Craveiro Torres (2011). Começamos por tecer algumas considerações sobre medievalismo e dos aspectos medievais inerentes à formação da

literatura e da sociedade ocidentais. Após isso, traçamos uma seção de listagem e breve reflexão dos aspectos medievais. Com isso, entende-se que o medievalismo não se reduz a uma época específica, sendo, portanto, mantido ao longo dos tempos, por resíduos presentes na literatura e na sociedade.

DE ATO EM ATO: UMA NOVA PROPOSTA COM O ROTEIRO TEATRAL

Nadiane da Silva Santos (UEA)
 Rita de Cássia E. M. Bezerra (UEA)

A presente comunicação tem por objetivo expor os resultados alcançados durante a aplicação do projeto intitulado “De ato em ato: uma nova proposta com o roteiro teatral”, o referido projeto é uma atividade-eixo do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), e tornou-se a espinha dorsal que sustentou e permeou todo o processo. A ideia partiu da iniciativa de desenvolver um projeto de aprendizagem que contemplasse o ensino de Língua Portuguesa a partir dos quatro eixos: Leitura, Escrita, Oralidade e Análise linguística (BRASIL, 2000) integrados à Literatura tendo como base o uso de diferentes gêneros textuais. O projeto teve como principal objetivo promover o desenvolvimento de competências e habilidades para leitura, escrita e oralidade de forma lúdica, criativa e artística. Foram utilizadas como base teórica as contribuições dos estudiosos que consideram os diferentes gêneros textuais como base para o ensino de língua materna dentre estes, ANTUNES (2009); BRONCKART, (1999, 2006); PCN (2000); no que se refere a letramento literário COSSON (2009); trás também considerações a respeito dos aportes do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) com enfoque discursivo de BAKHTIN (2003), e sequências didáticas DOLZ, & SCHNEUWLY (2004) para a leitura e produção textual tendo como base a realização de etapas sistematizadas. Os resultados alcançados demonstram que apesar de algumas limitações encontradas durante a execução das atividades, observou-se que as sequências didáticas implantadas ao longo do processo obtiveram êxito tornando o projeto significativo para a comunidade escolar contribuindo de forma positiva para o processo de ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa.

A PERCEPÇÃO ACERCA DA MORTE NA POESIA DE FLORBELA ESPANCA

Nathalie Anne Conceição de Barros (UEA)
 Otávio Rios (UEA)

Florbela Espanca foi uma das maiores poetisas portuguesas, sendo reconhecida internacionalmente por sua marcante e expressiva personalidade. Publicou várias obras todas escritas em forma de poesia e prosa, seus trabalhos literários não revelam preocupações com questões sociais, econômicas ou políticas, mas geralmente abordam temáticas referentes a sentimentos e estados de alma, tais como: amor, dor, insatisfações, tristezas, amarguras, paixões, vida, dentre outras. A morte também esteve presente em algumas de suas poesias. Portanto, o presente estudo apresenta a efetivação da análise de três poemas da renomada poetisa: “A Vida e a Morte”, “Dizeres íntimos” e “A Morte”, tendo como objetivo central compreender através de sua poesia, como Florbela percebia a morte que para muitos é algo causador de tristezas, interrompendo propósitos, sonhos, idealizações, significando a mais abrupta ruptura da existência material e para outros, considerada uma fuga para os problemas e

as insatisfações com o mundo, sendo a solução para os dissabores terrenos. Então, qual seria a percepção de Florbela Espanca em relação a Morte, dentre essas tantas concepções diferenciadas? Para tanto, faz-se necessário o conhecimento do contexto (época) em que a escritora viveu, os aspectos sócios- culturais e psicológicos da autora quando nos momentos em que escreveu cada uma das poesias analisadas.

CIBERCULTURA EM NOME, DE ARNALDO ANTUNES

Páscoa Maria Pereira Duarte (UFAM)

Rita do Perpétuo Socorro Barbosa de Oliveira (UFAM)

O presente pôster propõe-se a analisar os recursos da oralidade e da cibercultura no livro, no CD e no DVD da obra poética *Nome*, de Arnaldo Antunes, do ponto de vista dos conceitos e reflexões a respeito dos termos que rodeiam a poesia oral, a saber: *performance*, voz, corpo, espaço, tempo, autor-intérprete e público-ouvinte, bem como da discussão sobre a cibercultura, o ciberespaço e a ciberarte. Para isso, faz-se a análise do poema *Nome não*. Conclui-se que a poesia do final do século XX retoma a performance da poesia oral, ao mesmo tempo em que a inova e renova, pois o momento histórico-social atual não é o mesmo de outrora, as novas tecnologias incorporam-se também ao fazer/ler/ouvir/ver poéticos. A fundamentação teórica usada nesta pesquisa baseia-se, principalmente, nas obras *Performance*, *recepção*, *leitura* e *Introdução à poesia oral*, ambas de Paul Zumthor, e *Cibercultura*, de Pierre Lévy, assim como em outros autores, cujas teorias e postulações corroboram os argumentos aqui tecidos, construídos por uma metodologia socio-histórica e qualitativa. Esta pesquisa constitui-se de parte do resultado da pesquisa de iniciação científica junto ao Programa Interinstitucional de Bolsas de Iniciação Científica da UFAM e integra os estudos do Grupo de Estudos e Pesquisas em Literaturas de Língua Portuguesa – GEPELIP, na linha de pesquisa de Poesia em Língua Portuguesa.

O DESAFIO DE INCENTIVAR A LEITURA ATRAVÉS DA CONTEXTUALIZAÇÃO DE OBRAS CLÁSSICAS

Patrícia Helena Pantoja Soares (UEA)

Giselle Guimarães Lima (UEA)

Maria Celeste de Souza Cardoso (UEA)

Este trabalho foi elaborado com o objetivo de socializar as experiências adquiridas durante a vigência do Subprojeto PIBID: Literatura no Palco: Gêneros Textuais em Ação, com as ações de “Contextualização de Obras Clássicas” desenvolvido na Escola Estadual “Tomaszinho Meirelles”, no município de Parintins, com os alunos de 2º e 3º anos do Ensino Médio, do turno

Noturno. Trata-se também do encadeamento de aspectos teóricos sobre a formação de leitores, a sala de aula, a docência e o ato de ler. Através de um pequeno levantamento bibliográfico foi possível associar à prática de sala de aula importantes pensamentos sobre a leitura de gêneros diversos, o texto literário e a necessidade de serem desenvolvidos nas aulas de Língua Portuguesa e Literatura no Ensino Médio. Além dos aspectos teóricos, há ainda algumas propostas e sugestões sobre como desenvolver a leitura dos clássicos da literatura em sala de aula, dinâmicas e estratégias que podem facilitar o trabalho dos docentes que atuam nessa área do conhecimento. Freire (1996), Martins (1984), Calvino (1993) e Lajolo (1985) são alguns

teóricos que embasam esse trabalho pela importância do ato de ler e incentivo da leitura de clássicos discutidos em suas obras, porque o conhecimento adquirido através das leituras dos clássicos pode contribuir enormemente para o desenvolvimento intelectual dos alunos e, inclusive, para a aprovação deles nos vestibulares e no Exame Nacional do Ensino Médio-ENEM, além de outras avaliações externas.

A HISTÓRIA DA ILUSTRAÇÃO NOS TEXTOS/LIVROS DIRECIONADOS A CRIANÇAS E JOVENS NO AMAZONAS

Raimunda Thamires Moura Maquiné (UEA/FAPEAM)
Renata Beatriz B. Rolon (UEA)

Nossa pesquisa objetiva analisar o surgimento de ilustrações/imagens em textos/livros direcionados a crianças e jovens no Amazonas. Como a literatura infantojuvenil local é uma produção recém nascida, busca-se, neste projeto, a partir do mapeamento e análise das primeiras obras direcionadas a crianças e jovens, chegar ao nascimento da prática ilustrativa no Estado. Intencionamos realizar um trabalho de campo investigativo, centrado nas bibliotecas da cidade de Manaus e assim chegar ao objetivo central do projeto. Portanto, esta pesquisa é de suma importância, pois irá contribuir significativamente com a escrita de mais um capítulo da História da Literatura e da Ilustração no Amazonas, assim como da historiografia brasileira.

LITERATURA E HISTÓRIA NA OBRA *O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS* DE JOSÉ SARAMAGO

Raíza Brustolin de Oliveira (UNIOESTE)

Este trabalho tem como objetivo principal a discussão das fronteiras entre a História e a Literatura, de modo a compreender como essa relação se modifica com o passar do tempo. Julga-se relevante a problematização deste tema, pois a academia (e a humanidade como um todo) passa por um momento em que há uma tendência ao rompimento de fronteiras, entre campos de estudo, ciências, e modo de conceber o mundo (como as artes). Nesse sentido torna-se relevante refletir sobre a relação de duas grandes áreas do conhecimento que em alguns momentos esteve estreita por serem vistas como expressão da realidade, outros estiveram separadas por uma ser concebida como arte e a outra ciência, e atualmente tendem a estar mais próximas, principalmente por apresentarem não uma representação, mas uma interpretação da sociedade e suas relações humanas, as duas por meio da escrita, ambas com seus “métodos”. A análise desta relação será apresentada por meio do estudo do romance *O Ano da Morte de Ricardo Reis* de José Saramago, esta obra foi escolhida por ser um exemplo do entropofíco dessas duas áreas do conhecimento na contemporaneidade, além de conter uma riqueza intertextual tanto histórica quanto literária. A pesquisa será realizada por meio de pesquisa bibliográfica, de caráter qualitativo que contará com teóricos como Leenhardt (1998), Pesavento (2001), Chartier (2001), Freitas (1986), (White, 1994) que abordam a questão das similaridades e diferenças entre literatura e história, Candido (2000) que contribui com a perspectiva literária, Hutcheon (1991) que propõe, numa visão pós-moderna, a Metaficção Historiográfica, e com ela a diminuição das barreiras entre literatura e história, e então a obra de Saramago que será estudada como Metaficção Historiográfica. Assim, espera-se mostrar a estreita relação entre as duas áreas do conhecimento explícita na obra do autor português.

IMAGENS CONTRASTIVAS DA BIOGRAFIA DE FLORBELA ESPANCA NA CRÍTICA LITERÁRIA E NO CINEMA

Raquel Karina Cardoso de Souza (UEA/FAPEAM)
Otavio Rios Portela (UEA)

Florbela Espanca é uma escritora portuguesa da primeira metade do século XX. A sua vida esta embebida em polémicas e, por isso mesmo, a crítica literária pouco se deteve na qualidade de sua produção, recaindo, com ênfase, sobre aquilo que consideraram efeitos da biografia sobre a escrita literária. A pesquisa dentro de uma perspectiva comparada entre literatura portuguesa e as outras artes, à que pertence o presente trabalho, busca a análise não da obra poética em si, mas da imagem advinda da crítica literária e compará-la a imagem produzida pelo filme intitulado *Florbela* de 2012, da lavra do diretor português Vicente Alves do Ó. Como objetivo geral apresenta-se desenvolver um senso crítico que permita comparar as diferentes imagens de Florbela Espanca produzida a partir da crítica literária e do cinema. Já como objetivos específicos estipula-se travar contato com a obra literária da escritora, em especial com sua poesia, conhecer as principais vertentes da obra florbeliana e comparar as imagens de Florbela resultantes do trabalho de pesquisa com o filme sobre a autora. Por fim, pode-se observar que cercada quase sempre por escritores homens, Florbela Espanca é uma ilha nesses primeiros anos do século XX quando se trata de Literatura Portuguesa, daí a necessidade premente de se reavaliar o seu estatuto enquanto escritora e de garantir o direito à criação e ao fingimento poético, tão caros a Fernando Pessoa e seus heterônimos.

“DE TRAPEIROS E VENCIDOS”: PROLETÁRIOS NA POESIA DE CESÁRIO VERDE E NA PINTURA DOS FINAIS DO SÉCULO XIX

Rayza Santos do Nascimento (UEA/ FAPEAM)
Otávio Rios (UEA)

Este projeto de investigação consiste em estudar imagens dos sujeitos proletários na poesia de Cesário Verde e na pintura dos finais do século XIX. Tendo em vista o cenário urbano retratado pelo poeta, o projeto intenta evidenciar como é registrado, em seus versos, o proletariado lisboeta que, nas últimas décadas do século XIX, na esteira de um processo de industrialização, serviu de mão de obra barata às fábricas recém-instaladas nas periferias da capital portuguesa, propiciando uma severa mudança no cenário social. Em termos de literaturas de língua portuguesa, Cesário Verde teve grande importância, por ter sido o primeiro, na poesia, a dar voz aos sentimentos e apontar as difíceis condições de vida dos trabalhadores naquele momento da urbanização portuguesa. A sua obra, que consiste de um único livro publicado postumamente em 1887 (*O Livro de Cesário Verde*, organização de Silva Pinto), interessa não apenas pelas qualidades estéticas, mas, sobretudo, por trazer imagens da cidade moderna e dos seus habitantes em diversos espaços, a exemplo da região fabril, da zona portuária e da baixa pombalina repleta de lojas e vendedores ambulantes. No que diz respeito à pintura, pretende-se observar imagens da classe de trabalhadores, apresentados anteriormente na coletânea de Cesário Verde. Para tanto, observar-se-á, sobretudo, a pintura impressionista e, em segundo momento, a pintura de nuances expressionistas. O estudo aqui proposto integra o projeto de pesquisa “Entre dois fins de século: literaturas de língua portuguesa em diálogo com outras

artes”, coordenado pelo Prof. Dr. Otávio Rios na esteira dos seus estudos pós-doutorais desenvolvidos na Universidade do Porto e agora continuado na forma de projeto de produtividade acadêmica.

O GRANDE “ESPETÁCULO DO MUNDO”: ENTRE O OLHAR A VIDA E O VIVER O AMOR NA EFABULAÇÃO DAS PERSONAGENS EM *O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS*, DE JOSÉ SARAMAGO

Renan Riggo (UFSCar/PIBIC/CNPq)

A proposta desta pesquisa centra-se numa proposta de leitura do romance *O ano da morte de Ricardo Reis* (1984), de José Saramago. Partindo da observação de alguns títulos de sua fortunacrítica (CERDEIRA, 2000; REIS, 1999; SILVA, 1989; SEIXO, 2010), bem como da pessoana (BERARDINELLI, 2004; COELHO, 1989; LOURENÇO, 2000; SEABRA, 1988), e de fontes teóricas sobre a efabulação da personagem (BRAIT, 1987; DOODY, 2009; ROSENFELD, 1974; WOODS, 2011), projetamos um delineamento da construção ficcional do protagonista, bem como das duas personagens femininas em foco (Lídia e Marcenda) e dos diálogos intertextuais operados com outros textos poéticos de Fernando Pessoa, mostrando, por um lado, como o Ricardo Reis, criatura saramaguiana, estabelece um vínculo ora de aproximação, ora de afastamento, do modelo heteronímico, e por outro, a releitura operada pelo ficcionista contemporâneo sobre os momentos históricos da primeira metade do século XX. Na esteira de James Wood, para quem a personagem de ficção figura-se como algo “vivo, humano” (WOODS, 2011, p. 98), pretendemos realizar a leitura da obra em pesquisa, tentando traçar algumas possibilidades de interpretações, por este caminho, no sentido de perceber neste processo de efabulação das personagens, tanto a central quanto as femininas, uma forma do autor português não se privar de falar da ambígua sabedoria de contemplar o “espetáculo do mundo”. Por este viés de leitura, busca-se investigar se, ao contrário da máscara heteronímica, Ricardo Reis, personagem de José Saramago, não poderá ser entendido como uma tentativa de humanizar e prover de autonomia uma criatura antes ligada ao desprendimento da realidade. Busca-se, portanto, como resultado de análise, verificar e constatar, a partir da perspectiva adotada pelo autor, a consecução de uma humanização de certas personagens referenciais no quadro cultural e histórico português, além da recriação pelos caminhos da efabulação de figuras já consagradas no panteão cultural-literário.

GUERREIROS INDÍGENAS: RESISTÊNCIA E DISCURSO COLONIAL EM *A SELVA*, DE FERREIRA DE CASTRO

Rodrigo Anderson Machado Cavalcante (UFAM)
Joanna da Silva (UFAM)

O presente trabalho é resultado de pesquisas bibliográficas desenvolvidas ao longo da escrita do trabalho de conclusão de curso, no qual se buscou analisar a obra *A Selva*, de Ferreira de Castro sob o viés da teoria pós-colonial. A teoria pós-colonial evidencia a influência das estratégias coloniais, bem como quais foram suas implicações para os sujeitos colonizados, e consequentemente quais as formas de resistência encontradas por estes sujeitos contra a dominação. Neste sentido, objetiva-se analisar os episódios em que os seringueiros e conquistadores entram em confronto com os índios, mostrando que o discurso que permeia as falas dos seringueiros é construído por estereótipos que colocam o indígena como um ser selvagem e violento, revelando traços da perpetuação do discurso europeu para conquistar e

legitimar a escravização dos indígenas no contexto da colonização. Assim, o que é evidenciado na análise é que o discurso e as estratégias coloniais foram tão fortes que ainda permanecem nos discursos e ações de início do século XX, além de mostrar como os indígenas resistem à invasão de suas terras e que em contrapartida o seringueiro perpetua o discurso colonial para legitimar suas ações invasivas, recolocando o indígena sob os estereótipos de selvageria, canibalismo e violência, características tão peculiares ao discurso colonial do século XVI em que os colonizadores europeus usurpavam terras indígenas e disseminavam este discurso tendencioso para justificar suas ações.

UM CÃO QUE SONHA, DE AGUSTINA BESSA-LUÍS: MEMÓRIA, HISTÓRIA E ENIGMA

Rodrigo Valverde Denubila (UNESP/Araraquara)

Esta comunicação tem por objetivo evidenciar alguns pontos centrais da poética de Agustina Bessa-Luís a partir do romance *Um cão que sonha*. Publicado em 1997, trata-se de uma das quatro obras mais importantes, destacadas por Eduardo Lourenço, dentro do conjunto literário da autora, composto por mais de sessenta livros. Agustina Bessa-Luís constitui figura central da literatura portuguesa e importante nome da literatura de autoria feminina contemporânea em Portugal, quando estreia em 1948. *Um cão que sonha* traz questões-chave da poética agustiniana, tais como a discussão da condição feminina, os limites entre ficção e realidade, a importância da memória no processo composicional, o modo como esquecer e lembrar guiam a dinâmica existencial de muitas personagens agustinianas –como Leon Geta, de *Um cão que sonha* –, os estelionatos da História e quem pode escrevê-la, a existência que se plasma como enigma, entre outras. Quando a impossibilidade de definir algo se configura por meio da constante imposição da interrogação, um profundo sentimento de angústia ganha corpo. Segundo a ótica da autora portuguesa, esta angústia é fruto da percepção da temporalidade humana. Tal articulação é uma das bases da poética agustiniana, isto é, a tentativa de quebra de certezas leva a um avultar do inacabado como marca da existência e, em maior grau, impõe o elemento trágico. Em um movimento descentralizador e antiautoritário, a ficcionista portuguesa, ao longo do seu conjunto literário, aspira a evidenciar possibilidades outras, sublinhar outras modalidades de História, conforme exprime Franklin Ankersmit, em *A escrita da História*. Esse processo instaurador de dúvidas, fruto de uma perspectiva modalizadora, faz com que Eduardo Lourenço compare o discurso literário agustiniano ao trabalho de Penélope, qual seja, à medida que algo é posto, essa mesma proposição é negada. Por sua força e destaque dentro do extenso conjunto literário de Agustina Bessa-Luís, acreditamos que *Um cão que sonha* se configura como importante mecanismo de discussão da obra de Agustina Bessa-Luís.

UM ESTUDO SOBRE A FATALIDADE PRESENTE EM “AGAMÉMNON” E NO POEMA “TRAGÉDIA BRASILEIRA”, DE MANUEL BANDEIRA

Rosemara Arival de Souza (UEA)
Socorro Viana de Almeida (UEA)

O presente trabalho consiste em um estudo sobre a *fatalidade* presente em *Agamémnon* (2008), de Ésquilo e a poesia “tragédia brasileira”, de Manuel Bandeira (Estrela da Manhã, 1995). Tem como objetivo direcionar o leitor a compreensão do significado de quais fatos ou argumentos se reveste a tragédia da *fatalidade* nas mortes de *Agamémnon*, na Oréstia, e, relacioná-los ao fim trágico da personagem Maria Elvira de “a tragédia brasileira”, de Manuel Bandeira, bem

como às tragédias contemporâneas que assolam nossa sociedade. Como suporte teórico, utilizamos: Aristóteles (1999), Malhadas (2003), Lesky (2006), Vernant e Vidal - Naquet (2008) e Calvino (2009). *No âmbito das obras clássicas, fazem-se necessárias algumas ações para que esta leitura clássica tão importante continue fazendo parte do convívio dos alunos nas escolas. Pois, onde encontrar o tempo e a comodidade da mente para ler clássicos, esmagados que somos pela avalanche de papel impresso e por uma avalanche muito maior de informações incorpóreas do mundo virtual da internet ? Pensando neste desafio, optou-se em complementar a pesquisa por meio de uma sequência didática (DOLZ; NOVERRAZ; SCHNEUWLY, 2004) de sete oficinas aplicadas a alunos da rede pública de Manaus, a fim de proporcionar a leitura de clássicos literários, bem como uma reflexão acerca dos elementos de um mundo antigo presentes em nossa época e em nossa cultura. O resultado aponta para uma intensa motivação de trilhar este fascinante caminho, pois além de resgatar a leitura literária clássica, obteve progresso quanto à sua reflexão.*

A LEITURA E A PRODUÇÃO DE TEXTOS ATRAVÉS DA LITERATURA POPULAR NA SALA DE AULA

Ruth Fonseca Abecassis (UEA)
Francisco Bezerra dos Santos (UEA)

A leitura deve estar em primeiro lugar como instrumento de transmissão de conhecimento e deve ser trabalhada para despertar a consciência crítica e reflexiva dos educandos, assim os alunos se tornarão aptos a uma boa escrita e produção de textos. É também de grande relevância mostrar a cultura do lugar que eles nasceram, e que fizeram parte da vida de seus antepassados, e o mais importante que será através da leitura que aguçar a imaginação e a vontade dos mesmos em buscar novas fontes de leituras tornando-os leitores assíduos e ricos de conhecimentos, pois os variados tipos de leituras nada mais é que grandes fontes de informações. Sabemos que é o ato de ler permite que o indivíduo com outros por meio da palavra escrita. O leitor é um ser ativo que dá sentido ao texto. A palavra escrita ganha definições a partir da atuação do leitor sobre ela. Partindo da importância que é o universo da leitura o referido trabalho é fruto de uma oficina, experiência que deu certo, onde a mesma buscou aliar a leitura e a produção de textos à literatura popular, assim por meio desta literatura mostrou-se a importância da leitura aos alunos do 6º ano de uma escola estadual de Parintins. Este trabalho procurou também divulgar e demonstrar o valor da literatura amazônica e as muitas formas desta ser trabalhada em sala de aula. Para viabilização deste trabalho contaremos com estudiosos das temáticas em questão e assim esperamos instigar a pesquisa e a leitura da literatura popular e que esta possa ser vista como instrumento de transmissão de conhecimento.

ACESSIBILIDADE NAS ESCOLAS ESTADUAIS NO MUNICÍPIO DE TEFÉ AMAZONAS

Rutiane Alves Nogueira (UEA)
Monica Dias de Araújo (UEA)

O projeto Acessibilidade nas escolas estaduais no município de Tefé Amazonas, está vinculado a Linha de pesquisa Educação Inclusiva e Acessibilidade do Grupo de Pesquisa Educação, Sociedade e Cultura no contexto do Médio Solimões. Desenvolvido no Programa de Iniciação Científica – PAIC, no Centro de Estudos Superiores de Tefé. Considerando a Acessibilidade

nas dimensões arquitetônica, urbanísticas de comunicação e informação, esta pesquisa justifica-se pela necessidade de conhecer e problematizar esta temática no contexto educacional amazônico, uma vez que o processo de ensino e de aprendizagem está diretamente relacionado com as condições de acessibilidade proporcionadas pela escola. O objetivo da pesquisa é: analisar as condições de Acessibilidade nas escolas estaduais no município de Tefé Amazonas. Desta forma, está em andamento a pesquisa de campo de análise qualitativa. Entre os procedimentos destacam-se o levantamento do referencial teórico, Estudo e formação com a orientadora sobre acessibilidade, elaboração dos instrumentos de pesquisa e análise dos dados com a categorização. Por meio da pesquisa pretendemos conhecer a realidade das escolas estaduais no que se refere à implantação da política de acessibilidade para as pessoas com necessidades específicas, contribuir com a produção e publicação sobre a temática pesquisada e difusão de saberes na área educacional.

O PROCESSO DE INCLUSÃO NAS ESCOLAS ESTADUAIS NO MUNICÍPIO DE TEFÉ AMAZONAS

Samara Azevedo da Costa (UEA)
Monica Dias de Araújo (UEA)

Por meio do projeto de pesquisa “*O processo de inclusão nas escolas estaduais no município de Tefé Amazonas*” desenvolvido no Programa de Iniciação Científica-PAIC, objetiva-se: analisar como vem sendo concretizando o processo de inclusão de estudantes com necessidades específicas nas escolas estaduais no município de Tefé Amazonas. De modo específico objetiva-se: realizar estudo acerca da temática de inclusão educacional na rede de ensino estadual; conhecer como vem sendo implantada a política de inclusão nas escolas estaduais; potencializar as ações da Universidade e ampliar conhecimento acadêmico e produções na área da educação inclusiva por meio da Pesquisa; contribuir com a difusão de saberes acerca da realidade educacional do município de Tefé. Desta forma, o presente projeto de pesquisa justifica-se pela necessidade de conhecer e problematizar os processos de inclusão/exclusão escolar no interior do estado do Amazonas. Ampliando com este estudo as pesquisas na área da educação inclusiva e difundindo saberes em torno desta temática o qual será desenvolvida por meio da pesquisa de campo de análise qualitativa. Para o desenvolvimento da pesquisa elegemos sete procedimentos de coleta e de análise de dados entre os procedimentos destacam-se levantamento bibliográfico, categorização e cuidados éticos. Espera-se com o desenvolvimento desta pesquisa, impactos na difusão de saberes acerca da realidade educacional do município de Tefé.

OS GÊNEROS TEXTUAIS NAS ATIVIDADES PRÁTICAS DE LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS

Solange Lopes Barbosa Brandão (UEA)
Maria Celeste de Souza Cardoso (UEA)

Este trabalho é um recorte do Projeto de Extensão intitulado “Gêneros Textuais: atividades Práticas de Leitura e Produção de Textos para os alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental”, aplicado em escolas públicas municipais e estaduais da cidade de Parintins e de duas comunidades da zona rural do município. O objetivo principal desse trabalho é demonstrar os resultados das atividades de leitura e produção de textos desenvolvidas nessas escolas e aplicadas pelos acadêmicos do Curso de Letras. Além disso, faz-se necessário mostrar como os

gêneros textuais foram incluídos em tais atividades, a participação dos alunos do Ensino Fundamental, a recepção dos professores das turmas e a solicitude dos acadêmicos. A metodologia do projeto de extensão aplicado nas escolas consistia em oficinas preparadas pelos acadêmicos tendo como base o currículo escolar dos alunos do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental, incluindo as turmas com dificuldades de leitura e produção textual. As oficinas foram organizadas a partir dos gêneros textuais e da leitura de obras previstos na grade curricular. Autores como Freire (2009), Martins (2006), Marcuschi (2008), Abreu (2006) e Santos; Souza (2011) formam o arcabouço teórico desse trabalho, porque discorrem sobre os gêneros textuais, estratégias de leitura, a importância da leitura e da produção de textos para melhorar cada vez mais o desenvolvimento intelectual das crianças e dos jovens estudantes do Ensino Fundamental.

ENSINO DE LITERATURA: UMA PERSPECTIVA DIALÓGICA ENTRE O CONTEMPORÂNEO E O CLÁSSICO

Stefany Silva do Nascimento (UFAC)
Gisela Maria de Lima Braga Penha (UFAC)

Esta pesquisa visa trabalhar com produção de material didático ligado à literatura. Para tanto, elaboramos um material didático que enfatiza as inúmeras possibilidades de diálogo entre o texto literário clássico e o contemporâneo. Este projeto tem como objetivo, inicialmente, desmistificar o ensino de literatura como algo estagnado, voltado para a leitura mecânica dos clássicos associada a aulas com ênfase nos fatores históricos e biográficos dos períodos literários, desvirtuando o real objetivo de ensinar literatura que é primordialmente mostrar que os textos literários falam do homem e da sua realidade, de maneira que buscam incessantemente representá-los. Por conseguinte, a literatura não é algo estagnado, sequer reflete somente uma determinada época, ou contexto específico; ao contrário, ela é viva, é vida, que ganha significado a cada leitura e se reinventa nas releituras, ela se ratifica no cotidiano, desde os textos da Antiguidade até os Contemporâneos. No que se refere ao embasamento teórico, nosso material apoia-se no conceito de que a literatura é movida por três forças: *Mimesis*, *Mathesis* e *Semiosis* presentes no livro *Aula*, de Roland Barthes (2007), que propiciam o diálogo entre o texto literário clássico e o texto contemporâneo. Posteriormente, nosso trabalho se volta para a mediação no processo de identificação dos alunos com os textos literários, nos quais apresentamos o diálogo entre os textos contemporâneos e os textos clássicos, com o propósito de que esses identifiquem a presença da literatura na sua vida. Pode-se dizer que esta metodologia tem apresentado resultados satisfatórios, tanto no que diz respeito aos objetivos do projeto, quanto ao que se refere na contribuição destes estudos para o desenvolvimento da leitura de mundo, de cultura e de sujeito do aluno, bem como para despertá-lo ante uma visão crítica e reflexiva a respeito dele e do seu posicionamento como indivíduo crítico social.

FLUXO DE CONSCIÊNCIA E EPIFANIA: A DENÚNCIA SOCIAL PRESENTE NO DISCURSO DO NARRADOR

Tobias Pinheiro de Matos (UEA)
Dilce Pio Nascimento (UEA)

A literatura apresenta incontáveis campos que devem ser analisados, dentre estes, o presente artigo detém-se nos aspectos do gênero narrativo conto. *A priori* observa-se através de uma ideia clássica que caracteriza o conto como um gênero narrativo com um limitado enredo e uma economia de estilo e situações, além de uma proposição temática resumida. No entanto, dada as rupturas do *conto moderno*, o presente artigo versa acerca de uma análise do conto “A transfiguração de um tempo imóvel” presente no livro “A merda do mundo” de Arcangelo

Ferreira e Thiago Roney. Desta forma, explana-se acerca das características que refletem o *fluxo de consciência* e *epifania* vigentes no discurso do narrador, além de relacioná-lo ao contexto social a que se refere. Quanto às principais orientações teóricas é imprescindível compreender os estudos de Benjamin Abdala Junior denominada *Introdução à análise da narrativa* e Nádya Batella Gotlib em sua obra *Teoria do conto*, devido o primeiro possibilitar uma compreensão da estrutura e técnicas literárias presentes em uma narrativa, já o segundo autor versa acerca da estrutura e desenvolvimento do conto diferenciando-o em contos clássicos e modernos, abrangendo concomitantemente a aderência de conceitos que engrandecerão o presente trabalho como o *fluxo de consciência* e *epifania*.

ENRAIZADOS EM CAMÕES: AS MÚLTIPLAS FORMAS DE TRANSFORMAÇÃO DO AMADOR NA COISA AMADA

Vanessa da Silva Pereira (UFAC)
Gisela Maria de Lima Braga Penha (UFAC)

Este artigo diz respeito a uma análise, por meio da literatura comparada, da intertextualidade entre três poemas: “Transforma-se o amador na coisa amada”, de Camões; “A paixão segundo Camões”, de Carlos Felipe Moisés; e “Transforma-se o amador na coisa amada, com seu”, de Herberto Helder, no que se refere aos diferentes modos de transformação desse amador, destacando-se as semelhanças e contrastes, sempre por meio de exemplos extraídos dos textos. Aristóteles é referência no que diz respeito à importância da poesia e enfatiza-se os diferentes procedimentos utilizados nos textos para metamorfosear o amador o que é comum às três obras; a Platão, cuja teoria sobre “O Mundo das Ideias” permeia todo este ensaio; a Freud, que trata a questão amorosa partindo da visão por ele elaborada sobre *libido* e, até certo ponto, cria-se uma intertextualidade entre a já citada teoria platônica e a divisão da consciência em *inconsciente*, *ego* e *super ego*, freudiana. A partir da análise e interpretação dos textos, pode-se dizer que, no fundo, todas as pessoas são amadores, no sentido de quem ama, e que, por um meio ou por outro, entre o amador e a coisa amada haverá a construção de reciprocidade, de troca com diferentes possibilidades desde o intercâmbio espiritual até o carnal.

O MEMORIALISMO COMO ESTRATÉGIA DE NARRAÇÃO EM RELATO DE UM CERTO ORIENTE

Werick Araujo Moraes (UEA)
Dilce Pio Nascimento (UEA)

Este trabalho apresenta um estudo de análise literária sobre como o romance “Relato de um Certo Oriente” de Milton Hatoum que se configura com os diversos relatos fragmentado das personagens sobre o que viveram ou o que ouviram. Trata-se de um estudo focalizado no memorialismo como estratégia de narração, um memorialismo que possibilita a reconstrução de um passado, pois, a narradora-personagem dá vida ao enredo quando volta depois de um

longo tempo a sua cidade natal Manaus, em busca de um passado e infância que até então era esquecimento mas que se reconstrói no mosaico de vozes das demais personagens. Como principais fontes teóricas busca-se Antonio Cândido com seus estudos em “A personagem de Ficção”, Walter Benjamin com seus estudos em “O narrador”, e Patrícia de Cássia Pereira Porto com seus estudos em “Narrativas Memorialísticas: memória e literatura”.

DIÁLOGOS ENTRE A LITERATURA E A HISTÓRIA NA OBRA *OS SELVAGENS*, DE FRANCISCO GOMES DE AMORIM

Wilkins Batista Barbosa (UEA/FAPEAM)

Veronica Prudente (UEA)

Francisco Gomes de Amorim, escritor português que foi trazido para a Amazônia por engajadores que o enganaram no século XIX, foi vendido como escravo branco e com o passar dos anos se apaixonou pela beleza da floresta e de seus habitantes indígenas, fatos que lhe serviram como inspiração para deflagrar a sua produção sobre a Amazônia. Ao analisar a obra *Os Selvagens* percebe-se a organização social da Amazônia e fatos históricos ocorridos no século XIX. O presente trabalho é oriundo de uma pesquisa de Iniciação Científica, cuja primeira etapa realizada foi a pesquisa bibliográfica com a finalidade de ampliar os conhecimentos acerca da obra literária, utilizando os autores, a saber: Fernando Collyer sobre a colonização portuguesa e os primórdios da criação do Amazonas; Auricléia Neves e Neide Gondim sobre a visão etnocêntrica dos primeiros viajantes; Pierre Bourdieu sobre o poder simbólico; e o historiador Francisco Jorge dos Santos sobre o episódio histórico da Cabanagem. Como resultados da pesquisa, observamos a imposição cultural europeia e o poder simbólico retratados nas relações entre os personagens da obra de Gomes de Amorim; a participação ativa das etnias Mura e Mundurucu no movimento popular da Cabanagem, assim como os conflitos por riquezas da região amazônica. Na segunda etapa, foi realizada uma oficina, elaborada pelos bolsistas envolvidos no projeto, que tinha por objetivo tornar conhecido o autor Gomes de Amorim através de suas obras. A oficina foi aplicada na Escola Estadual Eduardo Sá com alunos da EJA e durante a aplicação foi possível socializar os resultados da pesquisa, bem como observar a recepção dos alunos em relação aos textos literários apresentados.



Guia

Gastronômico



Restaurantes

Banzeiro (\$\$\$\$)- Melhor restaurante da cidade, Especializado em culinária amazônica. Preços relativamente altos, mas vale cada centavo pela experiência. São inesquecíveis a Ventrecha de Pirarucu e o Tambaqui na Flor do Sal.
Telefone: 3234-1621

Fish Maria (\$\$) – Proposta que busca harmonizar uma culinária com toques de sofisticação com a rapidez e os preços em conta de uma praça de alimentação. Muitas frituras no cardápio, mas com apresentação interessante e muito bem executada. Dois endereços. Um na Chapada, no Shopping do Automóvel e outro no Parque das Laranjeiras.
Telefone: 33430003

Tambaqui de Banda (\$\$) – Quem vem pela primeira vez à Amazônia precisa, repito PRECISA, comer tambaqui assado na brasa. O Tambaqui de Banda serve o peixe da maneira tradicional, sem firulas *gourmet*, confortavelmente e a preços módicos. Vale a pena repetir. Dois endereços. Um no Largo de São Sebastião e outro no bairro do Parque 10.
Telefone: 32365995

Choupana (\$\$\$) – Desde os anos 90, o Choupana é referência em culinária amazônica. O caldinho de tambaqui servido gratuitamente enquanto se escolhe os pratos, é imperdível. Aqui os destaques são as calderadas, espécie de cozido de peixe, que pode ser de tucunaré ou tambaqui.
Telefone: 36353878

Peixaria Moronguetá (\$\$\$) – Ideal para almoçar após o passeio pelo Encontro das Águas, esse restaurante guarda um ar pitoresco dos estabelecimentos mais simples da Manaus dos anos 80. Os preços, um tanto quanto salgados refletem, no entanto, a localização privilegiada próxima ao rio e o apuro nos pratos, mesmo quando o atendimento deixa um pouco a desejar.
Telefone: 36153362

Taboo (\$\$\$\$) – Um restaurante oriental com toques de experimentação contemporânea e às vezes ingredientes amazônicos nos pratos. Talvez o melhor oriental da cidade no momento. Destaque para o Dragon Roll, apimentado com mostarda, memorável.
Telefone: 982313555

San Fusion (\$\$\$) – Opção de preços razoáveis para um passeio pelas culinárias japonesa, tailandesa e chinesa. O cardápio é extenso e visualizado em tablets que ficam em cada mesa à disposição dos clientes. *Goût* internacional no Vieiralses.
Telefone: 38777222

Salade Délice (\$\$\$) – Não se deixe enganar pelo nome, apesar de especializado em saladas, o restaurante é extremamente bem cuidado, confortável, com uma excelente carta de vinhos e ideal para pequenas reuniões com um toque de sofisticação ou até de romance. Não perca a salada do pastor e o carpaccio de salmão
Telefone: 33476390

Domus (\$\$\$\$) – No Vieiralses uma residência foi adaptada para abrigar um *grandrestaurant*. Cardápio inclinado à culinária francesa clássica com ótima carta de vinhos, mas atenção para os preços elevados.
Telefone: 35841138

Casa do Mário (\$\$\$) – Local italiano com traços tradicionais, com preços um tanto quanto salgados, mas boa decoração e pratos muito bem executados. Ambiente “cantina meio chic”.
Telefone: 35840241

Waku Sese (\$\$)- Tradicional casa de culinária amazônica, famosa pelo Açaí de ótima qualidade e pelas tapiocas *gourmet*. Tem um cardápio enxuto, mas com pratos cuidadosamente pensados para valorizar a culinária local, como arroz com tucumã ou com pupunha e o ótimo peixe grelhado na crosta da castanha da Amazônia. Preços razoáveis e boa qualidade da comida que oferece.
Telefone: 35842792 / 33071744

80's Burger (\$) – Com inspiração no universo dos anos 80, a casa capricha nos molhos e receitas de hambúrguer artesanal. Canções em versões raras de bandas e artistas pop da época ajudam a entrar no clima. Os sanduíches Van Halen, The Smiths e The Police estão entre os mais pedidos.
Telefone: 35841094

Di Fiori (\$\$) – Uma Pizzaria que também serve massas, cujo grande destaque é o Talharim ao Pesto de Manjerição e Nozes, A Di Fiori está localizada no Parque das Laranjeiras. Há mais de 10 anos ela agrada sem ser excessivamente cara. Massas com frutos do Mar e as pizzas clássicas também caíram no gosto da população manauara.
Telefone: [35640101](tel:35640101)

Palazzolo (\$\$\$\$) – Casa tradicional na cidade há mais de 20 anos, o restaurante Palazzolo teve seu período de maior destaque nos anos 2000. Os filés de peixe com legumes são muito bem executados para um restaurante italiano. *Paillard* com Fetucine e Filé à Parmegiana estão entre os melhores da cidade. A Carta de vinhos é notável, no entanto, confira com o garçom se todos os rótulos estão realmente disponíveis. Localização excelente, preços condizentes com a proposta mais sofisticada.
Telefone: 35841440

Allegro (\$\$\$) – Para quem está no Amazonas shopping, fica a dica de uma refeição melhor que a média do que se encontra normalmente nesses centros de compras. O Allegro oferece um dos melhores *self services* da cidade e ainda permite montar a própria massa ou pizza na hora. Há dois preços de *Buffet*, um para o menu básico e outro que dá acesso a todos os pratos. Atendimento acima da média e produtos frescos e muito bem temperados.
Telefone: 32165099

Suzuran (\$\$\$\$) – Restaurante japonês mais tradicional da cidade, ano após ano o Suzuran fatura prêmios e elogios dos entendidos na culinária nipônica. O cardápio é nada menos que vasto, e os preços acompanham a proposta do restaurante que pretende ser o melhor oriental da cidade, sem perder de vista a tradição.
Telefone: 35844429

Coqueiro Verde (\$\$) – Opção econômica próxima ao Centro, a churrascaria Coqueiro Verde é especializada em Carne de Sol e Macaxeira frita. Ambiente simples e cerveja estupidamente gelada ajudam a lembrar a Manaus dos anos 70 e 80. A Carne de Sol Completa, acompanhada pelo tradicional molho de pimenta com alho é de lamber os beiços.
Telefone: 35278000

Deliciana's (\$) – Comida caseira com limpeza, bom atendimento e ótima variedade. O Deliciana's é uma escolha pessoal da equipe para um almoço em dia de trabalho sem abrir mão do sabor, pagando, entretanto, menos que a média do pólo gastronômico do Vieiralses. A Galinha no Tucupi e o Bolinho de Legumes são notáveis.
Telefone: 36357005

Abaré SUP and Food (\$\$) – Para quem quer fazer passeios pelo Rio Negro, recomendamos uma parada para almoço no Abaré. Antes ou depois da prática do SUP, ou do passeio de barco pelo Igarapé do Tarumã, as comidas com um toque *gourmet* são saboreadas nessa casa flutuante no meio do rio. Para quem quer experimentar um pouco de Amazônia sem perder o toque *gourmet*.
Telefone: 996246940

Bodega da Villa: Ambiente diferenciado, localizado em um rua de fácil acesso, tornam o Vila um belo local para happy hour e jantar. O Fricasse de Frango é um Prato bem simples mas com um sabor diferenciado. A casa oferece diversos tipos de cervejas e sucos. Transmite luta e tem um som ambiente super agradável.
Telefone: 3236-6642

Fornéria e bistrô da Villa: O bistrô da Villa apresenta um cardápio cuidadosamente elaborado, com produtos de alta qualidade, proporcionando uma alimentação equilibrada e nutritiva. Oferece variado cardápio com mais de vinte tipos de saladas, dezoito pratos quentes servidos em réchauds, festival de massas e deliciosas massas.
Telefone: 36677386

Comidinhas e Cafés

Bárbaros Confeitaria – Doces inesquecíveis como o Cupcake de Cupuaçu com Castanha ou o Romeu e Julieta, o Bolo Cremosíssimo (de chocolate) ou ainda pastéis de forno de Carne seca com Jerimum (abóbora) e Frango ao Curry com Passas são algumas criações da casa dirigida pelos queridos amigos Milene e Maurício. No coração do Vieirals, a Bárbaros oferece um dos espaços mais agradáveis para um café com amigos no fim de tarde. A sofisticação das criações de Milene reflete sua sensibilidade e o mergulho profundo e respeitoso na culinária do estado do Amazonas. É comida que emociona e acolhe. O preço vale a experiência.

Telefone: 35846759

Pão e Companhia– Com vários endereços, entre eles Vieirals, Adrianópolis, Amazonas Shopping e Manuara Shopping, a franquia mineira tem em Manaus, provavelmente, seu maior caso de sucesso. O segredo de transformar uma padaria na opção preferida de lanches saudáveis da cidade se explica pela combinação de ingredientes fresquíssimos com um atendimento bastante bom, principalmente nas unidades que não ficam nos shoppings. O pão integral, que não leva fermento, assa durante 12 horas para atingir o ponto certo. A Ciabata e o pão de queijo são, de longe, os melhores da cidade.

Telefone: 36423634 / 36563737

Tacacá da Gisela – Tradicional local para saborear o tacacá, típico ensopado de camarão no tucupí com jambú, às quartas-feiras têm shows ao vivo de música brasileira. Em frente ao Teatro Amazonas é melhor ainda. Telefone: 88014901

Casa da Pamonha – Um dos locais mais interessantes do Centro alia culinária amazônica com opções mais saudáveis. Tapiocas finíssimas, sanduíches com ingredientes mais leves e o típico café de fim de tarde. Muito próxima ao Teatro Amazonas, não perca o Sanduíche de Tucumã, ou a opção com banana pacovã frita, o X-Caboquinho.

Telefone: 32331028

Tortas e Tortas Doceria– Com vários endereços, inclusive em alguns shoppings é a opção para quem não passa sem um doce. A Torta Mousse de Cupuaçu, Floresta Negra, Marta Rocha e Morango com Chocolate, e tantas outras não têm erro.

Telefone: 33461141

Café regional Priscila – O Passeio de domingo da família amazonense costuma começar por um café regional. Antes de pegar a estrada rumo às cachoeiras de Presidente Figueiredo ou aos balneários próximos a Manaus vale a pena se abastecer de frutas amazônicas, cuscuz, tapiocas e pupunha cozida.

Telefone: 33281407

Café Com Texto – A proposta literária-*gourmet*, da nossa amiga Ana Guerra, combina um ambiente aprazível, tranquilo e inclinado à leitura com uma decoração chic sem ser metida à besta. Lugar excelente para reunir os amigos para um café ou o *happy hour*, é ali que Ana recebe os amigos em meio a livros e histórias de uma vida cheia de experiências ricas e muito bom humor.

Telefone: 84144168 / 32365435

Valores de refeições por pessoa nos restaurantes, abarcando entrada, principal, e uma bebida simples, sem incluir sobremesas ou outras bebidas. Enfatizamos que essa classificação é meramente indicativa e aproximada. Para cafés e comidinhas não oferecemos classificação.

\$ até R\$25,00

\$\$ entre R\$25,00 e R\$50,00

\$\$\$ entre R\$50,00 e R\$80,00

\$\$\$\$ mais de R\$80,00